

SEBASTIÃO DA GAMA

Milagre de Vida
em busca do Eterno

uma leitura da sua obra

UNIVERSIDADE ABERTA

Departamento de Ciências Humanas e Sociais

Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares

SEBASTIÃO DA GAMA

Milagre de Vida
em busca do Eterno

uma leitura da sua obra

Dissertação de Mestrado

de

Alexandre Francisco Ferreira dos Santos

sob orientação do

Professor Doutor Rui de Azevedo Teixeira

LISBOA - 2007

Pela Poesia se vai até à verdade...

Sebastião da Gama



*Pelo Sonho é que vamos,
Como vidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo Sonho é que vamos.*

*Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia-a-dia.*

Chegamos? Não chegamos?

— Partimos. Vamos. Somos.

(PSV, "O sonho", p. 65)

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos muitos meses de elaboração deste trabalho de Dissertação de Mestrado, agora apresentado à Universidade Aberta para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses Interdisciplinares, pude contar com a preciosa ajuda daqueles que me apoiaram e me encorajaram.

Constituiu para mim motivo de grande satisfação ter sido orientado pelo Senhor Professor Doutor Rui de Azevedo Teixeira, a quem dirijo o meu mais profundo obrigado, não só por essa orientação, como também pela confiança em mim depositada na sua concretização, que sempre pôde contar com o seu pleno entusiasmo, inteira disponibilidade e amizade.

A memória viva de Sebastião da Gama é ainda hoje encarnada na pessoa da Senhora Dona Joana Luísa de Oliveira Rodrigues da Gama, sua esposa, que desde o primeiro momento me dispensou todo o seu apoio, facultando-me muitos elementos e preciosas recordações que tanto me ajudaram na realização desta tarefa. Quero vivamente manifestar-lhe aqui o meu mais profundo agradecimento.

A minha gratidão vai também para as minhas colegas Isabel Trabucho e Paula Rodrigues, pelo quotidiano solidariamente partilhado na amizade, no respeito e na demanda permanente do saber.

Agradeço, ainda, a todos aqueles cujo nome não figura nestas linhas, mas que, de um ou outro modo, contribuíram para que este trabalho se tornasse possível.

Bem hajam! O meu muito obrigado!

SIGLAS BIBLIOGRÁFICAS
da obra de Sebastião da Gama

CA – *Campo Aberto*

CBE – *Cabo da Boa Esperança*

D – *Diário*

Est – *Estevas*

IP – *Itinerário Paralelo*

PSV – *Pelo sonho é que vamos*

SM – *Serra-Mãe*

INTRODUÇÃO

*P'ra mim, que bom saber até ao fim
a que é que sabe a Vida!...*

(SM, “Romântico”, p. 56)

«É isto, Sebastião, o que tu sentiste até ao fim – a tua vida integral, pura e luminosa. Se é verdade não ser preciso fazer versos para se ser Poeta – tu foste o melhor Poema dessa verdade, tu foste a tua própria Poesia. “Pela Poesia se vai até à verdade...”¹ disseste-me tu. E na verdade tu estavas. E na verdade tu estás. Na verdade tu és.

Meu Irmão de toda a gente, meu Poeta, meu mestre manso de meninos, Sebastião: tu és a terra perfumada da alma, esta arvorezinha de Azeitão que se debruçou há um ano na estrada quando passou o teu corpo de menino de tua mãe. Tu és o sol, os lírios que em qualquer Primavera as minhas mãos não possam tocar. A intacta poesia da manhã. [...] Milagre de Vida que andas nas asas da morte. Força extraordinária e liberta. Um sol alado junto de Deus.»²

É deste *Milagre de Vida* que pretendemos, ao longo deste trabalho de dissertação de mestrado, tentar desvendar o “inefável” em linguagem de homem comum, conquanto saibamos de antemão ser árdua, e porventura não menos vã, tanta ambição. Mergulhámos, por isso, na sua vida e obra, procurando fazer jus ao legado

¹ Cf. carta de Sebastião da Gama a Matilde Rosa Araújo, correspondência inédita fazendo parte do espólio da sua esposa, 15-08-1947: “Pela Poesia se vai até à verdade, Tilde. Sei uma porção de coisas que a Poesia me ensinou. Oxalá [...] que os outros as aprendam comigo.”

² Matilde Rosa Araújo, “Para o Sebastião”, in *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953), [p. 11].

literário que Sebastião da Gama nos deixou.

Sebastião da Gama teve sempre a noção de que a sua morte viria cedo. Este pressentimento impregnou de profundo significado e de franco optimismo toda a sua obra. A poesia transformou-se, assim, no espaço perene de sobrevivência e realização do seu sonho de plenitude que o outro mundo, o mundo da doença, dos seus desânimos inconfessados, lhe negava. Os seus versos passam a cantar o hino à vida e à eternidade, o lugar da plenitude e da comunhão plena com o Transcendente que imprimiu sentido à sua criação artística.

Foi, assim, nosso desejo não só homenagear o homem e a obra, mas, sobretudo, compreender e aprofundar o seu pensamento poético, convocando no presente a actualidade e o cariz inovador da sua obra.

Encontramos em Sebastião da Gama dois principais movimentos que, de certa forma, se interpenetram e confundem: a exaltação da vida e da natureza, por um lado, e a ânsia de ascese religiosa, por outro. Ele extasia-se perante tudo aquilo onde encontra o milagre da vida, ao mesmo tempo que faz do silêncio um espaço fecundo para escutar Deus. E a natureza da Arrábida institui-se nesta atmosfera específica como meio privilegiado que o catapulta para o encontro consigo mesmo, com os outros e com o Transcendente. Sabe, assim, descobrir no silêncio a dádiva divina como verdadeira oficina de humanização na construção de um mundo mais fraterno. Sente-o como espaço e lugar privilegiado onde Deus habita e se comunica. Entrevê a urgência de parar e ouvir, contemplar e sentir, partilhar e viver – pensar em silêncio e ver o silêncio como espaço de ternura e não de solidão onde se refugiam aqueles que, cansados do mundo, se fecham no seu casulo de desilusão. Decifra no silêncio uma linguagem tão intensa, tão humana, tão divina e tão profunda, que poderíamos fazer dele as palavras de Eugénio de Andrade, poeta

que tão bem soube exprimir este sentimento alusivo ao silêncio que é “de todos os rumores / o mais próximo da nascente”³:

«O silêncio é a minha maior tentação. As palavras, esse vício ocidental, estão gastas, envelhecidas, envilecidas. Fatigam, exasperam. E mentem, separam, ferem. Também apaziguam, é certo, mas é tão raro! Por cada palavra que chega até nós, ainda quente das entranhas do ser, quanta baba nos escorre em cima a fingir de música suprema! A plenitude do silêncio só os orientais a conhecem. Lao Tsé ensinou que quem sabe não fala, e quem fala não sabe. [...] É da tentação do silêncio, da apetência do silêncio, da condenação ao silêncio que falam todos os meus ‘afluentes’, em prosa ou em verso.»⁴

E é a partir deste mergulhar na Serra e no seu silêncio que surge esta entrega do sujeito poético a uma natureza que plasma a imagem do Deus criador. Ao contrário do seu mestre e amigo, José Régio, que vê num certo maniqueísmo a resposta à sua angustiada inquietação religiosa, Sebastião da Gama transfigura-se num apaziguamento que nasce da sua entrega a uma natureza que é, na tradição franciscana, um sinal da beleza de Deus incarnada nas coisas. A sua poesia põe, assim, a nu o drama interior vivido pelo Poeta que dela faz o seu diário e que aos poucos vai ultrapassando, chegando mesmo a escarnecer da parca que fatalmente pretende encurtar-lhe o fio da vida.

O elemento predominante na linguagem de Sebastião da Gama é o tom coloquial, o à-vontade aparentemente prosaico, determinado pela simplicidade de vocabulário, pela ausência de expedientes retóricos e / ou rebuscamento fraseológico e, basicamente, pela comunicabilidade directa e espontânea. Prefere, deste modo, a regularidade métrica, que disciplina e limita, mas que simultaneamente dá consistência à expressão da vida interior. Tende, portanto, para o apontamento poético, destinado a fixar em verso uma parcela da beleza do mundo, desprendendo-a do momento em que

³ Eugénio de Andrade, “As nascentes da ternura”, in *Ostinato rigore*, Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 1977, p. 36.

⁴ IDEM, “Rosto precário”, in *Poesia e prosa*, vol. III, 3.^a ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1987, p. 136.

esta é captada. O resultado é uma sintaxe discursiva cheia de imagens, de sonoridades e de ritmos, aspectos cimeiros da modernidade da sua obra.

A nossa análise incidiu, primariamente, sobre a sua poesia como fulcro do nosso estudo. No entanto, dado o carácter pessoalíssimo da sua produção literária em que se constata uma coincidência, quase total, entre a sua vida e a sua obra, pareceu-nos igualmente interessante, sempre que vinha a propósito, determo-nos em algumas páginas da sua correspondência – rio paralelo à sua poesia – assim como na análise do seu poema pedagógico, *Diário*, no qual está impressivamente patente a alma do Poeta da Arrábida. Foi, por isso, intuito nosso auscultar-lhe a intensa riqueza humana e poética na obra que nos legou.

Para tal objectivo, no primeiro capítulo, depois de traçarmos um breve perfil biográfico e literário de Sebastião da Gama, procurámos situá-lo no panorama da sua época esclarecendo as mais diversas cambiantes que, por vezes, afloram quando o seu nome vem à ribalta, integrando-o num tempo tão fecundo para a nossa poesia.

No segundo capítulo, pretendemos focalizar alguns aspectos relevantes da sua obra poética publicada em vida ou que o Autor deixou pronta para publicação: *Serra-Mãe*, *Cabo da Boa Esperança*, *Campo Aberto* e *Pelo sonho é que vamos*. Achámos também indispensável fazer a análise do seu *Diário*, uma vez que nele confluem, de um modo muito vivo, o sentir profundamente humano do Poeta e do Pedagogo. Não foi desmerecimento o não aprofundarmos algumas das suas obras póstumas que sua esposa, Joana Luísa, tem vindo a publicar, mas, uma vez que esses textos não passaram pelo crivo directo da selecção do Poeta, fizemos questão em privilegiar as referidas cinco obras, apenas abordando a sua produção restante sempre que, em relação àquelas, considerámos pertinente e adequado.

No terceiro capítulo, foi nosso desejo procurar as linhas orientadoras que

sobressaem no estudo da sua criação artística em ordem a uma caracterização genérica da sua arte poética. Servimo-nos, neste caso, de toda a sua obra publicada que para esta finalidade julgámos ilustrativa.

O facto de recorrer-se com frequência a transcrições, por vezes longas, de passos da obra de Sebastião da Gama, visa tão-só tornar menos penoso o trabalho do leitor, dispensando-o porventura de uma quase sistemática interrupção do fio do nosso discurso para consultar ora um ora outro poema desta ou daquela publicação.

Ainda que nos demos conta de que ficou muito aquém dos nossos intentos a empresa de perscrutarmos o Poeta da Arrábida na sua progressão para o sagrado, cremos que este trabalho poderá constituir-se, porventura, num modesto contributo para uma ainda maior divulgação da sua obra, bem como num renovado incentivo para a publicação do seu restante legado que permanece inédito no baú das recordações da esposa, Joana Luísa, aguardando ainda por um cuidadoso e esmerado estudo.

Atestamos, por fim, que este trabalho tenta reproduzir uma experiência magnífica, levada a cabo com alegria e entusiasmo no estudo e na descoberta de alguém que perscrutou o coração de Deus na natureza, nos homens e que, no mais íntimo da sua alma mística, fez a experiência deste sentido da permanência de Deus e da sua plenitude. Abriu-se paulatinamente ao sagrado e, como folhado da serra, calou o seu perfume e adormeceu⁵ em Deus. Olhando para a brevidade e para o fulgor da sua vida, poderíamos afirmar, parafraseando Menandro, que morre jovem aquele a quem os deuses amam.⁶

⁵ Cf. Sebastião da Gama, “Serra-Mãe”, in *Serra-Mãe*, 8.^a ed., Lisboa, Ática, 2000, p. 35.

⁶ Cf. Menandro, “Duas vezes ludibriado”, (frg. 111, Körte), in Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade, Antologia da cultura grega*, 2.^a ed., Coimbra, Almedina, 1963, p. 429. (“Aquele a quem os deuses amam, cedo há-de morrer.”)

Capítulo I

O Autor e o seu tempo

*A cada verso nasço...
É cada verso o meu primeiro grito
à Vida...*

*Depois,
se caminho apalpando e aos tombos, e se, aflito,
não atino e me perco até de mim
– é que os raios do Sol cegaram, despiados,
meus olhos mal abertos, costumados
à escuridão do ventre de onde vim.*

(SM, “Sem título”, p. 100)

1. Vida e Obra de Sebastião da Gama

A 10 de Abril de 1924, no dealbar da Primavera, nasce, em Vila Nogueira de Azeitão, Sebastião Artur Cardoso da Gama, o Poeta da Arrábida.

Filho mais novo de Sebastião Leal da Gama Júnior e de Ana Cardoso Gama, aí viveu até aos 14 anos. Após o seu exame da quarta classe na Escola Primária de Azeitão, frequentou os três primeiros anos do ensino secundário no Liceu Bocage,

em Setúbal, altura em que começou a manifestar-se, e logo diagnosticada, a tuberculose óssea que haveria de custar-lhe a vida. Como terapia e a conselho médico, muda-se com a mãe para uma casa alugada na Serra da Arrábida, defronte ao ilhéu da Pedra da Anicha, cenário de sonho que será o grande manancial e *primeiro amor* da sua poesia.

A partir de 1939, também a família passa a residir com ele no forte abandonado do Portinho da Arrábida que os pais transformaram em pousada e restaurante, oferecendo-lhe, assim, um local ideal para a sua saúde e um berço poético que fecundou os avatares da sua alma sensível.

Frequenta, agora como aluno externo, os últimos quatro anos do curso liceal, vindo a completá-lo com distinção. Em 1942, faz exame de admissão à universidade, ingressando, como aluno voluntário, no curso de Filologia Românica da Faculdade de Letras de Lisboa, então ainda no Convento de Jesus.

Devido à doença, vem, uma ou duas vezes por semana, à faculdade. Mas a sua presença nunca passa despercebida. Era como se um pouco de sol da Arrábida entrasse nos claustros do velho casarão e aquecesse os corações daqueles estudantes, aproximando-os, fossem ou não do mesmo curso universitário.⁷ A todos tratava por *tu*, quebrando deste modo qualquer tendência para o isolamento e para a timidez.⁸

Gera-se, assim, à sua volta, e quase de forma espontânea, uma espécie de círculo,⁹ melhor, uma rede de afectos que se vão tecendo e que não cessarão de se

⁷ Cf. Luís Filipe Lindley Cintra, “Sebastião da Gama: um depoimento”, in *O Tempo e o Modo, revista de pensamento e acção*, n.º 27 (1965), p. 465.

⁸ Mais tarde, ele próprio vai apresentar-nos, no seu *Diário*, as razões desta forma de estar na vida: “Ser gente, cá para mim, é confraternizar, é falar com o vizinho, é não ser um estranho”. “Andamos no mundo quase todos como se fôssemos desconhecidos uns dos outros...”. (Sebastião da Gama, *Diário*, 12.ª ed., Arrábida, Lisboa, 2003, p. 101.)

⁹ “Não havia, em toda a Faculdade, figura mais popular nem pessoa mais querida de toda gente. Era a bondade em carne e osso. Dele se poderia dizer – parafraseando o que Eça de Queiroz escreveu a respeito de Antero – que se tratava, realmente, de ‘um poeta que era um santo’. [...] Era um aluno absolutamente exemplar.” (David Mourão-Ferreira, “Sebastião da Gama”, in *Vinte poetas contemporâneos*, 2.ª ed., Lisboa, Ática, 1980, p. 181.)

fortalecer, mesmo para além da sua morte, ao longo de sucessivas décadas: David Mourão-Ferreira, Lindley Cintra, Maria Barroso, Matilde Rosa Araújo, Eurico Lisboa, Maria de Lourdes Belchior, José Noronha Gamito e Helena Cidade Moura, entre outros.

Em 1947, obtém o grau de licenciado em Filologia Românica, ao defender, com notável êxito, a sua dissertação, *Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX*. Lecciona como professor provisório na Escola Comercial e Industrial João Vaz em Setúbal e, como estagiário, na Escola Comercial Veiga Beirão,¹⁰ em Lisboa, vindo a concluir o estágio em 1950 com dezoito valores. É colocado, nesse mesmo ano, como professor efectivo na Escola Industrial e Comercial de Estremoz, onde o seu nome permanece, ainda hoje, aureolado da mais viva e comovida saudade.

No ano seguinte, a 4 de Maio de 1951, na capela do Conventinho da Arrábida, celebra o seu matrimónio com a jovem Joana Luísa de Oliveira Rodrigues, sua vizinha e amiga de infância. Mal teve tempo de saborear o tálamo do seu amor com aquela que foi a irmã, a amiga, a confidente, a noiva e a esposa desmedidamente amada. Nove meses depois, a 5 de Fevereiro de 1952, vê-se obrigado a sair de Estremoz e a dar entrada no Hospital de São Luís, em Lisboa, onde veio a falecer, após dois dias de intensa agonia, vítima da doença que o perseguia desde a adolescência. Tinha vinte e sete anos!¹¹ Os seus restos mortais repousam em Vila Nogueira de Azeitão, sua terra natal.

José Régio sintetiza, nestes versos, o que fora Sebastião da Gama:

«No começo da vida,
No começo dum lar,

¹⁰ É então que inicia a escrita do *Diário*, por sugestão do seu orientador, Dr. Virgílio Couto, que o aconselha a apresentá-lo como trabalho final de estágio.

¹¹ Impressionante é o testemunho de sua esposa, ao recordar o dia 7 de Fevereiro de 1952: “Depois de me beijar e de fazer o sinal da cruz, sorrindo, fechou os olhos e partiu para Deus.”

No começo da Obra singular
A mais do que o já feito prometida,
– Não me chames, que ainda não sou digno! – sugeria
A transcendente queixa
Do moribundo lábio que sorria,
E a morte é que o não deixa,
Pois Deus é que sabia.»¹²

E Sophia de Mello Breyner Andresen, neste mesmo jornal, dedica-lhe este singelo e saudoso epitáfio:

«Eis que morrestes: agora já não bate
O vosso coração cujo bater
Dava ritmo e esperança ao meu viver.
[...]
E eu vos peço por este amor cortado
Que vos lembreis de mim lá onde o amor
Já não pode morrer nem ser quebrado.»¹³

Numa sumária perspectiva da sua existência breve mas operosa, importa reter para a posteridade o Poeta e o crente a par do Poeta e do pedagogo. A sua meteórica trajetória terrena é um hino luminoso à sagração da Vida.

Os poetas nascem, e ele nasceu poeta. Ainda muito novo e sob o pseudónimo de Zé d'Anicha, vê impressos alguns dos seus versos num jornal do Montijo, *Gazeta do Sul*.¹⁴ Mais tarde, publica em revistas literárias como *Aqui e Além*,¹⁵ *Atlântico*,

¹² José Régio, “Sebastião da Gama”, in *Jornal de Almada*, 05-02-1961, [p. 8].

¹³ Sophia de Mello Breyner Andresen, “Carta aos amigos mortos”, in *Jornal de Almada*, 05-02-1961, [p. 8].

¹⁴ Foi o seu primeiro passo na literatura portuguesa. E é assim, neste semanário, que a partir de Dezembro de 1940 (*Gazeta do Sul*, n.º 518 (8-12-1940), p. 7) vêm a lume outros poemas, com o mesmo pseudónimo, publicados em vários números deste jornal. Foi grande o impacto que estes versos tiveram no chefe da redacção deste jornal, Augusto Barbosa, levando-o a dar esta ordem ao chefe da oficina: “Ponha-me isto a normando e em lugar destacado no jornal. Este rapaz é alguém; temos de encorajá-lo.” (Citado por José do Carmo Francisco, “A estreia de Sebastião da Gama”, in *Ler*, n.º 39 (1997), p. 128).

¹⁵ Revista publicada entre 1945 e 1946, de que apenas saíram cinco números. Nela colaboraram nomes de referência como António Sérgio, Vitorino Nemésio, José Régio, Pedro Homem de Melo, Manuel da Fonseca, Joel Serrão, Jacinto do Prado Coelho; como também uma geração a despontar para as artes: Lourdes Belchior, Matilde Rosa Araújo, Mário Cesariny, Lindley

Turismo, Flama, Horizonte, Mundo Literário, Ver e Crer, Universitárias, Sísifo, Brotéria, Távola Redonda e Árvore. Colabora, também, em páginas culturais da imprensa diária e semanal como o *Jornal do Barreiro, A Província, Brados do Alentejo, Correio do Minho, Jornal de Sintra, Diário Ilustrado, Diário Popular e Diário de Lisboa.*

Os ditames da tuberculose obrigaram-no a viver na Serra da Arrábida, o que fez desabrochar no seu coração simples uma grande alma de poeta enamorado pela serra, pelo mar e pelas suas gentes, com quem se sente imensamente bem, e de quem admira o linguajar.¹⁶

A doença e o isolamento físico a que é votado parecem nunca retirar-lhe a vivacidade e a alegria, a paixão e o encantamento que nutre pela vida e pela descoberta de Deus. Provas disso são a intensa obra poética e as inúmeras cartas aos amigos e à namorada.

*Senhor!
Eu bem Te vejo, apesar
da escuridão!
Inda me não tocou a Tua Mão,
mas bem na sinto, bem na sinto em meus cabelos,
numa carícia igual a um perfume ou um perdão.*

(SM, “Ressurreição”, p. 67)

Em 1944, com vinte anos de idade, viveu um momento de grande e fundamental importância para a sua vida. Converte-se à fé cristã, numa adesão total e plena de amor a Cristo e à Eucaristia, comungando pela primeira vez na capela de S. Luís dos Franceses, em Lisboa, na Festa do Espírito Santo. Mais tarde, assim

Cintra, Luís Amaro, David Mourão-Ferreira e, claro, Sebastião da Gama, que aí ensaia os primeiros passos no campo da literatura. (Cf. David Mourão-Ferreira, “Sebastião da Gama”, in *Vinte poetas contemporâneos*, p. 229.)

¹⁶ “Está provado que não nasci para falar a doutores. [...] sou saloio por dentro; saloio, não: cabreiro, e depois deu asas a isto o facto de eu me ter feito homem entre os camponeses e pescadores e ter tido sempre o cuidado de falar como eles, para estarmos todos à vontade. A par do que aí fica, acontece que venho de lavradores, jardineiros e comerciantes; tudo gente de cepa honrada mas agreste. O que não quer dizer que a cepa seja de não dar flor: tenho um primo que guarda ovelhas e as beija e as trata como a suas irmãs; um São Francisco em bruto.” (Sebastião da Gama, *Diário*, pp. 32-33.)

escreve à sua noiva, Joana Luísa, em carta datada de 5 de Agosto:

«É hoje uma carta para tua alegria, minha querida; menos vazia que a última e a fazer-te rezar. Comunguei. – Era preferível, em vez de umas linhas mal tecidas, que te dissesse apenas, a meio do papel, esta palavra sublime: “COMUNGUEI”. O resto lerias tu nos espaços em branco. Há muito já que eu necessitava Cristo; há dias em que penso nele sem pensar nele; e dói-me. Nos últimos dias não: tem-me acompanhado, e tenho-lhe querido, a meu Deus e meu Irmão. Mas precisava de lhe dizer que sim fortemente e suavemente; por isso O procurei hoje na Lapa e O recebi e O beijei. A precisar de Ele como de água, meu Amor, e a recebê-lo, grato, como se água fosse. E pensei em ti: até quando me confessava; a um monsenhor velhinho e bom, que acompanhei na ida e na volta com o mesmo carinho com que eu olho Cristo, e que me trata já por “tu”. É tão doce, Luísa! E fez-me confessar como se a um menino; senti-me pequenino e até me envergonhava de dizer quase sempre que não. Que Deus me perdoe – mas até queria ter um grande pecado, para lho dizer e ouvir-lhe perdoar-mo e para que fizesse dos meus actos seguintes um corpo de resgate. Mas não no vi – o tal pecado, talvez porque tão caído sou que não vejo os argueiros dos meus próprios olhos – os lameiros da minha porta. Mas senti-me, Joana Luísa muito querida, minha Noiva e minha Irmã, minha Amiga suavíssima – senti-me com a força, que me deu Jesus, de recalcar todas as pequeninas maldades que faço dia a dia. [...] Jesus deu-me hoje o amparo, a bengala a que me arrimarei no meu Caminho; vamos ver se sou capaz.»¹⁷

Deus passa a ser então um amigo, um pai, uma presença constante na sua vida que lhe dá força, a quem ele recorre e em quem continuamente confia.¹⁸ Ao mesmo tempo, nele despertam a devoção e o culto marianos, tão patentes nos registos epistolares à sua amada.¹⁹

Sebastião é agora profundamente crente. A Serra e o contacto com a mãe natureza revelaram-lhe Deus em toda a sua magnitude, outorgando-lhe o carisma do *Poverello* de Assis. Esta sua alma, mística e franciscana, espelha-se, vincadamente,

¹⁷ Sebastião da Gama, *Cartas I*, Ática, Lisboa, 1994, pp. 91-92.

¹⁸ “Hoje, por exemplo, queria repetir-te (não é demais) que fui muito feliz durante a missa. [...] Foi daquelas missas de que eu gosto, em que estou perfeitamente incluído no ambiente; senti Deus; vi-O, sem abrir muito os olhos. E pedi.” (*Ibidem*, p. 193.)

¹⁹ “E os sinos todos toquem... Toquem, porque é manhã e há Sol e eu quero dar os bons dias ao meu bem. Quero dizer-lhe que ao levantar-me a minha oração sem palavras foi lembrar-me da minha Alegria e dela. Vê como sou ingrato, que nem agradei a Deus. Ajuda-me tu agora, querida. (Tu naturalmente daí não podes ver-me; mas rezei agora, de joelhos, uma Ave-Maria sentida, dita só com a alma, que às vezes também fala, e agradei a Deus, cheio de Graça, a minha Graça.)” (*Ibidem*, p. 168.)

em inúmeras referências que ele nos deixou, quer no seu legado poético, quer na correspondência com a sua noiva e com os seus amigos.

«No desenrolar da minha Poesia, cheguei à conclusão de que a missão do Poeta é, não só explicar aos outros a Grandeza da Criação Divina – e nisso há também grandeza ou, antes, bondade de Deus em no-la mostrar –, mas tentar o aperfeiçoamento do Homem.»²⁰

«A minha referência a Jesus, nos sonetos, é porque, em Cristo, vejo eu como que o figurino que Deus nos propôs e que nós, cegos só porque o queremos, não conseguimos compreender.»²¹

Em 1945, dá à estampa *Serra-Mãe*, publicando-se, nos dois anos subsequentes, *Loas a Nossa Senhora da Arrábida*²² e *Cabo da Boa Esperança*. Em 1951, surge a sua quarta obra, intitulada *Campo Aberto*.

Dele e do seu talento poético dá testemunho José Régio, seu mestre e um dos corifeus da *Presença*:

«Quando pude conhecer pessoalmente Sebastião da Gama, pensei, encantado: “Louvado seja Deus! ora aqui está um Poeta! um novo Poeta!” E essa primeira e rejuvenescedora impressão, nunca os meus encontros seguintes com Sebastião da Gama a desmentiram. Só confirmaram. De cada vez que me encontrava com ele, voltava a pensar: “ora aqui está um Poeta! um verdadeiro Poeta!” Dizer que o pensava com ternura, gratidão e respeito – é dizer pouco. Donde tal e tão viva impressão? Nada ouvia a Sebastião da Gama que já não tivesse ouvido, ou não pudesse vir a ouvir, a vários outros. É que não tanto das suas palavras, como de todo ele, vinha essa impressão de juvenildade e frescura, gentileza e comunicabilidade, entusiasmo e pureza, que me fazia pensar, ou mais sentir que pensar: “Não há dúvida! eis um verdadeiro Poeta.” E de cada vez me achava eu como animado, e agradecido, pelo simples facto de

²⁰ *Ibidem*, p. 29.

²¹ Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 33.

²² Este hino mariano é o resultado de uma composição conjunta entre Miguel Caleiro e Sebastião da Gama. Está estruturado em quatro partes contendo cada uma delas sete quadras em redondilha maior ao gosto popular, o que facilitava a sua memorização e permitia que fosse cantado pelos muitos romeiros que se deslocavam ao Conventinho da Arrábida para louvar a “Virgem Imaculada e Pura”. Pudemos, também nós, constatar que este hino permanece ainda hoje na memória das pessoas mais idosas das terras de Azeitão. (Cf. Miguel Caleiro e Sebastião da Gama, *Loas a Nossa Senhora da Arrábida*, Imprensa Artística, Lisboa, 1946. Cf. também António Mateus Vilhena e Daniel Pires (dir.), *A Serra da Arrábida na poesia portuguesa*, Setúbal, Centro de Estudos Bocageanos, 2002, pp. 217-222.)

existir [...] um rapaz assim tão naturalmente *protegido* pela sublime ingenuidade poética de sempre.»²³

Quem melhor do que Régio para testemunhar esta sensibilidade e engenho?

Sebastião da Gama era, na verdade, poeta e estava intimamente convencido de que a poesia deveria abrir aos homens a janela do sonho e da autenticidade para que estes olhassem o mundo de maneira diferente:

«O Poeta beija tudo, graças a Deus... E aprende com as coisas a sua lição de sinceridade... E diz assim: “É preciso saber olhar...”»²⁴

A sua vida era a Poesia – este revelar total dum homem infinitamente inteiro que se recorda do futuro. E o Poeta, tal como o *príncipe das nuvens*, devido às suas asas de gigante, vê-se impedido de caminhar e de ser compreendido pelo comum dos mortais.²⁵ A poesia era, para ele, este modo de ser, esta atmosfera espiritual que exigia ter sempre as mãos purificadas para a receber, porque a toda a hora ela nos visita.²⁶

Esta sensibilidade fez nele despertar o amor total para com o seu semelhante acolhendo-o, dando-lhe abrigo, consolo e amor sem preconceitos ou limitações:

«Quero é descobrir o coração dos que vão comigo, senti-lo bater. Andamos no mundo quase todos como se fôssemos desconhecidos uns dos outros; e eu não quero que haja desconhecidos uns dos outros: quero Amor, quero a mesa aberta, quero a sinceridade e o abraço. Quero estar à mesa do pobre sem ser por atitude calculada, antes porque o coração mo pede; quero estar à mesa do rico à minha vontade. Quando o pobre não percebeu isto, eu saí; saí quando o rico não percebeu isto.»²⁷

Ou então, na sua obra poética, sentimos esta sensibilidade em forma de rogo:

²³ José Régio, “Notas sobre Sebastião da Gama”, in *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953), [p. 1].

²⁴ Sebastião da Gama, *Diário*, p. 53.

²⁵ Cf. Charles Baudelaire, “L’Albatros”, in *Les fleurs du mal*, Paris, Le Livre de Poche, 1972, p. 179: “Le Poète est semblable au prince des nuées”. O albatroz é aqui bem o símbolo desta dualidade do homem pregado ao solo e aspirando ao infinito – assim o poeta, esse incompreendido no meio dos homens.

²⁶ Cf. Sebastião da Gama, *Diário*, p. 80.

²⁷ *Ibidem*, p. 101.

*Batam-me à porta
os que andam lá por fora, à neve;
batam
os que tiverem frio ou sede;
os que sintam saudades de um carinho;
os desprezados;
os que há muito não vêem uma flor
e encontram só poeira no caminho;
os que não amam já nem já os ama
ninguém;
os esquecidos de como se sorri;
os que não têm Mãe...*

(SM, “A meus irmãos”, p. 112)

O tempo fluía e o bacilo da doença ia lentamente apoderando-se dele, tendo-lhe sido diagnosticada, no último ano do seu curso universitário, em 1947, aos 23 anos, uma dupla e impiedosa tuberculose renal. Mas, mesmo assim, nunca se sentiu um derrotado e até soube tirar partido da doença que, em certos momentos, considerou um benefício. No Verão deste mesmo ano, diz-nos ele de maneira lúcida e eufórica:

«Nunca estive tão feliz. Nunca tive tanta confiança na vida. Nunca ameiti tanto todas as coisas – e até a doença, benefício de Deus ou continuação de um benefício, aquele que me isolou na Arrábida para nascer Poeta, para escrever a *Serra-Mãe*, para escrever o *Cabo da Boa Esperança*.»²⁸

Sebastião da Gama lê a natureza como um livro aberto, atento a tudo o que a Serra lhe quer segredar, conferindo unidade cósmica a todos os elementos heteróclitos de um mundo aparentemente caótico captado pelos seus sentidos.²⁹ Ama-a apaixonadamente,³⁰ conhecendo-lhe todos os recantos e os segredos mais

²⁸ Sebastião da Gama, citado por Maria de Lourdes Belchior, “Prefácio”, in *Campo Aberto*, 5.^a ed., Lisboa, Ática, 1999, p. 11.

²⁹ Cf. Charles Baudelaire, “Correspondances”, in *Les fleurs du mal*, p. 16: Trata-se do célebre soneto que principia por “La Nature est un temple où de vivants piliers” e a que mais adiante voltaremos (cf. nota 203, pp. 169-170).

³⁰ “A Arrábida ocupa, como sabes, um dos bocados deste meu coração enorme e bem repartido: dizia eu há dias a um amigo, em carta, que ela é para mim como que uma mulher; que é para mim uma presença humana; e tenho saudades dela, se longe, como de uma namorada. Não tenhas ciúmes; creio que sempre me viste assim: a repartir o meu amor com Deus, com a Arrábida, contigo, com os Homens e com a Família... Com Deus.” (Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 99; cf. também p. 124.)

íntimos. Gosta de penetrar na Mata do Solitário e de ouvir o murmúrio das folhas revolvidas pelo vento, de subir ao Monte Abraão e de se isolar em recolhimento na Pedra da Anicha; de contemplar a Arrábida do Mirante do Convento dos Frades, do Alto do Formosinho, do Morro de Alportuche, da própria fortaleza; ou então de descer ao Portinho, à Praia dos Coelhos e à de Galapos, à Lapa de Santa Margarida³¹ e aí contemplar os variados matizes que vai tomando o mar. É assim que, neste ambiente de silêncio, de harmonia e de tranquilidade, sente Deus a despertar nele a voz poética e a enviar-lhe o seu anjo inspirador. Para Sebastião da Gama toda a poesia é dádiva divina, uma espécie de chamamento transcendente que requer, da sua parte, profunda humildade e confiança para a receber. O Poeta mais não é que a *corda tensa* que o Senhor faz vibrar.

«[...] tudo o que eu cantei não foi produto de meu esforço próprio: tudo se deu por uma graça do Senhor, que fez de mim objecto quase inconsciente, que fez de mim a Sua Harpa; mas eu, que sou vaidoso, fiz tecer-me louvores, quis ganhar direitos de autor: é por isso que, para meu castigo, tenho enrouquecido tanto ultimamente. Esta rouquidão me mostrou o meu “nada”, a minha dependência: e então, humilde, confesso-a a Deus.»³²

Não estaremos perante uma versão cristã do consagrado *tópos* greco-latino do poeta considerado como vate, adivinho, superior intérprete do mundo, sacerdote eleito possuído pelo sopro dos deuses, pelo furor divino?³³

Ele escuta no silêncio a canção da vida, a melodia dos seus poemas e vibra de contentamento quando o milagre da poesia acontece. É digno de registo um destes

³¹ Diz-nos ele a propósito deste local tão particular para as suas deambulações: “[...] uma gruta enorme que o mar enche com a sua voz sagrada. Humildemente escondida na sombra, uma capelinha tosca onde por vezes se reza missa (e o mar acolita e a missa ganha um sentido mais grandioso, mais preciso que noutra lugar qualquer; a gruta transcende-se e tem ogivas e tem vitrais e tem rosáceas a cada canto; Deus veio).” (Sebastião da Gama, *A região dos três castelos*, [Setúbal], Transportadora Setubalense, 1949, [p. 10].)

³² Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 40. (Cf. também pp. 115, 126 e 129.)

³³ Registe-se, a este propósito, um breve excerto do diálogo socrático *Íon* em que Platão sublinha o papel sacro do poeta: “Com efeito, o poeta é uma coisa leve, alada e sagrada, e não pode criar antes de sentir a inspiração, de estar fora de si e de perder o uso da razão. Enquanto não receber este dom divino, nenhum ser humano é capaz de fazer versos ou de proferir oráculos.” (Platão, *Íon*, [534b], tradução de Victor Jabouille, Lisboa, Inquérito, 1988, p. 51.)

ricos momentos testemunhado por um dos seus grandes amigos, David Mourão-Ferreira:

«Tanto em Julho de 1946 como em Setembro de 1947, os exaltantes dias inesquecíveis que com ele passei na Arrábida eram magicamente assinalados por momentos em que de súbito as nossas conversas se interrompiam: com um simples gesto, cujo significado eu já sabia interpretar, ei-lo que se esgueirava para junto de um rochedo, para a sombra de um medronheiro, para um dos cômodos sobranceiros ao Conventinho, e de lá regressava, meia hora depois, com um lápis entre os dedos e um papelucho a agitar-se na outra mão, ainda todo vibrante daquela como que descarga eléctrica que a visitaçao do poema lhe provocara.»³⁴

Era assim Sebastião da Gama, esta alma tão sensível que valorizava as coisas mais simples com a humilde ternura da infância. Que gostava de isolar-se, mas não tinha vocação de cenobita. Sentia imensa necessidade de se aproximar dos outros e fazia-o sem reservas, de uma forma espontânea, franca, estabelecendo rapidamente contacto com todos os que o rodeavam. No prefácio à *Serra-Mãe*, Luís Lindley Cintra confirma bem este retrato:

«Impressionavam, desde o primeiro contacto, a sua espontaneidade, a sua franqueza, a vivacidade e a pureza do seu olhar, e também a sede de convivência, de comunicação, que o levava a entrar rapidamente em contacto com todos os que o rodeavam. [...] Aquele solitário habitante do Portinho da Arrábida, “perfeito amador” da Serra e da sua solidão, sentia uma necessidade imperiosa de se aproximar dos outros homens, quando se encontrava entre eles. Fazia-o sem nenhuma espécie de reserva: abrindo-se, dando-se a eles numa entrega total. Assim se manteve sempre: por maiores que tenham sido as desilusões, nunca pôde nem quis abandonar esta atitude, a única em que podia estar sem constrangimento.»³⁵

Paralelamente, e neste breve trajecto, observamos que o nosso Autor, apesar de muito raramente se referir à doença, tem plena consciência do seu estado de saúde. São evidentes a constatação da fecunda influência da sua limitação física e o protesto de imortalidade de um homem que pressente que a parca pretende, no esplendor da

³⁴ David Mourão-Ferreira, *Evocação de Sebastião da Gama*, Lisboa, Ática, 1993, pp. 16-17.

³⁵ Luís Filipe Lindley Cintra, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Serra-Mãe*, 8.^a ed., Lisboa, Ática, 1980, p. 10.

sua poesia e da sua juventude, cortar-lhe o fio da vida. Em Novembro de 1947, numa carta a David Mourão-Ferreira, o Poeta refere, com elevada franqueza, este presságio:

«Sabes porque não perco tempo em Cafés e em outras coisas de que o Café pode ser uma metáfora?: Porque quero deixar a minha obra. Poder dizer à Morte “já vens tarde”. Porque ela é irónica e vem a meio da nossa distracção.»³⁶

Esta mesma ideia aparece, frequentemente, na correspondência que mantém com os amigos. Transcrevemos este pequeno excerto retirado de uma carta a Matilde Rosa Araújo:

«[...] eu tenho não só o gosto, tenho a obrigação de viver a minha vida. Venha a Morte e eu possa rir-me dela. Dizer-lhe: “Não estive de braços cruzados”. Não descer à humilhação de lhe pedir: “Espera um bocadinho que me ficou isto por fazer, esta lágrima por chorar, aquele sorriso por sorrir”. Quero ganhar, por meus nervos, “o direito de escarnecer da Morte / quando a Morte julgar que me venceu!” [CBE, p. 51]. Quero que a Morte seja, como para o Manuel, aquilo que me completa – não aquilo que me aniquila.»³⁷

Ou então, a 24 de Julho de 1949, em “Alegoria”, ao sublinhar a intensidade da sua vida afirmando:

*Tremeluzem os Astros no céu nítido:
Dona Cigarra faz serão.
Como há-de ela dormir, se a vida é curta?
– : Cigarra que se preza, quando morre
não deve estar a meio da canção.*

(CA, p. 119)

Surpreendentemente, a mão da doença que lhe pesou sobre os ombros durante metade da vida motivava nele uma jovial alegria, fruto de conquista permanente, agulhão de plenitude na sua realização vivencial. Por isso, para o nosso Poeta, a morte nunca constituiu um pesadelo, um absurdo ou uma frustração, como infelizmente alguns sugerem, mas um constante apelo à Vida, coroa de uma

³⁶ Cf. David Mourão-Ferreira, “Sebastião da Gama”, in *Vinte poetas contemporâneos*, p. 219.

³⁷ Sebastião da Gama, correspondência inédita fazendo parte do espólio da sua esposa, s.d.

existência acabada, sinal de eleição. Disso nos faz eco David Mourão-Ferreira ao testemunhar-nos:

«[...] na obra de Sebastião da Gama, reconheceremos [...] uma das mais extraordinárias aventuras da poesia portuguesa contemporânea: a aventura de um poeta que, sabendo-se embora condenado à morte, se transfigura em cânticos à Vida, – para melhor merecer essa Morte a que a Vida o condena.»³⁸

No poema “Cristo”, em *Campo Aberto*, o Poeta dirige-se a Deus e suplica-lhe que afaste, por momentos, a morte física, mas tudo aquilo que é de morte já pode morrer. É curiosa a distinção que ele agora faz de “não-vida” e “vida-vida eterna”, dando, assim, intenso relevo à sua dimensão religiosa, numa estreita correlação dialéctica entre o “homem velho” e o “homem novo”. Não estaremos nós, numa clara influência da teologia paulina e de S. João da Cruz, perante a experiência mística da morte?³⁹

*Ó meu Jesus heróico,
meu Capitão, afasta
com a Tua mão direita,
afasta a Morte, afasta-a,
que ainda a não mereço.
Morra somente em mim
o que já é da Morte.*

(CA, “Cristo”, p. 134)

A morte, a que Sebastião da Gama se sabia condenado, está assim presente em toda a sua obra, como importante factor de relevo, como factor de autoconstrução, em que a sua personalidade se vai moldando. A sua visita é quase

³⁸ David Mourão-Ferreira, “Sebastião da Gama”, in *Vinte poetas contemporâneos*, p. 222.

³⁹ Tomamos a liberdade de aqui transcrever uma pequena perícopie da carta de S. Paulo aos Romanos que nos parece ter vincado a personalidade de Sebastião da Gama:
“Pelo Baptismo fomos, pois, sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova. De facto, se estamos integrados n’Ele por uma morte idêntica à sua, também o estaremos pela sua ressurreição.
É isto o que devemos saber: o homem velho que havia em nós foi crucificado com Ele, para que fosse destruído o corpo pertencente ao pecado; e assim não somos mais escravos do pecado. [...] Mas, se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos. [...] Assim vós também: considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus.” (*Rm* 3, 4-6, 8 e 11.)

sempre e para todos inesperada – ela vem sempre cedo de mais, pois breve é a vida dos homens.⁴⁰

*Morremos em cada rosa...
Fugimos em cada rio...*

(Est, “Biografia”, p. 67)

E, mais breve ainda, parece, é a vida dos poetas:

*Nasceram na Primavera.
Pelo Outono morreram.
Como havia flores, vieram.
Secaram as flores, partiram.
Tão curta a vida dos poetas!
Tão bela! Tão curta vida!
– Do outro lado do muro
crescem flores é no Outono.*

(Est, “Trajectória”, p. 68)

Não há aqui lugar para a tristeza. A vida do Poeta, que coincide com a vida das flores, pode continuar igualmente “Do outro lado do muro”, pois, também lá, “crescem flores”, mesmo no Outono. Estes dois últimos versos ajudam-nos, com clareza, a encontrar já a outra margem da vida que, à luz da fé, ilumina a situação presente, qual ponte para a margem do Além...

Daí o seu desabafo e reparo perante a forma como os cristãos vêem a morte:

«É que, para mim – e espanta-me não pensarem os cristãos deste modo –, a Morte é a Porta: pela Morte ficamos em presença (em presença a toda a hora

⁴⁰ Este *tópos* da efemeridade da vida, tantas vezes associado à *rosa*, remonta à Antiguidade Clássica, perpassa em toda a literatura ocidental e foi, entre outros, celebrizado por Pierre de Ronsard (1524-1585) e, lapidarmente, abordado por François de Malherbe (1555-1628) no poema “Consolation à M. du Périer” de que se destacam os vv. 15 e 16: “Et rose, elle a vécu ce que vivent les roses, / L’espace d’un matin.” Mais elaboradamente, em recorte clássico, Ricardo Reis assim exprime a mesma ideia: “[As rosas] Nascem nascido já o sol, e acabam / Antes que Apolo deixe / O seu curso visível.” (Ricardo Reis, “As rosas amo do jardim de Adónis”, in *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000, pp. 13-14); num outro lugar, sucinto, exorta: “[...] Colhe / O dia, porque és ele.” (Ricardo Reis, “Uns, com os olhos postos no passado”, *Ibidem*, p. 134). Neste poeta, o motivo das *flores* em geral é sinónimo da brevidade da vida, destacando-se a *rosa*, com frequência, como aquela que melhor traduzirá para ele essa noção: “Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as” (Ricardo Reis, “Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio”, *Ibidem*, pp. 33-34). Em Sebastião da Gama, o lexema *rosa* é muito recorrente, por vezes também com este sentido.

sentida) de Deus.»⁴¹

A morte é então, para o Poeta, como que uma abóbada, uma cúpula que só deveria assentar sobre uma obra completamente realizada, sobre uma vida plenamente vivida.⁴² Em “Ode a um amigo morto”, ele confia-nos:

*Faltava-lhe a morte
para ser completo.
A taça estava cheia.
Faltava-lhe a pétala
da rosa
para transbordar.
A taça estava cheia
de amor e de esperança
e de mocidade.
A pétala caiu.
Transbordou a taça.
Mais pobre, só o Mundo.
Completo, só ele,
que morreu sereno
como quem o sabe.*

(CBE, p. 105)

E se a dor quase lhe rasga, em certas horas, o espírito e a carne “[...] as crises são vencidas, os desânimos apodrecem, os receios e os temores atenuam-se, as feridas saram”, pela “rosa vermelha de fé que se abria na vida do poeta” dando “valor e significado a tudo”.⁴³

Em carta a Matilde Rosa Araújo, também ela muito doente, escreve:

«E sabes tu por que motivo a morte, surda ao teu abandono, às boas-vindas que lhe cicias, se vai para outros caminhos? É porque ainda a não mereces. Nós não merecemos a morte ainda, Matilde. Que é que nós fizemos? Que lágrimas enxugámos? A que bocas demos pão? Que remédios trouxemos para curar o “mal profundo da alma”? Claro, minha filha, que alguma coisa fizemos. A

⁴¹ Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 146.

⁴² Vemos aqui a forte influência do teólogo jesuíta Theilhard de Chardin, o qual defendia que a morte pessoal jamais é traição à vida mas a sua cúpula, a sua perfeição esclarecedora. (Cf. Juan Luís Ruiz de la Peña, *El hombre y su muerte*, Burgos, Ediciones Aldecoa, 1971, pp. 163-175.)

⁴³ Cf. Maria de Lourdes Belchior, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Campo Aberto*, 5.^a ed., Lisboa, Ática, 1999, p. 20.

nossa torre de marfim é bem rasgada de janelas. Mas o “alguma coisa” que fizemos é tão débil, tão mínimo...»⁴⁴

Ele era assim. Todo se dava, mas tudo a si próprio exigia. Apesar da sua grave debilidade física, num espírito de profunda comunhão, vibrava com as dores e as alegrias dos outros e a todos procurava encorajar, incutindo-lhes a força e a essência do hino à vida. Refutava qualquer mediocridade e sensaboria procurando não se acomodar ao presente para que, da mente e do coração, a dádiva lhe saísse mais pura.⁴⁵ Pela leitura da sua obra, constatamos que, apesar de em alguns momentos se sentir com a “alma rota”, ele jamais se demitiu ou se deixou arrastar pelas vagas do pessimismo. Soube saborear com intensidade cada momento, sem desperdiçar um só minuto... Estamos em presença de uma grande lição de extraordinária coragem perante a vida, em todos os seus aspectos.

Ruy Belo, em jeito de súplica, diz de Sebastião da Gama e da brevidade da sua presença neste mundo:

«Um poeta é o que foi. Está aí. É assim. Espectáculo, no mundo da criação poética, para a grande república das letras. Não podemos lamentar uma rosa lá porque seja flor de um dia. Se vivesse mais, poderia ser muitas coisas, mas não seria rosa.»⁴⁶

Foi assim a sua vida, breve mas intensa, plena e fulgurante. A morte não o surpreendeu. Mereceu-a inteira, como um pôr do Sol alado e glorioso coroando uma vida integral, pura e luminosa. É também verdade que o mundo ficou mais pobre, mas a sua poesia e as suas intuições pedagógicas foram semente que continua a

⁴⁴ Este texto corresponde a uma carta de Sebastião da Gama, enviada de Estremoz, a Matilde Rosa Araújo e por ela citada em “Para o Sebastião”, in *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953), [p. 4].

⁴⁵ “Quantas vezes me insurjo contra mim, Matilde, porque me não sinto verdadeiramente moço; é que a minha vida tem mais horas de sangue morno do que sangue latejante... E eu queria ser era forte, era moço, era construtivo. Não para que dissessem, num elogio: Aquele é forte, é moço, é construtivo. Antes para sentir que era útil. Tanta vez tenho vergonha de mim, me sinto mesquinho!” (Carta de Sebastião da Gama à sua amiga, Matilde Rosa Araújo, e por ela citada em “Para o Sebastião”, in *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953), [p. 4]).

⁴⁶ Ruy Belo, “Encontro com Sebastião da Gama”, in *Rumo*, n.º 9 (1957), p. 603.

florescer como testemunho de beleza, de amor e de esperança num mundo melhor de que todos devem ser construtores.

Não é por isso de estranhar que, após a sua morte, as revistas *Árvore*,⁴⁷ *Távola Redonda*⁴⁸ e o *Jornal de Almada*⁴⁹ lhe tenham prestado uma particular e sentida homenagem ao dedicarem-lhe um número especial com inéditos do Autor e diversos testemunhos e elegias à memória do “Poeta” e do “Amigo que perdemos”, como se regista na abertura de *Árvore, folhas de poesia*. A título de exemplo, poderíamos recordar alguns dos nomes que selaram esta saudade com a publicação de poemas nesta revista: António Luís Moita, Albano Martins, José Terra, Manuel da Fonseca e, a mais atormentada e rebelde de todas, sem dúvida, a de António Ramos Rosa:

«Sem ternura
sem pureza
não grito a tua morte apenas violenta
a tua morte apenas violenta ecoa em mim
e já não existo senão escuro e tremo
um pobre corpo atemorizado um coração de vazio
e a vergonha de não ter lágrimas e a ignorância
Estou mais razo do que tu, poeta, a uma mesa de café
mais morto mais falso mais nojento do que tu
e disfarço o silêncio e naturalmente continuo na vida
e rio e fujo e não consigo enterrar-te
não consigo chorar-te
porque o horror violento me desenha o corpo
Tiraste-me a vida e quase te odeio poeta
a minha morte teria sido muito mais insignificante
a minha morte teria sido mais justa
É esta ideia que te não perdoo, esta ideia horrorosa que bebo
esta ideia de que não mereço a tua morte
porque não mereci a tua vida
O que eu odeio é não te ter amado
o que eu odeio é a minha pobre vida e a minha culpa
o que eu odeio é ter ficado

⁴⁷ Cf. *Árvore*, 2.º fasc. (Inverno de 1951-52).

⁴⁸ Cf. *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953).

⁴⁹ Poderíamos também referir que este jornal lhe dedicou, a 5 de Fevereiro de 1961, um suplemento literário onde colaboraram os poetas José Régio, Sophia de Mello Breyner, Sérgio Só, César Pratas, Maria Teresa Rebelo, Alexandre Passos e Fausto Correia e onde se inclui ainda o testemunho de Joaquim Vermelho e do P.º Manuel Marques.

Deixaste-me a responsabilidade tremenda de sobreviver-te
e por isso te amo e por isso descansa, poeta!»⁵⁰

Távola Redonda fez o mesmo. Além do testemunho de José Régio, estão patentes os de Hernâni Cidade, Matilde Rosa Araújo e David Mourão-Ferreira. Integram ainda este número as elegias de António Manuel Couto Viana, Júlio Evangelista, Fernando Guedes, Miguel de Castro, Luiz Macedo, Cristovam Pavia, David Mourão-Ferreira, Artur Ribeiro, Fausto Denis, Leonor Castilho e de João Sant'Iago. Fiquemos com as emocionantes palavras da colega e amiga Matilde Rosa Araújo que, de uma forma tão clara e tão terna, sintetiza o seu retrato:

«Se tu eras grande antes de teres partido, agora que já vai um ano sobre o dia da tua morte, tu és infinito, de ti mesmo um milagre. Milagre mais que o da vida que de ti perdemos – e se era a Vida o teu Poema mais terno e verdadeiro – ela ergue-se em autenticidade na morte. Vejo-te em tudo quanto é belo – tudo quanto rescende à Pureza que tu amavas com o fogo das mãos, do teu olhar inquieto e tão molhado de calma. Não é a saudade – esse céu que foi a Terra de Pascoaes. A tua saudade és tu, é o teu sorriso, é a vida de nós, todos os dias, aquela vida que tu amavas, uma para cada amigo em doce compreensão, em subtilíssima ternura. [...] Às vezes vejo-te mesmo, de braços abertos, a sorrir, um cravinho vermelho no sobretudo azul-escuro, os lábios gretados de frio, sorrindo com o teu sorriso terno. Os olhitos verdes a piscarem, a falarem duma alma imensa de ternura – e nessa alegria tão completa, tão chã, quanta compreensão desiludida e iludida pela tua bondade franciscana de criança que, só pelo tempo que lhe doeu, foi Homem.»⁵¹

Após a morte do Poeta, Joana Luísa, sua esposa, conhecedora profunda da sua obra, empenhou-se decididamente na divulgação dos seus inéditos. E é assim que, postumamente, são publicados *Pelo sonho é que vamos* (1953), *Diário* (1958), *Itinerário Paralelo* (1967), *O segredo é amar* (1969),⁵² *Cartas I* (1994),⁵³ *Não morri*

⁵⁰ António Ramos Rosa, “À morte dum Poeta”, in *Árvore*, n.º 2, (Inverno de 1951-52), p. 94.

⁵¹ Matilde Rosa Araújo, “Para o Sebastião”, in *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953), [p. 4].

⁵² Esta obra, organizada e prefaciada por Matilde Rosa Araújo, colige um grande e variado número de textos em prosa como notas de viagem, páginas de diário, crónicas jornalísticas, palestras, textos de apreciação literária, um opúsculo turístico da região de Setúbal, não tendo sido esquecida a sua dissertação de licenciatura.

porque cantei (2003), *Estevas* (2004) e *A minha Arca de Noé*⁵⁴ (2006). Além disso, já se encontra no prelo mais uma publicação que reúne a correspondência mantida com os seus amigos: *Cartas II*.

Entretanto, a memória de Sebastião da Gama, além de perpetuada pela sua obra, continua bem viva nas homenagens e nos testemunhos relativos à sua condição de Homem e de Poeta. Pela sua singeleza e autenticidade, relembrem-se algumas significativas palavras de Maria de Lourdes Belchior:

«Tudo nele era autêntico, desde o riso às lágrimas – e como ele sabia rir na sua vida sangrada de dor, como ele sabia virilmente afastar a tristeza do conhecimento do seu próximo fim! Desde a sua ingenuidade de Poeta, ingenuidade não procurada mas naturalmente vivida, à sua consciência de homem de pés na terra a quem tantas vezes amargava um mundo menos puro e menos generoso como ele o não queria, tudo era *verdade* mas verdade de quem sabe e luta. [...]

Ler os seus livros [...] é mergulhar no mundo de um homem que soube ser verdadeiramente Homem, invulnerável à vaidade, à mesquinhez, a interesses

Viver, para Sebastião, foi amar. Foi este o segredo da sua vida e da sua obra. Esta publicação, ao abrir com o soneto “O segredo é amar”, ilustra e coroa, a um tempo, o sentido envolvente em que mergulham estas páginas vivas e coloridas, cheias do brilho e do calor coloquial que ele era tão exímio a transmitir.

⁵³ Este primeiro volume corresponde ao testemunho vivo de uma vida que só se completa projectando-se no *outro* que é Joana Luísa, a sua noiva. As cartas, a ela dirigidas (este volume regista apenas 83 das 727 cartas que Sebastião lhe escreveu), “são uma espécie de diário em que o Autor procura, a todo o transe, ser verdadeiro, sem nunca, conscientemente ao menos, edulcorar a realidade[;] [...] são um breviário de amor, exuberante, donde, entretanto, o bom senso não se alheia.” (Maria de Lourdes Belchior, “Sebastião da Gama; Cartas I”, in *Colóquio/Letras*, n.ºs 135/136 (1995), p. 270.)

Nelas, está presente também um mundo de horizontes rasgados, onde a demanda da beleza, a bondade, a delicadeza e a generosidade se encontram a cada passo. É a história do pastorinho Vasco, a quem quer ensinar a ler (pp. 71, 80, 98, 113-114 e 117); é a ternura pela cadelita, Dina, tantas vezes a sua confidente (pp. 130-131); é o deslumbramento que a Serra continuamente desperta nele – a mata do Solitário, o luar à meia-noite, a orla da praia do Mar Azul... Esta obra revela-nos um poeta de corpo inteiro que faz da sua vida poesia e da poesia vida, em que nem o amor, nem a natureza, nem a amizade lhe tiram esta total unidade. Testemunha ele em carta à sua noiva de 08-09-1944: “continuo a ser de Deus, da Serra, da Poesia, dos meus Amigos e dos meus Parentes; e não sou, por isso, menos teu.” (Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 124.)

⁵⁴ Corresponde à recolha de poemas inéditos ou já mesmo publicados sobre animais. E este título nasce de um caso pitoresco. Em carta a António Sampaio, de 11-05-1947, Sebastião da Gama afirma: “Eu não escrevi «Os cavalos» para ilustrarem o seu quadro; [...] Sei muito bem que você pintou cavalos, só cavalos, enquanto eu parti dos cavalos para ir ao encontro dos homens. É sempre híbrida a minha Arca de Noé.” E é a partir desta afirmação que D. Joana Luísa, sua esposa, assim intitula esta obra.

materiais, a toda esta ganga que a vida nos atira todos os dias e que faz tanta glória fácil.

Como Sebastião é diferente!

Tanto nos seus versos, límpidos como a água da Arrábida, como na prosa do seu diário de professor que é antes um poema, vimos erguer Sebastião puro, simples, desmesuradamente agarrado à tal solidariedade com a vida dos outros que despersonaliza os homens para os identificar com a própria criação e que os não deixa em vida ter morte.»⁵⁵

Tomaram o seu nome a Escola Secundária de São Julião de Setúbal assim como o Colégio Diocesano da mesma cidade; o mesmo aconteceu na Escola EB 2,3 de Estremoz, localidade onde ele exerceu pela última vez a sua missão de professor. Em 1999, a Câmara Municipal de Setúbal, como reconhecimento pela sua obra de poeta e de cidadão,⁵⁶ inaugurou o Museu-Biblioteca Sebastião da Gama, em Vila Nogueira de Azeitão, sua terra natal. Neste espaço, está também instalado o pólo local da Biblioteca Municipal, nele figurando, sobretudo, o seu espólio literário e numerosos

⁵⁵ Maria de Lourdes Belchior, *Sebastião da Gama e o «Campo Aberto»*, texto dactilografado proferido aquando da 2.ª edição de *Campo Aberto*, Lisboa, [1962], pp. 1-2.

⁵⁶ Digno de registo é um caso que descortinámos neste contacto com os seus amigos, bem revelador do empenho de um jovem de 23 anos, exemplo de cidadania. Em 1947, o Poeta deparou-se com um caso aterrador para a Mata do Solitário. O seu proprietário, José Júlio da Costa, construíra aí um forno de cal, e a madeira deste frondoso bosque serviria para alimentar as respectivas fornalhas. Sebastião da Gama, não conformado com o caso, dá o alerta de maneira enérgica e irreverente, escrevendo uma série de cartas a várias individualidades, à Sociedade de Propaganda de Portugal, ao Diário de Notícias e a outros jornais nacionais. Ao director do Diário Popular sustentava: «Sendo [a Mata do Solitário], até metade, propriedade do senhor José Júlio da Costa, entende ele que tem por isso o direito de convertê-la em lenha. Eu entendo que não.» Ao mesmo tempo implorava ao Engenheiro Miguel Neves que fizesse alguma coisa para impedir aquela tragédia que ameaçava a Arrábida. Eis a sua carta: «Senhor Engenheiro Miguel Neves. Socorro! Socorro! Socorro... O José Júlio da Costa começou (e vai já adiantada) a destruição da metade da Mata do Solitário que lhe pertence. Peço-lhe que trate imediatamente. Se for necessário restaure-se a pena de morte. SOCORRO!» (Sebastião Gama, 23-08-1947). (Cf. p. 215). E o milagre aconteceu. O engenheiro, ao ter conhecimento desta situação, fez chegar a comunicação de Sebastião da Gama ao Prof. Baeta Neves, do Instituto Superior de Agronomia, o qual tomou as devidas providências junto das autoridades competentes, impedindo a destruição deste espesso bosque. E é curioso observarmos que, um ano depois, em 1948, era criada a Liga para a Protecção da Natureza, nem mais nem menos que a mais antiga organização não governamental em defesa do ambiente existente na Península Ibérica constituindo esta carta de Sebastião da Gama como que o seu acto fundador e a sua origem. (Cf. o site: <http://www.lpn.pt/#14-pt.>) Anos mais tarde, esta mesma liga esteve, também, na origem do Parque Natural da Arrábida. No dia 28 de Fevereiro de 2007, em reunião pública da Câmara Municipal de Setúbal, por iniciativa da Associação Cultural Sebastião da Gama, foi criado o Dia Municipal da Arrábida e, como gesto de reconhecido valor, esta efeméride passou a celebrar-se a 10 de Abril de cada ano, dia do aniversário de nascimento do Poeta.

objectos pessoais relacionados com a vida e obra do Poeta. Entretanto, foi também instituído, com o seu nome, um Prémio Nacional de Poesia e, em Santo Tirso, na Escola EB 2,3 de São Rosendo, criou-se o Centro de Formação Sebastião da Gama. Mais recentemente, a 17 de Janeiro de 2006, foi constituída em Azeitão, por escritura pública, a Associação Cultural Sebastião da Gama que, através do seu *Boletim Informativo*, vai divulgando a obra do Poeta.

Registe-se igualmente que os seus versos continuam ainda hoje a ser musicados, cantados e recitados no nosso universo cultural. Destacamos Amália Rodrigues, Maria Ana Bobone e Ana Moura, entre outros, sem esquecer o actor Victor de Sousa que também deu voz de declamador a todo um álbum a ele dedicado, *Sebastião da Gama; Pelo sonho é que vamos*.⁵⁷ Numa antologia de poesia amorosa, *Eu quero amar, amar*,⁵⁸ lá aparecem, uma vez mais, os versos do nosso Poeta.

A 10 de Junho de 1993, na celebração do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, o então Presidente da República, Dr. Mário Soares, conferiu-lhe, a título póstumo, a Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique. E, em 2007, na mesma efeméride, o Presidente da República, Professor Cavaco Silva, abriu as comemorações, no Distrito de Setúbal, homenageando em Vila Nogueira de Azeitão o Poeta da Arrábida, Sebastião da Gama, com a inauguração de um monumento em sua memória.

Mais de meio século após a sua morte, constatamos que a poeira do tempo não ofuscou o brilho do seu legado humano e literário. Provam-no as inúmeras homenagens promovidas pelos seus alunos, amigos e leitores: as várias lápides comemorativas afixadas nas escolas onde foi professor ou nas casas em que viveu; o monumento que

⁵⁷ Victor de Sousa, (dir.), *Sebastião da Gama; Pelo sonho é que vamos*, Setúbal, Ruquison, 2000.

⁵⁸ IDEM, *Eu quero amar, amar...; 25 de Poemas de Amor ditos por Victor de Sousa*, Lisboa, Ovação, 2002.

em sua honra foi colocado na Serra da Arrábida – para não falarmos da contínua publicação dos seus inéditos e do testemunho vivo de sua esposa. Vemos, também, que Sebastião da Gama continua a figurar em várias antologias poéticas⁵⁹ e em manuais escolares, constituindo referência de leitura e estudo em muitas escolas do nosso país.

Além de eloquentemente significativo, foi enternecedor observar a maneira como a brasileira Lygia Fagundes Telles, prêmio Camões 2005,⁶⁰ no momento em que recebia o mais alto galardão literário da língua portuguesa, recitava, do seu preferido poeta português, Sebastião da Gama, *Pelo sonho é que vamos*.

Sebastião da Gama, alma genuinamente sensível e profunda, descobriu que a

⁵⁹ A título de exemplo, poderíamos destacar algumas: José Régio e Alberto de Serpa (dir.), *Alma minha gentil; Antologia da poesia de amor portuguesa*, Lisboa, Portugália Editora, 1957, pp. 330-331; Maria Alberta Menéres e Ernesto Manuel de Melo e Castro (dir.), *Antologia da novíssima poesia portuguesa*, 2.^a ed., Lisboa, Morais Editora, 1961, pp. 3-9; Urbano Tavares Rodrigues (dir.), *A saudade na poesia portuguesa*, Lisboa, Portugália Editora, 1968, p. 227; António de Azevedo Pires (dir.), *Poesia e Teologia; poetas de língua portuguesa*, vol. I, Lisboa, União Gráfica, 1973, pp. 10, 20, 22, 28, 73, 377; IDEM, *Poesia e Teologia; poetas de língua portuguesa*, vol. II, Lisboa, União Gráfica, 1974, pp. 158-159, 161, 284-286, 304-305, 340-343, 345, 348-349; Jorge de Sena (dir.), *Líricas portuguesas*, vol. II, Lisboa, Edições 70, 1983, pp. 183-194; David Mourão-Ferreira e Maria Alzira Seixo (dir.), *Portugal, a terra e o homem; Antologia de textos de escritores do século XX*, vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980, pp. 437-442; Armando Pinheiro (dir.), *Sonetos portugueses*, Porto, Lello Editores, 1997, pp. 116-118; António Mateus Vilhena e Daniel Pires (dir.), *A Serra da Arrábida na poesia portuguesa*, pp. 192-216; José Fanha e Jorge Letria (dir.), *Cem poemas portugueses do adeus e da saudade*, Lisboa, Terramar, 2002, pp. 166-167; José Fanha e Jorge Letria (dir.), *Cem poemas portugueses sobre Portugal e o mar*, Lisboa, Terramar, 2003, pp. 174-175; Adosinda Providência Torgal e Madalena Torgal Ferreira (dir.), *EnCantada Coimbra*, Lisboa, Dom Quixote, 2003, 284-285; Vasco Graça Moura (dir.), *366 poemas que falam de amor*, Quetzal, Lisboa, 2003, pp. 135-136, 447; José Fanha e Jorge Letria (dir.), *Cem poemas portugueses sobre a infância*, Lisboa, Terramar, 2004, pp. 130-132; Diogo Freitas do Amaral (dir.), *Os poemas da minha vida*, Lisboa, Público, 2004, pp. 75-76; Maria Barroso (dir.), *Os poemas da minha vida*, Lisboa, Público, 2005, p. 76; Maria de Lourdes Varanda e Maria Manuela Santos (dir.), *Poetas de ontem e de hoje*, 2.^a ed., Lisboa, Chimpanzé Intelectual, 2007, pp. 74-77; Maria Graça Lampreia P. S. Magalhães (dir.), *As viagens na poesia*, Lisboa, Lisboa Editora, 2007, pp. 26-27; e, Maria Graça Lampreia P. S. Magalhães (dir.), *Os animais na poesia*, Lisboa, Lisboa Editora, 2007, pp. 15 e 28. Curioso é também observarmos que ainda hoje o seu nome continua a fazer parte de antologias internacionais: Ángel Crespo, *Antología de la nueva poesía portuguesa*, Madrid, Rialp, 1961, pp. 113-118; Jean R. Longland, *Selections from contemporary portuguese poetry*, New York, Harvey House, 1966, pp. 70-75; e, muito recentemente, deu-se à estampa uma antologia bilingue, português/italiano, organizada pela filóloga e lusitanista Luciana Stegagno Picchio, *Antologia della poesia portoghese e brasiliana*, Roma, Gruppo Editoriale L'Espresso, 2004, onde estão presentes alguns dos poemas seus.

⁶⁰ Ana Vitória, “Os escritores devem dar testemunhos do seu tempo”, in *Jornal de Notícias*, 11-10-2005, p. 40.

vida é uma conquista diária feita de contínuas quedas e voos, de fraquezas e de triunfos. Que é impossível haver separação entre ser homem e ser poeta – ideal de inteireza e de absoluto assumido como máxima de vida, bem esboçada na sua dissertação de licenciatura.⁶¹ Prova disso é o vivo depoimento que um dos seus mestres da Faculdade de Letras, Hernâni Cidade, faz na *Távola Redonda*:

«É que naquela alma, perfeita em sua inteireza e unidade, não havia deveres profissionais ou virtudes de circunstância: tudo era vivido em profundidade ou altura que excluem qualquer forma de superficialidade. O mesmo é que dizer: ser estudante ou ser professor, ser filho ou ser marido, eram apenas formas várias de ser *poeta* – de ser *ele mesmo*, que como ninguém melhor sentia a profundidade sob a própria aparência do banal e gostava o sabor do transcendente nos próprios aspectos do quotidiano.»⁶²

Nele, tudo era uno e coeso. Esta consubstancial e indestrutível unidade entre a obra e o homem encontra-se assim aureolada por um mesmo halo de incorruptível presença, por um mesmo nimbo de unitária significação, que jamais alguém poderá esquecer ao abeirar-se do seu nome e da sua poesia.

Fica-nos este grande testemunho unitário e de coerência de vida, fazendo-nos recordar as palavras de Ricardo Reis, heterónimo de Pessoa que Sebastião da Gama tanto admirava:

«Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.»⁶³

⁶¹ “Não será tempo de ficar dito de uma vez para sempre que só se é Poeta na medida em que se é homem, que o mínimo acto do homem-Poeta, o mais prosaico, o mais comezinho, o mais grosseiro, o mais em desacordo com o seu ideal, é tanto a massa da sua poesia como o seu voo mais arrebatado? [...] Não será tempo de nos apercebermos de que o homem-Poeta que sente, como suas, as alheias misérias, não precisou, para o dar a conhecer, de desdobrar-se num homem que as sentisse e num Poeta que exprimisse esse sentimento? Fazer a violenta separação do costume, é o mesmo que dar razão ao padre que se gaba de ser padre só adentro das portas da igreja.” (Sebastião da Gama, “Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX”, in *O segredo é amar*, Lisboa, Ática, 1969, pp. 305-306.)

⁶² Hernâni Cidade, “O meu depoimento sobre Sebastião da Gama, escolar de letras”, in *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953), [p. 2].

⁶³ Ricardo Reis, *Poesia*, p. 212.

*L'art ne fait que des vers, le coeur seul est poète.*⁶⁴

André Chénier

2. Sebastião da Gama no contexto literário da sua época

«Valem, para mim, muito mais as acções do que as palavras. E tenho a certeza de que sou humano e do meu tempo nas minhas relações com os outros. Para muitos desses outros não basta – queriam qualquer ismo para designar a minha maneira de ser; qualquer ismo moderno. Mas paciência. E sobretudo é cedo demais para julgar quem é mais interessado.»⁶⁵

Assim desabafava Sebastião da Gama com Matilde Rosa Araújo. A tendência para etiquetar todo e qualquer engenho, toda e qualquer produção artística, é, talvez, a tentação de qualquer um de nós. Gostamos de arrumar as ideias e de lhes colocar determinada chancela para assim as podermos controlar. Sebastião da Gama lutou fortemente contra esta vulgar tentação. Pretendia ser genuíno e livre, fazendo da

⁶⁴ “A arte apenas faz versos, só o coração é poeta.” – André Chénier.

⁶⁵ Este texto corresponde a uma carta que Sebastião da Gama enviou de Estremoz, onde era professor, a Matilde Rosa Araújo, e por ela citada em “Para o Sebastião”, in *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953), [p. 4].

poesia o reflexo da vida⁶⁶ e do pulsar do seu coração, nunca se submetendo à tutela de qualquer corrente ou ideologia.

Literariamente, não esteve dependente de qualquer escola, afirmando-se pela sua temática (amor à natureza, ao ser humano e a Deus) e pela candura muito pessoal que caracterizou os seus textos, chamando a si a defesa incondicional do lirismo que considera “a nossa Estrela”. Porém, quanto ao “verso bem rimado”, tem plena consciência de que nem sempre isso é sinal do bom lirismo. Demarca-se, assim, da confusão que por vezes se estabelece entre verso e poesia, grafando-a sempre em maiúsculas. A este propósito, transcrevemos, da sua dissertação de licenciatura, esta marcante posição:

«Bem se sabe da Poesia que é indefinível, que é inapreensível, que é feita da mesma incógnita matéria que os deuses. Lê-se um poema ou colhe-se um lírio ou sorri-nos uma criança – e nós sentimos Poesia. Mas colher um lírio é colher um lírio – é ter mãos e ter lírios, coisas banalíssimas. Sorrir-nos uma criança é sorrir-nos uma criança, e podia chorar que não seria isso menos natural. No entanto...

Lemos um poema, bem rimado, bem ritmado, com uma imagística fulgurante e mais uma porção de predicados poéticos, e logo o condenamos ou o exaltamos pela falta ou pela presença de Poesia. Se nos perguntarem onde ela está, ou por que sinal vemos que não está, não saberíamos explicar. Então que presença misteriosa é essa, como se revela, como existe? Por mim furto-me à resposta.

⁶⁶ Relativamente a esta linha de conduta, transcrevemos os testemunhos de Maria de Lourdes Belchior, David Mourão-Ferreira e de Jacinto do Prado Coelho, personalidades que privaram com ele e que são eco desta constatação:

“Não conheço, entre os poetas dos nossos dias, caso tão flagrante de ajuste, tão certo, entre Poesia e Vida. Sebastião da Gama viveu, quotidianamente, hora a hora, a sua Poesia; na sua vida não houve fronteiras entre labor do homem e o labor do poeta; Sebastião da Gama recebia todos os dias, a todo o instante aquele suplemento de alma que só por momentos é dado a alguns; dir-se-ia que a Vida a encarava, sempre poeticamente, e como poeta a vivia; não houve divórcio entre Poesia e Vida, no agir de Sebastião da Gama.” (Maria de Lourdes Belchior, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Campo Aberto*, pp. 11-12.)

“E todos sentem, ao contacto de tal poesia, essa indestrutível unidade entre a obra e o homem. [...] Era] o Sebastião o primeiro a ter a mais aguda consciência dessa consubstancial unidade entre o poeta e a poesia.” (David Mourão-Ferreira, *Evocação de Sebastião da Gama*, pp. 10-11.)

“Vida e poesia, ser homem e ser professor eram uma só coisa em Sebastião da Gama.” (Jacinto do Prado Coelho, “O ‘Diário’ de Sebastião da Gama”, in *Problemática da história literária*, Lisboa, Ática, 1961, p. 281.)

Não venham também perguntar-me com que sentido me é dado apreender a Poesia.»⁶⁷

Original, esta maneira tão simples e profunda de falar da poesia. E será isto que ele vai transpor para os seus poemas através de uma rima fácil, versos fluidos e imagens luminosas, num despojamento retórico e formal. Toda esta sensibilidade poética faz dele um marco, ainda que sobre a sua morte já tenham passado mais de cinco décadas.

Em carta datada de Maio de 1946 e dirigida a David Mourão-Ferreira, observamos a força e tenacidade destes seus princípios ao demarcar-se, de maneira singular e de forma irreverente, da poesia oficial, apontando, num tom jocoso e humorístico, o respeito que os seus mordomos lhe mereciam:

*Estou-me matando prós críticos.
Hei-de cantar o que muito bem me apeteça.
Hei-de sentir, hei-de pensar, hei-de berrar o que muito me apeteça.
Um grande raio que os parta mais às suas sentenças.*

*Se me der na maluca desato para aí a dizer palavrões
ou a escrever sonetos de Camões
começados do fim pró princípio
e com os acentos todos trocados.*

...

*Deixem-me cá sossegado a fazer versos
marrecos ou escorritos ou anémicos ou cheios de sangue na gueltra
mas de toda a maneira versos
– uma coisa melhor que todas as suas pretensões,
todas as suas ciências, todas as suas opiniões
e que mais belos do que eles
só uma flor encarnada a nascer em cima de um telhado
sem se importar de saber se olham para ela ou não...⁶⁸*

⁶⁷ Sebastião da Gama, “Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX”, pp. 187-188.

⁶⁸ IDEM, “Versos fora dos eixos”, citado por David Mourão-Ferreira, “Convívio com Sebastião da Gama”, in *Discurso directo*, Lisboa, Guimarães Editores, 1969, pp. 184-185. Nota-se aqui a influência das *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke. Recomendava ele a Franz Xaver Kappus: “Leia o menor número possível de trabalhos críticos ou estéticos. Estes, ou são produtos de um ‘espírito de igreja’, petrificados de sentido no seu endurecimento sem vida, ou hábeis jogos verbais. Um dia, uma opinião faz lei; no dia seguinte, a opinião contrária. As obras de arte são de uma solidão infinita: para as abordar, nada pior do que a

Que tenhamos conhecimento, o seu primeiro poema datado remonta a 10 de Fevereiro de 1940. Intitula-se “Sonho” e é bem revelador do seu progressivo desabrochar para a poesia. A intensa actividade literária só começa a manifestar-se três anos depois, prolongando-se até 1952, ano da sua morte.

No decorrer deste curto e fecundo percurso, observamos uma lenta mas progressiva evolução da sua actividade literária. Destacaríamos, assim, três momentos na sua obra.

Um, que poderíamos chamar de adolescência poética e que corresponde ao deslumbramento na descoberta da Serra da Arrábida,⁶⁹ num arrebatamento inspirador cheio de êxtase divino / panteísta, ao qual se segue uma intensa e profunda crise tão manifesta na correspondência com a sua noiva.⁷⁰ Sebastião da Gama está no auge da sua mocidade, tem 20 anos. Talvez pudéssemos aqui situar a quase totalidade de *Serra-Mãe* e cerca de metade de *Itinerário Paralelo*.

Um segundo momento corresponde à parte final de *Serra-Mãe*, a toda a segunda parte de *Itinerário Paralelo* e a *Cabo da Boa Esperança*. É o período que decorre entre 1945 e 1947. É o seu grito vigoroso e juvenil, aqui bem nítido, contra o derrotismo e o triste fado lusitano. Vai passar a ser o cantor da coragem, dos

crítica. [...] Dê sempre razão ao seu próprio sentimento, contra essas análises, esses resumos, essas introduções. Mesmo que se engane, o desenvolvimento natural da sua vida interior conduzi-lo-á lentamente, com o tempo, a um outro estado de conhecimento. [...]

[...] ser artista é não contar, é crescer como uma árvore que não apressa a sua seiva, que resiste, sem temer que o Verão possa não vir. Ele vem. [...] Aprendo-o todos os dias à custa de sofrimentos que bendigo: a paciência é tudo!” (Rainer Maria Rilke, *Cartas a um jovem poeta*, pp. 27-29.)

⁶⁹ “A serra – escreve o autor – tem o ar de uma onda que avança impetuosa e subitamente estaca e se esculpe no ar; é uma onda de pedra e mato, é o fóssil de uma onda. Ri-se do mar de agora, gaivota mansinha, profundamente azul, que faz avultar, com a planície que lhe fica à esquerda, o seu dorso gigantesco. [...] Mas que encantamento de paisagem!” (Sebastião da Gama, *A região dos três castelos*, [p. 9].)

⁷⁰ Sebastião da Gama, durante os últimos meses de 1944 e no decurso de 1945, passa por uma profunda crise. O Poeta julga-se abandonado por Deus, aquela Voz que o animava e guiava. Parece que se calara. Joana Luísa é sua confidente neste desabafo: “Peço que te não inquietes, Querida, com o meu aspecto de há bocado. [...] E a causa toda reside nisto, que já te disse: sou Poeta e Deus é estranhamente estranho. [...] Só peço a Deus que me acuda, porque eu estou a Seus pés à espera da sua palavra.” (Sebastião da Gama, *Cartas I*, pp. 191-192.) “Continuo nesta crise de secura e não há Sol nem Vento que me inspire.” (*Ibidem*, p. 209.)

sentimentos e das coisas belas.

E, por último, destacamos o momento da sua maturidade poética marcado pela publicação de *Campo Aberto* e da obra póstuma *Pelo sonho é que vamos*. Situar-nos-íamos nos anos 1948 a 1951. Nota-se aqui uma maior atenção ao outro, às realidades exteriores, uma maior confiança na vida, uma fé mais serena e madura.

À margem desta intensa produção poética, devemos também sublinhar o longo poema em prosa, *Diário*,⁷¹ que é fruto da sua primeira experiência de professor. Refira-se, ainda, o precioso complemento de *O segredo é amar*, que colige as suas derradeiras páginas em prosa, contendo muitos dos seus textos inéditos, onde naturalmente se condensa o retrato de uma alma tão sensível. É oportuno o testemunho de Matilde Rosa Araújo sobre esta colectânea:

«Para o leitor, que não o tivesse pessoalmente conhecido, a sua voz será o estilo incomparável dos que não sabem ter estilo na limpidez de sua verdade, verdade que o leitor encontrará à margem de qualquer memória.

Nestas páginas, afinal, todos nós podemos descobrir um Sebastião observador da vida com uma rara sensibilidade poética que ombreia com uma fina sensibilidade crítica: podemos descobrir, e comovidamente, o homem atento ao seu tempo, amando tudo o que o rodeia. Num humanismo místico [...] que não ignora o sim e o não das verdades encontradas. Uma espécie de João XXIII, poeta e menino *avant la lettre*.»⁷²

É, ainda, digna de relevo a abundância epistolar que ele mantém com a sua noiva e com os amigos, onde observamos, com facilidade, este evoluir da sua intensa sensibilidade poética.

Mas passemos, agora, mais especificamente ao contexto literário em que o Poeta viveu.

São dois os marcos fundamentais que antecedem o evoluir poético de Sebastião da Gama: 1915 e 1927, correspondendo aos nossos primeiro e segundo

⁷¹ Cf. Jacinto do Prado Coelho, “O ‘Diário’ de Sebastião da Gama”, p. 282.

⁷² Matilde Rosa Araújo, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *O segredo é amar*, Lisboa, Ática, 1969, p. XI.

modernismos, tendo por referências centrais o *Orpheu* e a *Presença* e, como seus tutelares mentores, entre outros, Fernando Pessoa e José Régio, respectivamente. Mas é também verdade que foi no período marcadamente neo-realista que ocorreu a formação intelectual, académica e poética de Sebastião da Gama. Situemo-nos, então, neste período e procuremos perscrutar as águas que rodeavam o nosso Autor, para melhor compreender a sua obra.

No início da década de 40, surgem duas revistas literariamente opostas: *Cadernos de Poesia* e *Novo Cancioneiro*. De princípios e orientações inteiramente diversos, estas duas publicações vão questionar, agitando-o mais ostensivamente, o universo poético que até aí reinava.

Quanto aos *Cadernos de Poesia* (1940-53, com intermitências), trata-se de uma orientação estética que visava dar resposta ao coro de um conjunto de publicações programáticas que foram surgindo na década de 30.⁷³ Reclamavam-se os *Cadernos de Poesia* deste lema: “A Poesia é só uma”. Esta emblemática expressão vai acompanhar todos os seus números, preconizando-se a sua independência em relação a quaisquer escolas ou movimentos literários, doutrinas ou programas. Partia-se de um eclectismo absoluto, sobrelevando até oposições de ideais. Apesar das extremas dificuldades de ordem prática que um lema tão imparcial acarretava, algo conseguiu realizar daquilo a que se propunha. É digno de registo o pequeno texto que acompanha o interior da capa da brochura e que manifesta claramente os ideais dos organizadores dos *Cadernos de Poesia*:

«Destinam-se estes cadernos a arquivar a actividade da poesia actual sem dependência de escolas ou grupos literários, estéticas ou doutrinas, fórmulas ou programas. A Poesia é só uma!»

⁷³ A título de exemplo refiram-se: *Outro Ritmo* (1933), *Gleba* (1934), *Gládio* (1935), *Ágora* (1935), *Sol Nascente* (1937), *Altitude* (1939), *Síntese* (1939), *Pensamento* (1939), *Cadernos Azuis* (1940), entre outras.

E José Pedro de Andrade, num dos artigos aí publicados, vai mais longe, especificando muito bem o cariz e a força destes *Cadernos* ao afirmar-nos, de maneira categórica e explícita, as razões por que não podemos separar a vida da poesia.

«A separação da vida e da poesia imediatamente implica um apoucamento da primeira. Amputar da vida a poesia é conceber uma vida incompleta. [...]

[...] Poesia ao serviço da vida é uma fórmula acanhada e contraditória, em que um conceito total aparece submetido a um conceito parcial. [...]

Para os que pensam que o ideal supremo é Deus, mal vai ao poeta cujo ideal social se desenhe sincera e iluminadamente nos seus versos; para os que vislumbram uma sociedade assente em novas bases, é infalível o desdém com que hão-de seguir as manifestações de poesia religiosa ou metafísica. Assim, dentro da poesia, outros valores se sobrepõem aos valores poéticos. O poema medíocre de exaltação religiosa terá, para o crente, valor mais alto que o mais extraordinário poema social. Em contrapartida, sacrificar-se-á nas aras deste ou daquele credo político o bom gosto poético, quando se trata de exalçar um mau poema social ou de deprimir um magnífico poema religioso ou metafísico.

Nada disto, porém, obsta a que a poesia deva ser considerada, não como matéria à parte [sic], recanto separado e escondido por altas muralhas da vida circundante, mas sim como manifestação de vida.

A classificação da poesia em social, metafísica, religiosa, revolucionária, mística ou subjectiva é inteiramente arbitrária. A raiz da poesia está na alma do poeta. Não é num movimento voluntário e pré-determinado que ele canta este ou aquele motivo. Mas o poeta é um homem, que com a sua condição humana transporta crenças, dúvidas, ideais, certezas, e cujos entusiasmos, arroubos, desfalecimentos e lutas íntimas hão-de forçosamente vibrar na sua voz.»⁷⁴

Os *Cadernos de Poesia*, publicados intermitentemente até 1953, tornaram-se um areópago literário, constituindo-se como um espaço aglutinador de nomes ligados ao *Orpheu*, como Luís Montalvor; à *Presença*, José Régio, Alberto Serpa, Saul Dias; ao neo-realismo, João José Cochofel, Fernando Namora, José Gomes Ferreira, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio; e de outras individualidades que despontavam para a sensibilidade poética, como Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade,

⁷⁴ João Pedro de Andrade, “Contingências da poesia”, in *Cadernos de Poesia*, n.º 3 (1940), pp. 56-57.

Jorge de Sena e Ruy Cinatti, entre outros.⁷⁵

O *Novo Cancioneiro* (1941-42), herdeiro da vasta experiência poética da diversidade de títulos marcados por um claro prenúncio do neo-realismo⁷⁶, culmina uma violenta reação aos moldes e às linhas programáticas da *Presença*, bem como uma nítida demarcação relativamente aos *Cadernos de Poesia*, ao defender uma renovação dos ideais poéticos, reclamando para a poesia uma missão panfletária e revolucionária. Esta nova corrente marcada por vectores do neo-realismo⁷⁷ vem, assim, sublinhar a dimensão solidária que o poeta deve manter com o seu semelhante e o seu destino. Critica-se fortemente a vertente individualista e psicologista da *Presença* que, tantas vezes, se alheava do homem e dos seus problemas, buscando uma beleza convencional e gratuita, socialmente desinteressada e ausente, à margem do percurso da humanidade.

Lançam-se anátemas sobre este “lirismo inútil” e fomenta-se um novo cânone, mais pragmático e social, agora subordinado a uma nova perspectiva da função do escritor e da literatura na sociedade. É esta a proposta do neo-realismo, numa tentativa de conciliar a arte e a ideologia (pólos considerados antagónicos para o primeiro e o segundo modernismos),⁷⁸ ao defender, como imperativa necessidade, o envolvimento do Poeta na causa social e humana. Fiquemos com alguns versos do poema “Arte poética”, de Mário Dionísio:

⁷⁵ Cf. Maria de Fátima Marinho, *A poesia portuguesa nos meados do século XX; rupturas e continuidades*, Lisboa, Caminho, 1989, pp. 17-18.

⁷⁶ Cf. nota 73, p. 40.

⁷⁷ O ensaísta e crítico Alexandre Pinheiro Torres define-nos bem esta nova corrente ao afirmar tratar-se de uma “expressão artístico-literária de um novo humanismo que pressupõe, como filosofia básica o materialismo dialéctico, como práxis o primado do social e a vontade de missão socialmente resgatadora e desalienante na obra de arte.” (Alexandre Pinheiro Torres, *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*, Lisboa, Bertrand, 1977, contracapa.)

⁷⁸ “As gerações de ambos os Modernismos eram alérgicas a toda e qualquer ideologia [...] Arte e Ideologia eram dois mundos impossíveis de conciliar.” (Alexandre Pinheiro Torres, *O movimento neo-realista em Portugal*, p. 24.)

«A poesia está na vida.
Nas artérias imensas cheias de gente em todos os sentidos,
nos ascensores constantes,
na bicha de automóveis rápidos, de todos os feitios e de todas as cores,
nas máquinas da fábrica
e nos operários da fábrica
e no fumo da fábrica.
A poesia está no grito do rapaz apregoando jornais,
no vai-vem de milhões de pessoas ou falando ou papagueando ou rindo.
[...]
A poesia está em tudo quanto vive, em todo o movimento,
nas rodas dos comboios a caminho, a caminho, a caminho
de terras sempre mais longe,
nas mãos sem luvas que se entendem [sic] para seios sem véus,
na angústia da vida.

A poesia está na luta dos homens,
está nos olhos rasgados abertos para amanhã.»⁷⁹

Também António Ramos de Almeida, num tom bem crítico aos homens da *Presença*, comentava:

«Por falta de adesão com a vida o artista mergulha cada vez mais na análise psicológica, tanto mais sedutora quanto é certo que se trata de uma psicologia doentia, que faz parte de uma consciência de grupo, depravada e agónica.»⁸⁰

Álvaro Feijó, também ele identificado com os ideais do *Novo Cancioneiro*, faz, em *Diário de bordo*, um apelo bem determinado ao poeta para que empunhe a sua poesia como arma de intervenção social ao serviço dos desprotegidos, acentuando que esta incumbência, só por si, justifica a razão de ser e a missão de uma vida, apesar mesmo de no futuro votada ao esquecimento:

«Mas se cantares a rua, a fome, o sofrimento,
se abrires os olhos sobre o nosso mundo,
se conseguires que toda a gente o veja
e o sinta, e sofra, só de ver sofrer,
ninguém se lembrará de ti, poeta,

⁷⁹ Mário Dionísio, *Poemas*, Coimbra, Atlântida, 1941, p. 51.

⁸⁰ António Ramos de Almeida, *A arte e a vida*, Porto, Tipografia Mendonça, 1941, p. 38.

mas terás feito a tua luta,
e, nela,
justificado uma razão de ser.»⁸¹

Uma nova convergência axial ganha agora terreno. À temática intimista do *Eu*, que prevaleceu em toda a década de 30, tendo como referência a revista coimbrã *Presença*, pretendem os neo-realistas contrapor o *Nós*. Passa-se, assim, da afirmação de uma vertente fortemente individualista para a afirmação de uma voz plural, com a massa do colectivo que marca um tempo histórico, reflectindo um novo espaço cultural, ideológico e político.

Há ainda a salientar, dentro do panorama literário português a que Sebastião da Gama cronologicamente se encontra ligado, dois momentos de relevo: o ano de 1950, com a publicação de *Corpo Visível*, de Mário Cesariny, substantiva emergência entre nós do surrealismo; e o nascimento, também em 1950, de uma gazeta poética, *Távola Redonda* (1950-54), que se apresentava como “folhas de poesia”. Se é verdade que a integridade literária de Sebastião da Gama é de todo alheia ao surrealismo, já os ideais de *Távola Redonda*, anos antes da sua aparição, se encontravam, no essencial, presentes na sua poesia, constituindo o seu travejamento e tornando-o por isso numa referência para todos os tavoleiros⁸² que viam nele um pioneiro. De facto, Sebastião da Gama, na prática, defendia já o mesmo ideário que o jovem crítico David Mourão-Ferreira proclamaria no primeiro fascículo de *Távola*

⁸¹ Álvaro Feijó, “Poeta”, in *Os poemas de Álvaro Feijó*, Lisboa, Portugália Editora, 1961, p. 148.

⁸² “Se é certo que já em 1940 os *Cadernos de Poesia* arvoravam o lema de ‘A Poesia é só uma’, quem mais completamente o pôs em prática foi o próprio Sebastião da Gama, antes de, logo a seguir, e sob a sua explícita égide, o grupo *Távola Redonda* o ter igualmente assumido. Um dos fundadores e directores dessas ‘folhas de poesia’ – António Manuel Couto Viana – de modo claro o deixou expresso nestes dois versos lapidares: ‘A voz do poeta é pura e verdadeira / se – em Deus? Em si? Nos outros? – sonha e crê.’ O Sebastião, pela sua parte, simultaneamente soube sonhar e crer – em Deus, em si, nos outros. Esta, entre muitas mais, uma das grandes novidades que nos trouxe.” (David Mourão-Ferreira, *Evocação de Sebastião da Gama*, p. 19.)

Redonda com o manifesto “Lirismo ou haverá outro caminho?”.

É por isso natural que, no Verão de 1946, em carta ao mesmo David Mourão-Ferreira, ele defenda já estes valores. Afirmava, de uma maneira clara e directa, o papel independente que o Poeta deveria assumir quando refere que

«[...] a arte é a vida, nos seus matizes múltiplos, posta em beleza, não a política, não a religião, não a moral postas em beleza; que o Artista verdadeiro apenas responde às vozes que chamam dentro de si – o que não quer dizer que essas vozes não tenham sido caldeadas em muitas vozes exteriores.»⁸³

para logo a seguir asseverar:

«Isto não é um programa, porque nós não temos por programa senão Honestidade, Independência, Respeito à Arte e à Vida: mas são coisas em que cremos.»⁸⁴

O programa destas “folhas de poesia” procurava beber mais perto das fontes tradicionais portuguesas, um tanto na linha de Fernando Pessoa, retomando também vários aspectos da temática e problemática presencistas, sobretudo de José Régio. Por vezes, no propósito de fazer da poesia uma praça da concórdia humana, confundia-se com os princípios dos *Cadernos de Poesia*,⁸⁵ mas sempre num combate mais ou menos confessado ao neo-realismo. A este respeito, António Manuel Couto Viana, um dos seus directores e editores, vincará bem cedo esta posição:

«Podem pedir-me, em vão, poemas sociais,
Amor de irmão p’ra irmão
E outras coisas mais:

⁸³ Esta mesma ideia é corroborada nas muitas mensagens dirigidas à noiva. A título de exemplo, poderemos consultar a carta de 6 de Novembro de 1943. (Cf. Sebastião da Gama, *Cartas I*, pp. 29-33.)

⁸⁴ Sebastião da Gama, “Carta a David Mourão-Ferreira”, *apud* David Mourão-Ferreira, “Convívio com Sebastião da Gama”, p. 183. Anos mais tarde, David Mourão-Ferreira, ao publicar esta carta, fazia o seguinte comentário: “Sebastião da Gama escrevia-me [esta] carta (a mais antiga que dele conservo), onde apontava, entusiasticamente, aquilo que a nossa geração, ‘sem programas, sem promessas’, deveria esforçar-se por dizer. [...]. Bem sei que tais palavras, hoje, parecerão bastante fora de moda. A verdade, porém, é que éramos assim – e que será indispensável tê-lo bem presente para compreender e situar a poesia de Sebastião da Gama.” (*Ibidem*, pp. 183-184.)

⁸⁵ Cf. Arnaldo Saraiva, “A poesia portuguesa nos últimos quinze anos”, in *Jornal de Letras e Artes*, 29-06-1966, p. 3.

Falo de mim – só falo
Daquilo que conheço.
O resto... calo
E esqueço.»⁸⁶

«Por trás dos muros da nossa casa
Estamos tão juntos que nos tocamos:
O vento é brisa e a brisa é a asa.
Por trás dos muros da nossa casa
Todos os frutos ficam nos ramos.

Vivamos, pois, dentro de nós
Deixando aos outros o gesto e a voz.»⁸⁷

Não se tratava de uma revista nem de um novo movimento. Antes, sim, de uma espécie de “cancioneiro de mão” à maneira do século XVI, onde estes jovens, *cavaleiros do Graal*, se batiam por uma poética evasiva da realidade. Não havia no seu ideário qualquer compromisso social. É verdade que as condições exteriores limitam, mas não determinam a natureza da poesia.⁸⁸ Em entrevista ao *Diário Popular*, de 8 de Fevereiro de 1950, os seus directores tomaram a seguinte posição, respondendo às questões que lhes foram formuladas pelos jornalistas:

«– Uma nova revista? Um novo movimento poético?

– Nem uma coisa nem outra – responde Luís de Macedo. Trata-se, muito modestamente, de uma publicação em fascículos...

[...]

– E quanto a movimento?

– Não se pretende movimento algum. De há sessenta anos para cá, os movimentos criaram tal escola que se tornaram rotineiros. Os movimentos são, hoje em dia, um processo académico. As reacções contra os académicos, à custa de repetidas, transformaram-se noutros academismos...

– E então?

– Preferimos ignorar e mantermo-nos alheios a qualquer academismo, seja ele recente ou remoto...

⁸⁶ António Manuel Couto Viana, “O poeta e o mundo”, in *O avestruz lírico, poemas*, Lisboa, Gráfica Oriental, 1948, p. 40.

⁸⁷ IDEM, “Interior”, in *Távola Redonda*, n.º 1 (1950), [p. 1].

⁸⁸ Cf. João Gaspar Simões, “A geração da «Távola Redonda»”, in *História da poesia portuguesa do século vinte*, [Lisboa], Empresa Nacional de Publicidade, 1959, pp. 773-774.

– Mas afinal o que pretende a *Távola Redonda*?

Desta vez é António Couto Viana quem responde:

– A *Távola* pretende ser como que um aparelho receptor da poesia portuguesa mais jovem, daquela que se tem revelado ultimamente, de 1940 para cá... E daquela que se irá revelando.

– Programa?

– Propriamente, não há. Exige-se apenas autenticidade e consciência técnica, um mínimo de consciência técnica.»⁸⁹

A *Távola* pretendeu ser, e foi, o tal “aparelho receptor da poesia portuguesa mais jovem” que deu guarida à autenticidade e consciência técnica de variadíssimos nomes da década de 50 e que, ao mesmo tempo, consagrou mestres das gerações anteriores. Isto explica que poetas como José Régio, António de Sousa, Saul Dias, Tomaz Kim, Alberto Serpa, Pedro Homem de Melo, Casais Monteiro, Cecília Meireles e Manuel Bandeira não sejam só objecto de estudo e análise por esta juventude, como também aí vejam publicados alguns dos seus trabalhos.

A *Távola Redonda* durou apenas cerca de três anos e meio. Porém, as sementes que lançou no nosso panorama literário foram de rara e inestimável qualidade. Transformou-se no tal “aparelho receptor” e no palco para o talento de muitos jovens que aqui se revelaram: David Mourão-Ferreira, António Manuel Couto Viana, Luís de Macedo, Fernanda Botelho, Daniel Filipe, Fernando de Paços, Fernando Simões, Carlos de Macedo, Goulart Nogueira, Alberto Lacerda. Sebastião da Gama também colaborou neste projecto, gerando à sua volta um forte dinamismo que a todos contagiava passando a ser, como Poeta e como homem, uma grande referência para muitos deles. Por ocasião da sua morte, esta gazeta vai prestar-lhe uma sentida e justa homenagem ao dedicar-lhe integralmente dois fascículos. E, mesmo no seu último número, foram publicados mais dois dos seus poemas inéditos. Diz Luís de Macedo:

⁸⁹ Autor inidentificado, “Uma iniciativa literária”, in *Diário Popular*, 08-02-1950, p. 4.

«Não podia Sebastião da Gama deixar de estar presente no último número da *Távola Redonda*: a sua voz era imprescindível neste coro dos mais íntimos. – O acaso de uma releitura de cartas suas veio ‘fortalecer-nos’ essa colaboração que não desejávamos dispensar.»⁹⁰

É curioso observarmos que estes jovens poetas, nascidos todos eles entre 1920 e 1930, provenientes alguns de locais tão afastados, com formação cultural, religiosa e política tão diferenciadas, estão agora reunidos num único propósito: reagir contra algumas tendências da produção poética e contra o aproveitamento da literatura para fins sociais. O número 11 destas “folhas de poesia” apresenta-nos de forma clara as suas grandes linhas de força que aqui transcrevemos:

«[...] publicação de poetas novos, a quem se não pede livrete de nenhum partido nem atestado de nenhuma escola; estudos críticos acerca de autores portugueses ou estrangeiros e de problemas da Poesia; traduções de poemas, debate e noticiário do que parecer conveniente noticiar ou debater. [...] Em suma: ao serviço da Poesia, e nunca Poesia ao serviço de...»⁹¹

E no seu último número, de 15 de Julho de 1954, num artigo assinado por Goulart Nogueira, são clarificados os objectivos que nortearam estas “Folhas” e estes poetas:

«*Távola Redonda* não surge com os cânones pormenorizados, nem com pétreo, único rosto. Mas o que, precisamente, a caracteriza é a ausência de programa, e a ausência de estética. Não se submete, nem amolda a uma forma ou a uma regra estabelecida, nem salta, ao acaso, em procura desaustinada e conforme o sabor do vento. Evolui, obedecendo ao que adquire para o seu íntimo. Sabe uma coisa, apenas: vida. ‘Vida livre, insubmissa mas em equilíbrio’ como apontou David Mourão-Ferreira. E saber vida, em dolorosa aprendizagem, vale mais do que dizê-la num disco, ou copiá-la com obrigatória inquietação.»⁹²

⁹⁰ Luís de Macedo, “Os dois inéditos de Sebastião da Gama”, in *Távola Redonda*, n.ºs 19/20 (1954), [p. 12].

⁹¹ Autor inidentificado, “*Távola Redonda* prossegue”, in *Távola Redonda*, n.º 11 (1951), [p. 8].

⁹² Goulart Nogueira, “A poesia da *Távola*”, in *Távola Redonda*, n.ºs 19/20 (1954), [p. 15].

António Manuel Couto Viana, no alegórico poema “Távola redonda”, assim se exprimia apresentando-nos como que o ideário destes tavoleiros:

«Poetas: vamos dar as mãos! De novo
Se escute em nós uma canção ronda.
Poesia – única tábola redonda
Com pão e vinho para todo o povo.
Quem tiver sede, beba deste vinho.
Quem tiver fome, coma deste pão.
Só o poeta vivo é nosso irmão;
P’ra ele, nada é fim, mas sim caminho.

Há flores no centro? Vou chamar-lhes fé.
Flori com elas vossa botoeira:
A voz do poeta é pura e verdadeira
Se – em Deus? Em si? Nos outros? – sonha e crê.»⁹³

A poesia era, então, uma “única tábola redonda / Com pão e vinho para todo o povo” (vv. 3-4); o poeta podia sonhar e crer “em Deus? Em si? Nos outros?” (v. 12) – não importava!, se era autêntico, se acreditava na sua criação,⁹⁴ a *Távola* acolhia-o e tinha um lugar para ele.

Autenticidade, apuro técnico, concepção da poesia como trabalho, numa fidelidade ao lirismo peninsular em diálogo com a tradição literária, religiosa e folclórica – eis os desafios que estes jovens assumem, vivendo no seu tempo, sem deles ficarem prisioneiros, procurando, assim, rasgar novos caminhos para a poesia portuguesa.

⁹³ António Manuel Couto Viana, “Távola redonda”, in *Távola Redonda*, n.º 7 (1950), [p. 6].

⁹⁴ Tal crença parece pressupor o timbre supremo da qualidade poética. É curioso constatar-mos que o próprio Sebastião da Gama defende, com uma peculiar ironia, esta mesma posição, assumindo-se até como consciência crítica destas “folhas de poesia”. Podemos verificar isso muito bem nas diversas cartas dirigidas ao amigo António Manuel Couto Viana, recomendando-lhe que “deixaria à porta, a fazerem outra coisa, a Benedita Lima (croché), o Fernando Guedes (dicionários de frases bonitinhas), o Lacerda (o que lhe apetecesse, menos versos).” (Março de 1950.) Em 16 Junho do mesmo ano, reiterava: “É preciso exigir à ‘Távola’ que só publique do bom. Marcos Leais (a quê?), Beneditas Limas, Lacerdas, Fernandos Guedes – *vade retro*.” A 14 de Janeiro do ano seguinte, asseverava: “E afinem a Távola. Abaixo os Marcos Leais! E as Beneditas! A mesa era redonda, era!” E, pelo Carnaval de 1951, escrevia em nota em final de carta: “Como está o Luís? E se ele deixasse de escrever salmos? Até porque gastam muito papel!... Dê-lhe um abraço. E diga-lhe que dos outros versos dele gosto muito e sinceramente.” (Cartas inéditas arquivadas no espólio de sua esposa.)

Importa ainda registrar o incisivo parecer de João Bigotte Chorão que, na apresentação que faz da edição fac-similada destas “folhas de poesia”, refere a importância da *Távola Redonda* como “uma harmonia dos contrários [...] ao mesmo tempo clássica e moderna, aberta e rigorosa, interiorizada e plástica, crítica e criadora, descomprometida e empenhada”.⁹⁵

Foi dentro de todo este quadro panorâmico que Sebastião da Gama exerceu a sua missão lírica, como poeta singular das nossas letras. Inicialmente, começou por respirar toda a atmosfera da *Presença*, sendo até discípulo de José Régio, para, a pouco e pouco, se tornar também ele uma personalidade nitidamente independente e marcante para a sua geração.

Apesar de insubmisso, a ponto de nunca se ter integrado em qualquer agrupamento poético, não quer tal dizer que fosse impermeável a todos estes movimentos. Contentou-se sim em ser, ele mesmo, autenticamente poeta, bebendo das fontes que mais se aproximavam do nosso lirismo peninsular. E não lhe custou pouco essa atitude perante a incompreensão dos seus contemporâneos. A este propósito, atesta Ruy Belo:

«É Sebastião da Gama um poeta integral, como já há tempos lhe chamou Prado Coelho. [...] O que sai da sua pena aparece transmutado, digerido, obtido através de um conhecimento co-natural em que a distinção entre matéria e forma, se existe, equivale à distinção entre obra e não obra, porque o conhecimento poético só na obra se pode dar plenamente expresso.

A esta luz se pode apreciar a sua autenticidade. Nem nos impõe a sua própria vontade de homem, que fica lá atrás com a vida, com as circunstâncias, com a sua biografia, nem a sua voz se faz ouvir devido a razões extra-literárias [...]. Nem romântico, nem social, portanto. Poeta, simplesmente.»⁹⁶

⁹⁵ João Bigotte Chorão, “Távola Redonda ou da (im)possível harmonia”, in *Távola Redonda*, (edição fac-similada), Lisboa, Contexto, 1989, [p. 8]. Registe-se, afinal, por parte do autor, a admissão da coexistência de dois tipos bipolares de literatura: uma *descomprometida* e outra *empenhada* – não obstante os propósitos enunciados no n.º 11 de *Távola Redonda*. (Cf. nota 91, p. 48.)

⁹⁶ Ruy Belo, “Encontro com Sebastião da Gama”, in *Rumo*, n.º 9 (1957), p. 605.

Concluindo, diríamos que, para Sebastião da Gama, a poesia, mais do que um modo de fazer, um comportamento, era, sobretudo, um modo de ser, uma atmosfera espiritual, uma ética de acção, um transcendente exercício de um sacerdócio.

Capítulo II

O Poeta e o Pedagogo

*A poesia é a mais perfeita expressão
do homem, a sua mais alta operação espiritual.
O seu fim é explicar o homem, acompanhá-lo,
exaltá-lo no decurso da sua prodigiosa ascensão.*

Jean Cassou

1. A obra poética

A Serra da Arrábida foi, como vimos, o lugar de refúgio onde Sebastião da Gama procurou recuperar a saúde e, ao mesmo tempo, uma mãe delicada e terna, uma amante, a diva de inspiração que funcionou como catalisador para os seus primeiros voos poéticos.

Quando percorremos os poemas de *Serra-Mãe*, observamos, com facilidade, o seu nítido contorno, ora com as suas linhas suaves e deleitosas, ora íngremes e alcantiladas, que esculpem a nudez das suas encostas verdes e luxuriantes, com um

mar azul e tranquilo que recorta a Serra em baías de sonho. Não havia aí recanto que ele ignorasse. Conhecia-lhe todos os segredos, desde o primeiro raio do amanhecer à cálida hora do sol do meio-dia, do melancólico entardecer aos sons e aromas da noite – tanto nos dias de chuva e de tempestade, como nos momentos em que ela se escondia com o esbranquiçado manto de nevoeiro. Reconhecia também os tons do mar como a música do vento, conforme os pontos e lugares de observação. O silêncio e o perfil da serra incorporam-se, por osmose, na sua poesia, diluindo-se a dimensão geográfica no todo poético, motivo de contínua contemplação. A serra transplantou-se para a alma do Poeta, transformando-se numa das suas grandes paixões.

*O agoiro do bufo, nos penhascos,
foi o sinal da Paz.
O Silêncio baixou do Céu,
mesclou as cores todas o negrume,
o folhado calou o seu perfume,
e a Serra adormeceu.*

*Depois, apenas uma linha escura
e a nódoa branca de uma fonte amiga;
a fazer-me sedento, de a ouvir,
a água, num murmúrio de cantiga,
ajuda a Serra a dormir.*

(SM, “Serra-Mãe”, p. 35)

É neste cenário bucólico e agreste que se prepara para os exames da Faculdade de Letras; ao mesmo tempo, aqui desabrocha a sua sensibilidade poética ao estudar a lírica trovadoresca, ao descobrir Bernardim Ribeiro e ao imitar Camões com pequenas composições em redondilha nos seus alvares poéticos – e ainda ao ler José Régio (“meu mestre”, como gostava de afirmar), António Nobre (“o meu querido Nobre”, como dizia), Miguel Torga e Mário de Sá-Carneiro, as suas grandes referências de primeira água.

Fernando Pessoa constituiu uma agradável surpresa que ele muito vai apreciar ao tomar conhecimento da lenta e demorada publicação da sua obra.⁹⁷ Só mais tarde despertará nele uma grande admiração e estima por Teixeira de Pascoaes⁹⁸ – chegando mesmo, “como um peregrino”, a ir expressamente visitá-lo a S. João de Gatão, em Amarante,⁹⁹ e passar a tratá-lo por “Mestre” na frequente correspondência que vai mantendo com ele –,¹⁰⁰ assim como por Sophia de Mello Breyner Andresen a cuja luminosidade poética Sebastião da Gama não terá sido de forma alguma indiferente. Revela, também, grande entusiasmo ao encontrar-se com a poesia de Guerra Junqueiro, Antero de Quental, Cesário Verde, João de Deus,

⁹⁷ Podemos constatar, na obra de Sebastião da Gama, alguns destes sinais. São disto exemplo “À memória de Alberto Caeiro” e “Dístico”, poemas datados de 1946 e publicados postumamente em *Itinerário Paralelo*. Pensamos, no entanto, que a obra de Fernando Pessoa não lhe chegou a tempo de influenciar as suas primeiras produções.

⁹⁸ Jorge de Sena, aquando da publicação de *Serra-Mãe*, publicava no *Mundo Literário* a seguinte crítica: “Nem necessita de regular o seu fôlego pela metrificação do Pascoaes difuso da *Terra Proibida*.” (Jorge de Sena, “Alguma poesia e outras considerações desagradáveis”, in *Mundo Literário*, n.º 2 [18-05-1946], p. 13.) E curiosa é a resposta do nosso Autor ao enviar ao poeta do Marão um exemplar de *Serra-Mãe* acompanhada da seguinte carta, que, por si só, nos revela o timbre da personalidade de Sebastião da Gama:

“[...] comecei há umas horas (perdoe, Mestre, o atraso indesculpável) a ler a *Terra Proibida*. Porque eu sou quase ignorante de sua obra: não lera até hoje senão *As Sombras* e *Vida Etérea* e aquelas admiráveis *Elegias*, que li a primeira vez ao som das ondas da Arrábida. E é curioso que todos os meus críticos têm insistido no meu parentesco com Teixeira de Pascoaes. Sobretudo Vitorino Nemésio, que fez toda a sua crítica pondo-me em relação com o meu querido Frei Agostinho e com o senhor. Ora Jorge de Sena dizia assim, há oito dias, no *Mundo Literário*: ‘Escusa de regular o seu fôlego pelo ritmo da *Terra Proibida*’. E eu, como não conhecia este livro, irremediavelmente o fui comprar.” (Sebastião da Gama, correspondência inédita fazendo parte do espólio da esposa, 25-05-1946.)

⁹⁹ “Quis conhecê-lo. Tinha obrigação de conhecê-lo. Não era a cortesia, nem a vaidade [...]. Era a gratidão pela sua poesia. Era mais: que eu fui a sua casa como um peregrino, fui com um sentimento irmão do que faz os cristãos de hoje ir a Fátima e fazia os da Idade Média ir a Compostela. [...] De repente, estávamos a conversar como velhos amigos. Setenta e três anos? Isso é na certidão de nascimento, que é deste mundo. Pascoaes não tem idade. Sabe tanto como um velho e é tão ingénuo como um adolescente. É a Poesia (a do Marão não senhor, que a Poesia não tem residência fixa) e à Poesia não se pergunta a idade. [...] Sei lá o que conversámos!... [...] O que dele ouvi – e tanto foi! – já é mais do meu tesouro íntimo do que lição que eu possa repetir.” (Sebastião da Gama, “Visita a Teixeira de Pascoaes”, in *Jornal do Barreiro*, 11-10-1952, p. 2.)

¹⁰⁰ Após as primeiras cartas em que Sebastião da Gama, começando por tratá-lo como “Sr. Teixeira de Pascoaes” e confessando-se “seu admirador”, passando depois por outras formas de tratamento, nota-se por fim uma grande mudança na maneira como ele se vai dirigir ao poeta do Marão, chamando-lhe de “Mestre”, para, precisamente na última carta, esta intimidade ser consolidada com a dedicatória do poema “Regresso à montanha” (PSV, p. 69) e com a fórmula de tratamento inicial de “Querido Mestre”. (Cf. correspondência inédita fazendo parte do espólio da esposa: cartas de 1951, a 24 de Setembro, 10 de Outubro, 9 de Novembro e 19 de Dezembro.)

Gomes Leal e Florbela Espanca.¹⁰¹

É aí, também, que perambula na leitura dos grandes poetas espanhóis, por quem mantém uma verdadeira paixão, como Lorca, Antonio Machado, Juan Ramón Jiménez, Pedro Salinas e Rafael Alberti; que toma contacto com os brasileiros Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles;¹⁰² além de adquirir grandes conhecimentos e aproximar-se dos poetas italianos,¹⁰³ como Dante Alighieri, Francesco Petrarca, Ludovico Ariosto, Torquato Tasso, Gabriele D’Annunzio, Giosuè Carducci, Giacomo Leopardi, e do pedagogo Giuseppe Lombardo-Radice, o grande suporte das suas inovações didáticas, tão presentes no *Diário*.¹⁰⁴ Lê os escritos de Rainer Maria Rilke, autor de um dos *best-sellers* sobre a teoria poética, *Cartas a um jovem poeta*, tão marcantes para o nosso autor.¹⁰⁵ Os poetas alemães Friedrich Hölderlin (1770-1843),

¹⁰¹ Cf. Luís Filipe Lindley Cintra, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Serra-Mãe*, p. 12.

¹⁰² Cf. Fernanda Abreu, “Entrevista com David Mourão-Ferreira”, in *Boca Bilingüe, Revista de Cultura en Español y Portugués*, n.º 13 (1996) p.12. Cf. também António Osório, “Como conheci Sebastião da Gama”, in *O Setubalense*, 26-04-2006, p. 4.

¹⁰³ Eurico Lisboa, seu colega, grande amigo e admirador, chega mesmo a referir que, entre os muitos contactos do mundo artístico e cultural com que ele privou, se destaca o rei da Itália, Humberto II, que por várias vezes se instalou na pensão do Portinho da Arrábida, sendo amigo do jovem Poeta, distinguindo-o com o seu apreço e oferecendo-lhe alguns livros de poesia ligados à cultura italiana. (Cf. Eurico Lisboa, *Sebastião da Gama*, texto manuscrito proferido no colóquio sobre Sebastião da Gama no Conventinho da Arrábida a 18-06-2004, p. 5.) E esta relação perdurará até à morte do Poeta, altura em que o próprio rei de Itália manda o chefe da sua casa real enviar à viúva, Joana Luísa, as mais sentidas condolências: “Minha Senhora, a notícia do finamento do Seu querido esposo causou ao meu Augusto Soberano profunda mágoa [...]. S. M. o Rei de Itália recorda e recordará sempre com viva simpatia e admiração o Seu saudoso marido, e tê-lo há muito conhecido considera um feliz privilégio, pois apreciava sobremaneira o seu talento e a sua actividade literária.” (Correspondência inédita fazendo parte do espólio da sua esposa). Um mês após a sua morte, vemo-lo, no cemitério de Azeitão, a prestar-lhe uma sentida homenagem ao depositar no túmulo de Sebastião da Gama um grande ramo de flores. (Cf. Eurico Lisboa, *Sebastião da Gama*, p. 31.)

¹⁰⁴ Cf. Mariagrazia Russo, “Sebastião da Gama e o seu interesse para a cultura italiana”, in João Reis Ribeiro *et alii*, *Sebastião da Gama, o Poeta e o professor*, Azeitão, Associação Cultural Sebastião da Gama, 2007, pp. 85-86.

¹⁰⁵ Em 9 de Agosto de 1946, em carta a Luís Filipe Lindley Cintra, afirmava: “Tenho lido um livro admirável que deves ler – embora não lhe sigas o maior preceito: andar horas e horas por si dentro sem encontrar ninguém. É o “Cartas a um Poeta” de R. M. Rilke.” E, em 10 de Fevereiro de 1948, em carta a David Mourão-Ferreira, aconselhava o amigo: «É por ter lido o Rilke. Pega, David, nas *Cartas a um Poeta*: ele sabe muito bem que sem a solidão nada feito. Olha que a mim até me dá para ser cruel e irreverente. Chego a doer-me a mim próprio. Andava doente, por despaisado, por desintegrado da minha solidão e foi um fim de semana de convivência a nu com a Serra que me pôs bom. Lê essas cartas.”

Friedrich Novalis (1772-1801), o francês Blaise Pascal (1623-1662) e o nobel indiano Rabindranath Tagore (1861-1941) são também para ele referências importantes na aproximação da poesia ao divino.

Ao mesmo tempo, dentro do seu pequeno grupo de amigos, como Luís Filipe Lindley Cintra, António Manuel Couto Viana e David Mourão-Ferreira, estabelece profundos laços de comunhão literária, propiciada pela sua grande paixão pela poesia que manifestava numa persuasão contagiosa. Disto faz eco David Mourão-Ferreira:

«Sebastião da Gama, vejo-o à distância de cinquenta anos. [...] Foi um dos encontros mais importantes da minha vida, sob todos os aspectos, [...] o Sebastião ensinou-me que a poesia pode também ser uma forma de santidade. [...] Era um homem que tinha um espírito proselitico. [...] Ele transmitia-nos os seus entusiasmos e, mais que transmitia, contagiava. Contagiava-nos com os seus entusiasmos. [...] Devo-lhe imenso. [...] A poesia era o tema dilecto da conversa que o tempo engolia. Nós falávamos de poesia, melhor, ele falava de poesia, a respeito de tudo e de nada. [...] O Sebastião, a propósito de uma coisa qualquer, dizia: “Não conheces este poema do Machado, este do Lorca...?” E depois emprestava-me livros. Ele, na modéstia da sua bolsa de estudante, comprava sobretudo livros de poesia. Não compreendia muito bem que eu comprasse livros de crítica, e tinha razão, ele achava que o fundamental são os textos [...] e punha-me de sobreaviso a respeito de influências que ele achava que não seriam as melhores para mim.»¹⁰⁶

«Por mim, recordarei apenas, a título de testemunho, que lhe fiquei devendo a iniciação na obra de muitos poetas espanhóis contemporâneos – como Antonio Machado, Rafael Alberti, Juan Ramón Jiménez, Pedro Salinas –, numa altura em que só a poesia de Lorca nos era familiar; que foi ele a primeira pessoa a falar-me de Hölderlin e em Novalis; que ninguém, antes dele, me fizera ver, com tanta clareza e tanto entusiasmo, a beleza dos sonetos de Petrarca, a grandeza da *Commedia* de Dante. [...] Como eram intermináveis as nossas conversas sobre poesia!»¹⁰⁷

Em 22 de Julho do mesmo ano, recomendava a Luís Amaro: “*Cartas a um Poeta* é um livro admirável, de termos à cabeceira e lermos como um catecismo. Assim é que deviam ser os Poetas: assim sinceros e protectores e modestos.”

(Todas estas cartas foram escritas no Portinho da Arrábida, não estão publicadas, e integram o espólio do autor, em posse de Joana Luísa, sua esposa.)

¹⁰⁶ Fernanda Abreu, “Entrevista com David Mourão-Ferreira”, pp. 13-14.

¹⁰⁷ David Mourão-Ferreira, “Sebastião da Gama”, in *Vinte Poetas contemporâneos*, pp. 232-233.

Refuta-se, assim, todo e qualquer equívoco que alguns alimentaram ao considerarem Sebastião da Gama como um simples poeta inculto, um artista ignorante, devendo a sua obra à casual e momentânea inspiração; ou, então, que a sua poesia fosse construída a partir de colagens numa cerzidura de influências, numa atitude de “Maria-vai-com-as-outras”, de qualidade literária “ínfima, efusiva e antiquada”, como refere Jorge de Sena.¹⁰⁸ Reconhece-lhe este, no entanto, “uma voz lírica de excepcional frescura, capaz de uma singela concentração expressiva, capaz também de uma fina transcendência do convencionalismo burguês, e fundamente sensível às coisas naturais e ao ar livre.”¹⁰⁹

Apesar desta atenuante, pensamos não ser ajustada a crítica a um Sebastião da Gama de “Maria-vai-com-as-outras”. Pelo contrário, o Poeta evidencia um caminho próprio, gerando à sua volta um elevado e contagiante poder magnético pela poesia que lhe corre no sangue; prova disso é a profundidade de conhecimentos que revela, aliada a uma insaciável avidez de saber que claramente manifesta e

¹⁰⁸ “Estamos na época de *Maria-vai-com-as-outras*. [...] Tudo serve, desde que seja possível o indivíduo convencer-se, e aos seus pares, de que é poeta.” (Jorge de Sena, *Mundo Literário*, n.º 2 [18-05-1946], p. 12). Mais à frente, referindo-se concretamente a Sebastião da Gama, afirma: “Mas observo-lhe que, para ser na Arrábida um poeta místico, não é necessário um misticismo topográfico-literário, que eleva ou abaixa Fr. Agostinho da Cruz à categoria de *genius loci*. Que para falar de amor ou dulcificar a voz, não é preciso escrever com ‘soluços de Sol’, ‘beijos na alma’, ‘carícias azuis’, ‘luz de seda’, ‘quebranto’, ‘meiguice de fada’, ‘sono de pomba, cor de rosa’, etc., nem achar que a Serra é ‘pomba da Paz’ ou que as noites, nela, são ‘camisas puríssimas de Noiva’. [...] Nem necessita de regular o seu fôlego pela metrificação do Pascoaes difuso na *Terra proibida*, ou jogar com intimismos do eu, me, mim, migo, comigo de Sá-Carneiro e José Régio também.” (*Ibidem*, p. 13.)

Ou, então, na nótula que antepôs à selecção de alguns poemas de Sebastião da Gama na antologia *Líricas portuguesas*, depois de esboçar o seu retrato de uma forma tão incisiva e acutilante (“a personalidade de Sebastião da Gama, o seu nobre carácter, a sua simplicidade pessoal, a frescura do seu juvenil e fraterno amor da vida, o destino cruel e malogrado”), traça, em tom pejorativo, uma forte crítica ao seu trabalho poético, menosprezando “uma produção poética vasta e irregular como a sua, onde as notas pessoais se confundem constantemente (através de um misticismo literário que se abandona sem reboço aos êxtases paisagísticos, e de uma facilidade sentimental que não escolhe nem personaliza, com moderna consciência, a expressão das vivências poéticas) com as mais contraditórias tendências da poesia moderna e da poesia ínfima, efusiva e antiquada.” (Jorge de Sena, “Sebastião da Gama”, in *Líricas portuguesas*, vol. II, Lisboa, Edições 70, 1983, p. 183.)

¹⁰⁹ Jorge de Sena, “Sebastião da Gama”, p. 184.

associada a uma intensa e progressiva qualidade da produção literária, sobretudo depois de se ter libertado da tutela de Régio e de outras influências literárias.

Entre muitos a quem não passou despercebida a publicação de *Serra-Mãe*, conta-se Vitorino Nemésio que, não obstante algumas críticas frontais, intui de imediato, comprovando-o, que já neste primeiro voo nos encontramos perante um “poeta autêntico”.¹¹⁰

Na verdade, como toda a sua obra veio a confirmá-lo, encontramos-nos perante alguém que pertence à plêiade dos eleitos capazes de “auscultar palavras”, como reconhece, aliás, numa das suas cartas de Estremoz.¹¹¹

¹¹⁰ Escreve ele: “O meio não faz ninguém poeta; mas perfaz a poesia no poeta. É o seu chão, a sua circunstância, a sua frente. De lugar e de ingrediente, o meio torna-se substância. A poesia mais etérea acaba por ter um pé na terra dos homens.” Assim, para Nemésio, *Serra-Mãe* manifesta um “carácter de filiação orogénica [...] bem provado neste livrinho matinal, sincero, em que palpita todo o autêntico alvoroço de uma consciência que desperta sob o signo da Mística e da Poesia.” Além disso, fazendo embora um reparo à fluência um pouco aberta desta obra que julga conduzir a poemas nitidamente fracos, rende-se abertamente à evidência ao testemunhar que alguns dos seus “versos [...] são tão bons como os bons versos de Fr. Agostinho, de Herculano ou de Pascoais.” Já no final desta mesma rubrica do *Diário Popular*, conclui estarmos diante do desabrochar de um “poeta autêntico”: “Composições como *Em que se fala do Menino Jesus, Aceitação, Eternidade, Para que tu não chores* e, sobretudo, o belo e admirável poema *Do meu Amor* chegam e sobram para garantir a promessa de um poeta autêntico, nosso, que não vai por demais à tipografia, e em quem talvez a Elegia ganhe uma modulação nova.” (Cf. Vitorino Nemésio, “Arrábida (poesia e geografia)”, in *Diário Popular*, 13-02-1946, p. 5.)

¹¹¹ Cf. Sebastião da Gama, “Carta de Estremoz”, in *Jornal do Barreiro*, 15-03-1951, p. 8.

*E todo eu me alevanto e todo eu ardo.
Chego a julgar a Arrábida por Mãe,
quando não serei mais que seu bastardo.*

(SM, “Serra-Mãe”, p. 36)

1.1. SERRA-MÃE

Em Dezembro de 1945, com apenas 21 anos de idade, vê publicada a sua primeira obra, *Serra-Mãe*, subdividida em seis partes: *Serra-Mãe*, *Apontamentos*, *Jesus*, *Presença*, *Poemas de amor* e *Último livro*. Luís Filipe Lindley Cintra,¹¹² seu grande amigo, colega e admirador, atesta-nos que o autor se esmerou longamente e com afinco nesta selecção e organização dos sessenta e dois poemas que compõem este seu livro de estreia editorial, datando todos os poemas e procurando uma coerente unidade interna, em íntima correspondência com os sentimentos do momento em que os criou.

“Serra-Mãe” é o mais antigo poema desta obra e é ele que intitula esta primeira secção, numa pura e romântica manifestação deste seu canto, como ponto de partida para a sua poesia. Vemos aqui, bem nítidos, a ânsia de ser fiel e o receio de o não ser, falhando assim esta missão transcendente. Em *Apontamentos*, o Poeta vagueia por entre diversas temáticas espelhando a sua dialéctica e a crise por que está passando. A terceira parte é toda ela dedicada à sua fé cristológica – *Jesus*.

¹¹² Cf. Luís Filipe Lindley Cintra, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Serra-Mãe*, pp. 13 e ss.

Aqui, ele reúne os poemas em que a tal Voz, que ouve, se identifica mais directamente com a voz de Cristo. “Presença” inicia a homónima quarta secção do seu livro que está intimamente relacionada com a anterior e com a primeira, numa manifestação de claro receio, angústia e, por vezes, até desespero de não ser capaz de cumprir este mandato divino. Na quinta secção, *Poemas de amor*, ainda que intimamente associada à temática anterior, procura afirmar a sua solidariedade e o seu amor para com a humanidade, a sua mãe e a sua noiva. Por fim, em *Último livro*, vemos o Poeta mais calmo, mais sereno e mais feliz, porque, nele, a morte da poesia não aconteceu. Passará, agora, a cantar e a revelar a beleza das coisas e sentimentos que desabrochem à sua volta e dentro de si. E não será por acaso que, ao encerrar esta primeira obra, nos apresente, como reflexo da sua alma, os poemas “Alegria” e “Clareza”, num vibrante hino à vida e à esperança.

Serra-Mãe, como o próprio Autor refere em carta aos amigos, apresenta-nos a sua personalidade no espelho dos seus 19, 20 e 21 anos, numa correspondência directa entre a sua própria vida interior, as suas crises e os reflexos do mundo que o rodeia.

O mesmo Lindley Cintra afirma-nos ter acompanhado Sebastião da Gama, tendo até sido consultado nesta sua selecção poética, testemunhando-nos que foram dois os critérios estabelecidos pelo Poeta: o esmerado cuidado em não tornar volumosa a obra; e a busca da perfeição, dando preferência à mensagem que mais fielmente o identificasse e que raramente retocava ou limava.¹¹³

¹¹³ Estamos perante uma atitude bem romântica de ser poeta, em que a escrita é entendida como dom de inspiração divina que se deve respeitar como ela surgiu.

Nas cartas dirigidas à noiva, espelha bem esta atitude inspiradora e a forma de receber a poesia como dádiva divina trazida pelo anjo: “Bem sei que já tenho sentido alguns ‘arrepios’ e que tenho a impressão de que há qualquer coisa para breve: mas esse momento vai-se adiando, e às vezes parece que é só abrir a boca e nada...” (Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 129). Ou então, numa outra, refere: “Senti-o profundamente, numa tarde em que o Anjo quis descer. [...] Tudo o que eu cantei não foi produto do meu esforço próprio: tudo se deu

Mantinha um respeito quase religioso pela primeira versão dos seus versos, que recebia num estado de graça muito próximo do êxtase, considerando-os como um precioso dom de Deus. O Poeta ora nos revela o que se passa consigo mesmo e nos comunica as reacções da sua sensibilidade (são disto referência os poemas “Vida”, “Eternidade”, “Claridade”, “Canção”, “Aceitação”, “Remoinho”, “Brincadeira”, “Versos quase tristes”, “Crepuscular”, “Caminho” e “Teimosia”, entre outros...), ora reage perante a realidade e a partir de elementos descritivos (“Versos ao Mar”, “Versos para eu dizer de joelhos”, “Serra-Mãe”, “Versos da Menina morta”, “Elegia breve”, “Minuto”, “A fonte seca”). É evidente, também, que, imensas vezes, estas atitudes se misturam numa simbiose tão íntima e tão profunda, que reflectem, nítida, a alma poética de Sebastião da Gama. O Poeta vive, assim, numa constante demanda da poesia e faz dela a sua vida e todo o seu sentir.

Há uma composição, nesta sua primeira obra, onde bem se percebe como a Poesia é, para o Autor, algo de sagrado e anterior às palavras. Intitulada “Poesia” precisamente, ela é vista como um estado inefável ou uma aparição autónoma, alheia às palavras, que apresentava por isso afinidades com a realidade espontânea do mundo e com a pré-linguagem dos homens. Assim reza a sua primeira estrofe:

*Ai deixa, deixa lá que a Poesia
no perfume das flores, no quebrar
das ondas pela praia,
na alegria
das crianças que riem sem porquê
– deixa-a lá que se exprima, a Poesia.*

(SM, p. 132)

No cenário da sua poesia, a Arrábida é indiscutivelmente lugar eleito. É nela

por uma graça do Senhor, que fez de mim objecto quase inconsciente, que fez de mim a sua Harpa.” (*Ibidem*, p. 40)

Toda a sua poesia é assim, segundo ele, o resultado de uma vibração, de uma chamada. A Voz, que se confunde com a Poesia e que é a causa das suas criações, gera no espírito do Poeta este respeito extraordinário pelas circunstâncias do seu nascimento.

que se encontra a Poesia, e é ela a fonte original de todo o seu trabalho poético. E nela nos surpreende a espontânea manifestação silenciosa da poesia primordial.

Foi aqui, na Arrábida, que a beleza e o deslumbramento edénico fizeram nele eclodir esta profunda sensibilidade na quase totalidade dos seus versos que vamos procurar analisar.

Há neles como que uma fusão do homem com a mãe natureza, fruto de um forte recolhimento e de uma união mística com a Serra da Arrábida, sua amada, sua mãe e sua noiva. Nela encontra o regaço materno, o refúgio, a confidente, o berço da total confiança e tranquilidade para os seus sobressaltos, a fonte inspiradora para os seus versos.¹¹⁴ Ao lermos a sua obra, é frequente observarmos esta envolvência. A título de exemplo, transcrevemos, de uma das suas cartas, um pequeno excerto em que o Autor segreda à sua noiva, Joana Luísa, a razão desta realidade:

«A Arrábida ocupa, como sabes, um dos bocados deste meu coração enorme e bem repartido: dizia eu há dias a um amigo, em carta, que ela é para mim como uma mulher; que é para mim uma presença humana; e tenho saudades dela, se longe, como de uma namorada. Não tenhas ciúmes; creio que sempre me viste assim: a repartir o meu amor com Deus, com a Arrábida, contigo, com os Homens, com a Família... Com Deus.»¹¹⁵

No poema “Vida”, ele chega até a confidenciar-nos que foi ela quem o ajudou a criar, amamentando-o do puro leite da Poesia:

*beijo a minha criação
quando beijo a minha Serra;*¹¹⁵

(SM, p. 41)

¹¹⁴ Lindley Cintra desde muito cedo reconheceu este segredo. Em carta aberta a Sebastião da Gama, põe à vista esta sua descoberta: “A Serra existe para ti como tu existes para a Serra. Tinha de ser assim. A Arrábida é inseparável de ti como o foi de teu irmão Frei Agostinho. Poeta da Arrábida, tu o és como ele o foi. Há grandes semelhanças, há também grandes diferenças entre vós dois. Para o Poeta Agostinho, a Serra foi o refúgio. Para ti, foi o berço. Mas nos dois há a mesma necessidade de solidão. Ele veio de fora buscá-la. Tu partes dela própria. Em ambos ela conduz a Deus.” (Luís Filipe Lindley Cintra, “Carta ao poeta Sebastião da Gama”, in *Diário Popular*, 26-12-1945.)

¹¹⁵ Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 99.

¹¹⁶ Para ele, a poesia torna-se vida, e a sinceridade era total. Lindley Cintra assegura-nos, como

Mas tem consciência de que só alcançará esta plenitude e será autêntico Poeta, quando o seu corpo, “terra na terra misturada”, se confundir com a própria Serra-Mãe. Aí, sim, será autêntico Poeta, podendo já tratar por tu o seu “Irmão” Frei Agostinho da Cruz:¹¹⁷

*Agora, só,
que os meus lábios são terra de onde nascem
as moitas de folhado e de alecrim,
a minha voz saudosa de cantar
se elevará
até aonde o Céu tem cor e fim.
Se elevará a minha voz, perfume
desprendido, suavíssimo, dos matos
que surgiram de mim...*

*Agora, só,
que sou terra na terra misturada,
que a minha voz é voz de rosmaninho,
eu poderei tratar por tu
a meu Irmão Frei Agostinho...*

(SM, “Elegia para a minha campa”, p. 47)

Este amor apaixonado pela Arrábida e este isolamento a que se viu votado fizeram crescer nele um intenso clima de contemplação, de interioridade e de meditação, de descoberta de Deus, sem nunca ignorar o próximo com quem partilha as suas alegrias; o coração do Poeta, ancorado em Deus, alarga-se às dimensões do universo. Daqui surgem, à maneira franciscana, dois sulcos bem coesos e robustos que

testemunho, que havia lágrimas na sua voz quando lhe contava: “Olha que isto não é literatura, Luís Filipe. Eu digo aqui que beijei a terra e beijei-a, é verdade!” (Luís Filipe Lindley Cintra, “Sebastião da Gama: um depoimento”, p. 471.)

¹¹⁷ Poeta português, cujo nome de baptismo era Agostinho Pimenta; irmão de Diogo Bernardes, oriundo de Ponte da Barca e nascido em 1540, refugiou-se na Serra da Arrábida onde fez o seu noviciado e a 3 de Maio de 1560 professou, adoptando o nome de Frei Agostinho da Cruz. Como frade eremita capuchinho, deixou-se seduzir pela Arrábida, esplendor de beleza e meditação, que soube cantar como ninguém. Tal como Sebastião da Gama, também ele conhecia a serra de lés-a-lés, e a presença desta é de tal modo constante que é quase impossível separar a sua poesia do espaço geográfico em que se inscreve. São comuns as referências à flora e à fauna piscatória da região, sendo as personagens dos seus poemas os pastores e os pescadores, também eles símbolos deste seu eremitério. Aí veio a falecer em 1619. A sua poesia é um forte registo da sua opção por uma vida dedicada à contemplação, numa situação de completo isolamento.

percorrem esta sua primeira obra: a exaltação da natureza, sua mãe, e o contínuo reflexo dramático da sua vida interior, na ânsia de cumprir ou não uma missão para a qual ele se sente chamado pelo transcendente. Daí, a sua obsidiante angústia e, por vezes, até o desespero, sem nunca deixar de acreditar e ter plena confiança em Deus, seu bom amigo e sua única esperança. Um tal estado de alma, que lhe preencheu o coração em momentos de revolta e de tristeza, está bem patente no longo poema “Rebentação”:

*Quem tiver dó de mim,
não mo diga mas venha e tenha dó.
Talvez então me sinta menos só
e me esqueça de mim...*

[...]

*[...] agora, que O vi,
que já fui d’Ele, a Saudade
não é coisa que me baste.
E eu quero tê-Lo de novo.*

Quero dar meu corpo virgem

[...]

*Se grito, tenho razão.
E, se protesto, é que não
encontro de que acusar-me.*

[...]

*E foi-Se, e nem um sinal...
(Deixou-me glórias passadas
que não podem contentar-me.
E deixou-me esta revolta
a dizer que O não esqueço,
a ser a maior das provas
de que afinal O mereço.)*

– Ai tem dó de mim, Senhor!

[...]

Deixa-me ser o Teu cão

[...]

*ilumina o meu olhar
e que seja a minha glória,
já que outra não pode ser,
ter olhos para Te ver,*

[...]

*Vem acudir ao imerso
no Desânimo e na lama
dum sonho que apodreceu...*

*E que a Esperança de novo
me surja, a meio de um verso,
nem que eu não fique sabendo
se o fizeste Tu ou eu...*

(SM, pp. 94-98)

Esta total confiança e este acreditar, num tom profundamente dialéctico, são relevantes e notórios em todo o poema. O sujeito lírico entrega-se todo a Deus (“Quero dar meu corpo virgem”), n’Ele confia (“Deixa-me ser o Teu cão”), n’Ele espera (“Vem acudir ao imerso”) – ele mais não é que a sua voz e pobre instrumento, desejando que Deus o visite “a meio de um [novo] verso”.

Apesar destas contínuas crises a que é sujeito, Sebastião da Gama é um homem de fé, um eterno peregrino da casa do Pai que caminha no sentido da perfeição. Procura-se a si próprio buscando Deus e ansiando sempre por encontrar a plenitude divina. Constatamo-lo muito bem em “Itinerário”:

*Meu caminho é por mim fora,
té chegar ao fim de mim
a encontrar-me com Deus...*

(SM, p. 101)

E é curioso observarmos que, ao abrirmos *Serra-Mãe*, deparamo-nos desde logo, entre a epígrafe e a dedicatória, com um poema emblemático, que é disso reflexo. (E porque não considerá-lo também como que o fundamento da sua *ars poetica*?) É dos poucos que não possui título e que marca o timbre de toda esta sensibilidade artística:

*A corda tensa que eu sou,
o Senhor Deus é quem
a faz vibrar...*

*Ai linda longa melodia imensa!...
– Por mim os dedos passa Deus e então
já sou apenas Som e não
se sabe mais da corda tensa...*

(SM, “A corda tensa”, p. 27)

Sebastião da Gama tem consciência de que a poesia é dom de Deus. É Ele quem escolhe os seus poetas, as suas “harpas”¹¹⁸ para as poder fazer vibrar, cantar a “linda longa melodia imensa”.¹¹⁹ Ele mais não é que um mero e frágil instrumento nas mãos e na vontade de Deus em que se funde, transformando-se em som, em música, em eterna melodia. Tem, no entanto, plena consciência de tantas vezes ser indigno e não conseguir cumprir essa missão para a qual se sente predestinado, e daí a urgência da purificação numa atitude de despojamento total de si próprio em busca de uma ascese. Esta temática é assim continuada no poema seguinte – “Harpa” – reforçando o que já fora mencionado:

*Olha, Senhor!,
o indigno cantor que Tu fadaste
e se não pode erguer
à sua própria altura!...
[...]
E foi com Teu amor que retesaste as cordas,
com Teu amor as afinaste
e me chamaste
à tarefa sublime de tangê-las.
E eu sinto o Frémido, Senhor!
Sinto o sopro que Tu me inoculaste*

¹¹⁸ Quem nunca ouviu falar em Orfeu e na sua mítica lira? A aproximação da poesia à música é lugar-comum em todas as literaturas, mas, sobretudo na cultura helénica, elas aparecem como irmãs inseparáveis. Tal como a lira, a harpa proporciona também uma aproximação ao espiritual, ao divino. Esta, devido à sua configuração, liga o céu e a terra, simbolizando também as tensões entre os instintos materiais, representados pelo arco em madeira e as cordas de linco, e as aspirações espirituais, representadas pelas vibrações dessas mesmas cordas. A harmonia dos seus sons é fruto da tensão bem ajustada e afinada das cordas e a mestria do harpista. Esse dinamismo medido simboliza o equilíbrio da personalidade e o domínio de si. O som da harpa simboliza assim a procura de uma felicidade, da qual o homem só conhece as frágeis certezas deste mundo. (Cf. Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, “Harpa”, in *Dicionário de Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994, p. 362.)

¹¹⁹ “Tudo o que eu cantei não foi produto do meu esforço próprio: tudo se deu por uma graça do Senhor, que fez de mim a sua Harpa.” (Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 40.)

*ao dar-me a Tua bênção.
Dentro de mim é Som: o eco longo
de uma nota sem fim e sem começo.
[...]
– Vem lavar-me, Senhor!, no azul do Mar.
Filtra a minha impureza na limpidez do Teu olhar,
a luz clara que entornas pelos montes da minha Serra verde...
Deixa outro cantar meu próprio Canto,
e seja eu somente, assim purificado
e liberto do corpo, enfim, mais uma corda
na Harpa que me tinhas destinado.*

*Ai o cantor indigno que fadaste!...
Ai que a Grande Vibração,
se o não redimes,
estéril morrerá...*

*– Que eu seja apenas Som que um outro cante
e, na renúncia de mim,
igual a mim um dia me alevante!...*

(SM, pp. 31-32)

Profundamente crente, deixa-se tocar pelo mais profundo sentimento religioso que, agora, dá sentido pleno à sua existência. Deus passa a ser o seu interlocutor privilegiado que derrama sobre si a Sua “bênção”, “o sopro”, “o Frémido”, a “nota sem fim e sem começo”, “a Grande Vibração”, o “Som”, o “Canto” – a melodia.

É assim que ele vê a poesia como canto divino. Não basta desejar ou querer ser Poeta; urge estar atento e disponível para receber o momento da inspiração. E, para isso, é bem necessário um total despojamento, um novo batismo no “azul do Mar”, um coração purificado para receber a bênção e poder corresponder a tão elevado chamamento.

Esta mesma imagem de total confiança e dependência divinas, de ser Seu instrumento, aparece também reiterada no poema “Diário de bordo”:

Cá estou eu a julgar que vou remando...

*Cá vai Deus a remar
e eu a ser um remo com que Deus
rasga caminhos pelo Mar...*

(SM, p. 103)

Tal como Frei Agostinho da Cruz, autor da epígrafe que antecede a sua obra e que ele escolhe para apadrinhar a sua estreia editorial, se deixou arrebatado pela beleza e pelo lirismo da Arrábida, numa constante inquietação religiosa, assim também, em Sebastião da Gama, o toque do divino preenche-lhe totalmente a alma como que numa respiração que envolve toda a sua poesia, numa contínua preocupação de diálogo com o transcendente. Por isso, não nos surpreende encontrarmos em tantos dos seus poemas um tom laudatório, em forma de hino ou de prece, e esta manifestação tão profunda de fé como reflexo deste sentir a missão de ser Poeta.

A Serra, a certas horas do dia, era para ele de um deslumbramento incomparável que o arrebatava, despertando a sua alma para o encontro com o transcendente. Ela própria se transfigura ao transformar-se em catedral vibrante de som e de luz, convidando à meditação e à contemplação onde reinam o silêncio e o recolhimento. No bem conhecido soneto “Oração da Tarde”, vemo-lo confidenciar esta intensa beleza do crepúsculo visto do Mirante dos Frades:

*Ao crepúsculo, a Serra é catedral
onde o órgão-Silêncio salmodia.
A própria Luz ergueu “Ave-Maria”
e o Mar tomou as cores de um vitral.*

(SM, p. 45)

Ou, então, em “Ave, Manhã...”, a suavidade e brandura do amanhecer sobre o estuário do rio Sado:

*A Manhã de hoje, branda,
parece Nossa Senhora...*

*Cantem-lhe os outros verso bem rimado...
– Eu, cá por mim, humilde, mais não sei
que continuar aqui ajoelhado...*

(SM, p. 58)

A magia do brilho e a exuberância das suas cores que, na intensidade de um meio-dia de Primavera esmaltam a Serra, sua “outra Mãe”, “donzelinha”, sua noiva e sua amante, também lhe não passam despercebidas. Podemos ver com nitidez a policromia metafórica deste mesmo sentimento imagético na ladainha “Versos para eu dizer de joelhos”:

*Ó minha
Serra toda pintada de Esperança
e debruada de azul!
Reveladora maga
dos meus cinco sentidos, criadora
de aqueles que eu não tinha e tenho agora!
Ó minha outra Mãe,
que, num leito de flores e sorrisos,
me deste à luz de seda das Estrelas!
[...]
Ó Serra aonde a cor
é luz extasiada!;
aonde a Primavera, quando chega,
já se encontra a si própria a esperar-se!
Ó minha amante sempre virgem
e sempre desejosa do meu corpo!
[...]
Ó sorriso do Mar!, ó búzio longo
que prolongas a grande voz salgada!
[...]
Donzelinha saudosa que não sabe
se tem saudades do Céu,
se as tem de si!
Ó Serra aonde as noites
são camisas puríssimas de Noiva
e os crepúsculos são primeiros-beijos!
Pátria do mês de Maio!*

(SM, pp. 48-49)

Este rezar a Serra e esta intensa sensibilidade oximórica surgem de uma intimidade tão profunda, que as maravilhas da natureza induzem no Poeta louvores ao Criador.

*Ó palavra de Deus a exprimir-se
pelas bocas ingénuas das estevas!
Minha pomba da Paz!*

(SM, “Versos para eu dizer de joelhos”, p. 49)

Além disso, tais maravilhas tornam mariana a sua prece ao elevar o seu canto àquela que é

*[...] bordão
dos que já vinham cansados!
Nossa Senhora
desses a quem o Mundo deixou vincos
na alma!*

(SM, “Versos para eu dizer de joelhos”, p. 49)

Todo este hino à Serra do mar azul, que é a Arrábida, parece querer fazer-nos ouvir um novo *Cântico das Criaturas...* A serra, o céu e o mar transplantam-se completamente para a sua alma.

O próprio título da obra – *Serra-Mãe* – proporciona-nos, imediatamente, esta associação íntima da natureza com o humano. E, no decorrer da leitura, podemos comprovar que há como que uma filantropia universal, de espírito franciscano, que a mãe natureza – Serra e Mar – fez desabrochar no Poeta, acolhendo-o e protegendo-o em todas as desventuras, como seu filho.

*Na noite calma,
a poesia da Serra adormecida
vem recolher-se em mim.
E o combate magnífico da Cor,
que eu vi de dia;
e o casamento do cheiro a maresia
com o perfume agreste do alecrim;
e os gritos mudos das rochas sequiosas que o Sol castiga
– passam a dar-se em mim.*

*E todo eu me alevanto e todo eu ardo.
Chego a julgar a Arrábida por Mãe,
quando não serei mais que seu bastardo.*

(SM, “Serra-Mãe”, p. 36)

Através da experiência desta profunda interiorização, em que a Serra morre para nascer dentro do sujeito poético, apercebemo-nos da intensa emoção vivida, quase uterina, constituindo a alma da sua vibração poética.

Em “Astromania”, vemos até o Poeta a sugerir-nos fazer parte cósmica do manto estrelado do firmamento:

Contei os Astros a dedo...

*Agora, que estou no fim,
tenho medo
de ter errado na conta.*

*... De enganar-me em 1, por ter
contado também a mim.*

(SM, p. 63)

E, no poema “Vida”, afirma, na humildade que caracterizava a sua pequenez, qual a sua verdadeira identidade:

*Foi então que vivi; então que vi
os poucos metros que vão
da minha Serra às Estrelas:
é que eu, sendo tão pequeno
que nem às vezes me encontro,
andava ali a pairar,
e o meu fim estava nelas
e o meu princípio no Mar.*

(SM, p. 39)

A Serra e o Mar sempre o fascinaram tornando-se, constantemente, objectos do seu canto. Nas horas ledas e felizes como nos momentos tristes e de desventura, eis os seus confidentes. Em “Versos ao Mar”, escutamos o marulhar das ondas que embalam, como terna mãe, o seu berço de infância; que dele cuida com tanto amor e

carinho maternal como “bálsamo nas feridas”; que lhe conta “histórias velhas / de Marinheiros... / Histórias de Sereias e de Luas”; e que terá poder de encantar a própria morte (“E se a Morte vier há-de quedar, / toda encantada, a ouvir-te”).

*Ai!,
o berço da tua voz,
esse jeito de mão que tens nas ondas,
Mar!*

*Quando eu cair exausto
sobre as conchas da praia e fique ali
doente e sem ninguém,
hás-de ser tu quem me trate,
quero que sejas tu a minha Mãe.*

*Há-de embalar-me a tua voz de berço,
pra que a febre me deixe sossegar;
e há-de passar, ó Mar!,
pelo meu corpo em chaga,
as tuas mãos piedosas comovidas,
pra que sintas por mim as minhas dores
e eu sinta só o bálsamo nas feridas.
Como se fosses tu a minha Mãe...
Como se fosses tu a minha Noiva...*

*E há-de contar-me histórias velhas
de Marinheiros...
Histórias de Sereias e de Luas
que se perderam por ti...
E se a Morte vier há-de quedar,
toda encantada, a ouvir-te,
e, sem ânimo já de me levar,
sorrindo, voltará por seu caminho
(não na sentimos vir, nem ir, tão de mansinho
se passou tudo, Mar!),
voltará de mansinho,
pé ante pé, pra não nos perturbar,*

mas saudosa da tua voz de berço...

(SM, “Versos ao mar”, pp. 33-34)

Observamos aqui, de forma notória, como a vulgar angústia do sofrimento e o peso funesto da doença, prenúncio da morte, podem ser enfrentadas num plano

superior de pacificação e de harmonia cósmica. Em “Elegia para a minha campa”, o sujeito lírico parece afirmar para si próprio: ‘Lembra-te, Poeta, que és Serra / e em Serra te hás-de tornar...’. Em “Versos da menina morta”, como que aceita, numa atmosfera franciscana, a morte como irmã. No poema “Romântico”, esta é perspectivada pela sua consciência racional e vigilante como fazendo parte da vida. A exorcização do terror vulgar da morte e a sua aceitação efusiva, porque Morte também é Vida, são claramente dominantes ao longo do poema “Cortina”.

É curioso verificarmos que, em todos estes poemas, a morte nunca lhe mete medo. Ela é encarada de uma forma natural como veículo para poder encontrar-se de maneira plena com o Transcendente. Tal se deve à sua fé bem firme e à sua inquebrantável confiança num Deus amigo, num Deus plenitude da Vida. Esta galhardia de a enfrentar assim, só é típico dos grandes homens de Deus. Parece mergulharmos no tempo para escutarmos as palavras sábias de S. Francisco de Assis, no seu *Cântico das Criaturas*:

«Louvado sejas, meu Senhor,
por nossa irmã a morte corporal,
à qual nenhum homem vivente pode escapar.»¹²⁰

A espiritualidade franciscana fez, bem cedo, perceber a Sebastião da Gama que o homem não é verdadeiramente adulto enquanto não olhar a morte cara a cara. Ela não se improvisa, mas merece-se como toda a vida. O Autor está plenamente convicto

¹²⁰ S. Francisco de Assis, “O Cântico das Criaturas”, in *Fontes Franciscanas*, 3.^a ed., Braga, Editorial Franciscana, 2005, p. 81, estr. 12. Este hino foi composto no *terminus* da vida do *Poverello* (S. Damiano, Inverno de 1224-1225), no meio de um enorme sofrimento, aquando da sua estigmatização. É curioso é observarmos que, perante este momento de grande agonia, do seu coração brote este jubilante convite a todas as criaturas para louvarem o Senhor. Tal espelha bem a grandeza de alma deste santo que viveu a sua fé numa intensa harmonia com a natureza, num contínuo vibrar de gratidão a Deus, que aí projecta o seu esplendor. É deveras empolgante o realismo optimista que ilumina a sua vida perante todas as criaturas ao ponto de chamar-lhes, enternecidamente, ‘irmãs’ ‘preciosas e belas’, mesmo quando, nas últimas estrofes, se refere à ‘irmã a morte corporal’, convidando-a, também ela, a associar-se nesta fraternidade com todas as criaturas, a louvar e bendizer o Senhor, servindo-O com grande humildade. (Cf. estr. 14.)

desta realidade, daí o grande amor que ele tem à vida, afinal o seu mais recorrente *leitmotiv*.¹²¹ Em “Romântico”, nota-se bem esta tentativa de agarrar a vida que se apresentava fugidia e que ele quer saborear até ao último momento, tal é o valor que lhe atribui. Aquele que tem medo da morte perdeu a vida.

*Olha,
quando vieres, Morte!,
não venhas sorrateira.
Quero sentir-te bem;
levar bem nítido, nos lábios,
o travo do teu beijo...*

*Chorem os outros, Morte!, a dolorida
minha hora final.
P'ra mim, que bom saber até ao fim
a que é que sabe a Vida!...*

(SM, p. 56)

No poema “Cortina”, resultado da superação da profunda crise e angústia em que esteve mergulhado,¹²² observamos que o Autor parece temer não tanto a sua morte física, mas a morte da poesia:

*Que a Morte, quando vier,
não venha matar um morto.
Quero morrer em pujança.
Quero que todos lamentem
a ceifa de uma esperança [.]*

(SM, p. 104)

Por outro lado, a plena confiança num Deus de amor e de misericórdia, manifesta no final do poema “Vida”, tão próximo da vertente paulina da sua teologia

¹²¹ Disto faz eco o seu grande amigo David Mourão-Ferreira: “Sebastião da Gama *viveu a Morte* como, creio eu, nenhum outro poeta moderno português, justamente porque viveu a Vida, no que ela tinha de mais alto e de mais nobre. Um José Régio, por exemplo, tenta igualmente *aprender* a Morte; mas tenta-o, *aprendendo a morrer*, a pouco e pouco.” (David Mourão-Ferreira, “Sebastião da Gama”, in *Vinte poetas contemporâneos*, p. 220.)

¹²² Veja-se a sua oportuna confidência epistolar à namorada: “Mas tive que vir [...] dar-te contas da minha alegria. [...] A minha angústia de há tantas semanas rasgou-se ontem num poema.” (Sebastião da Gama, *Cartas I*, p.139.)

crisológica:¹²³

*Ai quem me dera morrer!
Liberto do que não sou,
viver a única vida
pra que Deus me destinou!*

(SM, p. 41)

E essa confiança no divino está bem longe de ser retórica postiça, atingindo momentos de fraterna e serena coloquialidade, mesmo em horas de excruciante sofrimento, como pode ver-se no poema “A um crucifixo”, onde o Cristo da Paixão nos surge como seu *alter ego*:

Abençoada a morte que sofreste...

*Mil vezes santo, Jesus,
o peso da Tua cruz
e santa a esponja de fel
que Te chegaram aos lábios...
[...]
Ah!, que eu bendiga todos os insultos,
todas as troças e todas
as pedradas...
[...]
Em que sítio, em que tempo,
tive eu assim um Irmão
que olhava assim como Tu?*

(SM, pp. 70-71)

Em “Elegia para a minha campa”, temos a verdadeira paz, numa fusão tão estreita do seu corpo com a Serra, com o Céu, com Deus.

*Agora, só,
que os meus lábios são terra de onde nascem
as moitas de folhado e de alecrim,*

¹²³ Tal como para S. Paulo, Cristo é para Sebastião da Gama o absoluto, e a morte torna-se a união definitiva com Ele: “De facto, para mim, viver é Cristo e morrer, um lucro. Se, entretanto, eu viver corporalmente, isso permitirá que dê fruto a obra que realizo. Que escolher então? Não sei. Estou pressionado dos dois lados: tenho o desejo de partir e estar com Cristo, já que isso seria muitíssimo melhor; mas, continuar a viver é mais necessário por causa de vós.” (*Fil* 1, 21-24). Para S. Paulo, a vida cristã atinge assim esta plenitude – ela é, essencialmente, comunhão com Cristo (cf. *2Cor* 5, 6-8; *Gal* 2, 20). Trata-se apenas de um caso concreto do que acima já foi referido na nota 39, p. 24.

*a minha voz saudosa de cantar
se elevará
até aonde o Céu tem cor e fim.*

(SM, p. 47)

O Céu é a visão de Deus, a eterna posse da plenitude, a gerar na alma dos eleitos o deslumbramento, o júbilo, a alegria sem fim. Por isso, para ele, a morte não era a noite escura mas a luz; não era o fim mas o princípio; não era o nada mas a eternidade. E, parafraseando as palavras de Santa Teresa de Lisieux, diríamos de Sebastião da Gama: “Não morro, entro na Vida!”¹²⁴

Esta Vida que ele amava apaixonadamente, e que procurava cantar, só a Deus pertencia, e quer o canto quer a inspiração mais não eram que o reflexo de Deus a fazer tanger a sua alma.

Toda a poesia de Sebastião da Gama é, segundo ele afirmava, o resultado de uma Voz, de uma chamada que nele provoca “arrepios”. Essa Voz, que se confunde com a Poesia, provoca no Poeta um profundo respeito, mas, como nem sempre se faz ouvir, é forçado a suportar pesadas angústias. Quantas vezes não se sente ele abandonado, sem rumo, sem vida? A profunda crise poética a que é sujeito está tão patente na sua obra que, mesmo assim, protestando, nunca ele deixou de acreditar e de interceder junto de Deus, como pode ver-se, por exemplo, em “Rebentação”:

*Ai vem, meu Senhor!, ou dá-me
notícias de Ti, distante!
acaba com os meus gritos.
[...]
Vem acudir ao imerso
no Desânimo e na lama
dum sonho que apodreceu...*

(SM, p. 98)

¹²⁴ “É que, para mim – e espanta-me não pensarem os cristãos deste modo –, a Morte é a Porta: pela morte ficamos na presença (em presença a toda a hora sentida) de Deus.” (Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 146.)

Ou então, no poema “Vontade”, afirma veementemente este seu protesto ao dizer:

*Senhor!
Se não gostas que eu grite e que eu proteste
Pedindo-Te a minha força,
que levaste,
dá-ma.*

*Depois,
se achares por bem,
manda que eu feche os lábios de Poeta,
faz da Tua vontade as cordas que me prendam
os braços e as pernas,
e deixa-me ficar ali atado,
e deixa-me ficar ali, calado,
ali, surdo
àquela voz que vem do fim de mim
e se parece tanto com a Tua.*

(SM, p. 90)

Por vezes, sente-se até o dilema desta incerteza em que ele está mergulhado e que o leva a esta violenta inquietação vertida em “Apontamento”:

*É tão bom
sentir a ventania lá por fora
e a calma cá por dentro!...*

*Ou o contrário disto:
vento e raiva cá por dentro, e, lá fora, uma calma
que mais parece um gesto ou um olhar
de Cristo...*

*Ou, então,
chegar a esta confusão
de não saber se o vento é lá por fora
se é cá por dentro...*

(SM, p. 64)

Quando vence esta ansiedade e profunda crise em que reiteradamente mergulha, vemo-lo em momentos mais serenos e mais felizes como em “Vida”. O tom disfórico dá assim lugar a uma visão apolínea da vida. O Senhor descera à

morada do Poeta que, inebriado de contentamento e de alegria, procura agora recebê-lo condignamente:

Hoje, cá dentro, houve festa...
Alcatifei-me de veludo azul,
fiz pintar a Ternura os meus salões,
e pus cortinas de tule...
[...]
Hoje, cá dentro, houve festa...
E, se houve festa e veludos,
e música azul, e tudo
quanto digo,
foi somente porque a Graça
desceu hoje a visitar-me.

(SM, p. 38)

A forma como termina *Serra-Mãe*, com os poemas “Alegria” e “Claridade”, é também disso reflexo. Este grito à alegria, à vida e à esperança são a prova de que a poesia não morreu e que, finalmente, o Poeta se encontrou consigo mesmo e implicitamente com Deus:

Nas capelas todas,
os sinos todos
toquem...

Que digam minha Alegria.
(Eu não preciso dizê-la:
ai! a mim, sinos,
basta-me vivê-la.)

(SM, “Alegria”, p. 135)

De minha vida não sei
senão que sou feliz.
Lá o que fui ou fiz
antes de ser o que sou,
ai!, tudo me passou:
só sei que sou feliz.

(SM, “Claridade”, p. 137)

Em desabafo, à sua noiva, ele referia de uma maneira simples, mas profunda, o que tudo isto representava para ele: “Em ser Poeta mora a minha Alegria, a minha Dor, o meu Drama.”¹²⁵

¹²⁵ Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 188.

*Cá por mim, passei o cabo.
Cheguei aonde o destino
desde sempre me chamava.*

(IP, “Cabo da Boa Esperança”, p. 94)

1.2. CABO DA BOA ESPERANÇA

«Nunca estive tão feliz. Nunca tive tanta confiança na vida. Nunca amei tanto todas as coisas – e até a doença, benefício de Deus ou continuação de um benefício, aquele que me isolou na Arrábida para nascer Poeta, para escrever a *Serra-Mãe*, para escrever o *Cabo da Boa Esperança*.»¹²⁶

Cabo da Boa Esperança é a segunda obra poética de Sebastião da Gama, publicada em 1947, correspondendo à “cópia dos [seus] vinte e dois anos bem merecidos”, como ele confidenciava a Maria de Lourdes Belchior. Parece que as *tormentas* foram finalmente vencidas, transformando-se, agora, em ocasião de poder velejar por águas mais calmas e de bonança, na descoberta de um caminho mais optimista para a vida em que Deus é plenitude.

Nota-se, aqui, uma certa demarcação relativamente à forma poética da sua primeira obra. O teor egocêntrico e presencialista associado ao drama e às lutas íntimas e, por vezes, bem melancólicas, dá agora lugar a um novo conceito poético. O Poeta

¹²⁶ Excerto de uma carta de Sebastião da Gama a Maria de Lourdes Belchior, no verão de 1947, citado em Maria de Lourdes Belchior, *Sebastião da Gama: poesia e vida*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1961, p. 7.

crecera e a sua sensibilidade lírica tornara-se mais apurada. A profundidade desta transformação não foi bem aceite por todos, o que fez com que ele sentisse necessidade de se justificar e dar uma resposta aos seus amigos perante a má recepção que entre eles teve o *Cabo da Boa Esperança*:

«Vocês, meus amigos que me conheceram entre dois versos da “Serra-Mãe”, fizeram – tão grande a ternura que não deixo de agradecer – voto de fidelidade à “Serra-Mãe”; mas eu, rio a caminho do Mar, não deixo de ser o mesmo rio lá porque a paisagem marginal vai mudando.»¹²⁷

Tinha evidentemente razão. O ensino universitário e a reflexão que vai fazendo ao tomar conhecimento de outras referências da poesia produzem nele um lento mas fecundo amadurecimento. Não é por acaso que termina *Serra-Mãe* com os poemas “Alegria” e “Claridade”. Da mesma forma, a maneira como conclui a sua dissertação de licenciatura, numa clara alusão à legitimidade ou não da poesia individualista, é também disso um manifesto.

«Todo o Poeta que, sem trair a Poesia, patenteia nos seus versos um interesse humano que já se não restringe a ele mesmo ou a dois ou três indivíduos parecidos com ele, pode contar, para a sua arte, com uma fecundidade mais lata. Creio que a toda a obra de Arte deve presidir o desejo de a comunicar; e que a obra de Arte só se realiza plenamente para além do seu criador e para além de si própria.

[...] É acreditando na essencial liberdade da Poesia que eu não sei dar completa razão aos versos de [Mário] Dionísio: “A poesia não está nas olheiras imorais de Ofélia / Nem no jardim dos lilases [...] A poesia está na doca, / Nos braços negros dos carregadores de carvão.” Para que tais versos se acordassem com a minha opinião, deveriam dizer que “a poesia não está só nas olheiras imorais de Ofélia; está também na doca.”»¹²⁸

É esta visão nova que ele agora assume para a sua poesia. Os seus olhos, fixos até então ou na Serra ou no Mar ou em si próprio, voltaram-se subitamente para a Vida. Prenderam-se a ela com entusiasmo, com amor. “Voltei os olhos para o

¹²⁷ Sebastião da Gama citado em Luís Filipe Lindley Cintra, “Sebastião da Gama: um depoimento”, p. 475.

¹²⁸ Sebastião da Gama, “Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX”, pp. 327-330.

Mundo / e tratei por Irmãos todas as coisas” (CA, “Palavras a Frei Agostinho”, p. 66), dirá mais tarde o Poeta. Atento a tudo o que o rodeia, vai paulatinamente revelando o seu universo interior nesta relação com um mundo de vivências e de valores existenciais, mais comprometido com a realidade que o circunda. Esta atitude é, no nosso entender, a marcante novidade do *Cabo da Boa Esperança* em relação a *Serra-Mãe*.

A Poesia está por toda a parte, cabendo, no entanto, ao olhar sensível do poeta saber descobri-la para a poder colher.¹²⁹ Seja ela individual ou social; poesia “moça”, confiante ou otimista. Depois de ter rasgado as janelas da sua “torre de marfim” a outros horizontes, pode finalmente confidenciar-nos:

*Minha alma abriu-se...
Que linda janela
que é a minha alma!*

(CBE, “Minha alma abriu-se...”, p. 69)

Cabo da Boa Esperança é assim um hino à vida, um cântico de alegria, o

*[...] canto jucundo,
cheio de Sol.*

(CBE, “As fontes”, p. 39)

É o canto da aspiração ao pleno comprazimento, como ele bem nos testemunha, em versos de tom popular de redondilha menor, na “Canção da felicidade”:

*... Pois à minha vida
nada lhe faltava.*

¹²⁹ Lindley Cintra testemunha-nos isto mesmo ao afirmar: “[...] quando ‘sabia’ que o poema ia nascer, pedia-me que me afastasse, que seguisse por outro caminho. Mais tarde reencontrávamo-nos – e ele dizia-me os versos acabados de compor. [...] Pude assim observar de perto como se estabelecia nele a relação entre o ponto de partida, geralmente ‘certo dado real’, ‘certa coisa acontecida’ [...] e a obra realizada, ‘o poema’, proveniente da sua elaboração. [...] Essa elaboração dava-se dentro do próprio espírito do poeta; na sua primeira fase, nunca, posteriormente creio que quase nunca, no papel, por escrito.” (Luís Filipe Lindley Cintra, “Sebastião da Gama: um depoimento”, p. 469.)

*Minha taça estava
toda ela cheia.*

*Nem fazia ideia
que pudesse haver
mais algum prazer
que aquele que eu tinha.*

[...]

*Não pedia Estrelas,
não pedia flores,
não pedia amores,
porque os tinha já.*

(CBE, pp. 71-72)

Virara-se a página de *Serra-Mãe*, dobrara-se o Cabo das Tormentas, e um novo fôlego está agora patente no coração do Poeta da Arrábida. Reiterando o que ele diz aos amigos, poder-se-ia afirmar que, como rio a caminho do mar, cavando seus sulcos por entre penhascos e montados, criando novas margens e percorrendo novas paisagens – assim, também, o fluir do coração de Sebastião da Gama.

Ao abrirmos esta obra, deparamo-nos, desde logo, com uma *Epígrafe* de tom sibilino, seguida por seis grandes secções – *Alvorada, Janela aberta, Calmaria, Pecado original, Coração atento e Maré alta* – agrupando, assim, oitenta e quatro poemas de grande variedade formal e temática. Diz-nos o Poeta na “Epígrafe”:

*Que me importa, meus versos, que vos tomem
(e eu vos tome também) por chaves falsas,
se vós me abris as portas verdadeiras?*

(CBE, p. 29)

Mais do que fingimento poético pessoano, trata-se antes de um novo modo de encarar a vida e a poesia. Ainda que na aparência fingida seja a vida, os seus versos são estas chaves que o põem em contacto com uma vida mais autêntica e verdadeira, com as

suas fortes contradições interiores e exteriores, mas abrindo-lhe, sempre, as portas para um outro e supremo horizonte, para uma vida outra, diferente e melhor. E os seus versos têm esse carácter mágico-simbólico, essa particularidade de o colocar em contacto com uma vida mais bela e harmoniosa que só a Poesia conhece e pode revelar.

E, a este propósito, confidenciava em carta a Maria de Lourdes Belchior:

«Tenho notado em mim esta outra coisa: que às vezes um pormenor físico exterior é como que o despertador de coisas que viviam em mim, mas que eu não exprimia – e que esse mesmo pormenor vai aparecer no poema de tal modo que, aos olhos de quem me lê, ele não é mais do que um símbolo inventado quando ele é, de facto, um símbolo visto.»¹³⁰

E logo de seguida exemplificava a maneira como isto acontecia ao recordar-lhe a origem de alguns dos seus versos:

«O poema aconteceu assim: eu subia pela estrada que contorna a Mata do Solitário, como de costume; e, como de costume, a certa altura, voltei para trás e senti fisicamente a minha ausência do lado de lá dos meus passos, e o resto da estrada deixou de sê-lo da Arrábida para sê-lo do meu Destino.»¹³¹

Esta atitude é bem notória na sua obra, estes “símbolos vistos” são as chaves que lhe abrem as “portas verdadeiras” da Poesia. Na verdade, pela metamorfose ou pelo alargamento simbólico, são os seus versos que lhe garantem esta permanência daquilo que mais lhe importa.

A poesia é, então, para Sebastião da Gama, a afirmação vital do que ama e sofre, do muito e do pouco que o enche de alegria. E, no poema que se segue a “Epígrafe”, alerta o leitor para esta mesma realidade ao lembrar-lhe que a vida, tanta vez madrasta, traz também consigo um certo sabor de tristeza:

*Nunca fala da Vida
sem que entristeça...*

¹³⁰ Citado por Maria de Lourdes Belchior, *Sebastião da Gama: poesia e vida*, p. 9.

¹³¹ *Ibidem*, p. 9. Neste passo, assume particular relevo um eco do poeta sevilhano Antonio Machado: “*Al andar se hace camino, / y al volver la vista atrás / se ve la senda que nunca / se ha de volver a pisar.*”, cf. p. 150.

*– Mas as flores que morrem
nascem outra vez...*

(CBE, “Nunca fala da Vida”, p. 33)

No final desta mesma composição poética, antecedido por quatro dísticos iniciados pela adversativa “mas...”, seguidos de um outro parentético, reitera a mesma ideia, agora, porém, sublinhando em tom disfórico e dramático que a humanidade padece de memória curta que facilmente dá lugar à ingrata ausência da lembrança:

*já ninguém se lembra,
quando é Primavera...*

(CBE, p. 33)

Este estado de espírito inicial com que ele abre a sua obra é apenas uma chamada de atenção ao leitor.

Para dobrar o Cabo das Tormentas da nossa existência, convém nunca desistirmos, nem tão-pouco pensarmos que a provação é maior do que as nossas forças. Todos devemos estar prontos para o combate, para a luta. Assim, o sujeito lírico está, também ele, preparado para vencer ou morrer, sem nunca virar as costas à peleja ou sentir-se um derrotado. Logo nasce a esperança de um novo Bartolomeu que redescobre novas rotas em ordem a um novo Cabo da Boa Esperança.

*Lembro discretamente o vago instante,
no fundo da minh'alma acontecido,
em que todos que tinham desistido,
de não sei que batalhas malogradas,
pegaram novamente nas espadas,
dispostos a vencer ou a morrer...*

(CBE, “Lembro discretamente o vago instante”, p. 37)

É com este apelo ao recomeço da luta que ele inicia a primeira parte desta sua obra: *Alvorada*. E quem é, então, este navegador que ousa transpor o Cabo das

Tormentas transformando-o em Cabo da Boa Esperança? Não é um homem só, numa terra prometida e sonhada, mas alguém solidário e atento a tudo o que o rodeia. Ele vai ser o “Poeta das manhãs fecundas” e, num hino à natureza, vai cantar o Mar a palpitar de vida:

*Nunca o Mar me quis ter nas suas ondas
enrolado e perdido.
Sou o Poeta das manhãs fecundas:
vivo me quer o Mar, para cantá-las.*

*Ó Mar, onde se acaba
tudo que é vão!
Ó Mar feito do nada dos regatos
e dos rios efémeros!
[...]
Tudo fala verdade ao pé do Mar.
[...]
tudo revela a esplêndida verdade
de ao pé do Mar, em tudo que é do Mar,
a Vida estar desperta.*

*É o ar da Manhã, hálito alegre
do Mar, que enfuna as velas orgulhosas
desta canção poético-marítima.
Religiosamente aqui desfio
meu rosário de vagas.
Canção inútil!
Clarim que anunciou a Madrugada
depois de a Madrugada ter florido...*

(CBE, “Canção inútil”, pp. 42-43)

O Mar torna-se assim inquietação e murmúrio de uma paisagem interior que se revela ao sujeito poético:

*Vou pelo Mar e levo enclavinhados
os dedos num pedaço de madeira.
É da quilha, dos remos, ou do mastro?¹³²
Seja de aonde seja, se me ensina
que não desisto ainda de ir no Mar...*

(CBE, “Relatório”, p. 50)

¹³² Implicitamente, o sujeito lírico está a comparar-se com o próprio Cristo, morto de braços abertos, pregado a um madeiro e com os dedos também enclavinhados na cruz redentora, que para o sujeito lírico, é quilha, remos e mastro. A temática da paixão de Cristo é recorrente na poesia de Sebastião da Gama.

Para trás ficara o Cabo das Tormentas, e o que há adiante é a Vida que deve olhar-se de frente, exigindo-nos sempre confiança e fortaleza. Eis aqui alguns versos da “Canção de guerra”, em que o sujeito poético escolhe aqueles com quem deseja fazer-se à viagem sem temor, para que, também ele, possa “vencer os medos” da peleja e cumprir, assim, o seu destino com coragem e valentia:

*Quero é gente animosa
que olhe de frente a Vida,
que faça medo à Morte.
Com esses quero ir,
a ver se me convenço
de que também sou forte.
Quero vencer os medos...
Vencer-me – que sou poço
de estúpidos terrores,
de feminis fraquezas.
[...]
Ganhe o meu sangue a cor
das tardes das batalhas.*

(CBE, pp. 47-48)

O Poeta sente-se confiante e otimista perante a vida – nota predominante em toda esta obra – e isto leva-o, como bom marinheiro, a enfrentar com grande bravura e arrojo toda e qualquer adversidade, chegando mesmo a desafiar e a escarnecer da morte (seu Cabo das Tormentas), porque ciente da imortalidade da sua existência espiritual (Cabo da Boa Esperança):

*Ó glória de saber que o Mar termina
onde a minha coragem se acabar,
a ti dou quanto é meu!
Glória de por meus nervos garantir
o direito de escarnecer da Morte
quando a Morte julgar que me venceu!*

(CBE, “Relatório”, p. 51)

Não há aqui lugar a fraqueza e cobardia, nem mesmo a temor do porvir. O alento que o Poeta incute a si mesmo dá-lhe a força necessária para, também ele, o

fazer ao seu “povo anémico e triste” para que desperte da letargia de “país desgraçado” em que se encontra e reganhe as suas forças:

*Meu país desgraçado!...
E no entanto há Sol a cada canto
e não há Mar tão lindo noutro lado.
Nem há Céu mais alegre do que o nosso,
nem pássaros, nem águas...
[...]
Meu Povo
de cabeça pendida, mãos caídas,
de olhos sem fé
– busca, dentro de ti, fora de ti, aonde
a causa da miséria se te esconde.
[...]
Alevanta-te, Povo!
[...]
Vai-te de novo ao Mar!
Reganha tuas barcas, tuas forças [...].*

(CBE, “Meu país desgraçado”, pp. 62-63)

Aqui se afasta, portanto, de toda e qualquer marca melancólica que possa resvalar para o fatalismo da saudade e do fado. O Poeta desafia este seu povo a levantar o ânimo (veja-se a força imperativa desta anábase: “Alevanta-te, Povo!”), a imprimir nas suas vidas um renovado e decidido espírito de fazer-se de novo ao Mar (“Vai-te de novo ao Mar!”). Porque é lá que se encontra o padrão da coragem e da força de vencer do seu povo. Isto manifesta bem o compromisso do Poeta com o mundo que o rodeia, com *o aqui e o agora* em que ele é chamado a ser voz profética e denunciadora das iniquidades do seu tempo existencial. Por isso, condena as injustiças e as humilhações que o seu povo, calado, parece aceitar com resignação. Neste particular, parece estarmos perante um Sebastião da Gama, alma gémea de uma certa Sophia de Mello Breyner Andresen e de um Miguel Torga, por exemplo.

Esta confiança, esta adesão total à vida com tudo o que ela tem de bom e de mau, de alegre e de triste, está também patente em outros poemas corajosos,

vibrantes, cheios de confiança e de vontade de viver. Tudo isto vai fazê-lo descobrir e cantar este achamento: o “Segredo é amar” – manifesto explícito de forte aproximação na defesa da vida, que poderia ser menos acre e mais sincera, mas que ele ama como ela é. Deixamos aqui alguns versos do soneto “O Segredo é amar” que nos transmitem este segredo:

*Fosse mais bela a Vida e mais sincera...
Como eu lhe quero, mesmo assim!
Tanto lhe dei de mim
que já é menos acre do que fora.*

*Ah!, bem parece que o Amor melhora
quanto a graça de Deus não fez bonito.*

(CBE, p. 49)

É preciso, porém, não sucumbir ao desalento e, para merecê-la, à vida, é necessária uma luta sem tréguas, “uma bandeira desfraldada / ou vela de navio”, como ele nos refere em “Largada”:

*Ai a tão rara, fugitiva,
certeza de vencer!...
Não me falem de Esperança! Quero é esta
decisão nas palavras e nos passos.*

*Navios, verdes de limos nas amarras, arrancai
do cais de meus sentidos!
Em mim não haja agora nem um gesto
que não seja bandeira desfraldada
ou vela de navio.*

(CBE, p. 44)

Esta “bandeira desfraldada” ou esta “vela de navio” vão instilar nele a força e a coragem de viver. Podem até surgir tempestades e vendavais, mas isso não o impedirá de proclamar bem alto a sua alegria, como bandeira que aos outros naufragos dê fé e coragem, recordando o acenar dos “lenços de Irmãs, de Mães, de Esposas” que os aguardam ansiosas:

*Vou fincar, içada ao alto
como qualquer bandeira,
vou fincar, aqui na praia,
minha alegria verdadeira.*

[...]

*Pode haver vendavais, ciclones, fúrias de águas
que a praia deixem combalida:
salva, mais alta do que as ondas, a bandeira,
Nossa Senhora Aparecida,*

*dará coragem, fé, sinais de terra,
aos que se apegam, ignorados
heróis marítimos, aos restos
de seus navios naufragados.*

[...]

*[...] nela verão,
enquanto a vista lhes desmaia,
lenços de Irmãs, de Mães, de Esposas,
que lhes acenam da praia.*

(CBE, “Bandeira alegre”, pp. 64-65)

É este pendor eufórico que vai marcar a sua “alegria verdadeira”. E, como consequência, a sua alma passará a estar franqueada, abrira-se de par em par ao mundo para poder avistar e escutar “as coisas lá por fora!” (v. 14):

*Minha alma abriu-se...
Que linda janela
que é a minha alma!
Não!, linda não é ela:
lindas são as vistas
que se avistam dela.*

*Que ouvidos tão finos
que tem a minha alma!
Não!, finos não:
finos são os cantos
que os pássaros cantam,
meus ouvidos ouvem.*

*Como são tão belas
as coisas lá por fora!
Minha alma em tudo,
em tudo se demora.*

*Que ouvidos tão finos!
Que linda janela!
Quem me compra a alma?
Quanto dá por ela?*

(CBE, “Minha alma abriu-se”, pp. 69-70)

É assim que ele dá início à segunda secção, *Janela aberta*. Sebastião da Gama, na beleza que o rodeia, vai também ele descobrir-se a si próprio. A felicidade inunda-lhe a alma. Nada pede porque tudo tem; ele nunca quis senão ter pouco, quase nada. Talvez só lhe faltasse aquela “rosa”¹³³ encarnada para ser feliz, como nos segreda nestas quadras em jeito popular:

*E eu, que tinha dantes
quanto me bastava,
nada me faltava
para ser feliz,*

*eu, que nunca quis
mais do que me deu
o favor do Céu
e o da humana gente,*

*fiquei tão contente
como se essa rosa
fosse misteriosa
flor que eu desejasse;*

*como se eu andasse
à procura dela
por faltar só ela
para ser feliz...*

(CBE, “Canção da felicidade”, p. 73)

Encontra, assim, na lição da natureza a verdadeira escola da sabedoria que torna os homens mais felizes, porque mais simples e sinceros. De que nos serve acumular conhecimentos se não somos capazes de sabermos viver e ser gente? Em “Nasci p’ra ser ignorante”, constatamos, de forma poética e em tom jocoso, esta sua descoberta:

¹³³ A este propósito, cf. nota 40, pp. 24-25.

*Nasci p'ra ser ignorante.
Mas os parentes teimaram
(e dali não arrancaram)
em fazer de mim estudante.
[...]
Aprender, aprendi tudo,
mas tudo desaprendi.*

*Perdi o nome às Estrelas,
aos nossos rios e aos de fora.
Confundo fauna com flora.
Atrapalham-me as parcelas.*

*Mas passo dias inteiros
a ver um rio passar.
Com as aves e ondas do Mar
tenho amores verdadeiros.
[...]
Conheço mais de mil flores.
Elas conhecem-me a mim.
Só não sei como em latim
as crismaram os doutores.
[...]*

(CBE, “Nasci p'ra ser ignorante”, p. 74-75)

Nas onze quadras de rima perfeita, à exceção da última, que compõem o poema, sendo o primeiro e o quarto versos interpolados e o segundo e o terceiro emparelhados, o Poeta apresenta-nos a sua maneira de ver e pensar a educação: um desaprender para aprender a ser e ser feliz. Parece estarmos diante de um processo de desconstrução em que se opõem os cânones de um saber acumulativo aos de um saber-ser, escutando sempre a lição da mãe natureza.

Porém, como já tivemos a oportunidade de observar, esta alegria dá, de quando em quando, lugar a sobressaltos de disforia. Ele presente, por vezes, que a “voz do crepúsculo” – atente-se, no excerto abaixo, ao discurso parentético: “(...que vem da Terra? / ...que vem do Céu?)” – tenta comandar o seu corpo frágil como prenúncio precoce da morte (“Chamas e como que me sinto / em brandas sedas embalado”):

*Voz do Crepúsculo, suave,
de onde me chamas?*

*Bates-me à porta, levezinho...
[...]
Se desço as pálpebras, melhor
percebo o vago apelo teu
(...que vem da Terra?
...que vem do Céu?).
Oiço que chamas, fecho os olhos.
Chamas e como que me sinto
em brandas sedas embalado.*

(CBE, “Melodia vaga”, p. 77)

Estamos perante o pressentimento de uma vida breve que perpassa e que se consubstancia em certos versos do *Cabo da Boa Esperança*. Por vezes, como neste texto, é uma melodia vaga que o chama, outras é a morte verdadeira de um amigo¹³⁴ ou a referência directa ao campo-santo.¹³⁵ O sujeito lírico, porém, ao descobrir o sorriso de Deus, transfigura-se e tudo aceita com coragem, vencendo medos e incertezas que depressa se desvanecem, deixando à sua alma sentimentos de harmonia, de paz e de serenidade:

*Deus sorri..., Deus sorri...
É um sorriso triste, às vezes... A uns é um sorriso triste...
É um sorriso alegre, a outros, de outras vezes...
Feliz o que o puder aperceber, o sorriso de Deus.
Fúteis, violados todos os mistérios,
que o sorriso de Deus tudo esclarece.*

(CBE, “Deus sorri”, p. 79)

Este optimismo e confiança na luta contra um certo espírito pessimista e derrotista são, para Sebastião da Gama, de certa maneira, um modo de exorcizar a morte que desde muito cedo parece rondar-lhe a porta da existência.¹³⁶

¹³⁴ Poderíamos referir o poema “Ode a um amigo morto” (CBE, p. 105), já abordado na p. 26.

¹³⁵ Cf. o poema “Cemitério” (CBE, p. 152).

¹³⁶ Cf. Jorge de Sena, “Sebastião da Gama”, p. 183.

Quase no final desta secção, referindo uma vez mais a serra, o mar, as flores do mato que “cismam nas sereias”, atente-se na beleza deste antropomorfismo (“Canção matinal”, pp. 80-81); grilos “que trilam trilam na escuridão” “riscando a Noite” e dando concerto (“Os grilos”, p. 83); cavalos aperreados que pastam agora “como por favor” (“Os cavalos”, p. 87); o “cochichar de Estrelas curiosas” (“Nocturno”, p. 88). Contudo, mais presente e significativo, o grande silêncio religioso em que mergulha o Poeta e que fala mais do que as palavras:

*Mais presente que tudo, aquele enorme
silêncio religioso, imagem pura
dos ouvidos atentos do Poeta....*

(CBE, “Nocturno”, p. 88)

No último poema da segunda parte, presente-se, no coração do Poeta, que algo de inamovível como o destino o atormenta e abala. É contra esta percepção dolorosa e aguda, tão presente no horizonte dos seus dias, que ele procura lutar. Tem consciência de que a sua alegria e sinceridade não chegam para vencer este combate, mas não desiste de o enfrentar com suprema e galharda ironia.

*Se alguém mentiu, não fui eu.
– Eu vinha alegre e cantava.
Se alguém mentiu foi o Sol,
se alguém mentiu foi o Mar,
que ficavam tristes, tristes,
à medida que eu cantava.*

*Se alguém mentiu não fui eu.
– Se alguém mentiu, foi o Céu:
era azul e fez-se pardo,
como se fosse da Morte
que a minha boca falava.*

*Eu vinha alegre e cantava.
Tudo, à volta, escurecera.
Se havia naquele dia
qualquer palavra sincera,
da minha boca saía.*

(CBE, “Se alguém mentiu, não fui eu”, p. 89)

Já na secção seguinte, *Calmaria*, hora sossegada em que se observa com atenção a natureza, a cidade, a vida, em que se aprofunda e se entende a voz do silêncio de uma eloquência persuasiva que só o poeta é capaz de desvendar, confia o eu lírico:

*Enchi minhas palavras de silêncio
e pela vez primeira nesta vida
teu coração rebelde as entendeu...*

(CBE, “Enchi minhas palavras de silêncio”, p. 98)

Em “A um corvo” que vive uma identidade mutilada, aprisionado num conforto burguês de gaiola a que se acomodou, denuncia-se e lamenta-se quanto, de alma escrava, vende a sua liberdade:

*Somente o Poeta sabe do segredo
que os teus passos burgueses espezinham...*

(CBE, p. 95)

Em “Cidade”, espaço pesadamente baço, povoado por tantas situações dolorosas, o Poeta, lapidarmente contido e em contraponto com lirismos floridos, foca e denuncia misérias da condição humana como que em sintonia com o poeta de *Les fleurs du mal*:

*As flores não sabiam dos pedintes
nem dos que estão à beira da loucura
nem das suas irmãs do lupanar.
Resplendiam de viço e de candura.*

*A Cidade mirava-se no espelho
desse jardim de flores ignorantes.
Encobertos com jóias e com sedas
os devastados peitos cancerosos,
em cada flor se via reflectida.*

(CBE, p. 99)

Num outro quadro da vida, polarmente oposto, o Poeta capta na lírica da sua objectiva, num andamento musical de notas longas e breves a fazer-nos lembrar o

melhor de Sophia de Mello Breyner, o brilho puro e absoluto, primordial, do olhar extasiado das crianças:

*Olhavam para tudo extasiadas.
Puras, em cada rosa, em cada pedra,
viam beleza eterna e absoluta.
Seus olhos primitivos resumiam
a intacta poesia da Manhã.*

(CBE, “As crianças”, p. 106)

E volta novamente, ainda que de forma menos acentuada, à temática da morte que continuamente o apoquentava, agora como que medindo o tempo numa ampulheta veloz: é a morte dos amigos Manuel e Eurico (CBE, “Ode a um amigo morto”, p. 105) ou o fugidio desencontro amoroso presente nos poemas “Elegia” (p. 107) e “Esfinge” (pp. 109-110).

Nesta espécie de *livro das horas* a que por vezes se assemelha *Cabo da Boa Esperança*, há também lugar para a hora suprema, a da Poesia, esposa do Inominável que circula no espírito do Poeta:

*Palavra nunca vista e nunca ouvida
mas presente em meu sangue e em minha alma
como a lembrança vaga de um poente...*

(CBE, “Palavra nunca vista e nunca ouvida”, p. 108)

Na secção *Pecado original*, presenciamos a força que o amor tem para o Poeta da Arrábida.

“Madrigal” abre esta unidade apelidando a sua noiva de “flor” silvestre, metáfora outras vezes presente nas cartas que dirige a Joana Luísa. E essa história de amor é algo de muito simples, como o são a vida do Poeta e a da amada:

*A minha história é simples.
A tua, meu Amor,
é bem mais simples ainda:*

“Era uma vez uma flor.

Nasceu à beira de um Poeta... ”

Vês como é simples e linda?

*(O resto conto depois;
mas tão a sós, tão de manso,
que só escutemos os dois).*

(CBE, p. 117)

E o segredo para tudo isto poderemos encontrá-lo na alma pura e verdadeira, transformada em presente, da sua namorada. O sujeito poético recebe esta mesma dádiva de amor, “dessa flor tão pura”, de uma entrega total de alguém que dá e sorri “como quem recebe” mais do que aquilo que oferece:

*Coisa nenhuma
foi tão verdadeira
como a tua alma
quando tu ma deste.*

Deste-ma inteira...

*Tua mão, que a dava,
nem me perguntava
se eu a merecia.
Dava-a e sorria,
como quem recebe.*

*Por que graça rara
ficaste florida,
mesmo assim despida
dessa flor tão pura?*

(CBE, “Dádiva”, pp. 119-120)

Nota-se, assim, uma certa ambiência de cumplicidade gerada por esta íntima relação de entrega. E as consequências estão à vista: a sua poesia de amor torna-se límpida, serena e contemplativa como o coração do Poeta. Esta relação de ternura, de dádiva recíproca de almas apaixonadas, motiva e origina um horizonte mais

amplo.¹³⁷ É o milagre de se ver enamorado, amado, e de se ver feliz; de sentir o brilho deste enamoramento nos seus olhos piscos de verde-mar:

*Estavas na varanda
e era em mim que pensavas.
Passaram as palavras
que os meus lábios te mandam*

*e logo nesse instante
a varanda floriu
e um pardal que te viu
chamou-te minha Amante.*

*Tinhas flores nos cabelos.
Tinhas as mãos doridas
de apertarem as minhas
em pensamento apenas.*

(CBE, “Que eu as diga ou não diga”, pp. 123-124)

Em “Ideal burguês”, o Poeta já sente e celebra este idílio amoroso numa relação matrimonial plena:

*Nada mais bonito
do que ser casado.
Ter seu lar com flores,
seu lençol bordado.
[...]
Nada mais bonito,
nada mais bonito:
a gente casar,
a gente ficar
toda a vida assim:
eu todo p’ra ti,
tu toda p’ra mim.*

(CBE, pp. 139-140)

¹³⁷ Digna de registo é esta terna confidência que o Autor segreda, numa das muitas cartas, a Joana Luísa: “Meu amor [...] vieste comigo e andaste comigo quando eu saí a beber o Luar, até à meia-noite. Amei-te tanto, tanto, ontem, minha querida!... Abraçava o Ar, beijava o Ar, para te abraçar a ti. Querida, querida, querida. [...] Ia comigo ontem a minha cadelinha e eu queria dizer-lhe a minha alegria. Tive tanta pena de os cães não falarem nem ouvirem como nós! Mas ajoelhei para lhe falar, peguei-lhe nas patinhas, e disse-lhe muitas vezes: ‘Sabes quem é a Isa? É a minha querida.’ Tenho a impressão de que ela me entendeu. Pelo menos, quando recomecei a andar, dava tão alegres saltos à minha volta que pareciam parabéns.” (Sebastião da Gama, *Cartas I*, p. 130.)

Logo de seguida, pressente, no seu corpo jovem, a face de Eros que o provoca e o tenta, como que num registo de *Pecado original*, título desta secção.

*Beijo a rosa brava
do teu ventre jovem...*

*(Se é que não baixava
dos seus peitos nus,
de onde vinha a luz
que me iluminava?)*

(CBE, “Beijo a rosa brava”, p. 141)

E o pecado redime-se em “Pureza”, prenúncio de uma ansiada paternidade projectada no poema que encerra esta unidade:

*P’ra quando, Amor!, teu ventre, já redondo,
merecer a pureza do azul...*

(CBE, p. 143)

Na quinta secção, *Coração atento*, continuamos a sentir o coração vigilante do Poeta a quem não escapam as mais diversas situações da vida.

No primeiro poema, o sujeito lírico regista o aprazimento de alguém que, num hospital acamado, vive momentos de felicidade na presença da enfermeira e só verdadeiramente sente dores quando esta lhe não faz companhia. Assim, a enfermeira, branca sombra que o vela, é razão suficiente para motivar já nele a

*[...] suavíssima alegria
de imaginar que [...] está] doente.*

(CBE, “Enfermeira”, p. 148)

Noutra composição, a ternura das visitas marca um tempo agradável, mas sempre breve, fazendo o doente esquecer-se até do próprio hospital:

*Quando vem alguém
não há hospital.
[...]
Que breves minutos!
Já todos se vão.*

*Já doem as dores.
Já desce a tristeza
de estarem sozinhos.*

(CBE, “Hospital”, p. 165)

No entanto, o poeta não se fica por aqui, não ignora aqueles que, como párias, são esquecidos e que não têm a sorte de ter quem os visite. Os últimos versos do poema, reflexo de uma certa e contida revolta, manifestam assim o seu inconformismo perante todos aqueles que, sendo também seus irmãos, são votados ao abandono e, quais flores esquecidas em jarro sem água, lentamente vêm a morte chegar:

*Mais triste que os outros,
mais só, lá no fundo,
há um que por pouco
não chora de mágoa.
– : Não veio ninguém
lembrar-lhe que há Vida.*

*– Ai flor esquecida
morrendo..., morrendo...,
num jarro sem água!*

(CBE, “Hospital”, p. 166)

Sebastião da Gama tem um coração atento às realidades humanas e sociais em que sobrevive o seu semelhante, ao direito de este poder desfrutar de uma vida plena que se não queda apenas na satisfação das suas necessidades materiais, mas que se afirma também, senão sobretudo, na realização da sua dimensão espiritual. Assim, não esquece todos aqueles que não têm voz bem como todos os que dela são tiranicamente despojados. Apesar de tempos tão opacos, onde o silenciamento pesava como chumbo, mesmo nesses tempos, o Poeta vai encontrar no torturado irmão rouxinol o porta-voz mudo de uma subtil mas veemente denúncia contra a censura da liberdade de expressão:

*Cortaram as asas
ao rouxinol.
Rouxinol sem asas
não pode voar.*

*Quebraram-te o bico,
rouxinol!
Rouxinol sem bico
Não pode cantar.*

*Que ao menos a Noite
ninguém, rouxinol!,
ta queira roubar.
Rouxinol sem Noite
não pode viver.*

(CBE, “Cantilena”, p.149)

A nada daquilo que é humano se revela estranho o Poeta. Por isso, tanto o revolta a história de “um menino magro, lá em baixo no Mundo” (v. 27) a pedir-lhe pão e a originar esta magnífica e dialogante oração com Deus e com o Mundo! E as suas mãos erguem-se agora em protesto, que não em súplica, exigindo de Deus a felicidade (“queremos a Vida, queremos a Felicidade”, v. 13). É verdade que o Poeta tem tudo e é quase feliz, mas à sua volta ecoa a voz daqueles que nada têm e sentem o mesmo “direito de serem felizes”. Eis a sua prece em “Pão nosso de cada dia”:

*Chega até aqui o barulho do Mundo.
Só as vozes alegres. As tristes, essas, não.
[...]
Ah!, é preciso acabar com isto.
Erguer as mãos (mas de protesto, não de súplica) p’ra Deus
e gritar: “Queremos a Vida, queremos a Felicidade.
Queremos o pão nosso de cada dia.”
[...]
Senhor, eu sou Poeta. Tenho pão, tenho vinho.
Posso gozar os Teus rios, as Tuas serras, a liberdade que me deste.
Sou quase feliz. Mas até onde estou
chegam, nítidas, as vozes de alguns como eu
e chegam, adivinhadas, as dos tristes, as dos que não têm nada
senão o direito de serem felizes também.*

(CBE, pp. 150-151)

O diálogo com Deus, feito de aceitação ou de dramática perplexidade, desempenha um papel determinante na poesia de Sebastião da Gama. *Maré alta* é a última parte do *Cabo da Boa Esperança* e é aqui, nesta secção, que este diálogo atinge o seu expoente máximo.

“Soneto de António” abre este final, num tom coloquial e empático, dirigindo-se a António Nobre, seu irmão na doença e na dor, com quem partilha as suas dúvidas existenciais de crente:

*Ouve, António: sempre é verdade a Lua Nova?
E os Anjinhos? E a tua
Nossa Senhora linda?*

*– Diz-me que sim, mesmo se for mentira...
Eu acredito, eu acredito, António!,
e é por isso que vou vivendo ainda.*

(CBE, p. 176)

E, logo de seguida, estabelece um novo diálogo com Deus na “Lenda das sete chaves”. Deus fechara a porta do céu a sete chaves, talvez para ajudá-lo a procurá-las. E o Poeta, só por isso, já se sente feliz:

*A mim me basta procurá-las.
Já sou feliz, só de saber
que ando à procura
das sete chaves.*

(CBE, p. 177)

Este modo de olhar Deus de frente e bem de perto faz jus à proximidade da relação que o Poeta estabelece com Cristo. Ele tem, à cabeceira, a imagem de um Cristo em agonia¹³⁸ que o inquieta, que o acusa, que o impacienta em nome de toda

¹³⁸ Tal como Maria de Lourdes Belchior nos refere que este Cristo corresponde a uma reprodução de um quadro de Avalós que Sebastião da Gama tinha no seu quarto (Maria de Lourdes Belchior, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Campo Aberto*, p. 22), também Lindley Cintra no-lo atesta ao afirmar que “O poema [...] foi inspirado pela fotografia da cabeça de um Cristo do escultor espanhol Juan de Avalós, amigo de Sebastião (autor do retrato que ilustra a 2.^a edição de *Serra-Mãe*), fotografia que Sebastião tinha à sua cabeceira.” (Luís Filipe Lindley Cintra, “Sebastião da Gama: um depoimento”, p. 470.)

uma humanidade que o não quis matar de uma vez só “p’ra m’O porem ali como um remorso” (v. 7) que ele deve expiar:

*Por que não ficou morto no Calvário,
apodrecendo aos Astros indiferentes?
Por que veio acabar para o meu quarto,
com estes olhos suaves que me acusam,
com estes lábios tristes que me pedem
que O não deixe morrer tão sem razão?*

(CBE, “Cristo”, p. 180)

Mas o sujeito lírico confia no Cristo da tolerância, no seu amor sem limites, que rasga a escuridão da noite, que o acorda e, uma vez solto da cruz, continua a sua paixão na alma purificada do Poeta:

*Mas Ele rasga a escuridão da Noite.
Mas Ele rasga o sono em que me oculto
e vem, solto da cruz a que o preendi,
continuar, no fundo da minh’alma,
Seu estertor.
Seus olhos brilham mais, na escuridão...
P’ra de todo morrer,
como que espera apenas o segundo
de eu Lhe pedir perdão.*

(CBE, “Cristo”, p. 180)

Quase que poderíamos fazer suas as palavras de S. Paulo: “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim. E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e se entregou por mim” (Gal 2, 20); “Para mim, viver é Cristo e morrer é um lucro” (Fl 1, 21).

Sebastião descobrira, na realidade, o rosto nítido de Jesus. Ele “Não é mais a imagem na parede” que ouve as nossas mágoas, que tudo pode, tudo quer e tudo faz, mas um Deus que é verdade como o Sol, bênção para o Poeta e para todos os seres vivos. Isto leva-o a afirmar a sua fé num Deus amigo, num Deus fiel, num Deus-Verdade, agora plenamente encontrado, em quem deposita toda a sua confiança:

Hoje Deus é Verdade!
[...]
*Passem p'ra cá papel e tinta. (Se preferem,
escreverei a sangue esta notícia).*
Sem demora nenhuma!
*Convicto, ardente, alegre, cumpro a vossa
formalidade inútil*
e corro a olhar Deus de mais pertinho.

Hoje Deus é Verdade!
Não é mais a imagem na parede
[...]
Hoje Deus é verdade como o Sol!

(CBE, “Hoje Deus é verdade”, pp. 181-182)

Não foram os dogmas, os ritos litúrgicos ou a religião do preceito que o fizeram alcançar o divino, mas a súbita revelação de Deus, “verdade como o Sol”, forma suprema de uma notável e fulminante teofania.

A *noite escura*, porém, pode ocorrer até ao santo mais predilecto de Deus. Daí que o Poeta, mesmo depois de ter encontrado a Verdade, sente que Deus, em certos momentos, o põe à prova, que lhe lança um declarado repto à sua fé, o que o leva a soltar o seu grito de amargura e de desespero, de revolta e de raiva, interpelando-O veementemente no sofrido poema “Tentação”.¹³⁹

*Nem sequer o teu peito p'ra deitar
minha cabeça tonta de fadiga!*
*Ah!, nem sequer a tua voz amiga
que me sabe tão bem acalantar!*

– *Deixou-me Deus sozinho a este canto.*
[...]
Ah!, Deus, pois é Seu gosto, ria!
Deus que salte, ruim, à minha volta!
Faça da minha fé o Seu brinquedo!

Mas saiba
que mesmo entre soluços, entre escuma

¹³⁹ Parece-nos ressoarem neste poema as vozes dos místicos espanhóis Santa Teresa de Ávila e S. João da Cruz, a propósito da ‘noite escura da alma’.

*de desespero e raiva,
só «Deus!», só «Deus!», só «Deus!», só esse enorme
se assim o quer, insulto,
p'ra Lhe dizer trarei à flor dos lábios...*

(CBE, pp. 183-184)

Apesar de assim escarnecido e escorraçado, entrega-se confiante à espera do “silêncio grávido” de uma revelação que o encha de sentido e que se manifesta na grande aspiração do Poeta, como na “Parábola da ovelha”:

*Tu somente, Senhor!, Tu lhe aparece
com Teu silêncio grávido da Tua
Revelação.
Ela compreenderá.
[...]
Desamparada, espera.
Não sabe o quê, mas espera.*

(CBE, pp. 185-186)

No poema com que encerra a sua obra, “Maré alta” (CBE, pp. 187-190), considerado como “um dos pontos cimeiros do itinerário de Sebastião da Gama”,¹⁴⁰ o Poeta, isolado na Arrábida, começa por rezar com os sentidos, confessando-se totalmente rendido ao Senhor. É o cântico da total entrega do seu ser ao Transcendente, razão da sua vida e da sua total confiança. A natureza dera-lhe a notícia de Deus, projectara pela sua beleza e pelo seu êxtase a grandeza de Deus incarnada nas coisas – deixara de estar só e Deus jamais o abandonará:

*– Vive Deus, que O estou vivendo
nestes lábios com que choro
e nos olhos com que eu olho.
Quantas luzes se acenderam,
não sei se dentro de mim,
não sei se à volta de mim!
Como as minhas mãos, erguidas,
são naves de catedral
e são preces e são velas*

¹⁴⁰ Maria de Lourdes Belchior, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Campo Aberto*, p. 25.

ardendo por sua Glória!...

*Não me talhes outra sorte,
meu Deus!*

(CBE, “Maré alta”, p. 187)

E, como pedaço de papel que não presta ou rosa para ser desfolhada, entrega-se totalmente nas mãos de Deus:¹⁴¹

*Toma a minh'alma... Desfolha-a
como se fosse uma rosa...
Ou rasga-a
como a papel que não presta...
Ou torce-a entre os Teus dedos...
Faz' dela quanto quiseres
mas que perceba que és Tu,
quem a esfolha, ou torce, ou rasga...*¹⁴²

(CBE, “Maré alta”, p. 189)

Segundo David Mourão-Ferreira, aqui nesta obra, não se evidencia de forma tão explícita a presença da Morte, porém, “é este o livro de Sebastião da Gama em que ela permanece mais presente como um lençol de água subterrâneo que tudo humedece e torna instável – mas que só de quando em quando vem à superfície”.¹⁴³ Estamos, portanto, perante um lírico elucidário dessa aprendizagem mística da morte, através da exaltação da vida, naquilo que ela tem de mais alto e de mais nobre, ilustrado numa singularíssima epopeia.

¹⁴¹ Esta entrega e esta total confiança em Deus fazem-nos recordar a profundidade do pensamento dos místicos espanhóis S. João da Cruz e Santa Teresa de Ávila, de quem Sebastião da Gama tanto aprendeu.

¹⁴² Parece estarmos a reler o “Diário de uma alma” de Santa Teresinha do Menino Jesus, nesta entrega total do Poeta nas mãos de Deus, seu viver e seu morrer. Não podemos considerar Sebastião da Gama como místico, mas a sua profunda experiência religiosa faz dele um notável homem de Deus.

¹⁴³ David Mourão-Ferreira, “Sebastião da Gama”, in *Vinte poetas contemporâneos*, p. 218. A título de exemplo, poderíamos referir os poemas “Melodia vaga” (pp.77-78); “Anda agora boiando na lagoa” (p. 97); “Ode a um amigo morto” (p. 105); “Lembrança” (p. 131); “Cemitério” (p. 152); “Epitáfio” (p. 160); “Naufrágio” (p. 167); e “Soneto de António” (pp. 175-176). No entanto, e ao contrário de *Serra-Mãe*, observamos nesta obra que a morte deixa de ser apenas a sua morte para referir-se a outros seres de uma forma talvez bem mais dramática, devido a este processo psicológico de *transfert*.

E é curioso observarmos que, perante este pressentimento e esta iminência, o Poeta ergue-se, solta a voz e faz da sua fraqueza força, imprimindo um marcado cunho de coragem e de esperança nas suas composições poéticas.

Cristo é o seu “Tudo” a quem se entrega e em quem plenamente confia; e é n’Ele que o Poeta encontra o estímulo e a coragem para fazer dos seus dias um harmonioso hino à vida contra a feroz tentação do desalento e do desânimo, que com facilidade podem dominar qualquer estado de alma. Dobrara, assim, o Cabo das Tormentas transformando-o em Cabo da Boa Esperança. Fizera da sua fraqueza força e, agora que chegou ao seu destino, incute-nos o mesmo estímulo e a mesma perseverança na busca da vitória.

Por isso, traduzindo exemplarmente o resultado desta aventura, poderá ele asseverar em “Cabo da Boa Esperança”:¹⁴⁴

*Cá por mim, passei o cabo.
Cheguei aonde o Destino
desde sempre me chamava.
Se estou sem pinga de sangue
depois de tantos naufrágios,
se arribei são ou doente,
se tenho os ossos partidos,
é melhor não perguntá-lo.*

*Basta saber que cheguei
E é de lá que vos falo.*

(IP, p. 94)

¹⁴⁴ É curioso observarmos que este poema – “Cabo da Boa Esperança” –, apesar de ter sido elaborado para a sua obra homónima, não consta nas suas páginas. Conversando com a esposa de Sebastião da Gama, pudemos uma vez mais constatar o grau de exigência que o Poeta imprimia na selecção dos poemas a publicar. Pensamos ser esse um motivo possível da sua inclusão na obra póstuma *Itinerário Paralelo*.

*A Poesia é o autêntico real
absoluto. Isto é o cerne da
minha filosofia.
Quanto mais poético, mais verdadeiro.*

Novalis

1.3. CAMPO ABERTO

Terceira e última obra publicada em vida pelo Poeta. Estamos perante o livro maior, o livro da sua maturidade.¹⁴⁵ Após cerca de três anos de recolhimento poético, revela de novo a sua lira, remetendo para um vigilante recato seu pendor místico. A experiência poética de Sebastião da Gama tinha amadurecido. O dístico com que abre esta obra reflecte bem esta verdade:

*Tudo frutificou: o campo estava aberto,
deu conchego e raiz a todas as sementes.*

(CA, p. 41)

Para Maria de Lourdes Belchior, esta lúcida profecia é não só válida do ponto de vista estético como também humanamente se cumpre: “estava rasgado e fecundado o campo da sua vida; tinham frutificado as boas sementes” e a aceitação da morte e de tudo o que Deus mandasse eram, também para o Poeta, libertação e encontro, acabamento e plenitude que haviam de merecer-se.¹⁴⁶ E, um ano após a sua publicação,

¹⁴⁵ É este o parecer geral de grandes críticos como David Mourão-Ferreira, Maria de Lourdes Belchior (cf. *Sebastião da Gama: poesia e vida*, p. 8) e até mesmo de João Gaspar Simões.

¹⁴⁶ Cf. Maria de Lourdes Belchior, *Sebastião da Gama: poesia e vida*, pp. 14-15.

a morte veio, de facto, arrebatou o Poeta porque ele atingira a luminosidade incoercível, “um halo de inocência / e de serenidade”¹⁴⁷ como o sopro do espírito ou “o amor sem posse”.¹⁴⁸ Tudo, na sua vida, frutificara.

No agir de Sebastião da Gama nunca houve fronteiras ou divórcio entre poesia e vida. Nele, o poeta possuiu o homem e o homem fez-se poesia. Sempre encarara a vida com a sensibilidade que a poesia exigia; e como poeta a saboreava e vivia! *Campo Aberto* é o exemplo máximo desta constatação.

Afastara-se das supostas influências, objecto de crítica dos seus contemporâneos, e manifesta agora, de forma amadurecida, esta evolução poética reconhecida por um eminente crítico que o equipara, em ordem de grandeza, a um João de Deus.¹⁴⁹ Revela-se, assim, em feição adulta, a voz do Poeta como canto pessoal e único, numa crescente interiorização e abertura para o simbólico.

Arrepiara caminho e, no dizer de João Gaspar Simões, os seus versos transformaram-se, aqui, num marco de modernidade. Nesta obra, sobressai um nobre e apurado ritmo de imponderável graça ou de sortílega sugestão alegórica. Por vezes, como no poema “Alegoria”, os seus versos chegam a ser autêntica filigrana ocupando um lugar de especial relevo na sensibilidade e na memória dos seus leitores. Há, assim, neste poema, uma

«[...] nobre simplicidade dos ritmos, [uma] livre manipulação dos metros,

¹⁴⁷ Sebastião da Gama, “Carruagem de terceira”, in *Campo Aberto*, p. 86.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 86.

¹⁴⁹ Para João Gaspar Simões, Sebastião da Gama, ao procurar ser inspiradamente moderno, confundiu em obras anteriores “a inspiração com a retórica, a ênfase com a adivinhação e o galimatias com a analogia”. Julgou-se obrigado a subir a Arrábida e abrir o cadeado que selava a boca do frade em cuja ordem professou Agostinho da Cruz e, identificado com o místico quinhentista, deseja cantar os hinos religiosos do frade capuchinho. Mas, agora, com esta sua nova obra, reflexo da identificação do verdadeiro tempo da sua alma, sugestionada pelos lugares em que vive, ei-lo “de todo rendido à lusitana clareza, à diáfana luz do sol do nosso torrão, ei-lo que surge verdadeiro poeta.” “*Campo Aberto* é o *Campo de Flores* da poesia moderna. [...] Sebastião da Gama está para a poesia contemporânea como João de Deus para a poesia do século passado.” (Cf. João Gaspar Simões, “Sebastião da Gama”, in *Crítica II; Poetas Contemporâneos*, vol. I, 2.^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1999, pp. 364-365.)

[uma] sóbria e mágica projecção das imagens [;] é antigo o tempo dos seus versos, esse tempo mais emocional que intelectual, mais sentimental que elaborado, mais directo que indiscreto, mercê do qual Sebastião da Gama se integra no absoluto que todos os líricos tradicionais portugueses procuram: o absoluto nos sentimentos, não o absoluto nas inspirações. Sentimental, não metafísica, emocional, não filosófica, a poesia de Sebastião da Gama é o que devia ser: a medida perfeita de uma alma de poeta que encontrou, finalmente, o traje verbal que convinha ao corpo nu da emoção.»¹⁵⁰

Campo Aberto está estruturado em seis partes, incorporando poemas dos anos de 1947 a 1950 e seguindo uma espécie de agrupamento temático: *Lua nova*, *Paraíso perdido*, *Viagem*, *Caixinha de música*, *Companheira*, *A verdade era bela*. Precedem toda esta estrutura os poemas “Campo aberto” e “Louvor da Poesia”; “Senhora da Lapa” remata a obra, numa atitude de prece de infância e de total confiança mariana.

A primeira parte – *Lua nova* – é constituída por poemas cuja temática dominante é a morte e a saudade. É curioso observarmos como o Autor revisita o clássico mito de Shakespeare – “Sweet Ophelia” – para nele veicular, subliminarmente, a mítica mensagem da fatalidade de se morrer jovem:

*Entre as pedrinhas dormes, flor absorta,
ó pobre, doce Ofélia! Mas quem sabe?
– : Sobre a dor e a loucura, sobre a morte,
intransparentes, mudas, esquecidas,
correm p’ra sempre, Ofélia doce, as águas.*

E o teu sono é uma alga impresumível...

(CA, p. 50)

Na “Elegia segunda”, pressente-se o que o milagre do amor é capaz de gerar num coração enamorado. Porém, quando a saudade é afectada pela tristeza também toda a natureza (“todos os pássaros”, “todos os rios”, “todas as serras”, “todas as flores”, “todos os bichos”, “todas as árvores”) se solidariza com a dor do sujeito

¹⁵⁰ João Gaspar Simões, *Op. cit.*, p. 366.

lírico num canto de celebração. Estamos perante um cântico de júbilo, um hino de louvor à criação, toda ela contagiada pelo amor:

*Todos os pássaros, todos os pássaros
asas abriam, erguiam cantos,
de Amor cantavam.*

*Todos os homens, todos os homens,
de almas abertas, de olhos erguidos,
de Amor cantavam.*

*De Amor cantavam todos os rios,
todas as serras, todas as flores,
todos os bichos, todas as árvores,
todos os pássaros, todos os pássaros,
todos os homens, todos os homens.*

De Amor cantavam...

(CA, p. 51)

“De Amor cantavam...” É a saudade de um tempo passado. Esta forma serena e amadurecida não esconde a comoção autêntica que a sua arte poética sabe traduzir. Notamos, com facilidade, a importância e o apreço que a lírica trovadoresca dos nossos cancioneiros medievais tinha para Sebastião da Gama. Numa linguagem tão musicalmente sugestiva, parece-nos estar a reler e a visitar Nuno Fernandes Torneol em “Levad’ amigo, que dormides as manhas frias”. O Autor não só pretende glosar o poema arquétipo como reflectir também a forma de expressão, utilizando uma estrutura tipicamente paralelística da cantiga de amigo e recorrendo ao refrão para recriar esta atmosfera tão peculiar.

O Poeta volta agora à temática com que abriu a secção e, no poema “Manel”, ao sermos informados do óbito do seu amigo Manuel de Almeida, o mesmo da “Ode a um amigo morto” do *Cabo da Boa Esperança*, presenciamos, também, a mutação que se opera naquele corpo jovem que a morte cristaliza apenas em estátua perfeita, fria e imóvel:

*E o mármore frio,
mármore sereno.
As mãos nem sequer
(cruzadas e calmas)
nos dizem adeus.*

*Os olhos, cerrados,
olham para dentro.
Os lábios, sem cor,
dizem para dentro
coisas tão profundas
que já são da Morte.
[...]
Falta só um nada:
Nada mais que a vida,
p'ra não ser apenas
a estátua correcta,
perfeita, acabada.*

(CA, pp. 52-53)

Sem a morte, a vida seria *capela imperfeita* e não “a estátua correcta, / perfeita, acabada.”

Em “Elegia para uma gaivota”, o Poeta encerra esta secção, narrando e descrevendo-nos a “morte simples e suavíssima” de uma gaivota, chamando-nos a atenção para o facto de a morte ser o último passo que precisamos de dar para voar ainda mais alto e, por esta via, alcançarmos o mundo espiritual, a plenitude da verdadeira vida; deixamos, assim, de ser “sonho sonhado” e passamos a ser “sonho puro” que finalmente sonha:

*Morreu no Mar a gaivota mais esbelta,
a que morava mais alto e trespassava
de claridade as nuvens mais escuras com os olhos.*

*Flutuam quietas, sobre as águas, suas asas.
[...]
Eis que deixou de ser sonho apenas sonhado.
– : É finalmente sonho puro,
sonho que sonha finalmente, asa que dorme voos.
[...]*

*E a sua morte simples e suavíssima
é a ordem-do-dia na praia e no mar alto.*

(CA, pp. 56-57)

Numa segunda parte – *Paraíso perdido* –, o Autor apresenta um conjunto de quatro poemas (“Paraíso Perdido”, “Palavras a Frei Agostinho”, “Apareces tão pouco...” e “A uma criança”) em que são notórias a dor e a angústia, a nostalgia e a saudade, a inquietação de fazer perguntas cuja resposta se dissipa no silêncio. Em “Paraíso Perdido”, vemos de forma bem desenvolvida todos estes aspectos:

*Éramos duas crianças descuidadas.
Éramos duas flores nascidas num jardim,
[...]
Éramos... Mas sei lá bem o que nós éramos!
Sei lá eu se em verdade fomos o que fomos!
[...]
E no entanto, Amor, o que fizemos nós?
Esta angústia, vaga mas persistente, a que a devemos?..
[...]
E tudo me pergunta: “Que é de ti? Que fizeste
do que olhava p’ra nós enternecidamente?”
[...]
Ah!, se o Amor me é vedado como preço de amar ardentemente,
de comovidamente olhar, ouvir, sentir, cantar,
abençoada angústia!*

(CA, pp. 61-63)

Na terceira parte – *Viagem* –, deparamo-nos com poemas descritivo-narrativos de viagens, umas quase biográficas e outras marcadamente simbólicas, em versos cheios de sublimar beleza: “Romance do Comboio”, “Manhã no Sado”, “Santa Luzia”, “Mãe Noite”, “Carruagem de terceira” e “Cais”. Fiquemos com os primeiros versos de “Santa Luzia”:

*Vejo de Santa Luzia
quanto de lá posso ver.
Vejo Ponte, vejo Braga...
Só não vejo o meu Amor.*

(CA, p. 79)

O poder simbólico esmera-se, como nos versos de “Carruagem de terceira” em que o Poeta – perante uma mulher vestida de preto e de cabelo branco e um homem enfraquecido pelas marcas do tempo, esposos que com ele viajam na mesma carruagem – enfaticamente solta um canto intenso ao amor inocente e sereno de uma vida em comum que vivo permanece, pleno ainda de poesia:

*Falam só do presente.
Mas suas mãos cruzadas
é nas coisas passadas
que poisam, meigamente.*

*Um halo de inocência
e de serenidade
[...]
lembra o amor sem posse
de onde lhes vem o ar
de deuses que se amaram
em dias que não morrem.*

(CA, p. 86)

Há nesta secção como que uma revalorização dos espaços, uma abertura e uma atenção crescente para as realidades exteriores, numa atitude de contemplação para os acontecimentos e para as pessoas, dos quais partia, dotando-os de um cariz simbólico, de apurado ritmo e de sortílega sugestão. São disto exemplo as contínuas referências a Coimbra, ao Mondego e ao Choupal (“Romance do Comboio”, “Mãe Noite”); ao Sado, às conchas e às carícias (“Manhã no Sado”); a Santa Luzia, Ponte de Lima e Braga (“Santa Luzia”); ao cais, às velas, ao mar (“Cais”) – vivas e despreziosas metáforas em torno de um milenar tópico da viagem, por sua vez metáfora da vida.

E é curioso observarmos como no último poema desta terceira secção – “Cais” –, este cais, “de tanto sentir o Mar”, já não é de pedra branca, mas de cor “azul como as águas”, tendo acabado por metamorfosear-se em “velas pandas de vento”.¹⁵¹

¹⁵¹ Num eco de Fernando Pessoa, parece-nos ver aqui um vestígio da leitura da *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos, particularmente num dos seus mais famosos versos – “Ah, todo o cais

E aceitara, finalmente, o convite das traineiras a “sair” para “ser um barco sem mestre”:

*Cada traineira que passa,
convida o cais a sair.
Já o cais não é de pedra.
O sal moldou-lhe uma quilha,
as ondas o encurvaram,
os limos o arrastaram
p’ra lá de todo o limite,
e o cais cedeu ao convite
de ser um barco sem mestre.*

(CA, p. 88)

E, nos últimos versos, vislumbram-se as consequências. Sem mestre, qual a serventia de uma bússola e de um leme? Que importa a chegada? O importante é partir.¹⁵²

*Lá vai perdido nas ondas
e não lhe importa a chegada.
Deitou a bússola ao Mar.
Fez uma estaca do leme,
que atesta o sítio em que foi.
Voltou as costas à terra
e o seu destino cumpriu-se,
que era partir e mais nada.*

(CA, “Cais”, p. 88)

O Autor termina o poema reforçando a importância do ideal mítico da viagem que todo o homem deve fazer em busca da sua completude, concretizando a imagem do *homo viator* em permanente demanda.

A quarta parte, intitulada de *Caixinha de música*, cuja temática está intimamente ligada à infância, apresenta-nos composições mais do teor popular, tão do agrado da geração cultural da *Távola Redonda*: “Balada das quatro meninas”,

é uma saudade de pedra!” (Álvaro de Campos, “Ode Marítima” in *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p. 108).

¹⁵² Tal como Sebastião da Gama, também Miguel Torga glosou a multissecular tópica da viagem. A este propósito veja-se, entre outros, a composição poética “Viagem”. (Cf. Miguel Torga, “Viagem”, in *Câmara ardente, Antologia poética*, 4.^a ed., Coimbra, Coimbra Editora, 1994, p. 242.)

“Toada do ladrão”, “Maribel”, “Descoberta”, “Cantiga de amigo” e “Conto em verso da princesa roubada”.

É de observar que até a simplicidade dos primeiros passos de Jorge, seu sobrinho, motivaram nele a criação da composição “Descoberta”. Aqui, o sujeito poético, observando os primeiros passos da criança – “esta tão grande maravilha” –, contempla o milagre da vida redescobrimdo a beleza e a inocência da conquista do andar. Estas tão pueris proezas, de profundo alcance na compreensão da condição humana, despertam o Poeta para a maravilha que o mistério da vida transporta:

*Já não tem medo de andar.
Isso era dantes, o medo!
Já desvendou o segredo
que nos não deixa tombar
e que é só perder o medo.*

*Pobres dos que não percebem
esta grande maravilha [.]*

(CA, p. 98)

Nesta secção, predominam composições em forma de romance popular à maneira do *Romanceiro*, de Almeida Garrett – contos de fadas e outros como a “Toada do ladrão”, “Maribel” e o “Conto em verso da princesa roubada”.

Companheira foi o título que Sebastião da Gama atribuiu à quinta parte de *Campo Aberto*, agrupando aqui quatro poemas de amor: “Todo o mau tempo”, “Plenitude”, “A Companheira” e a “Nossa casa”.

Nesta unidade, observa-se a força com que o amor sereno e puro preenche o estado de espírito do Poeta. Constata-se que o encantamento do amor é grandeza sublime, chegando mesmo a desfazer o próprio fluir do tempo. A título de exemplo, transcrevemos versos de “Plenitude” que procuram traduzir o coração do Autor:

*Sorri, sorriste. O Mundo era pequeno.
Mas bastava. Cabia nele, intacto,
o encantamento pleno*

*que te detinha ali, junto de mim,
que nos detinha ali, serenos, puros,
longe da multidão, longe do Tempo
– rio que passava ao largo e nós ficávamos.*

(CA, p. 108)

A sexta e última parte – *A Verdade era bela* – é a mais extensa da obra, agrupando dez poemas: “A Verdade era bela”, “Natal”, “Alegoria”, “Condição”, “Os que vinham da Dor”, “Quatro mil soldados”, “Moinha”, “Apolo”, “É o Sol e mais nada” e “Cristo”. Aqui, a temática dominante é a vida na sua globalidade como fonte de luz e de conhecimento, mas também como verdade difícil de entrever e de levar a cabo, que fora já objecto de referência na primeira parte de *Campo Aberto*, na qual se privilegia, além da saudade, a morte como parte integrante da vida no seu termo finito. Deste modo, encontramos-nos como que perante o fechamento de um círculo – morte e vida coexistem, para Sebastião da Gama, em harmonia luminosa.

*A verdade era bela
mas doía nos olhos
mas doía nos lábios
mas doía no peito
dos que davam por ela.*

(CA, “A verdade era bela”, p. 116)

E Sebastião, porque tem plena consciência da verdade que transporta, em “Alegoria”, projecta-se numa cigarra que canta, canta até morrer, mas, como ela, nunca resignado à implacável parca que continuamente o persegue como se fosse a sua sombra. É preciso merecer “a Noite de mortalha” para “poisar no sonho dos que dormem”:

*Junto do Mar canta a Cigarra.
Canta, p’ra iludir
a fome e a solidão;
[...]
A parte que lhe coube por destino,
tem de morrer deixando-a já cantada.*

*Que faz que a não escutem nem lhe acudam?
É preciso é sentir que se está vivo.
É preciso é que as asas que sosseguem
o tenham merecido.*

(CA, pp. 119-120)

Estamos em face de um dos seus poemas mais perfeitos, como o próprio Autor reconhecia em carta, a 31 de Julho de 1949, a Luís Filipe Lindley Cintra, ao oferecê-lo ao seu primeiro filho,¹⁵³ em que o pressentimento da morte próxima, nunca abordado com os amigos ou com a noiva, é tão notório.

Esta temática da vida global prossegue nos poemas seguintes com uma tal subtileza clássica de máximas, que não podemos deixar de transcrever alguns exemplos. É o caso de “Condição”, em que respiramos o eclectismo estóico-epicurista-cristão do Poeta nestas quadras:

*Constrói ao menos
qualquer coisa efémera.
Pois mais não podes ser,
sê ao menos efémero.*

*Grava os passos na areia,
desenha sobre a estrada
teu vulto.
É melhor do que nada.*

*A desfazer-te o rastro
virá o Mar, é certo.
Virá, é certo, a Noite
beber a tua sombra.*

*Efémero? Serás...
Mas presente
no Mar, eternamente;
na Noite, para sempre.*

(CA, pp. 121-122)

¹⁵³ “Fiz finalmente um grande poema. Hesito em dá-lo – parece-me que deve ser, aquele poema, um segredo entre mim e mim; um memorial. Mas é realmente digno – ou assim me parece – do amor que devo ao teu Filho; ouro, incenso e mirra em atraso e de lei.” (Citado em Luís Filipe Lindley Cintra, “Sebastião da Gama: um depoimento”, p. 471.)

Ou ainda o de “Os que vinham da Dor”, onde o paradoxo reforça este mesmo assunto. É necessário ser “sabedor” para poder experienciar e transformar, de maneira tão humana, os momentos aparentemente mais disfóricos num autêntico hino à vida:

*Tudo que era difícil era fácil
aos que vinham da Dor directamente.*

*A flor só era bela na raiz,
o Mar só era belo nos naufrágios,
as mãos só eram belas se enrugadas,
aos olhos sabedores e vividos
dos que vinham da Dor directamente.*

(CA, p.123)

Da terra, do mundo, dos homens, das suas dores e seus sonhos, só bem sabem falar aqueles que sofreram, que amaram ou odiaram; que puseram os seus pés bem assentes no chão, sem a ele os colar. Só esses são dignos “escutadores” do seu silêncio. E o Poeta vinha da Dor. Ele viu com os próprios olhos de carne o que antes imaginara com os seus olhos do espírito. Comunga, assim, com as verdadeiras dores deste mundo. As dores que sente não são dores imaginárias.

Em “Moinha”, observamos o movimento choroso da nora acompanhada dos pingos que “P’la noite fora / desde que o Mundo é triste”, “Chora devagarinho”, “chora p’lo Mundo fora”. Em cúmulo semântico, também “uma aranha / constrói a sua teia”, terminando o poema com um apelo ao Menino para que também ele chore (“Menino, chora!”); ou, por outras palavras, se a nora representa o ritmo imparável da vida e a aranha a sua persistente operosidade, todo o menino, isto é, todo o homem deve construir com determinação e persistência a sua vida. Estamos perante uma excelente imagem com a qual o Autor pretende realçar, recorrendo a espaços símbolos do real, o significado sublime da vida.

E, no último poema desta unidade – “Cristo” –, sente-se como que o pulsar de um coração crente, cuja fé solidamente adulta leva o sujeito lírico a soltar um grito

humilde e suplicante para que Jesus Cristo lhe dê mais vida para poder vê-l’O, ouvi-l’O, compreendê-l’O, segui-l’O. Porque, para se morrer, é preciso merecer...

*Ó meu Jesus heróico,
meu Capitão, afasta
com Tua mão direita,
afasta a Morte, afasta-a,
que ainda a não mereço.
Morra somente em mim
o que já é da Morte.*

(CA, p.134)

À morte física definitiva, não na quer o Poeta, mas a tudo o que “é da Morte”, a tudo o que é já não-vida. O poema termina aludindo ao milagre teofânico de Jesus que passa e que provoca no sujeito poético um movimento anabático:

– : Ergui-me.

(CA, p.135)

É esta atitude que perpassa em toda a sua obra. Apesar do sofrimento e da dor, o sujeito poético revela-se sempre mais forte do que a sua doença.

A obra encerra com um afectuoso poema dirigido à “Senhora da Lapa” em que o sujeito lírico se considera menino ajoelhado diante da Virgem, cantando-a com uma tal inocência e simplicidade qual a posição e idade que lhe aprazia ter:

*Criança ajoelhada,
falei-Lhe num murmúrio,
não fosse perturbar
a penumbra em que estava.
[...]
O que pedi? Por quem?
Que vai acontecer
que eu possa perceber
que é de Ela que vem?*

(CA, pp. 139-140)

E, no último dístico da quadra final, encontramos como que o segredo de toda esta candura de criança:

– *Em Tuas mãos me entrego
como se ao Mar me desse.*
(CA, p. 140)

É com esta atitude de criança, pura e inocente, que termina a obra, fechando assim a sua trilogia poética: *Serra-Mãe*, *Cabo da Boa Esperança*, *Campo Aberto*. É a imagem que perpassa em toda a sua poesia, parecendo ser desejo seu vincá-la, legando-a bem definida à posteridade.

*Morrem os Poetas
mas o Canto fica:
mais puro, mais sério.*

(Est, p. 66)

1.4. PELO SONHO É QUE VAMOS

Como estava escrito na estrela da sua condição humana, a parca, a mesma que lhe cortou o fio da vida mortal, abriu-lhe célere, demasiadamente para alguns, a passagem para a outra margem, para a vida no Além. E, para os desta margem, uma estrela outra surgiu no firmamento. Com efeito, perguntam-se não poucos, de que serve uma longa vida se ela não for intensa? Depois, que diferença faz viver-se apenas 27 anos ou uns aparentemente longos 127, se o diário da espécie começou literalmente a escrever-se, ininterrupto, há mais de 5.000 anos?...

O sonho de Sebastião da Gama terá sido materialmente pouco durável, mas foi sonhado tão intensamente, que, afinal, conforme era seu anseio mais profundo, dele não escarneceu a morte nem ele ficou “a meio da canção”, porque soube legar-nos o que de mais belo tinha na sua alma de Homem e de Poeta. Os inúmeros manuscritos que aos poucos vão sendo publicados atestam-nos, de forma relevante, a grandeza deste Poeta da Arrábida, cujas asas banhadas de azul e verde-mar mereceram a hora do sossego a 7 de Fevereiro de 1952.

Menos de dois anos após a morte, sai à estampa uma nova obra sua: *Pelo sonho é que vamos*. Em diálogo com sua esposa, D. Joana Luísa, pudemos não só deparar-nos com

os referidos manuscritos, ordenados cronologicamente, como também o título que o Autor já esboçara para esta obra com que desejava iniciar uma nova etapa para a sua vida.

Sebastião da Gama tinha celebrado o seu matrimónio no Conventinho da Arrábida. Era um homem muito feliz. Esta sua nova situação fazia-o sonhar, levando-o a cantar, em uníssonos convívio com o quotidiano comum da natureza, a vida, o amor, o sol, a chuva... Mais do que “um simples prolongamento de *Campo Aberto*”,¹⁵⁴ ele iniciava aqui um novo e ascensional momento poético.¹⁵⁵ É como se a sua morte física houvesse procedido a uma separação das águas que ressurgem agora lustralmente mais límpidas e sublimadas na sua simplicidade.

O Poeta vai coligindo cronologicamente num caderno esses textos poéticos que iam surgindo na sua alma. Não teve nem tempo de os organizar nem de os retocar. E foi com o título escolhido pelo Autor que a esposa, respeitando esta organização, o fez publicar quase dois anos após a sua morte.

Pelo sonho é que vamos. Sonho que não é refúgio, mas capacidade de projecto, independentemente dos resultados obtidos. Sonho que é um confiar plenamente, sem olhar ao já alcançado e ao por alcançar. Sonho que é já caminho encetado, por isso, trajecto que se faz sob o signo da fé e da esperança. Sonho que é um percurso a dois feito de mútua entrega, partilha e comunhão. É um dar-se inteiro em cada situação, é percurso trilhado com incertezas, mas também com uma alegria actual, sempre renovada e por sua vez regeneradora de entusiasmo.

*Pelo Sonho é que vamos,
Comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo Sonho é que vamos.*

¹⁵⁴ Cf. Ruy Belo, “Prefácio à 2.ª edição”, in Sebastião da Gama, *Pelo sonho é que vamos*, 5.ª ed., Lisboa, Ática, 1999, p. 21.

¹⁵⁵ Cf. autor inidentificado, “Nota à 1.ª edição”, in *Pelo sonho é que vamos*, p. 11.

*Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia-a-dia.*

Chegamos? Não chegamos?

– Partimos. Vamos. Somos.

(PSV, “O Sonho”, p. 65)

Numa certa leitura, parecerá haver aqui um dado sabor melancólico feito de um misto antagónico de inquietação e de aceitação, marcado por um *fatum* que persegue o Poeta. O receio de que possa ser breve a caminhada, de que a morte, ameaça nunca arredada por completo do horizonte existencial de Sebastião da Gama, a possa interromper, inspira todo o poema. Na dúvida de se atingir a meta almejada (“Chegamos? Não chegamos?”), o programa a que o sujeito se propõe é feito de sabedoria estoíco-cristã na aceitação tranquila do que se tem (“Basta a fé no que temos”) e da força da “esperança”, apesar de se saber que dificilmente se poderá alcançar a meta desejada (“Basta a esperança naquilo / que talvez não teremos”). Porém, a sua identidade pessoal e única não o leva a resignar-se, mas a olhar para a frente, a investir, no caminho que se faz andando, a triunfante intensidade do ser: “– Partimos. Vamos. Somos.”

Essa leitura, porém, indissociável de consabidas circunstâncias biográficas do Autor, eventualmente propícias à génese do poema, acaba por revelar-se fortemente redutora. Com efeito, “O Sonho” não é apenas a aspiração fortemente determinada de um qualquer ser humano singularmente considerado; afirma-se antes como metáfora de uma superior condição humana universal confiada no milagre de existir, no desprendimento, na determinação e até mesmo numa arrojada temeridade e no optimismo sem limites de encarar a efemeridade da vida natural.

Esta obra é constituída por vinte e sete poemas compostos entre Dezembro de 1950 e Dezembro de 1951. É quase certo que não terá havido tempo de lhes dar a forma definitiva e o cunho unitário e estruturado das suas obras anteriores, uma vez que a morte o surpreendeu logo no início de 1952. Também não é menos verdade que alguns deles, fruto da graça poética do instante, aspecto tão peculiar em Sebastião da Gama, estão simplesmente esboçados e não teriam a aprovação final do Autor para serem publicados. De qualquer maneira, todos eles manifestam bem o tom maduro de alguém que definitivamente se encontrou, pelo que a esposa os fez publicar.¹⁵⁶

Pelo sonho é que vamos revela assim a maturidade do Poeta. Projecta-se nesta obra uma nova etapa poética em que se procura, mais aprimoradamente, cantar a vida, as coisas belas, os sentimentos nobres, a pureza, o amor. A ascese religiosa e a exaltação da vida e da natureza são movimentos que permanecem intactos, quais vectores fundamentais do seu legado poético às nossas letras.

É numa curiosa clave mariana que ele abre esta obra:

*Lá fora é que sim
me apetece estar.
Não ao pé do altar,
Virgem de Belém.

E se eu for lá pra fora?...
Amava-te igualmente...
Só o modo era outro
de rezar e ser crente.

Lá fora também andas...
Sem manto, sem coroa,
simples, Nossa Senhora!
Que mais linda és lá fora!...*

(PSV, “Lá fora é que sim”, p. 29)

A sensibilidade, a frescura e a inspiração franciscana continuam a preencher a alma de Sebastião da Gama. Logo no início da sua obra propõe-se rezar à Virgem de

¹⁵⁶ Cf. David Mourão-Ferreira, “Sebastião da Gama”, in *Vinte poetas contemporâneos*, p. 224.

Belém, “não ao pé do altar”, mas “lá fora”, no exterior, no contacto com o outro e com a mãe-natureza. Não há aqui laivos de qualquer panteísmo, mas naturalidade, espontaneidade, privilegiando, desta maneira, os espaços que estão mais próximos da vida e não aqueles que a disciplina hierárquica destinara para esse fim.¹⁵⁷ É, uma vez mais, este jeito de imitar Francisco de Assis, tornando também sagrado o espaço cósmico que o rodeia, mostrando-nos como a sua alma, cheia de claridade, se detém em pormenores que passam despercebidos a qualquer um no vulgar dia-a-dia. E para ele nenhum momento é vulgar; aqui está, singelamente, parte do seu segredo poético.

O tom coloquial e familiar que o Poeta utiliza é revelador da proximidade que ele estabelece com a Mãe de Deus (“Lá fora também andas... / Sem manto, sem coroa, / simples, Nossa Senhora”). Não se vislumbram quaisquer distâncias ou formalismos na relação com o sagrado. O mesmo acontece, também, no poema “Presépio” em que não há cerimónias no trato para com o “Menino” e a “Senhora”, o que revela esta infantil inocência e aproximação de relações íntimas com o divino, a par de um contido mas veemente protesto contra a tradição cultural que persiste, convencionalmente, em desumanizar o papel de mãe de Nossa Senhora, afinal simples e terna mãe como as mães comuns.

Tudo lhe fala de Deus, e os seus versos são autêntica profissão de fé deste homem que se deixou alcançar pela graça divina e que vê em tudo o que o rodeia a surpresa, a novidade, o milagre continuamente renovado da presença de Deus na sua vida. Podemos testemunhá-lo, por exemplo, em “Poesia depois da chuva”:

*Depois da chuva o Sol – a graça.
Oh! a terra molhada iluminada!*

¹⁵⁷ Sebastião da Gama mantém viva uma fé adulta e demarca-se bem de tudo o que não é adesão plena ao Deus do amor e da misericórdia. Parece-nos antecipar o testemunho de João XXIII, o qual achava que havia muito pó nos espaços da vivência da fé, que era urgente purificar. Sebastião da Gama pressentia que há demasiado tempo que os católicos se esqueceram de que são cristãos. Para muitos, a fé resumia-se a uma actividade dominical sem relação com a segunda-feira... A alma franciscana de Sebastião da Gama descobrira um outro Deus.

*E os regos de água atravessando a praça
– luz a fluir, num fluir imperceptível quase.*

*Canta, contente, um pássaro qualquer.
Logo a seguir, nos ramos nus, esvoaça.
O fundo é branco – cal fresquinha no casario da praça.
Guizos, rodas rodando, vozes claras no ar.*

*Tão alegre este Sol! Há Deus. (Tivera-O eu negado
antes do Sol, não duvidava agora.)
Ó Tarde virgem, Senhora Aparecida! Ó Tarde igual
às manhãs do princípio!*

(PSV, p. 37)

ou até mesmo em “Zambujeiro”, já no final da obra, onde presenciamos um dos momentos do terceiro dia da criação em que o sujeito lírico antropomorfiza o seu discurso com as metáforas do homem das montanhas, do camponês e do poeta. Não estaremos nós perante um *alter ego* da sua própria personalidade?

*Deus disse: “O Zambujeiro nasça.”
Viril, rompeu da terra o Zambujeiro.
O tronco é o dum homem das montanhas.¹⁵⁸
São mãos de cavador seus ramos. Só as folhas,
delicadas, suaves... Pela noite,
quando tudo se cala, mesmo os pássaros,
o Zambujeiro canta...*

(PSV, p. 79)

Canta, porque, para ele, a noite é vigília. Canta, porque, apesar da sua fragilidade de *menino*, sente a força e a robustez que lhe vem da fé e da sua confiança em Deus. Canta, porque a gracilidade das “folhas, delicadas, suaves” o fazem despertar para o Parnaso. Canta, para não ficar a meio da canção. Esta sensibilidade faz dele um “lavrador do céu” que por milagre ali descera, como lhe chamou David Mourão-Ferreira.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Atente-se, nestes versos, no hino à força, à robustez, à virilidade, expresso na pujança do “Zambujeiro”, no sugestivo gigantismo do “homem das montanhas”, tópico tão recorrente em toda uma plêiade de escritores como Júlio Dinis, Cesário Verde e António Nobre, entre outros, todos eles fatalmente malsinados pela tísica. Destes se poderia dizer que a literatura supre a vida.

¹⁵⁹ Cf. David Mourão-Ferreira, *Evocação de Sebastião da Gama*, p. 20.

Atente-se que o segredo de tudo isto está nesta entrega, neste valorizar as pequenas coisas da vida que o dia-a-dia nos oferece como revela em apenas quatro versos do poema “O Sonho”, cujo primeiro verso dá título à obra:

*Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e ao que é do dia-a-dia.*

(PSV, p. 65)

E, neste fluir do tempo, o sujeito poético tem plena noção do barro de que é formado; convivera desde criança com esta consciência de fragilidade. Já tivemos, também, a oportunidade de observar, na correspondência com a noiva, como ele se manifestava tão frágil na sua saúde e tão pecador. Mas esta consciência de pecado, longe de lhe provocar constrangimento, servia-lhe de estímulo para recomeçar. Um dos poemas mais significativos desta obra – “Somos de barro” – espelha bem esta nossa afirmação:

*Somos de barro. Iguais aos mais.
Ó alegria de sabê-lo!
(Correi, felizes lágrimas,
por sobre o seu cabelo!)*

*Depois de mais aquela confissão,
impuros nos achamos;
nos descobrimos
frutos do mesmo chão.*

*Pecado, Amor? Pecado fora apenas
não fazer do pecado
a força que nos ligue e nos obrigue
a lutar lado a lado.*

[...]

*O nosso Amor, que história sem beleza,
se não fora ascensão e queda e teimosia,
conquista... (E novamente queda e novamente
luta, ascensão...) Ó meu Amor, tão fria,*

se nascêramos puros, nossa história!

(PSV, pp. 41-42)

Somos “frutos do mesmo chão” (v. 8). Esta vibrante alegria de revelação espelha a grandeza de consciência que o seu fraterno humanismo vive e resume bem a sua profunda religiosidade.

Na sua vida, nunca houve lugar a desânimo. A fragilidade humana pode, se o homem quiser, ser alimento e força necessária para continuar na busca incessante da verdade.

A 4 de Maio de 1951, contrai matrimónio com o grande amor da sua vida, Joana Luísa de Oliveira Rodrigues – a irmã, a confidente, a noiva, a esposa idolatrada. Este acontecimento, tão ansiado, constituiu um momento culminante para o Poeta da Arrábida.

Já cerca de dois meses antes desse grande dia, como pode aferir-se pela data dos poemas, um novo fôlego e um novo alento vão estar presentes nestes seus versos. Neste contexto, antes do casamento, destacam-se “Nunca o amor foi breve” e “Nupcial”.

Em “Nunca o amor foi breve”, detectamos a intensidade da alegria que inunda este seu coração enamorado, ao convocar as aves do céu e os peixes do mar para sintonizarem e partilharem da grandeza deste sentimento:

*Nunca o Amor foi breve,
quando deu fruto.
[...]
Sagre-o a Dor, nenhum Amor é vão.
Exulta, voz das ondas!
– O seu Amor floriu, deu fruto,
como as árvores.*

*Cantai, aves do ar,
em volta do seu berço.
Cintilantes do Sol, saltai ao Sol,
peixes do Mar.*

*Nunca o Amor foi triste. Nem a Vida
foi menos bela.
Baila contente, lágrima!,
baila nos olhos dela.*

(PSV, pp. 43-44)

Em “Nupcial”, antevemos já a presença dos convivas na celebração matrimonial e a relação mais profunda desta união, deste “partir de nós pra nós”, na intimidade plena do tálamo conjugal:

*Vieram todos os poetas,
trouxeram versos, trouxeram rosas.
Repicam sinos, finamente...,
cantam as Coisas.
[...]
Já o teu seio em flor emerge
na minha vida como um barco.
Vamos partir de nós pra nós.
Cada manhã será mais perto.*

(PSV, p. 49)

Na sequência do casamento, avultam “Sinal”, “Imagem”, “Cantiga de amor”, “Largo do Espírito Santo, 2, 2.º”, “Anunciação”, “Obsessão”, “Raiz”.

Logo dois dias após a celebração do seu matrimónio, ei-lo, num tom jocoso e divertido, a servir-se da popular redondilha menor para cantar a sua aliança, o seu anel de noivado, o seu himeneu, a que deu o nome singelo de “Sinal”.¹⁶⁰ Este “anel redondo” simboliza não só esta união matrimonial que abre as portas do coração da amada mas também as portas da casa, do lar, dando-lhe o pleno direito à intimidade:

*Quanto amor me tens,
com amor to pago.
– Trago-te no dedo,
num anel que trago.*

*Num anel redondo,
todo de oiro fino,
que é o teu sinal,
que é o meu destino.*

*Este anel me basta,
pra bater-te à porta.
Truz! truz! truz! – na rua
como o frio corta!
[...]*

¹⁶⁰ A propósito da criação deste poema cf. o que se refere no 3º parágrafo da nota 202, p. 168.

*já na tua cama
me aconchego e deito;
já te chamo Esposa,
peito contra peito.*

(PSV, pp. 51-52)

Constatamos que a exaltação do amor que o Poeta nutre pela esposa é-nos trazida com tal serenidade, com tal pureza e tal ternura, que ninguém pode ficar indiferente. Ela foi sempre a mulher dos seus sonhos, esculpida à imagem do seu anseio onírico, capaz de saciar todo o seu desejo, qual Romeu apaixonado. No poema “Imagem”, ele manifesta-o:

*Ó corpo feito à imagem
de meu desejo e meu amor,
que vais comigo de viagem
pra onde eu for,*

*que mar é este em que andamos,
há três noites bem contadas
e não tem ventos nem escolhos
nem ondas alevantadas?*

[...]

*Ó alma feita à imagem
do sonho que me desmede
– que sede é esta que temos
que é mais água do que sede?*

(PSV, pp. 53-54)

Uma vez terminada a lua-de-mel, vemo-lo novamente em Estremoz, em cuja Escola Industrial e Comercial é professor, mas agora acompanhado pela sua esposa.¹⁶¹

¹⁶¹ Eis um pequeno testemunho de alguém que privou com ele desde a sua chegada a Estremoz: “Apetece neste dia recordar que, quando ele chegou a Estremoz, uns dias depois do casamento, e viu os amigos... largou o braço à companheira, que deixou perdida no bulício da feira que então acontecia, e correu para os Amigos para que partilhassem da grande alegria que nesse momento estava a viver.

Quando pouco depois entrou nesta casa, lá em cima no segundo andar, era um festival de flores. A Primavera também se instalara para receber os noivos, trazida e convencida pela ternura e carinho das suas alunas, que o conheciam há tão curtos meses! [...]

Sebastião da Gama e Joana Luísa – a noiva do poeta – viveram aqui nesta casa e neste Largo talvez os mais felizes momentos de toda a sua vida... e o mais impressionante para nós foi sabermos que ambos tinham conhecimento de que a sua felicidade estava ameaçada irremediavelmente. Mas assumiram-se perante o facto.

Recordo ainda uma noite, já a horas caladas, em que um grupo de Amigos mais assíduos, veio aqui cantar aos noivos uma serenata. E havia quem cantasse bem! A hora era de

O espaço que vão habitar nesta cidade – “Largo do Espírito Santo, 2, 2.º” – casa toda luz por fora e por dentro, de janelas abertas sobre o Alentejo verde, vai dar origem a um dos seus mais emblemáticos poemas amorosos; e, porque não dizer?, a um dos mais belos hinos à união matrimonial, tantas vezes relegada pelos poetas para um segundo plano, motivos pelos quais o reproduzimos integralmente:

*Nem mais, nem menos: tudo tal e qual
o sonho desmedido que mantinhas.
Só não sonharas estas andorinhas
que temos no beiral.*

*E moramos num largo... E o nome é lindo
que o nosso largo tem!
Com isto não contáramos também.
(Éramos dois sonhando e exigindo.)*

*Da nossa casa o Alentejo é verde.
É atirar os olhos: São searas,
são olivais, são hortas... E pensaras
que haviam nossos olhos de ter sede!*

*E o pão da nossa mesa!... E o pucarinho
que nos dá de beber!... E os mil desenhos
da nossa loiça: flores, peixes castanhos,
dois pássaros cantando sobre um ninho...*

*E o nosso quarto? Agora podes dar-me
teu corpo sem receio ou amargura.
Olha como a Senhora da moldura
sorri à nossa alma e à nossa carne.*

*Em tudo, ó Companheira,
a nossa casa é bem a nossa casa.
Até nas flores. Até no azinho em brasa
que geme na lareira.*

*Deus quis. E nós ao sonho erguemos muros,
rasguei janelas eu e tu bordaste*

descanso e o canto que foi certamente inoportuno para a vizinhança, encantou o poeta e a sua noiva... e claro, aconteceu o que só podia acontecer com Sebastião da Gama... A janela entreabriu-se e preso por um cordel desceu um objecto que materializava o seu agradecimento. Era uma garrafa de Moscatel de Setúbal... que ele sabia que os cantores noctívagos... muito apreciavam.”

(Joaquim Vermelho, *Evocação de Sebastião da Gama*, texto dactilografado proferido em Estremoz a 04-05-1996, pp. 1-2.)

*as cortinas. Depois, ó flor na haste,
foi colher-te e ficarmos ambos puros.*

*Puros, Amor – e à espera.
E serenos. Também a nossa casa.
(Há-de bater-lhe à porta com a asa
um anjo de sangue e carne verdadeira.)*

(PSV, pp. 59-60)

Simplicidade, espontaneidade e aproximação à oralidade caracterizam a maior parte dos poemas de Sebastião da Gama. E, aqui, neste poema, como em toda esta obra, podemos comprovar tudo isso e ainda um marcado despojamento retórico de uma forma tão peculiar e tão límpida.

A presença constante de expressões e de vocábulos ligados à paisagem e ao espaço (“moramos num largo”, v. 5, “Da nossa casa o Alentejo é verde”, v. 9, “estas andorinhas / que temos no beiral”, vv. 3-4); à realidade do quotidiano doméstico (“o pão da nossa mesa”, v. 13, “o pucarinho”, v. 13, a “loiça”, v. 15, a “lareira”, v. 24, o “azinho em brasa”, v. 23); à relação sponsal (“o nosso quarto”, v. 17, “Agora podes dar-me / teu corpo”, vv. 17-18, “foi colher-te”, v. 28); e, finalmente, à realização de um sonho (“E nós ao sonho erguemos muros”, v. 25), à edificação de um lar, tão ambicionado pelo sujeito poético.

O poema tem como destinatário intratextual um *tu* (“mantinhas”, v. 2) que é a “companheira”, a amada, a esposa, a que progressivamente se junta a voz do *eu*, numa comunhão de vida e de sonho (“Éramos dois sonhando e exigindo”, v. 8).

Vemos aqui, assumidamente, devido a esta forte intimidade originada pelo vínculo matrimonial, a relação *eu / tu* a dar lugar a um novo deíctico, à comunhão do *nós*. Registe-se que a forma de entrega do *eu* (sujeito lírico) ao *tu* (amada) é tão intensa, que o sujeito lírico quase se apaga ao fundir-se e diluir-se no *nós*, reflexo de um amor vivido em plenitude. Todo o cenário envolvente é metonimicamente indissociável do “sonho desmedido” (v. 2) e do sonho realizado (“E nós ao sonho erguemos muros”, v.

17), remetendo-nos para esta comunhão imaculada que Deus quer e abençoa (“Olha como a Senhora da moldura / sorri à nossa alma e à nossa carne.”, vv. 19-20; “Depois, ó flor na haste, / foi colher-te e ficarmos ambos puros.”, vv. 27-28).

Além disso, como poeta do sensível e da imanência, o amor celebrado neste longo poema é o amor que une “alma” e “carne”, espírito e corpo, é o amor que frutifica, em que os anjos são de “sangue e carne verdadeira” e não quaisquer figuras celestes que, por influência de Rainer Maria Rilke, abundavam na nossa poesia dos anos 40 e 50.¹⁶²

Para concluir, diríamos ainda que, para lá do código literário metafórico-simbólico em que o poema está construído, o Autor sublinha a sua conduta religiosa, ético-cristã, numa forte aproximação aos valores católicos, em patente consonância com toda a sua obra.

No poema “O Outono é triste”, o Poeta fala do amor que transformou a sua vida numa Primavera permanente que a paisagem de Estremoz lhe oferece:

*Aonde estou não há Outono. O Outono é triste...
Aqui não deixam nunca as folhas de ser verdes
e há a relva e os rebentos e a alegria dos pássaros...
E os sítios em que amámos?... Vou contigo, Mulher,
vamos de braço dado aos sítios de outro tempo...
Ah! que não vemos musgo, muros velhos, mofo...
Saudades?... Nem ao menos saudades... Somos os dois tão jovens!...
Lá vai uma flor nova romper. Detemo-nos, deixamos
de respirar – e eis o botão rasgado e a flor aberta...*

(PSV, p. 81)

Numa alma tão sensível como a dele, uma simples flor era motivo para um poema.

A fé num Deus amigo e próximo ocupou sempre um lugar central na vida de Sebastião da Gama. Ela foi, permanentemente, um manancial de virtudes e de

¹⁶² Cf. Maria de Fátima Marinho, *A poesia portuguesa nos meados do século XX; rupturas e continuidades*, pp. 97-108.

bênçãos. Não nos surpreende, por isso, o título do último texto poético desta obra e também da sua vida, “Fé”:¹⁶³

*Falas – e és a Pastora.
Não contes a visão, nem as palavras
que a Senhora te disse: apenas fala.
Falas e em tudo creio. Até no Mundo.
És a Pastora, fala. Fala apenas.*

(PSV, p. 85)

A fé ilumina todas as coisas com uma nova luz; é essa porta que se abre e que lhe permite a aceitação do mistério de Deus e não as explicações que, por palavras, se cingem aos limites da razão. O que importa da relação com o sagrado é esta experiência íntima que dele se tem. Por isso, não é possível contá-la, transmiti-la pela oralidade, até porque as palavras, sobretudo as que se espraiam em vãs explanações, pouco contam e pouco dizem, pouco transmitem e pouco são. As palavras aprisionam tantas vezes o ser e a alma...

Daí a instante insistência do sujeito poético à Pastora que institui como privilegiado destinatário da sua confidência: “És a Pastora, fala. Fala apenas.” A “visão”, tal como a evidência de Deus que a fé oferece, não se conta, não é para narrar. O Autor prefere a intensidade desta visão, desta iluminação única. A fé corresponde a esse mergulhar no absoluto, sentido último para quem confia plenamente na eternidade.

Palavras sábias as de Agostinho de Hipona, ao afirmar que o homem sem fé é como um viajante sem meta, como alguém que luta sem esperança da vitória. A fé torna-se, assim, um caminho a percorrer, um dom a celebrar, uma vida a irradiar luz.

¹⁶³ “8 de Dezembro de 1951. Dormíamos no Portinho da Arrábida. O Sebastião acordou a chorar. Abraçou-me e disse-me: «Se um dia um de nós morrer, o outro vai ficar muito triste.» «Qual quê?!... – respondi-lhe – somos ainda muito novos para morrer! Dorme, não penses nisso.» Quando me levantei, disse-me «Fé», o seu último poema.” (Testemunho particular da esposa, Joana Luísa, a 01-11-2007.)

Santa Teresa de Ávila, paradigma de ascese mística para Sebastião da Gama, testemunhando também esta relação com o transcendente, afirmava ter encontrado Deus no dia em que se perdera a si mesma de vista – mas fora só então que descobrira a serenidade e o encanto desta visão, desta iluminação divina: “só Deus basta”, Ele é o seu tudo. Encontramos, aqui, o reflexo da sabedoria de alguém que palmilhou os caminhos e veredas escarpadas da vida; que enfrentou a “noite escura” da sua existência; e que, finalmente, encontrou em Cristo a plenitude da luz.

Parece estarmos a rever o célere trajecto da vida de Sebastião da Gama. E, fazendo eco dos sentimentos fulcrais do Poeta, o nosso pensamento transporta-nos para a obra de Santa Teresa de Ávila de onde somos levados a extrair um fragmento de um dos seus poemas cuja serenidade e encanto caracterizam bem o homem e a obra, a vida e a crença num Deus-Plenitude, oceano que acolheu, pura e cristalina, a alma de Sebastião da Gama:

«Nada te turbe,
Nada te espante,
Todo se pasa,
Dios no se muda,
La paciencia
Todo lo alcanza;
Quien a Dios tiene,
Nada le falta:
Sólo Dios basta.»¹⁶⁴

¹⁶⁴ Poema que Teresa de Jesús (1515-1582) conservava na sua *Liturgia das Horas* e que a moldou para sempre, fazendo destas palavras o seu programa de vida. (Teresa de Jesús, *Obras completas*, 3.^a ed., Burgos, Editorial Monte Carmelo, 1982, pp. 1688-1689.)

Ensinar é amar.

(D, p. 47)

2. *DIÁRIO*, o poema do Pedagogo

«O Diário é, sem dúvida, um dos mais impressionantes documentos humanos escritos em Portugal na primeira metade do século XX – documento sobre a maneira como concebia o ensino e a vida alguém para quem dar uma aula mal se distinguia de criar um poema.»¹⁶⁵

Estamos em 1949. A 11 de Janeiro, Sebastião da Gama inicia, na Escola Comercial de Veiga Beirão (hoje, Fernão Lopes), em Lisboa, o seu estágio pedagógico. Terá como professor orientador e metodólogo o Dr. Virgílio Couto que propõe a todos os seus estagiários, como trabalho conclusivo, a redacção de um Diário.¹⁶⁶

¹⁶⁵ Luís Filipe Lindley Cintra, “Diário”, in Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*, vol. I, 3.^a ed., Porto, Figueirinhas, 1984, p. 362.

¹⁶⁶ Sebastião da Gama reconhece, ao longo do Diário, o quão importante pode ser este tipo de registo e enaltece o seu mestre por esta inovadora pedagogia: “Bem haja o senhor Dr. Virgílio Couto por esta ideia do diário. A gente assim pode olhar para trás e ver vida – tempo enchido com coração em lugar de com fórmulas. ‘Leitura e interpretação do trecho tal. – Faltei por doença. Exercício escrito’. Tudo isto nos não diria nada; e como a gente tem memória fraca, olhava para o livro de ponto e era capaz de ter uma angustiada sensação de vazio.” (Sebastião da Gama, *Diário*, pp. 67-68.)
Curiosa é a anotação do Dr. Virgílio Couto, ao fazer eco das páginas que vai lendo deste “Diário”, ao afirmar: “[...] lendo isto, chego a convencer-me de que sim, de que sei o que faço, de que tenho ideias... Se até tive a ideia de Vocês fazerem um Diário! E regalo-me a ler, contente de mim. Que lindo é isto tudo! Que grande Professor que Você é! V. é admirável – e eu adoro-o. Abraços, Sebastião, meu querido estagiário.” (*Ibidem*, p. 168.)

Esta obra é assim o reflexo e o resultado da experiência didáctica deste jovem professor de Português entre Janeiro de 1949 e Fevereiro de 1950. Trata-se do registo minucioso do quotidiano de um estagiário aplicado e, porque não?, do programa da sua carreira de professor. São anotações e considerações pessoais recolhidas pelo professor-Poeta, sem a intenção de lhes dar publicidade, mas também sem o propósito de as subtrair à leitura alheia fechando-as a sete chaves. Confessava ele:

Isto é quase um diário íntimo e se digo quase, é porque, apesar de tudo, sei muito bem que outros, que não só eu, o vão ler, e isso, que não obsta a que sejam sinceras todas as minhas palavras e verdadeiras todas estas histórias, me impede de contar “...certas coisas que terei pudor / de contar seja a quem for”.

(D, p. 68)

Seis anos após a sua morte, este manuscrito, na posse da esposa Joana Luísa, é então tornado público, em 1958, e as suas contínuas edições até ao presente atestam a aceitação que este *poema pedagógico* continua a merecer por parte de um vasto público.

É que os grandes poetas são na sua maioria e por essência grandes pedagogos. (Para confirmá-lo, bastaria considerarmos, entre outros, o caso de Homero, o qual, nos primórdios da literatura ocidental, esteve na base de toda a *Paideia* do mundo helénico.) Com efeito, a poesia dos grandes poetas antecipa o tempo, encerra normas e valores, padrões de cultura, de comportamento e de acção. É portanto natural que *Diário*, poema em prosa, se possa considerar de algum modo um acervo de explicitações pedagógicas do Poeta Sebastião da Gama. Deste se poderia dizer, porventura, que a sua poesia é eminentemente pedagógica e que o seu tratado pedagógico não é menos eminentemente poético.

A fé cristã, como reiteradamente já tivemos a oportunidade de sublinhar, ocupou um lugar privilegiado na vida de Sebastião da Gama. Juntamente com todas as teorias didácticas e pedagógicas da Escola Nova, que ele foi depurando ao longo do seu

estágio, encontrou aqui o alento decisivo para a sua pedagogia. Soube ver na antropologia e na mundividência cristãs que o ser humano é pessoa, isto é, ser em relação, chamado à fraternidade e ao amor. Assinalou, desta forma, que é na comunidade que o homem encontra a sua realização, onde dar-se e colaborar com os outros é mais importante do que buscar-se a si mesmo. Introduziu, assim, na sua pedagogia, o dinamismo de vitória sobre o egoísmo e o individualismo. Propôs, através das suas estratégias pedagógicas, o sentido de responsabilidade, de generosidade, de criatividade, com o intuito de uma educação para a liberdade. Descobriu que ninguém consegue sozinho ser perfeito, pois só se cresce, na linha da perfeição, com a ajuda dos outros. Eis o seu testemunho:

Passou-se a aula a ver tudo isto; e a ensinar Português a partir do que estava errado. Mansamente, alegremente...

O objectivo não era encontrar o erro e dar a respectiva palmatoada: era começar a fazer o que eu quero fazer [...]: levar os fracos ao nível próximo-possível dos fortes. Disse-lhes isto na primeira aula [...].

(D, p. 27)

E um pouco mais adiante observamos a estratégia que, desde o início, adoptou:

Chamei o Ludovico para o ouvir ler. Chamei à moderna ou à minha moda, claro está. Até seria bom banir a palavra, que tem ainda, para muita gente, o sentido de torturar. Quando cheguei a Setúbal, quis acabar com o que fica bem chamado “o terror da chamada”; é esse terror que leva a criança a faltar à aula, a inventar uma desculpa, a tremer perante o professor. Ora em Setúbal, como aqui [...], deu-se o contrário: há a ânsia, a exigência e a alegria da chamada. Reclamam, querem vir junto de mim todos os dias, impacientam-se. Em Setúbal, de princípio, perguntavam: “É para a nota?” (E havia medo na voz.) “Não. É para aprender.” Pois sim, senhor, para aprender é que é: para eu aprender, para o aluno aprender; para estarmos mais perto um do outro; para partirmos a aula a meio: pataca a mim, pataca a ti.

(D, pp. 27-28)

Vai ao ponto de afirmar que os vocábulos “ensinar” e “aprender” interagem semanticamente numa relação de comunhão:

[...] entre o ensinar e o aprender há tão pouca diferença que os dois conceitos se exprimem em francês pela mesma palavra.

(D, p. 120)

Sebastião da Gama intuía, bem, que o fundamental de toda e qualquer vida humana está nesta descoberta da relação interpessoal e na arte do incitamento ao saber – não a um saber utópico, mas a um saber concreto e necessário que faz sentir a vida como espaço de criatividade permanente e de um projecto de felicidade. A escola não pode ser apenas um conjunto de actividades obrigatórias afectas a um programa e à transmissão de uma abundante informação; deve ser também um espaço de construção de saberes virada para o desenvolvimento das capacidades de cada um. Trata-se de uma visão da vida, persistente e longamente prosseguida e afirmada, num espaço em que os seus alunos se deveriam sentir bem e revelar interesse por aí estarem – e não se lembrarem de que o estar lá fora é melhor.¹⁶⁷ Confidencia logo no início do seu *Diário*:

O que eu quero principalmente é que vivam felizes.

(D, p. 23)

Aqui resumida está toda a sua filosofia pedagógica. Sebastião da Gama procura fazer de cada aula uma festa, permitindo que os seus alunos a sintam como tal, e para isso envolve-os na própria selecção dos textos a serem estudados.

Hoje o trecho foi escolhido pelo Fosco (e de ora avante será sempre assim; eles é que sabem o que eles querem [...]).

(D, p. 34)

A aula transforma-se assim num mero

[...] pretexto para estar a conviver com rapazes alegremente e sinceramente. E dentro dessa convivência, como quem brinca ou como quem se lembra de uma coisa que sabe e vem a propósito, ir ensinando.

(D, p. 23)

¹⁶⁷ “Ser bom professor consiste em adivinhar a maneira de levar todos os alunos a estarem interessados; a não se lembrarem de que lá fora é melhor.” (Sebastião da Gama, *Diário*, p. 72.)

Conviver é uma das palavras-chave do seu projecto educativo. Está convencido de que todo o verdadeiro viver se fundamenta neste convívio, neste contacto franco e leal com os outros – por isso lhes pede que sejam sempre leais, numa atitude de espontânea sinceridade:

E pedi, mais que tudo, uma coisa que eu costumo pedir aos meus alunos: lealdade. Lealdade para comigo e lealdade de cada um para cada outro. Lealdade não se limita a não enganar o professor ou o companheiro: lealdade activa, que nos leva, por exemplo, a contar abertamente os nossos pontos fracos ou a rir só quando temos vontade [...] ou a não ajudar falsamente o companheiro.

(D, p. 23)

E, logo de seguida, protesta junto dos seus alunos:

Não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já me esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas. Aqui e no pátio e na rua e no vapor e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos.

(D, pp. 23-24)

A aula ultrapassava, desta forma, os muros da escola. Ao professor competia-lhe a tarefa de igualar-se, na diferença, aos seus alunos,¹⁶⁸ ao proporcionar-lhes um harmonioso ambiente de “comunhão perfeita” entre todos. A autoridade era, assim, fruto de uma força interior, que se impunha por si mesma, pelo que os seus alunos, camaradas mais novos, não eram obrigados a mais disciplina do que aquela a que livremente quisessem submeter-se, segundo a medida do interesse que o professor soubesse despertar-lhes:

A aula começou pela algazarra do costume. Parece uma romaria depois dos primeiros copos. Eu entro e peço paz, imponho paz; o primeiro minuto tem de ser de paz imposta: o segundo é que já é paz provocada, paz devida ao interesse que a aula consegue ter.

(D, p. 39)

¹⁶⁸ A este propósito, é digno de registo o testemunho do Fosco, um seu aluno: “[...] e para o Sr. Dr. Sebastião da Gama um abraço forte deste seu aluno que sempre o respeitará e que nos havemos de tratar como dentro das aulas, onde falávamos como se fôssemos sempre colegas.” (Sebastião da Gama, *Diário*, p. 197.)

Já tivemos a oportunidade de mencionar, quando analisávamos a sua obra poética, que o improviso marcava fortemente a sua personalidade, considerando que os seus melhores poemas aconteciam, tantas vezes, de súbito, fruto de uma inspiração momentânea. Como professor vai também deixar-nos impressa esta sua idiosincrasia. Diz-nos ele, no *Diário*, que as suas melhores aulas surgiram de repente, elas aconteceram, não podendo pretender levar todas as aulas preparadas, “tintim por tintim”, até ao fim:

[...] tenho verificado que as melhores aulas da minha curta vida surgiram de repente, por causa de uma palavra, por causa de uma insignificância em que eu não pensara antes. Falei isto ao Dr. Virgílio Couto. Apoiou-me no que costumo fazer, que é não levar, em Português, a aula preparada tintim por tintim, e concluiu que

*A LIÇÃO DE PORTUGUÊS ACONTECE.*¹⁶⁹

(D, p. 32)

Costuma-se dizer que um bom improviso é realmente fruto de muita preparação e de muito trabalho de bastidores. E que ele só acontece quando estamos devidamente preparados. Em Sebastião da Gama, constatamos que a sua vida era um perfeito espelho de tudo aquilo que ele fazia. Pela leitura da sua obra, observamo-lo, continuamente, a inventar e a recriar novas formas didáticas para os seus alunos, e isto sempre num ambiente alegre e cheio de boa disposição, para tornar harmonioso e agradável, vibrante e eficaz o seu ensino / aprendizagem.

Para isso, desenvolve, por exemplo, a “Semana do Animal”, pretendendo reforçar os bons sentimentos dos alunos através da estima pelos animais; promove a “Semana da Poesia”, inculcando-lhes o gosto pela musicalidade e pela cor das palavras,

¹⁶⁹ Porém, na anotação à margem, o seu metodólogo regista: “Mas o mestre tem de saber muitas coisas, muitas coisas, para que ela aconteça bem. Saber aqui não é bem ‘ter na cabeça’. É saber. Olhe, é saber.” (*Ibidem*, p. 32.)

E Sebastião da Gama *sabia*, junto dos seus alunos, aproveitar bem deste seu talento transformando-o em dinâmica de espontaneidade criadora: “Pois a aula aconteceu, pelo menos enquanto o vago plano que eu esboçara *in mente* foi transformado. E os rapazes deram, com a sua atenção, o seu *sim*.” (*Ibidem*, p. 41.)

querendo encaminhá-los para o apreço da arte em geral e da poesia em particular; sugere a “Semana da Anegota”, como meio de fomentar a boa disposição, corrigindo-lhes a dicção e a construção frásica. Tudo lhe era propício para auscultar, sentir e desenvolver o ensino/aprendizagem dos seus alunos, mas sempre num ambiente festivo e aprazível. Chega, mesmo, ao ponto de desafiar os seus alunos a ocuparem o seu lugar e redigirem sobre o ofício de Professor a dissertação “Se fosse eu a dar aulas...” (D, p. 153).

Quanto à “Semana do Animal”,¹⁷⁰ vai escolher trechos de autores portugueses que possam motivar bons sentimentos nos alunos.

Com cuidado, escolhi então oito trechozinhos que não levassem a ler mais que o tempo da aula. Neles se verificavam modos vários de olhar para os bichos – se verificava, antes de tudo, amor pelos bichos. [...]

[...] eu quis principalmente dar-lhes animais vivos, pô-los a amar o rouxinol, a cabra, a galinha, a cigarra...

A “Semana do Animal” entrara com o pé direito, porque toda a gente saía da aula como da festa (eles contentes; eu contente e cansado...).

(D, pp. 39-40)

A partir desta iniciativa, abre espaço a contínuas representações cénicas em que os seus alunos/actores são chamados, também eles, a desenvolver potencialidades escondidas e a colocarem à prova a eloquência e o poder da argumentação de cada um. A dramatização na sala de aula desinibe qualquer aluno e vai promover o gosto e o prazer pela leitura, tornando-a mais correcta e natural. Para isso, utilizando o conhecimento de tantas fábulas, passa a fazer, de vez em quando, julgamentos de

¹⁷⁰ Sebastião da Gama tinha uma elevada estima e apreço pelos animais. Desde o berço materno que a eles se afeiçoara. Veja-se como evoca a Dina, a sua cadelinha, que sempre o acompanhara com desvelo, nos momentos de maior ou menor angústia ou então de entusiasmo, nas suas incursões pela Arrábida:

“Durante catorze anos foste a minha maior amiga. Ias esperar-me à camioneta, lembra-te, quando eu vinha do liceu. Beijavas-me. Fazias versos comigo, que eu bem via nos teus olhos. [...] choraste de roda de mim e chamaste-me com as patinhas, porque eu ajoelhei na estrada e parecia aflito: afinal, era aquela angústia dos meus dezoito anos; era eu a lutar com Deus em lutas a que só tu assistias. Pobre Dina! Já tenho rezado por ti, junto da tua campa, como se reza por gente [...]” (Sebastião da Gama, *Diário*, p. 41.)

animais: o julgamento do lobo e do cordeiro; da cigarra e da formiga; da raposa e do corvo... (D, p. 94). Tudo isto num ambiente de total à-vontade familiar, com resultados muito positivos.

A “Semana da Poesia” deveria ser para Sebastião da Gama qualquer coisa como a “sua” semana. Ele nunca escondera aos seus alunos a sua peculiar sensibilidade.¹⁷¹ Desde a primeira aula dera ele a conhecer esta sua condição e vocação. Ser Poeta constituía para ele um dom de encantamento, e fazia-o através da sua forma de ser e de comunicar. Tal como para o homem da Hélade, a Poesia era a forma suprema da educação (*paideia*);¹⁷² também nele a Poesia se tornara pedagogia da felicidade, pois o

¹⁷¹ Sebastião da Gama era assim, Poeta na vida como na obra que nos legou. Anos mais tarde, David Mourão-Ferreira confidenciava ter sido ele a mais viva encarnação poética que jamais encontrara, em que a figura humana do poeta e a impalpável matéria da poesia se encontravam aureolados por um mesmo halo de incorruptível presença e por um mesmo nimbo de unitária significação, numa íntima e consubstancial unidade, que estas palavras da sua dissertação de licenciatura não poderiam sintetizar melhor: “Só se é Poeta na medida em que se é homem.” (Sebastião da Gama, “Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX”, p. 305.) (Cf. David Mourão-Ferreira, *Evocação de Sebastião da Gama*, pp. 7-11.)

¹⁷² O conceito de educação no mundo helénico esteve sujeito a um constante aperfeiçoamento. A *paideia* surge primeiro, numa fase elementar, entendida apenas como criação de meninos (alimentação, cuidados de saúde), só depois vindo a ser associada a *aretê* (virtude, bravura, coragem, honra), aglutinando por fim o atributo de *kalós kai agathós* (belo e bom). Mais do que a coragem e a honra, pretendia-se com esta designação sublinhar os predicados da excelência física e moral. Para alcançar este ideal, tornava-se indispensável, na *paideia*, o domínio de duas matérias: a ginástica e a música. A ginástica, para o corpo; a música, para a alma. A música implicava todo o vasto domínio das musas, compreendendo a poesia, a história, a oratória, o drama e a ciência. Para lá da execução musical, impunha-se o conhecimento da língua, porque para cantar os poetas era preciso ler as suas obras. Daí que a compreensão dos poemas mais famosos fizesse parte integrante da *paideia*. A este propósito, diz-nos Protágoras: “Creio eu, Sócrates, que para um homem a parte mais importante da educação [*paideia*] consiste em ser perito em matéria de poesia, e essa perícia significa poder entender e saber distinguir, na obra dos poetas, o que está feito de modo correcto e o que não está e justificar-se perante qualquer dúvida.” (Platão, *Protágoras*, [339a], tradução de Ana Piedade Elias Pinheiro, Lisboa, Relógio d’Água, 1999, p. 115.) Perante o objectivo fundamental da educação, o mesmo Platão sublinha no ideal educativo uma componente cívica, para nós indissociável do ideal educativo da Grécia clássica. Para além de formar o homem em consonância com os critérios do belo (*kalós*) e do bom (*agathós*), a educação deveria formá-lo também como cidadão. Diz-nos ele que a essência de toda a verdadeira educação ou *paideia* é a que dá ao homem, logo desde os tempos de infância, o desejo e a ânsia de ele se tornar um cidadão íntegro e a que o ensina a mandar e a obedecer, tendo sempre a justiça como fundamento. E conclui que a *paideia* é “aquele embrião gerador dos maiores bens, aí se formando todos aqueles que justamente são os melhores homens”. (Cf. Platão, *Leis*, [643e; 644b], vol. I, tradução de Carlos Humberto Gomes, Lisboa, Edições 70, 2004, pp. 108-109.)

É precisamente no âmbito desta demanda global de um conceito de educação orientado para a justiça, a democracia, o amor, a sabedoria, a tolerância e para os demais valores – ideal que Sebastião da Gama sempre procurou incutir nos seus alunos – que se pode fazer do

sentimento poético pode transformar tudo quanto toca em beleza, em emoção. Daí a necessidade de abrir aos seus alunos esta janela de fascinante encantamento, de forma a que eles fossem mais homens:

Eu não quero “impingir” versos aos meus alunos: quero abrir-lhes a janela da Poesia, para que não se dê tempo a que também entre neles o respeito humano. Ouvindo ou lendo versos, verão logo de princípio que é natural um homem amar as flores e amar as flores com naturalidade.

(D, pp. 54-55)

Foi esta a estratégia encontrada para transmitir-lhes este deslumbramento, encaminhando-os para a descoberta do mistério que é a Poesia. Mistério de palavras, imagens, mundos novos em que poucos reparam:

É [...] de interesse primário levar os rapazes a amar as palavras – mostrar como são cheias de beleza, outras como são engraçadas, outras como são doces.

(D, p. 52)

Notei-lhes, então, pois vinha a propósito, que cada palavra, cada frase têm o seu ambiente próprio.

(D, p. 169)

Devagarinho, sem pressas, irão eles, comigo, achando aqui uma imagem, ali uma palavra, acolá um acontecimento que só podem ser Poesia. E um belo dia acontece que lêem “a Moleirinha” com os olhos deslumbrados e torcem o nariz a um mau poeta. Foram até lá sem dar por isso.

(D, p. 29)

E, quando o terreno é já propício a esta sensibilização, eis a “Semana da Poesia” como educação para a verdade e para a beleza, para a harmonia e para o encantamento, para o amor e para a felicidade:

[...] e porque de pequenino é que se torce o pepino, é que eu fiz a Semana da Poesia. Para começar, enchi uma aula de versos lidos por mim. Ao escolhê-los, fiz o possível por excluir coisas mórbidas ou tristes [...]. Em quase todos a

homem um ser genuíno, leal, verdadeiro, empenhado e solidário. À essência desta matriz helênica, Sebastião da Gama, homem de sempre mas também do seu tempo, apenas terá acrescentado um certo *modus operandi* da pedagogia da Escola Nova, por um lado e, por outro, uma rara intuição e uma sensibilidade excepcional, logrando a arte suprema do educador de que, para alguns, continua ainda hoje como um paradigma de excelência.

nota dominante era o encantamento – ser Poeta, tinha eu pensado dizer-lhes – é estar encantado ou desencantado e contá-lo com palavras que pareçam música.

(D, p. 55)

Chega ao ponto de sublinhar a urgência desta necessidade, que está no nosso subconsciente colectivo e que tantas vezes menosprezamos só por ser tido como menos viril pelo vulgo. O conceito de Poesia, mais do que um *modus operandi*, é um *modus essendi*, resultado de uma atmosfera espiritual:

[...] é preciso ser Poeta principalmente por dentro.

(D, p. 36)

Daí que procure incutir nos seus alunos a verdade das intenções mais belas e generosas que emanam desta sensibilidade, em ordem a eles não perderem o melhor das suas vidas:

É preciso, subtilmente, deitar-lhes no sangue este veneno – não tanto para que gostem de versos ou saibam versos de cor, como para que olhem o mundo através da janela da Poesia, para que beijem tudo graças a Deus, para que saibam olhar, para que reparem nas flores e nas ovelhas. Isto é que se quer que eles façam, sem respeito humano, pela vida fora. Digo “sem respeito humano”, porque é fora de dúvida que a maior parte de nós, Portugueses, temos cá dentro um impulso que nos levaria a fazer tudo ou quase tudo o que fazem os Poetas, se não fosse um receio de parecer menos viril. A gente tem vergonha de beijar tudo, de amar as flores, de se enternecer com os animais, de dar um passeio. Se beija uma árvore é parvo; se traz uma flor na mão, é maricas; se se enternece, é fraco; se acaricia uma menina, põe nessa carícia o sexo; se vai a qualquer parte para passear e ver o mundo, faz constar que foi de viagem de estudo ou de negócios. Temos vergonha de ser sinceros, de que nos creiam parvos, ou maricas, ou fracos, ou lúbricos, ou estroinas. E então perdemos o melhor da nossa vida a ludibriar os outros e a insultar as nossas intenções mais belas e generosas. Ó Portugueses, é tempo de torcer o pescoço ao respeito humano. Olhai que nós somos bons e talvez seja verdade que somos poetas – e isso não deve ser desprezado, mas antes manifestado. Começai a ser sinceros, deixai de ser irónicos e vereis como tudo corre melhor e a vida tem outro sabor!

(D, p. 54)

A ironia e o maldizer são algo que está bem patente nas nossas origens linguísticas e culturais. Sebastião da Gama sabe disso tirar partido, também com a mestria de um grande pedagogo. A ideia da “Semana da Anekdota” surge-lhe igualmente

de improviso, com o desejo de tornar as aulas um espaço interactivo e agradável, festivo e dinâmico, de contínua aprendizagem aprazível e viva:

Não sei por quê, falou-se de anedotas; e então prometi-lhes que havíamos de reservar um ou dois ou três dias de uma semana qualquer para cada um contar uma anedota. Já fiz isto em Setúbal e o resultado foi bom: eles estão à vontade, estão como na rua, de modo que contam com naturalidade; por outro lado, os ouvintes vão anotando as suas correcções à dicção, à construção da frase, ao vocabulário – e a anedota torna-se, deste modo, uma viva lição de Português.

(D, p. 92)

E, no seguimento, logo constata:

[...] notei-lhes que devemos ‘policiar’ a nossa linguagem: falarmos entre nós como se estivéssemos na aula; ou diante de senhoras, ou junto da família. E por duas razões: a primeira, e mais importante, é que devemos ser elegantes, asseados, espiritualmente; a segunda, é que o hábito de falar usando com frequência palavras menos próprias nos levará a fazer o mesmo diante de gente mais velha ou diante de senhoras, já por distração, já por fatalidade, como é o caso das interjeições.

(D, p. 92)

Não é intuito de Sebastião da Gama ficar-se só pelo carácter humorístico da anedota. Ela mais não é que uma oportunidade lúdica que leva os alunos a reflectir sobre a adequação ou não da linguagem às diversas situações discursivas, sugerindo, também, que esse momento fosse de carácter educativo ao propor que se fizesse uma pequena palestra relevando os aspectos culturais, sociais e históricos que aí estivessem implícitos.

[Tudo isso] a anedota revela do espírito de observação de quem a inventa – e ao mesmo tempo o seu carácter anónimo, popular, se quisermos; estes e tantos outros pontos acho eu que é de interesse tratá-los numa introdução à Semana da Anedota (que poderá ser completada com uma pequena palestra de qualquer dos rapazes).

(D, p. 93)

Vemos, uma vez mais, a intensa criatividade de um pedagogo que não se poupa a esforços, nem se acomoda à simples didáctica escolar que vai exercitando. Ele próprio procura novas formas e novos caminhos para o bom aproveitamento

escolar dos seus alunos.

Sebastião da Gama tinha viva consciência da importante missão que desempenhava como professor e educador. Estes dois vocábulos eram nele um todo inseparável. Sentia-se horticultor de um canteiro onde podiam desabrochar as mais belas flores, mas que precisava de ser cultivado com a paciência de um bom jardineiro, “dando tempo ao tempo” (D, p. 29), porque “ser professor é dar-se” (D, p. 46); porque “ensinar é amar” (D, p. 47), é estar próximo como amigo “um pouco mais velho”; “é ter confiança” e “acreditar no aluno” (D, p. 114); é procurá-lo quando as faltas continuadas e não justificadas acontecem, ou quando algum anda perdido (D, pp. 113, 194-197); é falar-lhe ao coração e com ternura (D, p. 115). Isto exigia o estabelecer de parcerias de negociação para que a aula fosse um espaço de aprendizagem e de boa disposição (D, p. 121); e, quando os resultados não são os melhores, há que incutir-lhes o alento e a autoconfiança de que eles serão capazes de “uma atitude nova”, “combinado?” (D, p. 191); porque “errando é que se aprende” (D, p. 192), sem esquecer que o professor deve “ser exemplo em tudo” (D, p. 94). Cada um dos seus alunos revelava todos estes potenciais necessários para poder crescer, para desenvolver os talentos que possuía. E, para que isso acontecesse, não havia nada melhor do que colocar os rapazes à vontade, e presenciar-se-ia, então, o milagre da criatividade e da alegria na sala de aula.

Ao contrário de todo o ensino tradicional centrado no *magister dixit*, que o *Émile*, de Jean-Jacques Rousseau, tinha posto em descrédito ao colocar o aluno como centro e fundamento de todas as atenções, poucos foram os professores que tiveram a ousadia de acolher a novidade desta pedagogia e de a incrementar no seu ensino. A inovação acarreta sempre riscos, mas é preciso corrê-los para acompanhar as mudanças que se operam na sociedade em que vivemos. O jovem professor, Sebastião da Gama, não só soube intuir tudo isto como ele próprio colocou os seus alunos no centro da sua

acção educativa. Descobriria que é na boa relação mestre-aluno que radica a verdadeira chave do sucesso escolar e que a confiança e o diálogo franco são as janelas desta intimidade.

A este respeito, regista, cheio de contentamento e de maneira persistente, ao longo do seu *Diário*, momentos de regozijo:

Ora os rapazes são de se lhes tirar o chapéu. São vivos, são alegres, são inteligentes e alguns até são bonitos (eu gosto de rapazes bonitos e ninguém tem nada com isso). Merece a pena estar com eles – e merece a pena, sobretudo, deixá-los falar, porque descobrem imensas coisas que nós já não somos capazes de descobrir.

(D, p. 37)

Parece-me que tenho razões de sobejo para ter ficado contente com os meus rapazes.

(D, p. 67)

Que rapazes estupendos! Que sorte grande me caiu nas mãos!

(D, p. 119)

Os rapazes trabalham, interessam-se, disciplinaram-se, e isto foi-se gradualmente acentuando até chegar a um ponto de afinação que era o grande começo que eu ansiava.

(D, p. 209)

Neste ambiente de à-vontade, não haverá dificuldade em transformar as aulas numa “festa” em que os alunos se sentirão felizes e se esquecerão de pensar no “lá fora, na rua”. É tal a sua obsessão em fazer da aula uma festa, que chega a propor a mudança de nome da aula. Alvitra:

Porque não passará a definir-se como festa, nos dicionários, a palavra aula?

(D, p. 55)

Encarnara, na verdade, a sua profissão como verdadeira vocação que emerge de uma exigência de ser.

Ensinar e ser. Antes de tudo, ser. A vida do professor deve ser (tanto quanto possível, pobres de nós!) luminosa e branca. Mais do que não ser ignorante, importa não ser mau, nem desonesto, nem impuro... Tanto quanto possível, pobres de nós!

(D, pp. 49-50)

Ensinar e ser, eis a norma do sagaz e intuitivo professor. Ser, para poder ensinar e ensinar para chegar a ser. Ser é ir. Ir é realizar. Ou, parafraseando Ortega Y Gasset, diríamos que “a vida é um gerúndio e não um particípio, um *faciendum* e não um *factum*”,¹⁷³ e nenhum caminho é demasiado longo ou árduo de percorrer. A vida é, portanto, um afazer vivo e concreto, um caminho que se vai fazendo todos os dias, como, irresistivelmente, nos refere um dos poetas do seu círculo mais restrito de leituras, o sevilhano Antonio Machado:

«Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.»¹⁷⁴

Mais do que um professor-formador, a sua sensibilidade poética fez dele um professor-educador, um surpreendente pedagogo. Cada criança era tida para ele como “ela própria”, não um número,¹⁷⁵ mas um caso singular, um indivíduo diferente e autónomo que necessitava de cuidados e atenções adequadas. O docente, mais do que um transmissor de saberes, deveria ser um educador em dadaiva generosa e permanente, possuindo as qualidades de mestre e pedagogo que procura melhorar todos os dias,¹⁷⁶

¹⁷³ José Ortega Y Gasset, *Obras Completas*, vol. VI, 2.^a ed., Madrid, Alianza Editorial, 1989, p. 33.

¹⁷⁴ Antonio Machado, “Caminante, son tus huellas”, in *Antologia poética*, 2.^a ed., Lisboa, Cotovia, 1999, p. 150. (Cf. nota 131.)

¹⁷⁵ O jovem estagiário revolta-se vivamente contra a prática corrente de substituir-se o nome de um aluno por um número, porque, para o pedagogo, ele é gente, é pessoa: “Em Setúbal, onde eu tive o ano passado coisa de duzentos alunos, eu sabia a certa altura o nome de todos eles; mesmo assim, eles preferiam indicarem-se uns aos outros, junto de mim, pelos respectivos números – como sobretudos que se deixam nos bengaleiros dos teatros. Eu lutei contra a indiferença deles – mas nisto, como em muitas outras coisas, é remar contra a maré, porque o que a gente constrói numa aula vão logo a seguir destruí-lo outros. [...] Eis aqui mais uma coisa a ensinar nas aulas de Português: que um homem é um homem.” (Sebastião da Gama, *Diário*, p. 67.)

¹⁷⁶ Sebastião da Gama, apesar de procurar continuamente ultrapassar-se, tem nítida consciência das suas fragilidades:

respeitando o aluno que está a abrir-se ao saber. Impunha-se-lhe, assim, a síntese harmónica entre educação e aprendizagem.

Respeite-se o que é próprio de cada um, o que é o seu estilo, ou é o estilo da idade que atravessa [...].

Aqui há tempos tive ocasião de ver umas redacções da Lila que a professora dela corrigira. E a professora corrigira bem – gramaticalmente bem, burguesmente bem. Mas o que acontecia na grande parte dos casos é que a Lila, até gramaticalmente, tinha construído bem; e havia – e isso é que era o importante – um ajuste perfeitíssimo entre o que ela pensara e o que ela escrevera, ajuste que a professora não entendeu, não respeitou, destruiu por completo.

[...] Cautelinha, senhor professor; cautelinha, Sebastião: as palavras não são palavras – são ideias, são sentimentos.

Ideias e sentimentos de quem as escreve. Bulir-lhes, só quando temos a consciência nítida de que entre o que o aluno pensou ou sentiu e o que o aluno escreveu há desajuste. Caso contrário, ficarão na redacção, que não é nossa, a exprimir sentimentos nossos “ou ideias nossas”, palavras “nossas”. Isto é alimentar a natural insinceridade de quem começa a escrever. Cautelinha!

(D, pp. 188-189)

Mesmo quando há reparos e correcções a efectuar, fá-lo sempre através da sua apreciação positiva. Observemos no *Diário* uma das muitas estratégias didácticas encontradas na correcção dos trabalhos de casa:

O que muito tem agradado aos moços é a ‘carta’ que eu lhes escrevo nos cadernos, depois de os ter visto. Aí os louvo no que fizeram bem, lamento amigamente certas lacunas, animo-os a fazerem mais e melhor e despeço-me com um abraço, com uma graça, como um ‘às tuas ordens’.

(D, p. 127)

Estava aqui o segredo da sua pedagogia. No contacto directo e progressivo com os seus alunos, descobrira que a educação/aprendizagem não acontece de forma

“[...] apesar da confiança em mim, e até do arzinho de vaidade que às vezes pareço ter e não sei reprimir, sinto que me faltam muitas qualidades; sabe-me a pouco, cá dentro, tudo quanto faço. [...] Eu só estou convencido de que tenho em mim algumas qualidades graças às quais não é desonestamente que sou professor; e estou convencido também de que há mil outros que não têm estas qualidades, ao mesmo tempo que há outros ainda que têm, além das minhas, aquelas que me fazem falta. O que me absolve é que tenho o bom propósito de ir melhorando e de chegar um dia [...] em que serei *quase* um bom professor; é justamente nesse dia que eu morrerei.” (*Ibidem*, p. 41.)

massificada, porque educar¹⁷⁷ supõe sempre uma atitude criativa, ajudando cada adolescente a fazer o seu próprio caminho, descobrindo os seus próprios talentos e potencialidades.

Ao docente é sempre exigida a mestria do educador e do pedagogo. E, para ele, educar era tido como uma arte, porque em todos os momentos acontece o milagre do nascimento de um homem por obra e graça do amor. Daí o seu reconhecimento:

Bendito seja Deus por eu ser professor.

(D, p. 92)

O *Diário* de Sebastião da Gama oferece-nos o acontecimento pedagógico no acto do seu nascimento e é uma lição actual de pedagogia que nos interpela, pois mostra que, para falar com os alunos e ao jeito deles, é preciso ter alma e vida de Poeta – um ser sensível, quase divino, que os ajuda a abrir a janela do saber.

Aqui, o nosso pedagogo aproxima-se de um dos seus referentes, Teixeira de Pascoaes, que considerava os poetas os maiores educadores da humanidade, ao garantir que a sua concepção de educação se conjuga com a ideia de elevação espiritual do homem que só a poesia favorece, razão pela qual a considera a maior das educações.¹⁷⁸

¹⁷⁷ Seria curioso observarmos o próprio radical deste termo. Na etimologia latina, *educare* provém do verbo *educere* (extrair o que está dentro, conduzir, criar, nutrir, ensinar). O étimo como que sugere, poderá parecer, a imagem do escultor que desbasta o bloco de pedra para retirar dele a tal figura que ele concebera na sua imaginação criadora. Faz-nos recordar aquela célebre história de Miguel Ângelo que, ao receber um bloco de mármore de Carrara, em forma cúbica e não paralelepípedica, para esculpir o seu *Moisés*, interpela-o dizendo: “Pensei esculpir-te de pé, mas, já que te sentaste, é assim que eu vou proceder.”

¹⁷⁸ Diz-nos o mesmo Teixeira de Pascoaes em *A velhice do poeta*: “Sem Poesia não há Humanidade. É ela a mais profunda e a mais etérea manifestação da nossa alma. A intuição poética ou orfaica antecede, como fonte original, o conhecimento euclidiano ou científico. E nos dá o sentido mais perfeito e harmónico da vida. Aperfeiçoando o ser humano, afasta-se do antropóide e aproxima-se do antropos. [... O seu destino é] ser o coração e a consciência do Universo: o sagrado coração e o santo espírito. Eis o destino do homem, desde que se tornou consciente.” (Teixeira de Pascoaes, in *A saudade e o saudosismo (dispersos e opúsculos)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990, p. 302.) E sublinha ainda na conferência que proferiu a 01-12-1921: “A Poesia (a verdadeira poesia) é a síntese superior da Religião, das artes e da filosofia. [...] A poesia, ou se chame música de Beethoven, ou pintura de Rafael, ou platonismo de Platão, ou cristianismo de Cristo, ou tolstoísmo de Tolstoi, tem sido sempre a grande educadora da alma humana, insinuando-lhe os mais belos sentimentos, como seja o amor, a piedade, o bem, a justiça: sentimentos que são a maior glória do homem.” (*Ibidem*, p. 219.)

E Jacinto do Prado Coelho, seguindo a mesma linha, sustentará que o educador, para poder desempenhar bem a sua missão, será sempre um professor de poesia.¹⁷⁹

Pela leitura do *Diário* de Sebastião da Gama, descobrimos também nós o segredo das suas contínuas reedições. Passados que foram mais de cinquenta anos da sua redacção, continuamos a deparar-nos com o mesmo aroma que marcou tantos educadores e que ainda hoje é capaz de inebriar qualquer tipo de leitores. Mas ele é, sobretudo, uma obra de referência para qualquer professor que faz do seu ensino missão. Para isso, o Poeta e pedagogo, fazendo-se eco das palavras ouvidas a Miguel Torga naquele encontro do Portinho da Arrábida, reafirma que é necessário ter as mãos purificadas, pois a toda a hora temos de tocar em flores, e a toda a hora a Poesia nos visita.¹⁸⁰ Veja-se nessas palavras como em Sebastião da Gama se esfumam as fronteiras entre o pedagogo e o Poeta que faz questão em autodefinir-se:¹⁸¹

O Poeta beija tudo, graças a Deus... E aprende com as coisas a sua lição de sinceridade... E diz assim: “É preciso saber olhar...” E pode ser, em qualquer idade, ingénuo como as crianças, entusiasta como os adolescentes e profundo como os homens feitos... E levanta uma pedra escura e áspera para mostrar uma flor que está por detrás... E perde tempo (ganha tempo...) a namorar uma ovelha... E comove-se com as coisas de nada: um pássaro que

¹⁷⁹ “A educação poética não será, pois, um *complemento* na educação geral, isto porque a poesia não é entretenimento, fantasia, jogo [...] mas comunicação da vida interior. Toda a educação deverá ser poética, como deve ser científica; afectiva, como deve ser intelectual. A poesia informará o labor educativo, em que tudo se reúne, como tudo se reúne no espírito do homem. A análise dum poema permite falar do ritmo matemático e do esforço de estruturação, da mesma forma que uma lição de ciências pode ser de moral e de beleza. [...] O educador será sempre um professor de poesia (que é humanidade e beleza) se quiser realizar com eficiência a sua missão.” (Jacinto do Prado Coelho, *A educação do sentimento poético*, Coimbra, Coimbra Editora, 1944, pp. 21-22.)

¹⁸⁰ Cf. Sebastião da Gama, *Diário*, pp. 79-80.

¹⁸¹ Esta definição do Poeta e do que trata a poesia é muito semelhante àquela que Rainer Maria Rilke apresentou a Kappus sobre a Roma vista por um poeta. Assegura-nos ele: “Se há aqui muita beleza é porque há muita beleza em toda a parte. Águas, cheias de vida, vêm para a cidade através dos seus velhos aquedutos, dançam em taças de pedra branca nos fontanários das suas numerosas praças, derramam-se nos seus vastos e profundos tanques. O seu murmúrio diurno transforma-se em canto durante a noite, que é aqui majestosa, estrelada e doce sob a carícia dos ventos. Há aqui jardins, alamedas inesquecíveis, escadórios concebidos por Miguel Ângelo à semelhança de águas caindo, amplas na sua queda, em cada degrau nasce de outro degrau, como a onda nasce da onda. Diante de tais emoções temos a obrigação de nos recolher, de nos arrancar à multidão invasora que fala e tagarela (e, meu Deus, como é loquaz!).” (Rainer Maria Rilke, *Cartas a um jovem poeta*, Lisboa, Contexto, 1991, p. 45.)

canta, uma mulher bonita que passou, uma menina que lhe sorriu, um pai que olhou desvanecido para o filho pequenino, um bocadinho de sol depois de um dia chuvoso... E acha que tudo é importante... E pega no braço dos homens que estavam tristes e vai passear com eles para o jardim... E reparou que os homens estavam tristes... E escreveu uns versos que começam desta maneira «O segredo é amar...».

(D, pp. 53-54)

O *amor* não é para Sebastião da Gama apenas uma palavra, mas sim o acontecimento soberano da vida humana, o centro de toda e qualquer teoria educativa. E aqui está a essência da pedagogia deste mestre que irá pautar toda a sua actividade de Poeta e professor que semeia ternura em tudo o que faz. Para ele, fazer alguma coisa é pura e simplesmente *amar*:

– *Tens muito que fazer?*

– *Não. Tenho muito que amar.*

(D, p. 70)

E amou tudo quanto o rodeava: a paisagem e os campos, os animais e as flores, a terra e o mar, a verdade e a vida, os homens e a Poesia. Para Sebastião da Gama, a grandeza de uma vida reside, por isso, na força de amar, na conexão universal que nela pode acontecer e que se manifesta como convergência, como comunhão, como gozo de uma alegria aberta e como expressão do imaginário por meio do desejo criador. O amor é assim esta energia vital que tudo integra e unifica.

«Tenho para mim que o Amor é religião e namoro; alma e carne; Céu e Terra; instinto porque somos animais – e ascese porque podemos ser santos. E tenho para mim, logo a seguir, que o Amor-perfeito é o que tudo harmoniza, o que é pura comunhão das antíteses. O Amor-perfeito não admite que o cindamos porque é uno; que o vejamos de dois lados, porque tem só um lado. Quando num copo se misturou água com vinho – é inegável que se pôs lá vinho e se pôs também água. Mas vão lá agora distingui-los!... A metáfora é tosca, meus senhores, mas no Amor é assim.»¹⁸²

Estamos diante de um homem dotado de um aguda perspicácia prática, dotado de uma invulgar sensibilidade para o ensino. Soube trazer, à sala de aula, os

¹⁸² Sebastião da Gama, “O lugar de Bocage na nossa poesia”, in *O Segredo é amar*, pp. 120-121.

pressupostos mais relevantes da nova pedagogia veiculados pela chamada “Educação Nova”.¹⁸³ Não são por acaso as contínuas transcrições no seu *Diário* da obra do pedagogo italiano Lombardo-Radice, *Lecciones de didáctica y recuerdos de experiencia docente*.¹⁸⁴ De tal forma se apaixonou pelos vectores pedagógicos aí revelados, que chega, por vezes, a questionar o aproveitamento das suas idas a Coimbra para fazer as disciplinas pedagógicas do seu estágio de professor:

[...] mais vale uma hora de Radice que um ano de Psicologia Escolar.¹⁸⁵
(D, p. 103)

Os seus registos, cheios de sugestões didácticas, são estímulo para todo aquele que aspire a ser educador. Passados que foram todos estes anos, pensamos que a prática pedagógica de Sebastião da Gama, inovadora no passado, poderá ainda hoje ajudar a responder às necessidades educativas presentes.

«O “Diário” é na realidade o poema pedagógico mais belo que se escreveu em Portugal, é um dos relatos mais vivificantes do homem português com que a história da educação em Portugal pode contar. Em jeito de narração, a razão

¹⁸³ Temos nas últimas páginas do seu *Diário* uma excelente exposição daquilo que ele pensava sobre a Escola Nova e a Escola Antiga, síntese do seu exame de Didáctica. (Cf. Sebastião da Gama, *Diário*, pp. 248-253.)

¹⁸⁴ “[...] quanto não amalhei com aquela leitura! Daria para muitas linhas o que direi em poucas: saí mais consciente da missão de Professor, quis ser Professor mais que nunca. Radice cimentou em mim “a coragem de afirmar, contra tudo e contra todos, a verdade de que nos julgamos possuídos.” (*Ibidem*, p. 92.)

A propósito de Giuseppe Lombardo-Radice (1879-1938), convém sublinhar que este homem, que alimentou a formação didáctica de Sebastião da Gama, foi professor e filósofo na Universidade de Catânia e mais tarde, como director geral da escola primária italiana, contribuiu claramente para a grande reforma escolar.

A sua pedagogia baseava-se num socialismo intelectual – em oposição ao positivismo didáctico – abrindo a escola a todos: uma escola do povo e para o povo. Sublinhava o conceito de autodesenvolvimento espontâneo do discípulo, apontando para a importância da experimentação do método pedagógico e para a ‘escola activa’ que tivesse sempre em consideração a universalidade da educação e que considerasse a crítica pedagógica como acto educativo de referência. Defendia uma “escola serena” contra aqueles que preparavam aulas penosas e aborrecidas, advogava uma escola cujos professores estivessem atentos à actualidade e exercessem a sua missão escolar de forma a encontrar almas e não ouvidos, tornando-se assim porta-vozes duma “escola de vida.” (Cf. Mariagrazia Russo, “Sebastião da Gama e o seu interesse para a cultura italiana”, pp. 86-87.)

¹⁸⁵ “Mais vale um ano de amor que dez anos de latim – diz a sabedoria estudantil. Cá para mim, digo (além de o que dizem os estudantes) que mais vale uma hora de Radice que um ano de Psicologia Escolar. No entanto, os exames [...] não me correram mal; e tiveram, acima de tudo, esta gentileza: levaram-me a Coimbra, coisa linda, coisa boa.” (Sebastião da Gama, *Diário*, p. 103.)

vital de um pequeno filósofo e grande coração mostra-nos os caminhos por onde o amor avança estruturando indivíduos, edificando pessoas por meio de palavras que ajudam a pensar e de desejos que ajudam a realizar a nossa condição itinerante por meio do sonho, porque, como diz Gama, poeta, “Pelo sonho é que vamos”.»¹⁸⁶

É verdade que os tempos mudaram. A globalização da mediatização colocou no tabuleiro da história outras visões do homem e do mundo em que o mito do presente pretende, tantas vezes, tornar caduco o legado dos valores do passado. Olha-se, por isso, o futuro com desnorte, presenciando a constante degradação dos valores de ordem educacional. Mas temos consciência de que o futuro da educação poderá ser melhor! Urge reinventar e redescobrir almas sensíveis como a de Sebastião da Gama que a todos transmitiu, tal como nos diz Hernâni Cidade, uma “comovida entrega ao ideal de bem amar e servir”.¹⁸⁷ Aqui radica, na verdade, a intemporalidade da sua obra.

Intuíra que educar não é despejar conhecimentos e que o adolescente não é um recipiente a encher, mas que a sua missão era despertar no aluno a sede de saber. Para isso, a escola deveria transformar-se num espaço de construção de saberes, virada para o desenvolvimento de competências. Isto pressupunha um profícuo diálogo entre professor e aluno – de que ele foi mestre – através de uma pedagogia diferenciada. Observara, também, que educar não é proteger e fechar numa redoma o educando, mas prepará-lo para a vida. Este deve ser habituado a confrontar-se continuamente com a realidade, com espírito crítico e com a gradualidade exigida pelo seu crescimento. Necessitava, por isso, de conhecer e compreender essa realidade, para não ser esmagado por ela. Daí treinar e exercitar os educandos para viverem a sua vida no meio do mundo, numa sociedade concreta, cidadãos aptos e conscientes, contribuindo para a edificação de um mundo harmonioso, para uma sociedade mais justa e fraterna, marcada pela relação da generosidade e da confiança.

¹⁸⁶ Cf. Jesús Herrero, *Pedagogia de Sebastião da Gama, o Diário à luz da psicopedagogia*, 2.^a ed., Lisboa, Editorial o Livro, s.d., p. 33.

¹⁸⁷ Hernâni Cidade, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Diário*, p. 20.

Se, por um lado, soube ligar o ensino à vida, levando os seus alunos a extravasar a sala de aula, por outro, depositou em cada aula um cunho moralizador, que advinha da atitude generosa que assumira perante o mundo que o rodeava. Este seu legado pedagógico impõe que se cultive nos adolescentes, como ele foi capaz, a arte do discernimento, numa abertura sem preconceitos à verdade, liberta de positivismos limitadores do seu horizonte, harmoniosa síntese entre razão e coração, capacidade reflexiva e sentido estético. Com efeito, para um completo desabrochar da racionalidade, é importante conjugar com a verdade a educação para a beleza, para a arte, para a Poesia.

Não estamos perante uma mera utopia. É bem possível, à mestria do educador, conjugar todos estes vectores, que o homem não é dono nem a fonte da verdade, mas dela sempre um constante peregrino. Deste modo, só possuindo uma alma tão sensível como a do Poeta se consegue ultrapassar as fronteiras e a aridez que bloqueiam, tantas vezes, a nossa instintiva propensão para um universo onírico.

Se nos deixarmos guiar pelo sonho, a realidade nunca será pobre, não passará de um pretexto para se ir mais longe. Por detrás dos mais penosos aspectos da vida, adivinha-se sempre o perfume da flor, o canto do pássaro, o raiar luminoso do sorriso de uma criança, que nos franquearão a capacidade de sonhar e de continuar a demanda da felicidade.

O *Diário* permanece uma lição actual de pedagogia que a todos interpela, revelando também a todos que, para se falar às crianças e aos adolescentes, ao jeito deles, é preciso ter sempre alma e estilo de poeta.

O que eu gostava que os rapazes aprendessem nas nossas aulas era isto primeiro que tudo: a aproximarem-se dos homens, dos bichos, da paisagem, de Deus.

(D, p. 184)

Foi esta a grande lição da sua vida. E essa extraordinária entrega leva-nos a parafraseá-lo, não sem um profundo reconhecimento: que bela lição ele nos deu!¹⁸⁸

¹⁸⁸ “Que linda aula! [...] Dei hoje a melhor aula, a aula mais linda da minha vida!” (Sebastião da Gama, *Diário*, p. 165). Cf. também pp. 71 e 129.

Capítulo III

Em demanda de uma arte poética

*A corda tensa que eu sou,
o Senhor Deus é quem
a faz vibrar...*

*Ai linda longa melodia imensa!...
– Por mim os dedos passa Deus e então
já sou apenas Som e não
se sabe mais da corda tensa...*

(SM, “A corda tensa que eu sou”, p. 27)

Todo o poeta, bem como todo o escritor em geral, sempre procurou afirmar-se por um estilo singular. Nos tempos modernos, além desta exigência, não poucos são os poetas que, para além disso, se pautam por uma arte poética peculiar, umas vezes implícita, outras claramente expressa em textos programáticos, com a qual o vate pretende imprimir na sua obra o selo duma criação original e única.

Com efeito, a partir do Renascimento observamos, no mundo ocidental, um constante cuidado do poeta em encarar a poesia como arte, que, segundo a preceptiva

greco-latina assentava na *mimesis*, na *imitatio*... E o objecto desta *imitação* é sempre a natureza, basilar preceito que o poeta persegue, devendo observá-la e estudá-la criteriosamente. Boileau, relendo Aristóteles e Horácio, propunha na sua *Art poétique*: “Que la nature donc soit votre étude unique” e, um pouco mais à frente, recomenda que “Jamais de la nature il ne faut s’écarter”.¹⁸⁹

A concepção da poesia como imitação era, assim, fruto da redescoberta da *Poética* de Aristóteles, mas foi sobretudo à fonte horaciana – *Epistola ad Pisones* – que os clássicos foram bebê-la.¹⁹⁰

A imitação da natureza não se identifica propriamente com a cópia servil da realidade física exterior. Pressupõe pelo contrário a captação do universo interior do ser humano. Consequentemente, para os autores clássicos, a imitação da natureza exige o estudo do homem, dos seus sentimentos e aspirações, dos seus medos e paixões, da sua alma e do seu coração. Os poetas devem seleccionar apenas os traços universais, “acentuando os aspectos característicos e essenciais do modelo, eliminando os traços acidentais e transitórios, desprovidos de significado no domínio do universal poético”. Deste modo, exclui-se da imitação poética tudo quanto pode parecer disforme, hediondo e indecoroso.¹⁹¹

Para os clássicos, um bom poeta é sempre um “sábio imitador”. Porque todas as artes eram formas diferentes de reproduzir a natureza, os estudiosos, interpretando o primeiro hemistíquio do v. 361 da *Arte Poética* de Horácio, “Ut pictura poesis”,¹⁹² relacionavam frequentemente a poesia com a pintura, constituindo este paralelo um

¹⁸⁹ Boileau, *Art poétique*, III, vv. 359 e 414. (Cf. Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, 6.ª ed., Coimbra, Almedina, 1984, p. 516.)

¹⁹⁰ Horácio limitou-se a abraçar as ideias aristotélicas acerca desta questão, ou seja, a aceitar que uma das causas da poesia é a *mimesis*.

¹⁹¹ Cf. Vítor Manuel de Aguiar e Silva, *Teoria da Literatura*, p. 517.

¹⁹² Horace, “Art poétique”, in *Oeuvres d’Horace*, Paris, Librairie Hachette, 1961, p. 618. Também Plutarco comparava a pintura com a poesia ao afirmar “ser a pintura poesia calada e a poesia pintura que fala” (Plutarco, *De gloria atheniensium*, 346 F). Estamos, aliás, perante um *tópos* frequente na Antiguidade Clássica.

tópos que, olhado à distância do presente, se afigurava como intemporal.

Da Renascença ao Romantismo, à semelhança da Antiguidade Clássica, vigorou no essencial o cânone horaciano de *ars poetica* inspirado em Aristóteles. Os românticos rebelaram-se contra o aprisionamento da liberdade de inspiração em moldes oficiais de fazer poesia, privilegiando a inspiração súbita, a criatividade e a imaginação sem limites. E, no fundo, Sebastião da Gama é neste domínio um dos seus naturais herdeiros, facto bem visível na absoluta afirmação de um eu poético que não conhece barreiras nem constrangimentos.

Com efeito, como pudemos constatar logo no primeiro capítulo, o nosso Autor é um homem do seu tempo. Desde sempre os novos ventos e as novas correntes trouxeram consigo também novos modelos e novas formas de exprimir a sensibilidade poética. E se é verdade que o classicismo dera, há muito, lugar a novos movimentos literários, eles permanecem ainda como referência para os nossos dias. A intemporalidade da Poesia, como veículo dos sentimentos mais nobres da alma humana que o poeta procura auscultar e apresentar na sua originalidade, ajustou-se sempre ao ritmo do hoje de cada tempo.

Conhecer os clássicos torna-se, portanto, um dever para quem deseja arrepiar caminho. E Sebastião da Gama domina e conhece bem a imensa plêiade desses referentes. O seu eclectismo literário em muito provém da leitura e do profundo conhecimento que ele tem dos nossos poetas. Para lá de António Ferreira, Sá de Miranda e sobretudo de Luís de Camões, a forte influência clássica deve-a, também, ao seu “Irmão” e poeta místico, Frei Agostinho da Cruz. Foi esta sensibilidade que mais o marcou no despertar poético pela Arrábida, deixando-lhe fortes sulcos no seu coração e na sua alma juvenil.¹⁹³ Isso mesmo observámos já, no decorrer da análise da obra de

¹⁹³ A título de exemplo, poderíamos referir alguns dos muitos versos a que Sebastião da Gama se reporta para lhe prestar sentida e grata homenagem: “Elegia para a minha campa” (SM, p.

Sebastião da Gama, na qual, ainda, são várias as referências ao Poeta e à sua relação com a escrita, o que de algum modo nos ajuda a esboçar um quadro conceptual na procura de uma arte poética própria.

Como mais adiante procuraremos salientar, o cerne da *arte poética* de Sebastião da Gama consiste no pressuposto de que a poesia é um dom divino, fruto da inspiração e, ao mesmo tempo, uma espécie de revelação que se traduz, não tanto na arte de fazer versos, mas na maneira de captar o universo poético contemplado, traduzindo-se o poema em música antes de vestir-se com palavras. E, com os seus versos, o Poeta entoará um hino à Criação e, em simultâneo, comprometer-se-á profundamente na via do incessante aperfeiçoamento da natureza humana.

Todos milenarmente sabemos que a montanha, do céu vizinha, anda associada ao sagrado, à revelação e à poesia. (Terá sido, porventura, também por isso que Frei Agostinho se tornou, na cadeia do tempo, o primeiro poeta da Arrábida.) Sendo assim, não nos surpreenderá que Sebastião da Gama dê início à apresentação da sua criação poética ao grande público com uma obra cujo horizonte é a Serra da Arrábida – *Serra-Mãe* –, encimando e abrindo este seu canto com dois versos da “Elegia VI”¹⁹⁴ de Frei Agostinho da Cruz:

*Oh Serra das Estrelas tão vizinha:
Quem nunca de ti, Serra, se apartara...*

(SM, p. 25)

Já tivemos a oportunidade de sublinhar, quando analisávamos esta obra, que, a exemplo de Frei Agostinho, o toque do divino e do transcendente preenche-lhe totalmente a alma, de onde nascem os seus versos como quem naturalmente respira. E

47, vv. 25-34); “Versos para eu dizer de joelhos” (SM, p. 49, vv. 27-28); “Palavras a Frei Agostinho” (CA, pp. 65-66). Há aqui como que o resultado de uma constante metamorfose e antropomorfização: a beleza e o perfume da Arrábida exalam, para Sebastião da Gama, a permanente presença da alma poética deste místico.

¹⁹⁴ Frei Agostinho da Cruz, “Elegia VI”, in *Sonetos e elegias*, Lisboa, Hiena Editora, 1994, p. 180.

isto porque, para ele, a poesia era dom de Deus e o poeta mais não era que um instrumento desta vontade divina,¹⁹⁵ um eleito “fadado” para uma missão tão elevada, da qual se sentia indigno, porque impuro. Daí as suas recorrentes preces. Em “Harpa”, modula-se uma vincada postura precatória em demanda de purificação:

*Olha, Senhor!,
o indigno cantor que Tu fadaste
e se não pode erguer
à sua própria altura!...
[...]
– Vem lavar-me, Senhor!, no azul do Mar.
Filtra a minha impureza na limpidez do Teu olhar,
a luz clara que entornas pelos montes da minha Serra verde...
Deixa outro cantar meu próprio Canto,
e seja eu somente, assim purificado
e liberto do corpo, enfim, mais uma corda
na Harpa que me tinhas destinado.*

(SM, pp. 31-32)

Se a poesia é um dom de um divino fado, o poeta, como eleito, necessita de uma purificação permanente, como confidenciava a sua noiva, em carta de 6 de Novembro de 1943:

«Luísa: [...] quero dar-te uma explicação prévia. No desenrolar da minha Poesia, cheguei à conclusão de que a missão do Poeta é, não só explicar aos outros a Grandeza da Criação Divina [...] mas tentar o aperfeiçoamento do homem. [...] O Poeta vê o Caminho e por si o percorre, e transmite aos outros a sua coragem, a justiça e a razão da sua missão.

[...]

O Poeta não é aquele homem finito que nasce hoje para morrer amanhã. O Poeta é o condutor desse grande movimento e, através dos séculos, chamou-se Luís de Camões e Shakespeare, Bocage e Baudelaire. Sempre a mesma alma, que de corpos a corpos se foi transitando. Neles se foi purificando, aperfeiçoando, ganhando asas para ganhar o Céu.»

(*Cartas I*, pp. 29-32)

Uma vez ungido, o mesmo poeta, como claramente se depreende, sente-se investido numa dupla missão – a de divulgar “a Grandeza da Criação Divina” e a de

¹⁹⁵ A este propósito, veja-se a análise de “A corda tensa” (pp. 65-66). Este poema deve ser lido também como esboço de procura de uma *ars poetica* de Sebastião da Gama, pois através dele acedemos à sua concepção de poeta e de poesia.

procurar contribuir para “o aperfeiçoamento do homem”.

Na sua dissertação de licenciatura, insistia, de uma forma tão clara e simples, que a poesia estabelece esta comunhão, este vínculo do poeta com o mundo:

«O poema é uma ponte do Poeta para o mundo; e a beleza que lhe pedimos deve ser olhada como um meio eficaz de sugerir, não como um ornamento extático, inactivo.»¹⁹⁶

A poesia era para ele a mais perfeita expressão do ser humano, e a sua mais alta operação espiritual e o seu fim, procurar explicar o homem, acompanhá-lo, exaltá-lo no decurso da sua extraordinária ascensão. Estamos perante um forte depoimento, em primeira mão, sobre a missão e a essência do poeta. Ele mais não é que um instrumento de Deus, frágil, finito que transporta em si a “Grandeza da Criação Divina” como se de um fenómeno de reencarnação se tratasse. A poesia é assim encarada como uma dádiva de Deus aos Poetas, seus eleitos. Podemos, uma vez mais, observar essa referência em “Aceitação”:

*Aqueles dons, merecidos ou não, vinham do Céu.
Por isso os aceitei...*

*E não pedi, sobre esses dons, nem peço,
qualquer explicação.
E só por isso
merecidos ou não já os mereço.*

(SM, p. 79)

Ou então, nos versos de “Vestígios”, reconhecemos a marca do sinal divino profundamente impressa na fragilidade da sua vida, do seu “barro mole”:

*O Senhor Deus passou...
Passou e não parou...
Mas, porque eu sou de barro e o barro é mole,
profundamente me deixou gravada,
no meu corpo de barro,
a Sua subtilíssima Pegada...*

(IP, p. 40)

¹⁹⁶ Sebastião da Gama, “Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX”, p. 207.

E, no poema “Epílogo”, descobrimos a grande intimidade e comunhão do Poeta com o Transcendente que, bem no fundo do seu ser, lhe preenche toda a sua existência e sentido, que lhe fala de dentro de si:

*Pra que é preciso falar
se, caladinho comigo,
Deus fala dentro de mim
e diz bem mais do que eu digo?...*

(IP, p. 43)

A poesia, apesar de essencial à vida do Poeta, é sempre fruto de inspiração, dádiva divina que é incontrolável, e que só acontece quando Deus quer. Daí que, por vezes, Sebastião da Gama exprima o seu lamento quando a inspiração dá lugar a uma certa esterilidade poética, resultado de um suposto abandono do Transcendente. Daí, também, a sua insistente invocação:

*Senhor!
Se não gostas que eu grite e que eu proteste
pedindo-Te a minha força,
que levaste,
dá-ma.*

*Depois,
se assim achares por bem,
manda que eu feche os lábios de Poeta [.]*

(SM, “Vontade”, p. 90)

Poeta sem inspiração não pode viver. E, em escasseando esta, a sua existência mergulha num espesso negativismo, porventura só comparável à já aludida *noite escura* dos místicos a quem Deus parece definitivamente ter voltado as costas. No entanto, nem mesmo num tal estado de profundo negativismo o Poeta se dá por vencido em definitivo, porquanto nele não morre nunca “a Esperança”:

*Vem acudir ao imerso
no Desânimo e na lama
dum sonho que apodreceu...*

*E que a Esperança de novo
me surja, a meio de um verso,
nem que eu não fique sabendo
se o fizeste Tu ou eu...*

(SM, “Rebentação”, p. 98)

Ou então, quando, no “Soneto do tempo perdido”, auscultamos a consciência que o Poeta tem da sua missão e sentimos o seu desabafo sofrido face a esta noite escura¹⁹⁷ em que Deus deixara de visitá-lo:

*Vivo a vida dos outros, esquecido
de que o meu Fado é mais do que passar:
ah! bem sei eu que vim para contar
a minha alma plena de sentido!*

*Muito me dói o que fugi então!...
– Pra mim próprio me pus costas-voltadas,
e, tudo que em mim foi, foi tudo em vão.*

(SM, p. 128)

É curioso observarmos que este mesmo drama está de novo patente nas cartas que ele redige à noiva em finais de 1944. Ao sentir-se abandonado por Deus, vive uma intensa e profunda crise, num “labirinto / que aos poucos se [lhe] foi tornando a alma” (CA, p. 66), crise que, mais tarde, vai considerar como fecunda prova de Deus que conseguiu ultrapassar:

«Estou contente, muito contente, Luísa. O Senhor andou a experimentar-me, fechou-me a garganta por dois meses, a ver se eu perdia a Fé. Ora eu, apesar de me doer este pseudo-esquecimento, não descri. E Deus recompensou-me.

¹⁹⁷ Esta temática está intimamente ligada aos místicos espanhóis S. João da Cruz (1542-1591) e Santa Teresa de Ávila (1515-1582). Corresponde ao despojamento puro e total em que a presença de Deus é a sua aparente ausência. S. João da Cruz não só sentiu agonicamente esta situação de se ver abandonado pelo transcendente, como foi também proscrito e encarcerado pelos seus irmãos da ordem carmelita. Foram nove meses de Getsémani, de noite, de longo cativeiro mas de notória fecundidade interior expressa e traduzida em versos de tão elevada mestria. A sua obra poética espelha assim esta realidade em que ele viveu e de que representa um eco o seu poema paradigma de índole confessional, “La noche oscura”, ou o seu canto lamentoso, “Cântico espiritual”. A dor lancinante que Jesus Cristo experimentou no caminho da Cruz foi também suportada pelo místico / poeta que tão sabiamente a vivenciou e a plasmou nos seus poemas.

Ontem saí, com luar. A dez passos de casa rezei, de joelhos, as minhas orações do costume; pedi depois, enquanto andava, muitas coisas a Deus: que me deixasse ser bom, que me evitasse o Orgulho, que me desse ordem de ser Poeta, etc.

Quando voltei a casa, à uma da noite, trazia um soneto: escrevi-o, ajoelhei-me a agradecê-lo, esse presente de anos.»

(*Cartas I*, pp. 55-56)

Para lá da correspondência quase diária com a noiva, a sua dissertação de licenciatura é um testemunho vivo e inovador das profundas convicções estéticas que o Poeta apresenta sobre a poesia. É verdade que ela é indefinível e inapreensível, porque “feita da mesma incógnita matéria que os deuses”.¹⁹⁸ Mas há nela uma certa magia, a que ele chama de “presença misteriosa”, ligada à especificidade da poesia. Ao Poeta, não basta fazer versos bem rimados ou ritmados, se neles faltar emoção. Por isso, ele recusa a dicotomia forma / conteúdo, ao afirmar que o Poeta é aquele que lança uma armadilha, “uma espécie de laço”, ou ritual de encantamento, na expectativa de que a poesia seja atraída. Mas demos a palavra a Sebastião da Gama:

«Creio que está decadente o critério que dava como Poesia tudo que fosse escrito em verso. [...]

Acho que o verso não é um vaso, um molde, uma carne em que a Poesia tome forma, como geralmente se pensa: é uma espécie de laço, armado pela manha do Poeta, a ver se a Poesia, incauta, vem ao chamamento; ou um rito, uma invocação que a força a descer. Esta manha ou este canto de sereia ou pela invocação é que tomam formas, não a Poesia. O Poeta não tem à mão senão as palavras; joga com elas de modo a lisonjear a Poesia naquelas qualidades divinas que lhe pressente – e como pressente que a Poesia é bela e é musical tenta imprimir beleza e musicalidade ao barro humano das palavras.

Temos portanto, e resumindo, que o verso não é ele próprio a Poesia, nem o verso que a contém – mas a maneira de captá-la.»¹⁹⁹

Esta forma esclarecida com que ele nos revela o seu modo de ver e pensar a poesia é, no espaço das nossas letras, algo de inovador. Na época, não foram muitos os

¹⁹⁸ Sebastião da Gama, “Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX”, p. 187.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 189.

poetas que se preocuparam com esta vertente. Sebastião da Gama também aqui se afirmou, procurando explicar e abrir caminhos a partir da sua intuição e sensibilidade poéticas.²⁰⁰

David Mourão-Ferreira, que acompanhou de perto Sebastião da Gama em toda esta forma de pensar a essência da poesia, testemunha-nos:

«[...] como era amplo, para Sebastião da Gama, o conceito de poesia: mais um modo de ser que um modo de fazer, mais um comportamento, uma atmosfera espiritual, uma ética em acção, do que um mero exercício de expressão ou comunicação literária, por mais que em tal exercício igualmente colocasse toda a paixão que o caracterizava, todo o empenhamento e todo o escrúpulo que faziam parte integrante da sua natureza.»²⁰¹

Mas voltemos, agora, à génese da sua poesia. Para Sebastião da Gama, harpa que o mesmo Deus faz vibrar, a poesia só é ontologicamente justificável pelo sopro divino, e o momento da revelação poética sempre foi sagrado e imperativamente solitário. Com efeito, sempre que pressentia o dom da revelação, buscava o isolamento ou impunha-o aos demais. Só neste contexto o poema se inscrevia no seu coração. Era o momento do alarme poético em que o eu lírico, após anteriores emoções poéticas iniciais e depois de mais ou menos longamente habitado por uma espécie de música, partejava a melodia traduzindo-a nas palavras, notas da pauta de um poema. E, uma vez assim registada, essa canção raramente era remodelada, decerto porque, para ele, de

²⁰⁰ Sophia de Mello Breyner Andresen sentiu a mesma necessidade de pensar a poesia; de fazer dela o seu caminho, a sua vida. Ela é uma arte do ser, é como que um círculo que nós colocássemos sobre uma realidade que pretendemos destacar. Deixamos aqui o seu relevante testemunho:

“A poesia não me pede propriamente uma especialização pois a sua arte é uma arte do ser. [...] Pede-me [...] a inteireza do meu ser, uma consciência mais funda do que a minha inteligência, uma fidelidade mais pura do que aquela que eu posso controlar. [...] Pede-me que viva atenta como uma antena, pede-me que viva sempre, que nunca me esqueça. [...] Todo o poeta, todo o artista é artesão de uma linguagem. [...] O verso é denso, tenso como um arco, exactamente dito, porque os dias foram densos, tensos como arcos, exactamente vividos. O equilíbrio das palavras entre si é o equilíbrio dos momentos entre si. E no quadro sensível do poema vejo por onde vou, reconheço o meu caminho, o meu reino, a minha vida.” (*Sophia de Mello Breyner Andresen*, “Arte Poética II”, in *Geografia*, 2.^a ed., Lisboa, Ática, 1972, pp. 105-106.)

²⁰¹ David Mourão-Ferreira, *Evocação de Sebastião da Gama*, p. 16.

revelação transcendente se tratava.²⁰²

Uma vez mais, é a Serra da Arrábida, que o mar abraça e o céu cobre, o lugar privilegiado a acolhê-lo para a fulguração poética.

Desde muito cedo, Sebastião da Gama estabeleceu esta relação embrionária com a natureza da Arrábida. Ao lermos a sua obra, verificamos constantemente que a sua voz errante quase que se funde com o marulhar das ondas do amanhecer, o murmúrio do vento do fim do dia, ou a névoa, qual manto delicado que envolve a paisagem, em que brilham, demorados, os raios do sol, tornando mágico o horizonte, como que evocando o enigma da natureza primordial.

Tudo isto nos é dado observar no poema emblemático que dá título à sua obra de estreia editorial, *Serra-Mãe*. À noite, o Poeta presencia e testemunha tudo quanto ocorre de forma tão envolvente, que se sente irresistivelmente convidado a procurar a verdade dos sonhos, inebriado com o perfume, a cor e a harmonia da Serra:

*Na noite calma,
a poesia da Serra adormecida*

²⁰² A este propósito, podemos destacar o testemunho de Lindley Cintra (cf. nota 129, p. 82) e o de David Mourão-Ferreira (cf. pp. 21-22).

Em conversa com a esposa, Joana Luísa, pudemos comprovar tudo isto e, ao mesmo tempo, dar-mo-nos conta de que mesmo ela não escapava às exigências deste seu ritual no parto poético. Narrou-nos os seguintes casos que julgamos dignos de registo:

“Estávamos em lua-de-mel, tínhamos casado há dois dias. Era noite bem escura! Sebastião deixou-me sozinha em casa e saiu para a Serra. Não foi fácil! Fiquei aterrada de medo... Momentos depois, ei-lo que regressa e me presenteia com a recitação de «Sinal» [PSV, pp. 51-52]”. E, passado um mês: “Era dia de S. João [24-06-1951]. Estávamos em Estremoz. Saímos da cidade e subimos a um pequeno monte. A certo momento, diz-me ele muito delicadamente: «Não te importas de te afastares um bocadinho?» Senti que qualquer coisa de extraordinário iria acontecer. Ele estava com o olhar mais brilhante do que nunca. Afastei-me, mas fiquei num lugar em que o podia ver. Presenciei algo que me perturbou. O Sebastião sentara-se numa pedra e fitava com muita atenção a cidade que recortava o azul do céu. A tarde começou a descer, e eu ouvia um sussurro. O Sebastião falava, mas eu não percebia uma única palavra. O pôr do Sol iluminava-lhe o rosto, transfigurando-o em figura lendária! Por momentos, ajoelhava-se, levantava-se, parecia até que arranhava a sua face; o seu semblante alterava-se-lhe com frequência... Isto durou horas! Escurecia. Ao fundo, a cidade, toda ela iluminada, parecia um presépio. Fiquei receosa e fui-me aproximando dele devagarinho, não fosse perturbá-lo com os meus passos, e convidei-o a regressar a casa. Então, ele colocou-me a sua mão no ombro e descemos em silêncio. A certo momento, olhou-me nos olhos – nascera o poema – e recitou-me «Crepuscular» [PSV, pp. 61-62]. Era o poema que eu tinha visto nascer. Disse-lhe comovida: «É lindo!...» Foi tudo lindo. A fulguração da Poesia a manifestar-se no seu semblante era qualquer coisa de divino que eu quisera agarrar e guardar para sempre. Era a primeira vez que eu via nascer um poema.”

*vem recolher-se em mim.
E o combate magnífico da Cor,
que eu vi de dia;
e o casamento do cheiro a maresia
com o perfume agreste do alecrim;
e os gritos mudos das rochas sequiosas que o Sol castiga
– passam a dar-se em mim.
[...]
A minha alma sente-se beijada
pela poalha da hora do Sol-pôr;
[...]
E eu pressinto que a Noite, nesse instante,
se vai ajoelhar...*

(SM, “Serra-Mãe”, p. 36)

No poema “Céu”, a condição ansiosa do Poeta é igualmente sugerida nesta relação afectiva e profunda com a natureza, num desejo de tudo abarcar:

*Tenho uma sede imensa,
mas não é de água...
[...]
Tenho uma sede imensa de beber
os soluços do Sol quando declina,
as carícias azuis do Luar de Agosto,
os tons rosa da Tarde que se fina...

É que eu seria Poeta, se os bebesse...
Não mais seria o cego de olhos limpos;*

(SM, p. 43)

Esta vontade de tudo possuir para ser tudo, para encontrar a alma de Poeta, só se compreenderá num eu maravilhado com a catedral do mundo, em que a natureza se santifica e se ergue em templo, em que o universo revela a sua religiosidade arquitectural. É disto exemplo o soneto “Oração da Tarde”, cuja afinidade intertextual com o arquifamoso soneto de Baudelaire é indisfarçável:²⁰³

²⁰³ Esta visão do Universo como teia de analogias, floresta de misteriosas “correspondências” que o poeta se propõe desvendar, leva-nos a visitar a *ars poetica* do simbolismo baudelaireano, expressa no soneto “Correspondances”. Sabemos que o Simbolismo radica num espiritualismo, numa ânsia de Absoluto, cujo reverso é a aversão a este mundo vulgar e tangível, marcado pelo tédio e por um pessimismo vincadamente schopenhaueriano. E, a este

*Ao crepúsculo, a Serra é catedral
onde o órgão-Silêncio salmodia.
A própria Luz ergueu “Ave-Maria”
e o Mar tomou as cores de um vitral.*

*Tudo sente o Senhor e se extasia...
O Sol queimou os matos, pelo val’,
e desprende incenso. Espiritual,
é mãos-postas a rude penedia.*

*E eu também quero ser da Oração...
– Com folhados na alma, pus a mão
na minha harpa e a música ascendeu.*

.....
.....

*Ai a minha alegria-de-menino,
quando, por só, então, se ouvir no Céu,
ajoelhado, deixei de ouvir meu hino!...*

(SM, p. 45)

Em “Elegia para a minha campã”, observamos a sede intensa de comunhão cósmica numa relação corpo-terra, projectada já numa elevação espiritual do sujeito poético:

*Agora, só,
que é o meu corpo terra confundida
na terra desta Serra minha Mãe;
agora, só,
a minha voz que sempre cantou mal
ao Céu se eleva...*

(SM, p. 46)

propósito, proclama Baudelaire que “La Nature est un temple où de vivants piliers / Laissent parfois sortir de confuses paroles: / L’homme y passe à travers des forêts de symboles / Qui l’observent avec des regards familiers”. (Charles Baudelaire, “Correspondances”, in *Les fleurs du mal*, p. 16.) A função do poeta consiste, deste modo, em captar as cifradas *correspondências* do Universo, meio único de alcançar o Absoluto.

Em conformidade, o papel do poeta é o de sacerdote, oficiante na catedral do mundo, seu intérprete e cosmólogo.

A admiração e a familiaridade de Sebastião da Gama em relação a Baudelaire aparece-nos expressa nas suas cartas, nomeadamente, por exemplo, quando designa o que entende por *Poeta*: “O Poeta não é aquele Homem finito que nasce hoje para morrer amanhã. O Poeta é o condutor desse grande movimento e, através dos séculos, chamou-se Luís de Camões e Shakespeare, Bocage e Baudelaire. Sempre a mesma alma, que de corpos a corpos se foi transitando. Neles se foi purificando, aperfeiçoando, ganhando asas para ganhar o Céu.” (*Cartas I*, p. 32) – Cf. p. 162.

E, na última parte de *Serra-Mãe*, deparamo-nos porventura com um dos textos mais programáticos, já brevemente abordado em 1.1. do Capítulo II,²⁰⁴ que matricialmente reconhecemos como fundamental para a compreensão da poética de Sebastião da Gama – “Poesia”. Parece estarmos perante a poética da espontaneidade *versus* depreciação do trabalho de escrita (*ingenium vs ars*): “não pretendas vesti-la com palavras...” (v. 11). A poesia era para ele já anterior às palavras; fruto de um estado inefável ou de uma aparição autónoma que apresentava, por isso, mais afinidades com a realidade espontânea do mundo do que com a linguagem dos homens.²⁰⁵

*Ai deixa, deixa lá que a Poesia
no perfume das flores, no quebrar
das ondas pela praia,
na alegria
das crianças que riem sem porquê
– deixa-a lá que se exprima, a Poesia.*

*Fica sentado aí aonde estás, Poeta,
e não mexas os lábios nem os braços:
deixa-a viver em si;
não tentes segurá-la nos teus braços,
não pretendas vesti-la com palavras...*

*Se a queres ter,
se a queres sempre ver pairando à flor das coisas, fica aí
no teu cantinho, e nem respires, Poeta, e não te bulas,
pra que ela não dê por ti.*

*Não a faças fugir, toda assustada
com a tua presença...
Deixa-a, nua, pairando à flor das coisas,
que ela não sabe que a viste,
nem sabe que está nua,
nem sequer sabe que existe...*

(SM, pp. 132-133)

²⁰⁴ Cf. p. 61.

²⁰⁵ Horácio na *Epistola ad Pisones* preceitua justamente o inverso. O poeta deve escrever quase ininterruptamente, impulsionado pela inspiração torrencial divina (furor poético) que lhe permite o seu engenho; posteriormente conservará em repouso a sua obra e só depois limará (‘lima horaciana’ v. 291) as suas imperfeições formais. Vemos, assim, que a poesia não é só uma questão de talento, de dotes naturais, mas sim o resultado da combinação destes com a técnica, com o trabalho da “lima”, com a sabedoria e com a prudência. (Cf. Horácio, *Arte poética*, vv. 291-294; 408-410; 438-441.)

O texto apresenta-nos uma configuração dialógica e didáctica, em que o sujeito lírico se coloca numa situação de aprendiz ao encontro da poesia. E o milagre de tal revelação exige silêncio e recolhimento por parte do sujeito; só acontece “pairando à flor das coisas” (v. 13), ignorando a presença do Poeta. O acesso ao conhecimento poético reclama quase que uma atitude mística, exigindo-se uma alma purificada. A fonte expressiva brota da própria poesia, confundida com o perfume das flores, a cor da paisagem, a música do mar ou a pureza da infância, molduras desse conhecimento. Sublinhe-se, ainda a propósito deste poema, como por vezes o carácter sagrado, único e irrepetível da poesia é figurado em Sebastião da Gama como paisagem viva, incaptável pela vontade do Poeta e só acessível ao seu coração contemplativo, beneficiário directo desse dom supremo com sabor a revelação.²⁰⁶

Uma tal noção de poesia, tão despojada de artifícios, tão nua, tão independente das palavras e tão próxima, afinal, da realidade imediata da vida sensível, tinha, necessariamente, de abrir-se a uma presença tão marcante da natureza na sua alma, na sua obra poética. Para ele, é na natureza que se encontra o mistério e a revelação da poesia, aquela poesia essencial que não precisa das palavras para existir. A natureza quase se confunde, assim, com a realidade diversificada e vária, fonte original e principal instrumento de todo o seu trabalho poético.

Esta mensagem surge também em várias composições do *Cabo da Boa Esperança*. Na “Canção inútil”, o sujeito assume e reafirma a sua condição de “o Poeta das manhãs fecundas”, num contínuo hino à natureza.

*Nunca o Mar me quis ter nas suas ondas
enrolado e perdido.
Sou o Poeta das manhãs fecundas:
vivo me quer o Mar, para cantá-las.*

(CBE, p. 42)

²⁰⁶ Cf. nota 119, p. 66.

É ainda a manhã, sentida poeticamente pelo brilho casto e absoluto de um olhar extasiado, que aflora no texto “As crianças”.

*Olhavam para tudo extasiadas.
Puras, em cada rosa, em cada pedra,
viam beleza eterna e absoluta.
Seus olhos primitivos resumiam
a intacta poesia da Manhã.*

(CBE, p. 106)

No poema “As fontes”, constata-se o dinamismo que a poesia pode assumir na relação com os outros. A voz do Poeta não se reveste de eco de indignação, mas ela é grito de liberdade para aqueles que já não têm nem ânimo, nem força, nem vida. Daí a sua coragem em rasgar “os ventres dos montes” para que as fontes pudessem, à vontade, livremente correr.

*Havia fontes na montanha.
Mas estavam fechadas.
[...]
Fez-se nesse momento claridade.*

*Rasguei o ventre dos montes
e fiz correr as fontes
à vontade.*

*[...]
E eu fui também cantando ao som das águas...*

*Cantava as minhas mãos, cantava as fontes.
Era um canto jucundo,
cheio de Sol.*

(CBE, pp. 38-39)

E, se tantas vezes o seu canto e a sua voz mais não pareçam do que uma caravela perdida, o Poeta sente o dever de continuar esta missão, mesmo sem saber o porquê desta demanda pelo mar-oceano. É notável a força do imperativo crescente com que o eu poético brada “Rompe!, vibra!, estremece!”. Mas demos-lhe a palavra:

*Caravela perdida, minha voz,
eia!, retumba o ar de teus acentos!
Pinta com tua cor todos os ventos!
Rompe!, vibra!, estremece! – Ah minha voz!,
e não quebres o ritmo, e não intentes
perguntar por que cantas, porque cantas.*

(CBE, “Caravela perdida”, p. 56)

Poderíamos ainda sublinhar o retrato que os versos de “O Poeta” procuram esboçar numa abrangência cósmica:

1

*Era nas suas mãos que terminavam
as coisas infinitas e as finitas.
Por isso as suas mãos eram abismos
aonde se perdia o Pensamento.*

2

*Tudo ganhou sentido num momento...
Água mansa com choupos reflectidos,
teu olhar descansava no do Poeta;
e a poesia das coisas sem Poesia,
que no olhar do Poeta dormitava,
de súbito nas coisas acordava
– tão natural, tão íntima, tão própria,
como se fora delas que nascera...*

(CBE, pp. 101-102)

O sujeito lírico circunscreve toda a dimensão do cosmos e concebe o esplendor genesíaco da criação poética como realidade naturalmente gerada pelas coisas, em primeira mão apreendidas pelos sentidos.²⁰⁷ É a magia do criador que desvenda a existência à sua própria imagem. É também o milagre da metamorfose do desordenado acervo das coisas díspares e dissociadas numa superior harmonia cosmogónica, onde

²⁰⁷ Por vezes, Sebastião da Gama, em alguns dos seus escritos, confere particular destaque ao sentido da visão, instrumento que lhe permite apreender os símbolos vistos do Universo. Desta forma, chega a sublinhar que, para se ser poeta, bastará apenas possuir o dom da visão: “É preciso saber olhar.” (Sebastião da Gama, *Diário*, p. 53.) Eis-nos perante um preceito basilar da arte poética de Alberto Caeiro a quem Sebastião da Gama, grato e fascinado, dedica o poema intitulado, precisamente, “À memória de Alberto Caeiro” (Sebastião da Gama, *Itinerário Paralelo*, p. 87).

tudo adquire o seu pleno significado. É ainda, uma vez mais, a explicitação do alcance dos símbolos vistos pelo Poeta, que, em consonância com o *tópos* baudelairiano, os considera como elementos que estão na origem do processo de criação. O Poeta da catedral da Arrábida, também ele, se afirma como um escrutinador de símbolos empenhado em decifrar o enigma do Universo cujas flechas mergulham no Absoluto – “Tudo ganhou sentido num momento...”.

Nesta mesma obra – *Cabo da Boa Esperança* –, o Autor, afastando-se dos cânones clássicos, procura cantar a essência da Poesia, ainda que de uma forma aparentemente negativa, num cenário vago e hostil, arredio e inóspito, em que se valorizam elementos inspiradores ausentes nesta situação. Não será também isto metáfora do mundo em que ele se situa e que procura redenção?

A Poesia não fora ali chamada.

*Naquele chão, de rosas nem saudade.
Nem um perfume vago memorando-as...*

*Tudo, naquele sítio, repelia,
pelo seu ar hostil, que magoava,
o olhar sincero e lúcido dos Astros.*

*Quem não disse à Poesia
que não era chamada àquele sítio?*

Não requerida, veio.

*O chão continuou a não ter rosas...
Os Astros não deixaram de alhear-se...*

*Mas quem te nota,
ó ausência de Estrelas e de rosas?*

– Não requerida, a Poesia veio.

(CBE, “Poesia”, pp. 93-94)

Nota-se aqui a necessidade de o Poeta afirmar que, perante todo este alheamento disfórico, é urgente a evocação da harmonia, da beleza, da transformação, tarefa que só

o canto mágico do acto poético pode lograr, fecundando o nosso mundo materializado em busca de uma alma.

Não havia, para ele, temas poéticos nem apoéticos. A nobreza da poesia plasmara Sebastião da Gama, e o mundo que o rodeava incutia-lhe, ou não, sentimentos, inquietações, instantes de alma. Prova-o a conferência que o Autor estava a preparar, sobre o poeta António Sardinha, quando a morte o surpreendeu. Pretendia explicar, aos seus ouvintes de Estremoz, o que para ele constituía a essência da poesia, destacando enfaticamente a correlação dialéctica que se estabelece entre a natureza e o poeta:

«[...] a nobreza da Poesia [...] está nisso mesmo: nisso de se procurar e se encontrar em todos os lugares em que está; nisso de não querer saber da convenção que faz de uns temas poéticos, de outros apoéticos. Que a verdade é que não há temas poéticos e temas que o não são; nem há temas sequer: há sentimentos, há momentos da alma e momentos da paisagem, há acontecimentos, há coisas – e há poetas em face de tudo isso. Como as cobras encantam os pássaros – assim tais sentimentos, tais momentos, tais coisas encantam o Poeta; ou os encanta o Poeta a eles, que o poder está umas vezes mais de um lado, outras mais do outro; a Poesia – quero eu dizer.»²⁰⁸

A mesma concepção artística é ilustrada em “Da minha janela”, poema ritmado, e em tom jocoso, bem ao gosto da nossa tradicional redondilha menor. Numa atitude de confiança, sente-se a presença do sujeito poético em diálogo com um interlocutor feminino, a quem deseja dar a conhecer o encantamento do mistério da poesia:

*Da minha janela
vê-se a Poesia.*

*Não te digo, não,
se é bonita ou feia,
se é azul ou branca,
nem que formas tem.*

*Queres conhecê-la?
Deixa o teu bordado,
vem para o meu lado,*

²⁰⁸ Sebastião da Gama, “Sobre António Sardinha”, in *O segredo é amar*, p. 154.

*que já podes vê-la
com teus próprios olhos.*

(CBE, p. 118)

Ou então, em “Desenho”, onde se reforça que o sentir poético se espria nas coisas mais simples da vida, o Poeta transforma o presente em milagre de existir.

*Como as ondas dos lagos,
como as aves...
[...]
E o seu sorriso, igual
aos primeiros sorrisos da Manhã...*

*E a meiga fonte cantante
da sua voz...
[...]
– Poesia, por quê buscar-te
p’ra lá dos astros,
se andas tão perto da gente?*

(CBE, pp. 153-154)

Pressente-se aqui uma velada crítica àqueles que procuram a poesia longe das coisas simples e concretas do quotidiano da vida. Pela sua poesia, perpassam pequenas pepitas de fortes vivências que ele procura imortalizar através dos seus versos: a beleza das flores, o trilar dos grilos, os cavalos que pastam pelos prados, a tristeza de um corvo, o balir de um cordeiro, a gaivota que passa, as brincadeiras das crianças, o seu internamento no hospital, a capela caiada e até os pequenos objectos e momentos do quotidiano como o relógio, o guarda-chuva, a ida ao café, um olhar – metáforas de outras realidades sentidas pelo sujeito lírico.

A transparência matinal alterna, em alguns textos, com a densidade nocturna, invadida pelos sentidos agudos do Poeta. “Nocturno” é um quadro sinfónico de murmúrio e de silêncio para os “ouvidos atentos do Poeta”, como que de uma aérea palpação de começo do Mundo – reencontro de um paraíso que afinal nunca se perdera:²⁰⁹

²⁰⁹ David Mourão-Ferreira presencia este momento de inspiração poética e transcreve o sentimento criativo e inovador de Sebastião da Gama ao reproduzir este acontecimento:

*Era um murmúrio longo de ondas mansas...
Um cochichar de Estrelas curiosas...
Um concerto de grilos tresnoitados...
Mais presente que tudo, aquele enorme
silêncio religioso, imagem pura
dos ouvidos atentos do Poeta...*

(CBE, p. 88)

Esta empatia adquire toda a plenitude afectiva numa expressão modelar –
“Noite, Mãe dos poetas” – contida nos versos de “Mãe Noite” de o *Campo Aberto*.

*Noite que não pedi, que não sonhei, noite impossível
de pedir, de sonhar,
Noite que num momento resgataste
o Mondego sem água e sem poesia.
[...]
Só falavam as rãs. Os poetas, não.
Esses, ciosos de perceberem teu sentido,
tinham o coração fechado e comovido
na tua mão.
[...]
Noite, Mãe dos poetas e dos pobres,
que vieste sem astros nos vestidos,
encheram-se de ti os meus sentidos,
nada me dói...*

(CA, pp. 82-84)

Apesar desta quase obsessiva recorrência à noite e de outras vezes, em outros poemas, notarmos também a ela alusões, não podemos de forma alguma afirmar que Sebastião da Gama seja um poeta nocturno. A noite, refúgio do silêncio e da solidão dos românticos, não encontra nele morada, mas antes se revela como um marco genésico do mistério prodigioso da criação. Ele é, como já tivemos possibilidade de ver, poeta apolíneo, “o Poeta das manhãs fecundas” que entoa e exalta o elogio à vida.

Não obstante o estigma da doença que tantas vezes parece sufocá-lo, ele não abdica de cantar a vida, o dia, o sol, tão presentes em toda a sua poesia. Estes motivos

“Repara... À excepção do último verso, todos os outros terminam em adjectivos. E só um verbo, no começo... Bem sei; bem sei que é contra todas as regras. Mas bem podes dizer lá ao teu Valéry que me estou nas tintas para as regras.” (Citado por David Mourão-Ferreira, *Evocação de Sebastião da Gama*, p. 17.)

são flagrantes em “Apolo”, por exemplo, poema em que se colocam frente a frente a Lua e o Sol. A Lua, o astro inspirador dos românticos, amantes da noite, das aves noctívagas e dos ciprestes dos cemitérios, surge como contraponto do Sol, fonte de vida e de esperança.

*Lua, magro planeta,
débeis, sem nervo digno desse nome,
hãode ser as palavras do poeta
que de ti bebe e come.*

*Que saúde virá da enfermeira
pálida, triste?
Ponham-me o Sol à cabeceira,
se algum dia o meu corpo não resiste.*

*A Lua sirva apenas
p’ra descansar da cor viva de mais;
almofada de penas
onde a cabeça pouse depois dos vendavais.*

*Ó candeia da Morte, pendurada,
à noite, sobre as covas,
sabes lá como a luz da madrugada
faz as palavras novas!*

*Verso que o Sol mediu, que o Sol aquece,
traz o selo da Vida na raiz.
Não mais terá repouso, que o merece
o que o Poeta quis.*

*Potros livres, as sílabas afundam
suas patas nervosas na distância,
E o Mundo todo inundam
de cavalgada e ânsia.*

*Pobres os versos, Lua doce,
que só por ti respiram e deliram...*

*O faetonte de Apolo despenhou-se.
– Mas os potros leais não desistiram.*

(CA, pp. 129-130)

Encontramo-nos perante o confronto de duas maneiras de ser poeta e de conceber a poesia: de um lado, a variante dionisíaca; do outro, a vertente apolínea. À

negatividade dos valores românticos (“Ó candeia da Morte, pendurada, / à noite, sobre as covas” – vv. 13-14), opõe-se a lealdade da quadriga (v. 28) no seu percurso renovador, apesar do despenhamento do “faetonte de Apolo” (v. 27).

Para Maria de Lourdes Belchior, patenteia-se aqui

«[...] em certa medida uma arte-poética, onde ecoa à distância aquele soneto de Antero: Amem a noite os magros crapulosos / e tu, lua etc... Aqui o louvor do sol e dos versos não enfermijos está longe de ter carácter polémico; é pura afirmação de pujança: verso que o Sol mediu / que o Sol aquece / traz o selo da vida na Raiz [...]. Esta pujança carrega-se de uma virilidade, nimbada de mistério: Potros livres as sílabas afundam / suas patas nervosas na distância / E o mundo todo inundam / de cavalgada e ânsia.»²¹⁰

É a ânsia e o desejo de aventura, de liberdade – tão inerentes à irreverência juvenil, que Apolo faz bater o coração do Poeta com a sua sublime inspiração divina. Este mesmo poema coloca em evidência a opção de Sebastião da Gama por cantar, não uma mundividência pessimista do mundo e da vida, mas a afirmação de um pendor luminosamente optimista da existência e do seu sentido.

A visão do Autor e da sua obra está ainda patente, e de maneira bem expressiva, em várias composições da obra póstuma *Itinerário Paralelo*. Um dos textos mais representativos em termos conceptuais, com o título de “Forma”, modula o Poeta no sentido da perfeição, de acordo com um princípio estético de criação que aparece como nuclear na *Poética* de Aristóteles.²¹¹ Com efeito, o sujeito lírico não representa a amada como ela é de facto na realidade, mas como ela deveria ser, numa visão idealizada de perfeição suprema. Vemos, deste modo, como Sebastião da Gama, habitualmente perspectivado como um assumido herdeiro do Romantismo, não enjeita, por vezes, no seu eclectismo, o princípio basilar da *imitatio* clássica, até mesmo num poema que

²¹⁰ Maria de Lourdes Belchior, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Campo Aberto*, p. 35.

²¹¹ Distinguindo entre História e Poesia, afirma Aristóteles: “diferem [...] em dizerem uma, o que aconteceu, outra o que poderia acontecer.” (Aristóteles, “Poética” (1451b), in Maria Helena da Rocha Pereira, *Hélade*, p. 407.)

muitos considerarão marcadamente romântico, tal é a tensão dialéctica entre a limitação humana e a infinitude do divino presente nesta composição:

*Quando tu apareceres (e então verás
a minha única grandeza)
a Obra que te fiz hei-de a queimar;
não deves conhecer esse caminho
mal talhado, que fiz pra te chegar.*

*Tão pertinho do Céu te encontrarei,
tão longe de ser mulher,
que te hei-de receber, divina, nos meus braços,
sem teres corpo sequer.*

*Eu só, Amor, te prenderei na Forma;
é pra seres mais de mim
que as minhas mãos, que Deus abençoou,
te darão os contornos que não tens.*

*No modelar teus braços e teu peito,
alcançarei, contigo a Perfeição,
e é esse o meu poema, o teu poema:
o milagre daquela criação.*

(IP, p. 29)

Também, numa outra composição, a perfeição poética é concebida, quase que de maneira ingénua, como busca infindável de “Expressão”, depois de sentida como profunda revelação, numa aproximação da génese criadora do poema.

*Passei a tarde nisto;
a procurar, cá dentro,
um verso que me exprimisse.*

Mas nunca o disse...

*(E tão ceguinho sou, tão pouco afeito
a conhecer o que faço,
que só agora vejo que esse esboço
de Som que me abortou antes dos lábios,
é um verso já feito...)*

(IP, p. 37)

Ou então em “Mordação”, descobrimos a função profética que a poesia exerce no Poeta: revelar a verdade que queima, em mensagem de libertação, mesmo que isso exija um esforço quase desumano que as “turbas inimigas” queiram calar:

Puseram-lhe na boca uma mordação...

*Mas o Poeta era Poeta
e tinha que falar.*

*Fez um esforço enorme,
puxou a voz como quem golfa sangue,
e a mordação soltou-se-lhe da boca.*

Porém, não era já mordação:

*– Agora,
era um poema a queimar
os ouvidos das turbas inimigas
que, na praça,
o tinham querido calar.*

(IP, p. 35)

Extraordinariamente significativos, quanto à concepção de arte, são os versos de “Sagração” que nos fazem recordar qualquer ritual de iniciação em que, segundo uma ordem divina, se bendiz o Poeta e se estabelece como que um compromisso misterioso:

*Eu, Poeta, por graça
desta minha Alegria,
eu te sagro Poeta e que se faça
em ti aquele Dia
que não precisa de Sol,
que não precisa senão
da Noite
e do que tem a Noite de saudade
do dia que morreu;
eu te sagro Poeta, meu Irmão,
a mandado de Deus,
que no sagrar-te por meus lábios
para sempre me dá o Seu perdão.*

(IP, p. 63)

Por fim, em *Pelo sonho é que vamos*, o poema “Viesses tu, Poesia...” atribui à criação poética, em tom profético (“Poesia, / a tua vara mágica” – vv. 8-9), o mistério da definição universal, porque só ela tem o poder criador de dar às coisas a graça original; é ela que inaugura o ser e detém em si a capacidade demiúrgica de nomear, de fazer surgir um mundo próprio, ou não será ela “feita da mesma incógnita matéria que os deuses”?²¹²

*Viesses tu, Poesia,
e o mais estava certo.
[...]
Bem sei: antes de ti foi a Mulher,
foi a Flor, foi o Fruto, foi a Água...
Mas tu é que disseste e os apontaste:
– Eis a Mulher, a Água, a Flor, o Fruto.
E logo foram graça, aparição, presença,
sinal...*

(PSV, pp. 35-36)

Curioso é observarmos que, ao mesmo tempo que se invoca a Poesia e se exprime o desejo de que ela visite o seu criador, o Poeta vai suscitando, nesse mesmo acto da escrita, a sua contínua aparição. Ela torna-se assim indissociável do próprio acto poético.

E, dedicando a Lindley Cintra “Arte poética”, reitera uma vez mais que os seus versos são sentimento profundo de comunhão, fruto da sua relação com a mãe-natureza que o alimenta, que o aconselha, que o inspira, já bem delineado e desenvolvido em *Serra-Mãe*, explicitando, por outro lado, que não guarda ciosamente para si a sua poesia, pois ela destina-se a ser partilhada por um público que tem bem presente:

*Quando em meus versos nada houver que lembre um ninho,
então sim! – chorem a minha morte
e ponham fitas pretas no cabelo*

²¹² Sebastião da Gama, “Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX”, p. 187.

*as que foram, ao menos no minuto em que me leram,
minhas irmãs ou minhas namoradas...*

(Est, p. 47)

Em vários poemas, aparece referenciada a sua condição de Poeta, na sua voz original:

*A cada verso nasço...
É cada verso o meu primeiro grito
à Vida...*

(SM, “Sem título”, p. 100)

*Eu não sou loiro,
nem sou moreno,
nem sou rico nem pobre:
sou Poeta...*

(IP, “Taverna”, p. 64)

E, em “Excesso”, num processo de encenação tão própria de Sebastião da Gama, presenciamos a turvação que o tom mágico da poesia provoca no Poeta como se ele fora um convulsivo veneno:

*Agora, que eu estou
de Poesia todo embriagado,
agora, que todo doído e em convulsões
como se envenenado,
não quero mais que o teu sono...*

(SM, p. 110)

E tudo isto porque o Poeta é habitado pelo mistério da poesia:

*Quem me quiser amar,
que me leve
fechado no meu mistério...*

*Me leve
como um presente imerecido,
vindo não se sabe de aonde
– sempre com medo que lhe fuja
da caixinha cor da bruma
em que se esconde.*

(SM, “Quem me quiser amar”, p. 134)

Pensamos ser oportuno recordar, neste contexto, as pertinentes palavras do testemunho de Maria de Lourdes Belchior, no prefácio a *Campo Aberto*, quando refere que

«Sebastião da Gama recebia a Poesia como um dom; e quando a emoção consequente não se apoderava dele e as palavras e os ritmos lhe não vinham à alma, sofria; mas não era o tormento da forma que o angustiava, era a sede da Poesia. Não era um poeta reflexivo, não acreditava, como Valéry, no poder do exercício; e se os ritmos da sua poesia se aperfeiçoaram, se o verso o traiu cada vez menos, sendo cada vez mais fiel na transcrição da “emoção consequente”, tal foi devido, não a um voluntário treino, mas aos benefícios da prática da poesia e à aproximação de uma maturidade, que deu seus frutos poéticos, densos e saborosos.»²¹³

Herdeiro da concepção romântica de poeta, particularmente no que diz respeito ao modo de encarar a escrita como um dom divino e espontâneo, fruto de um estado de inspiração e de graça, próximo do êxtase, tudo no Poeta confirma essa mesma concepção que, longe de se constituir em evasão, representa uma transparente manifestação da sua alma, da sua mais profunda autenticidade.

Não é por acaso que, logo no seu livro de estreia, todos os poemas estão datados, o que poderá ser visto como uma prova desta sua espontaneidade e do carácter inextricável da relação homem / poeta. Conforme já tivemos a oportunidade de observar, raramente se atrevia a limar ou retocar os seus versos, o que nos leva a assegurar que Sebastião da Gama é um dos casos mais puros de poesia espontânea nas nossas letras, considerando-se o Autor como mero instrumento de uma sobrenatural inspiração. No entanto, por detrás dessa tão apregoada espontaneidade, consoante comumente acontece, com certos improvisos, está latente todo um

²¹³ Maria de Lourdes Belchior, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Campo Aberto*, p. 14. A anteceder imediatamente este passo, a autora diz-nos o que entende por ‘emoção consequente’: “A elaboração [poética] fazia-se, mas não no verso, não através da palavra; a elaboração fazia-se naquilo que o poeta designa de ‘emoção consequente’; a metamorfose realizava-se na passagem da emoção inicial (‘acontecível a quem quer que tenha alma’) para a ‘emoção consequente’, que era raiz do poema; e a floração fazia-se, súbita, na carne e na alma do verso.” (*Ibidem*, pp. 13-14.)

percurso, não raro longo e árduo, que, partindo do alerta inicial de um símbolo visto ou sentido, abrange, além deste momento de gênese, uma fase mais ou menos prolongada da gestação poética até ao auge da epifania modulada em música, isto é, em palavras – *ut musica poesis*.²¹⁴

A ininterrupta busca da essência da poesia como processo de encantamento, em que o verso mais não é do que um vaso onde as palavras encontram o seu espaço vital e harmónico, leva-nos a concluir que Sebastião da Gama fez jus às linhas orientadoras que sempre defendeu e que nortearam a sua poesia na busca de uma peculiar arte poética.

²¹⁴ “De la musique avant toute chose” (Verlaine, “Art poétique”, in *Oeuvres poétiques complètes*, Paris, Bibliothèque de la Pléiade, 1938, p. 206). A “Art poétique”, composta em 1874, foi considerada como um manifesto simbolista à data da sua publicação. A admiração do poeta da Arrábida por Verlaine leva-o a confidenciar numa das suas cartas a Leonoreta, sua jovem amiga, um dos motivos que o levaram a Paris: “Eu vim ao Paris pleno e vim à terra de Jeanne d’Arc. Ao Louvre, ao Bois de Boulogne, a Notre-Dame. Vim comprar as obras completas de Verlaine.” (Sebastião da Gama, correspondência inédita na posse de sua esposa, 12-08-1948.) Ou então, logo a abrir o primeiro caderno de notas de viagem à “doce França” (31-07-1948), ele escreve: “A França era muita coisa, mas era principalmente a terra de Baudelaire e de Verlaine.” (Sebastião da Gama, “A doce França”, in *O segredo é amar*, p. 39.)

Em Sebastião da Gama, a musicalidade dos poemas adquire uma forte carga sugestiva de que o poeta possui plena consciência, como pode comprovar-se em muitos passos dos seus escritos: “Pois não começou a Poesia por ser o puro canto? Veio depois, ainda fiel à origem, a música a acompanhar a Poesia. E finalmente prescindem os poetas da música – ou sonham o sonho de a incorporar nas próprias palavras, de a sugerir pelo ritmo do verbo.” (Sebastião da Gama, “Sobre a Poesia; dois dedos de conversa”, in *O Jornal do Barreiro*, 24-08-1950, p. 3.)

Noutro lugar, escreve: “[...] ser Poeta, tinha eu pensado dizer-lhes – é estar encantado ou desencantado e contá-lo com palavras que pareçam música.” (Sebastião da Gama, *Diário*, p. 55.)

E, como se tal não bastara para manifestar tal consciência, o Poeta insere profusamente nas suas composições lexemas referentes à esfera musical: *música, canção, canto, cantor, cantiga, voz, eco, harmonia, coro, melodia, trilos, som, cordas, nota, salmodiar, harpa, clarim, campainha, sinos, chocalhinhos, órgão, cigarra, grilos, rouxinol, pássaro, concerto, orquestras...*

CONCLUSÃO

*Meu caminho é por mim fora,
té chegar ao fim de mim
a encontrar-me com Deus...*

(SM, “Itinerário”, p.101)

*Basta saber que cheguei
e é de lá que vos falo.*

(IP, “Cabo da Boa Esperança”, p. 94)

Chegados ao fim deste trabalho, sentimos que é o momento de retirarmos algumas ilações referentes à nossa aproximação da poesia de Sebastião da Gama e do seu legado na nossa literatura.

Pudemos testemunhar que o Autor é um poeta do optimismo e da esperança, do *locus amoenus*, da calma e da serenidade, de cenários e de sentimentos idílicos que caracterizam o seu mundo interior. A dimensão apolínea da sua poesia é, pois, o reflexo constante da sua euforia e do *milagre de vida* que o habita.

No entanto, os momentos de silêncio e de solidão, causados tantas vezes pela consciência da sua doença, dão, não raro, lugar à disforia que tenta exorcizar, encontrando na solidariedade humana de que dá provas e num certo alheamento e desprezo pela morte²¹⁵ uma resposta para a sua própria efemeridade. Os sentimentos

²¹⁵ A título de exemplo, poderíamos fazer eco de um dos seus versos do poema “Relatório”: «Glória de por meus nervos garantir / o direito de escarnecer da Morte / quando a Morte julgar que me venceu!» (Sebastião da Gama, *Cabo da Boa Esperança*, p. 51).

disfóricos, que perpassam aqui e ali, são assim subliminarmente preteridos pelo Autor de uma forma positiva e ousada, encontrando na fé cristã a força e a coragem como alavanca para tanta audácia e valentia. Jamais se resignou à fatalidade das parcas, à doença que, precocemente, o ia consumindo, mas que, não obstante, o estimulava a soltar a sua voz em canto, numa exaltação e num hino à vida.

O acto poético tem para Sebastião da Gama algo de divino, fruto de uma inspiração sobrenatural em que o silêncio é fecundo. A sua paz interior emerge, portanto, como consequência desta confiança no Transcendente, num Deus próximo e amigo, sentido pleno para a sua vida, em oposição à desordem do mundo que o rodeia e no qual procura tudo o que de positivo pode igualmente despontar.

A sua poesia tenta, deste modo, reconstituir a ligação entre o homem, a natureza e as coisas numa relação com o divino, numa interiorização do mundo exterior que, com todos os seus elementos, constitui o ambiente onde o ser humano se cria, se forma, realiza e morre. Parte, desta maneira, da observação da realidade objectiva que o rodeia e tenta representá-la numa outra, de acordo com a interpretação que dela faz. E, para o Poeta, o amor é o segredo desta alquimia que ele persegue e alcança.

Revela-se, igualmente, um autor bem inserido na sua época, grande conhecedor não só da evolução da poesia do seu tempo, como da nossa lírica mais distante, tentando assim conciliar tradição e modernidade. Apesar de nunca se ter integrado em qualquer movimento, não quer isso dizer que a eles fosse impermeável. A sua continuada colaboração em periódicos e nas mais variadas revistas da época tornaram-no figura quase tutelar de uma geração que buscava caminhos novos para a poesia. São disso exemplo o círculo de amigos que espontaneamente gerou à sua volta e que vieram a marcar as nossas letras e a crítica literária no decorrer do último século.

Impressionou-nos vivamente na leitura atenta da sua obra a extraordinária

vitalidade que ela irradia para o leitor. O calor deste entusiasmo plasma-se na arte dos seus versos com tal naturalidade e transparência, que até os pequenos lugares-comuns são transfigurados por uma sensibilidade plena de ritmo, de musicalidade e de harmonia.

A obra de Sebastião da Gama revela-nos uma personalidade muito rica e plurifacetada. A sua lúcida e penetrante inteligência, conjugada com uma transbordante e vivificante afectividade – ambas ao serviço de um coração bom e acolhedor, que não julgava incompatíveis a virilidade e a maturidade de sentimentos com a ternura e as demonstrações de carinho por quantos as mereciam – fizeram dele um homem paradigmático e um poeta de eleição, por muitos respeitado. Não será por acaso que todos os que com ele privaram tenham guardado na memória a íntegra e saudosa imagem do homem e do Poeta que constituiu, para eles, um estímulo à vida e à alegria, à simplicidade e à confiança, à humildade e ao amor pleno – uma grande lição de vida.

De facto, se tão valioso é o seu legado literário, não menos eloquente se revela a afirmação existencial e humana do Poeta, ela própria um sublime poema. Seria imperdoável, por isso, esquecer aqui sensibilidade tão fina e delicada, emotiva e diligente, de alguém que sempre se mostrou atento aos sinais da natureza, à existência do outro, ao subtil mas fascinante poder da graça de Deus. Um adulto que soube conservar em si o deslumbramento, a simplicidade e a ternura de criança.

Sebastião da Gama, um “adulto-menino”, liberto de preconceitos, era o que era, na sua intensa riqueza humana, sempre em busca da maior unidade na sua personalidade. Homem que vivia de convicções e não apenas de meros impulsos, sentia-se responsável pela totalidade da sua vida numa empenhada relação com os outros.

Olhando, neste contexto global, a criação poética de Sebastião da Gama,

observando a cor e a luminosidade, o ritmo e a musicalidade, a leveza e a harmonia dos seus versos, concluímos da singularidade da sua poesia e do seu carácter, que o próprio Poeta considerava envolto em mistério.²¹⁶ E este mesmo mistério, reflexo da sua vida intensa, traduzida em calor humano, cheia de entusiasmo e de alegria, sempre nele acompanhou as atitudes do Homem, do Pedagogo e do Poeta da Arrábida.

«De que cor é o sangue azul dos poetas? Ia jurar que é vermelha, cor nobre como nenhuma outra.»²¹⁷

Foram de facto nobres a sua vida e a sua obra. Por isso, não temos dúvidas em afirmar que era nobremente azul o seu vermelho sangue humano.

²¹⁶ *Quem me quiser amar, / que me leve / fechado no meu mistério...* (SM, “Quem me quiser amar”, p. 134.)

²¹⁷ Sebastião da Gama, “Páginas de diário”, in *O Segredo é Amar*, p. 28.

BIBLIOGRAFIA

1. Bibliografia Activa

1.1. Obras publicadas

- GAMA, Sebastião da, “A doce França”, in *O segredo é amar*, Lisboa, Ática, 1969, pp. 37-60.
- _____, *A minha Arca de Noé*, Lisboa, Arrábida, 2006.
- _____, “Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX”, [dissertação de licenciatura], in *O segredo é amar*, Lisboa, Ática, 1969, pp. 179-334.
- _____, *A região dos três castelos*, [Setúbal], Transportadora Setubalense, 1949.
- _____, *Cabo da Boa Esperança*, 3.^a ed., Lisboa, Ática, 1993.
- _____, *Campo Aberto*, 5.^a ed., Lisboa, Ática, 1999.
- _____, *Cartas I*, Lisboa, Ática, 1994.
- _____, *Diário*, 12.^a ed., Lisboa, Arrábida, 2003.
- _____, *Estevas*, Lisboa, Arrábida, 2004.
- _____, *Itinerário Paralelo*, 3.^a ed., Lisboa, Arrábida, 2004.
- _____, “Lugar de Bocage na nossa Poesia de Amor”, in *O segredo é amar*, Lisboa, Ática, 1969, pp. 113-146.
- _____, *Não morri porque cantei...*, Lisboa, Arrábida, 2003.
- _____, “Páginas de diário”, in *O segredo é amar*, Lisboa, Ática, 1969, pp. 17-36.
- _____, *Pelo sonho é que vamos*, 3.^a ed., Lisboa, Ática, 1999.
- _____, *Serra-Mãe*, 8.^a ed., Lisboa, Ática, 2000.
- _____, “Sobre António Sardinha”, in *O segredo é amar*, Lisboa, Ática, 1969, pp. 153-158.
- _____, e Miguel Caleiro, *Loas a Nossa Senhora da Arrábida*, Lisboa, Imprensa Artística, 1946.

1.2. Colaboração em Jornais e Revistas

- ANICHA, Zé d', "Portugal independente", in *Gazeta do Sul*, n.º 518 (8-12-1940), [p. 7].
- _____, "Mar bravo", in *Gazeta do Sul*, n.º 533 (23-03-1941), [p. 11].
- _____, "Conto amigo", in *Gazeta do Sul*, n.º 544 (08-06-1941), [p. 7].
- _____, "O sonho do Infante", in *Gazeta do Sul*, n.º 561 (05-10-1941), [p. 7].
- _____, "Hino ao Sol", in *Gazeta do Sul*, n.º 581 (22-02-1942), [p. 3].
- _____, "Flores", in *Gazeta do Sul*, n.º 593 (17-05-1942), [p. 7].
- _____, "Lágrimas", in *Gazeta do Sul*, n.º 611 (20-09-1942), [p. 2].
- _____, "Duas horas", in *Gazeta do Sul*, n.º 620 (22-11-1942), [p. 2].
- _____, "Confidência", in *Gazeta do Sul*, n.º 626 (03-01-1943), [p. 2].
- _____, "À Arrábida", in *Gazeta do Sul*, n.º 628 (12-01-1943), [p. 8].
- _____, "Espelho", in *Gazeta do Sul*, n.º 647 (30-05-1943), [p. 8].
- GAMA, Sebastião da, "Remoinho", in *Aqui e Além*, n.º 2 (1945), p. 35.
- _____, "Pequeno poema", in *Aqui e Além*, n.º 3 (1945), p. 14.
- _____, "Bucólica", in *Aqui e Além*, n.º 5 (1946), p. 55.
- _____, "Largo do Espírito Santo, 2, 2.º", in *Árvore*, n.º 1 (1951), pp. 36-37.
- _____, "Ressurreição", in *Árvore*, n.º 2 (1952), pp. 85-86, (número monográfico em sua memória).
- _____, "Poesia", in *Atlântico, revista luso-brasileira*, n.º 3 (1947), p. 70.
- _____, "Entre quem é!", in *Brados do Alentejo*, 11-03-1951, p. 8.
- _____, "O Sábado em Estremoz", in *Brados do Alentejo*, 22-07-1951, p. 3.
- _____, "Encarcerar a asa", in *Brados do Alentejo*, 03-02-1952, p. 5.
- _____, "Seis poemas inéditos", in *Colóquio / Letras*, n.ºs 135/136 (1995), pp. 19-31.
- _____, "A Serra da Arrábida", in *Flama*, 2-12-1949, p. 11.
- _____, "Elegia para uma gaiivota", "Largo Espírito Santo, 2, 2.º", "Poesia", "Nasci para ser ignorante", in *Jornal de Almada*, 05-02-1961, [pp. 7-8].
- _____, "Dois dedos de conversa", in *Jornal do Barreiro*, 24-08-1950, p. 3.
- _____, "Campismo e poesia", in *Jornal do Barreiro*, 21-09-1950, p. 3.
- _____, "Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX", in *Jornal do Barreiro*, 21-12-1950, pp. 3-4.

- _____, “Apontamentos sobre a Poesia Social no século XIX”, in *Jornal do Barreiro*, 11-01-1951, pp. 3-4.
- _____, “Carta de Estremoz”, in *Jornal do Barreiro*, 08-02-1951, pp. 1-2.
- _____, “Carta de Estremoz”, in *Jornal do Barreiro*, 01-03-1951, p. 8.
- _____, “Carta de Estremoz”, in *Jornal do Barreiro*, 15-03-1951, p. 8.
- _____, “Nosso é o mar”, in *Jornal do Barreiro*, 05-04-1951, p. 3.
- _____, “Carta de Estremoz”, in *Jornal do Barreiro*, 12-04-1951, p. 8.
- _____, “Carta de Estremoz”, in *Jornal do Barreiro*, 19-04-1951, p. 3.
- _____, “Sinal”, in *Jornal do Barreiro*, 17-05-1951, p. 9.
- _____, “Carta de Estremoz”, in *Jornal do Barreiro*, 02-08-1951, p. 6.
- _____, “Visita a Teixeira de Pascoaes”, in *Jornal do Barreiro*, 11-10-1951, p. 2.
- _____, “Carruagem de terceira”, in *Jornal de Sintra*, n.º 728 (07-01-1948), p. 1.
- _____, “O segredo é amar”, “Canção inocente”, in *Mundo Literário*, n.º 37 (18-12-1947), p. 6.
- _____, “A propósito do «Idílio rústico», de Trindade Coelho e do «Idílio triste» de Fialho de Almeida”, in *A Província*, 09-06-1949, p. 8.
- _____, “Literatura & filosofia. Geração novíssima? Literatura novíssima?”, in *A Província*, 01-09-1949, p. 4.
- _____, “Uma carta do poeta”, “Anunciação”, “Louvor da Poesia”, in *Sísifo*, n.º 4 (1952), pp. 50-52.
- _____, “O Cais”, “A companheira”, “Apolo”, in *Távola Redonda*, n.º 1 (1950), p. [2].
- _____, “A uma criança”, “Elegia para uma gaviota”, in *Távola Redonda*, n.º 6 (1950), p. [3].
- _____, “Condição”, in *Távola Redonda*, n.º 7 (1950), p. [1].
- _____, “Soneto do guarda-chuva”, in *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953), p. [3], (número monográfico em sua memória).
- _____, “Calmeiro”, “Cabo da Boa Esperança”, in *Távola Redonda*, n.ºs 19/20 (1954), p. [5].
- _____, “Frei Agostinho para o turista”, in *Turismo*, n.º 88 (1950), p. [83].
- _____, “Soneto de António”, in *Universitárias*, n.º 18 (1946), p. 40.
- _____, “É o sol e mais nada...”, in *Universitárias*, n.º 24 (1950), p. 17.
- _____, “Um conto: Sol-posto”, in *Ver e Crer*, n.º 11 (1946), pp. 43-46.
- _____, “Nada mais bonito”, in *Ver e Crer*, n.º 31 (1947), p. 62.

1.3. Presença da poesia de Sebastião da Gama em Antologias

AMARAL, Diogo Freitas do, (dir.), *Os poemas da minha vida*, Lisboa, Público, 2004, pp. 75-76.

BARROSO, Maria, (dir.), *Os poemas da minha vida*, Lisboa, Público, 2005, p. 76.

CRESPO, Ángel, (dir.), *Antología de la nueva poesía portuguesa*, Madrid, Rialp, 1961, pp. 113-118.

FANHA, José e Jorge Letria, (dir.), *Cem poemas portugueses do adeus e da saudade*, Lisboa, Terramar, 2002, pp. 166-167.

_____, *Cem poemas portugueses sobre a infância*, Lisboa, Terramar, 2004, pp. 130-132.

_____, *Cem poemas portugueses sobre Portugal e o mar*, Lisboa, Terramar, 2003, pp. 174-175.

LONGLAND, Jean R., (dir.), *Selections from contemporary portuguese poetry*, New York, Harvey House, 1966, pp. 70-75.

MAGALHÃES, Maria Graça Lampreia P. S., (dir.), *As viagens na poesia*, Lisboa, Lisboa Editora, 2007, p. 26-27.

_____, *Os animais na poesia*, Lisboa, Lisboa Editora, 2007, pp. 15 e 28.

MENERES, Maria Alberta e Ernesto Manuel de Melo e Castro, (dir.), *Antologia da novíssima poesia portuguesa*, 2.^a ed., Lisboa, Morais Editora, 1961, pp. 3-9.

MOURA, Vasco Graça, (dir.), *366 poemas que falam de amor*, Quetzal, Lisboa, 2003, pp. 135-136.

MOURÃO-FERREIRA, David e Maria Alzira Seixo, (dir.), *Portugal, a terra e o homem; Antologia de textos de escritores do século XX*, vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980, pp. 437-442.

PICCHIO, Luciana Stegagno, (dir.), *Antologia della poesia portoghese e brasiliana*, Roma, Gruppo Editoriale L'Espresso, 2004.

PINHEIRO, Armando, (dir.), *Sonetos portugueses*, Porto, Lello Editores, 1997, pp. 116-118.

PIRES, António de Azevedo, (dir.), *Poesia e Teologia; poetas de língua portuguesa*, vol. I, Lisboa, União Gráfica, 1973, pp. 10, 20, 22, 28, 73, 377.

_____, *Poesia e Teologia; poetas de língua portuguesa*, vol. II, Lisboa, União Gráfica, 1974, pp. 158-159, 161, 284-286, 304-305, 340-343, 345, 348-349.

- RÉGIO, José e Alberto de Serpa, (dir.), *Alma minha gentil; Antologia da poesia de amor portuguesa*, Lisboa, Portugália Editora, 1957, pp. 330-331.
- RODRIGUES, Urbano Tavares, (dir.), *A saudade na poesia portuguesa*, Lisboa, Portugália Editora, 1968, p. 227.
- SENA, Jorge de, (dir.), *Líricas Portuguesas*, vol. II, Lisboa, Edições 70, 1983, pp. 183-194.
- TORGAL, Adosinda Providência e Madalena Torgal Ferreira, (dir.), *EnCantada Coimbra*, Lisboa, Dom Quixote, 2003, 284-285.
- VARANDA, Maria de Lourdes e Maria Manuela Santos, (dir.), *Poetas de ontem e de hoje*, 2.^a ed., Lisboa, Chimpanzé Intelectual, 2007, pp. 74-77.
- VILHENA, António Mateus e Daniel Pires, (dir.), *A Serra da Arrábida na poesia portuguesa*, Setúbal, Centro de Estudos Bocageanos, 2002, pp. 192-216.

2. Bibliografia Passiva

2.1. Bibliografia citada

- ABREU, Fernanda, “Entrevista com David Mourão-Ferreira”, in *Boca Bilingüe*, n.º 13, (1996), pp. 6-16.
- ALMEIDA, António Ramos de, *A arte e a vida*, Porto, Tipografia Mendonça, 1941.
- ANDRADE, Eugénio de, “As nascentes da ternura”, in *Ostinato rigore*, Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 1977, p. 36.
- _____, “Rosto precário”, in *Poesia e prosa*, vol. III, 3.ª ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1987, pp. 105-219.
- ANDRADE, João Pedro de, “Contingências da poesia”, in *Cadernos de Poesia*, n.º 3 (1940), pp. 56-60.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner, *Geografia*, 2.ª ed., Lisboa, Ática, 1972, pp. 105-106.
- _____, “Carta aos amigos mortos”, in *Jornal de Almada*, 05-02-1961, [p. 8].
- ARAÚJO, Matilde Rosa, “Para o Sebastião”, in *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953), pp. 4 e 11.
- _____, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *O segredo é amar*, Lisboa, Ática, 1969, pp. I-XXVIII.
- AUTOR inidentificado, “Nota à 1.ª edição”, in *Pelo sonho é que vamos*, 3.ª ed., Lisboa, Ática, 1999, p. 11.
- AUTOR inidentificado, “Távola Redonda prossegue”, in *Távola Redonda*, n.º 11 (1951), [p. 8].
- AUTOR inidentificado, “Uma iniciativa literária”, in *Diário Popular*, 08-02-1950, pp. 4 e 9.
- BAUDELAIRE, Charles, *Les fleurs du mal*, Paris, Le Livre de Poche, 1972.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Campo Aberto*, Lisboa, Ática, 1960, pp. 11-37.
- _____, “Sebastião da Gama, Cartas I”, in *Colóquio/Letras*, n.ºs 135/136 (1995), pp. 269-271.
- _____, *Sebastião da Gama e o «Campo Aberto»*, texto dactilografado proferido aquando da 2.ª edição de *Campo Aberto*, Lisboa, [1962].
- _____, *Sebastião da Gama: poesia e vida*, Castelo Branco, Câmara Municipal de Castelo Branco, 1961.

- BELO, Ruy, “Encontro com Sebastião da Gama”, in *Rumo*, n.º 9 (1957), pp. 603-622.
- _____, “Prefácio à 2.ª edição”, in Sebastião da Gama, *Pelo sonho é que vamos*, 5.ª ed., Lisboa, Ática, 1999, pp. 13-26.
- CAMPOS, Álvaro de, “Ode Marítima”, in *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, pp. 107-142.
- CHEVALIER, Jean e Alain Gheerbrant, “Harpa”, in *Dicionário de Símbolos*, Lisboa, Teorema, 1994, p. 362.
- CHORÃO, João Bigotte, “Távola Redonda ou da (im)possível harmonia”, in *Távola Redonda*, (edição fac-similada), Lisboa, Contexto, 1989, [pp. 5-8].
- CIDADE, Hernâni, “O meu depoimento sobre Sebastião da Gama”, in *Távola Redonda, folhas de poesia*, n.ºs 16/17, pp. 1-2.
- _____, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Diário*, 12.ª ed., Lisboa, Arrábida, 2003, pp. 11-20.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley, “Carta ao poeta Sebastião da Gama”, in *Diário Popular*, 26-12-1945, p. 4.
- _____, “Diário”, in Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*, vol. I, 3.ª ed., Porto, Figueirinhas, 1984, p. 362.
- _____, “Prefácio”, in Sebastião da Gama, *Serra-Mãe*, 9.ª ed., Lisboa, Ática, 2000, pp. 9-21.
- _____, “Sebastião da Gama: um depoimento”, in *O Tempo e o Modo, revista de pensamento e acção*, n.º 27 (1965), p. 463-478.
- COELHO, Eduardo do Prado, “O ‘Diário’ de Sebastião da Gama”, in *Problemática da história literária*, Lisboa, Ática, 1961, pp. 281-286.
- COELHO, Jacinto do Prado, *A educação do sentimento poético*, Coimbra, Coimbra Editora, 1944.
- CRUZ, Frei Agostinho da, “Elegia VI”, in *Sonetos e elegias*, Lisboa, Hiena Editora, 1994, pp. 177-180.
- DIONÍSIO, Mário, *Poemas*, Coimbra, Atlântida, 1941.
- FEIJÓ, Álvaro, *Os poemas de Álvaro Feijó*, Lisboa, Portugália Editora, 1961.
- FRANCISCO, José do Carmo, “A estreia de Sebastião da Gama”, in *Ler*, n.º 39 (1997), p. 128.
- HERRERO, Jesús, *Pedagogia de Sebastião da Gama, o Diário à luz da psicopedagogia*, 2.ª ed., Lisboa, O Livro, s.d.

- HORACE, “Art poétique”, in *Oeuvres d’Horace*, Paris, Librairie Hachette, 1961.
- LISBOA, Eurico, *Sebastião da Gama*, texto manuscrito proferido no colóquio sobre Sebastião da Gama no Conventinho da Arrábida a 18-06-2004.
- MACEDO, Luís de, “Os dois inéditos de Sebastião da Gama”, in *Távola Redonda*, n.ºs 19/20, [p. 12].
- MACHADO, Antonio, *Antologia poética*, 2.ª ed., Lisboa, Cotovia, 1999.
- MARINHO, Maria de Fátima, *A poesia portuguesa nos meados do século XX; rupturas e continuidades*, Lisboa, Caminho, 1989.
- MOURÃO-FERREIRA, David, “Convívio com Sebastião da Gama”, in *Discurso directo*, Lisboa, Guimarães Editores, 1969, pp. 179-188.
- _____, “Sebastião da Gama”, in *Vinte poetas contemporâneos*, 2.ª ed., Lisboa, Ática, 1980, pp. 217-237.
- _____, *Evocação de Sebastião da Gama*, Lisboa, Ática, 1993.
- _____, e Maria Alzira Seixo, *Portugal, a terra e o homem; Antologia de textos de escritores do séc. XX*, vol. II, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1980, pp. 437-442.
- NEMÉSIO, Vitorino, “Arrábida (poesia e geografia)”, in *Diário Popular*, 13-02-1946, p. 5.
- NOGUEIRA, Franco, “Poesia e poetas”, in *Jornal de crítica literária*, Lisboa, Livraria Portugal, 1952, pp. 278-282.
- ORTEGA Y GASSET, José, *Obras Completas*, vol. VI, 2.ª ed., Madrid, Alianza Editorial, 1989.
- OSÓRIO, António, “Sebastião da Gama e os seus amigos”, in *Foro das Letras*, n.ºs 11/12 (2005), pp. 89-118.
- PASCOAES, Teixeira de, *A saudade e o Saudosismo (dispersos e opúsculos)*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Hélade; Antologia da cultura grega*, 2.ª ed., Coimbra, Almedina, 1963.
- PLATÃO, *Íon*, tradução de Victor Jabouille, Lisboa, Inquérito, 1988.
- _____, *Leis*, vol. I, tradução de Carlos Humberto Gomes, Lisboa, Edições 70, 2004.
- _____, *Protágoras*, tradução de Ana Piedade Elias Pinheiro, Lisboa, Relógio d’Água, 1999.
- RÉGIO, José, “Notas sobre Sebastião da Gama”, in *Távola Redonda, folhas de poesia*, n.ºs 16/17 (1953), pp. 1-2.

- _____, “Sebastião da Gama”, in *Jornal de Almada*, 05-02-1961, [p. 8].
- REIS, Ricardo, *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2000.
- RILKE, Rainer Maria, *Cartas a um jovem poeta*, Lisboa, Contexto, 1991.
- ROSA, António Ramos, “À morte dum Poeta”, in *Árvore*, n.º 2 (Inverno de 1951-52), p. 94.
- RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luís, *El hombre y su morte*, Burgos, Ediciones Aldecoa, 1971.
- RUSSO, Mariagrazia, “Sebastião da Gama e o seu interesse para a cultura italiana”, in João Reis Ribeiro *et alii*, *Sebastião da Gama, o Poeta e o professor*, Azeitão, Associação Cultural Sebastião da Gama, 2007, pp. 81-92.
- SARAIVA, Arnaldo, “A poesia portuguesa nos últimos 15 anos”, in *Jornal de Letras & Artes*, 29-06-1966, pp. 3 e 15.
- SENA, Jorge de, “Alguma poesia e outras considerações desagradáveis”, in *Mundo Literário*, n.º 2 (18-05-1946), pp. 6-7 e 12-13.
- _____, “Sebastião da Gama”, in *Líricas Portuguesas*, vol. II, Lisboa, Edições 70, pp. 183-194.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e, *Teoria da literatura*, 6.ª ed., Coimbra, Almedina, 1984.
- SIMÕES, João Gaspar, “A geração da «Távola Redonda»”, in *História da poesia portuguesa do século vinte*, [Lisboa], Empresa Nacional de Publicidade, 1959, pp. 773-775.
- _____, “Sebastião da Gama”, in *Crítica II; Poetas Contemporâneos*, vol. I, 2.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1999, pp. 362-366.
- TORRES, Alexandre Pinheiro, *O movimento neo-realista em Portugal na sua primeira fase*, Lisboa, Bertrand, 1977.
- VERMELHO, Joaquim, *Evocação de Sebastião da Gama*, texto dactilografado proferido em Estremoz a 04-05-1996.
- VIANA, António Manuel Couto, *O avestruz lírico; poemas*, Lisboa, Gráfica Oriental, 1948.
- _____, “Interior”, in *Távola Redonda*, n.º 1 (1950), [p. 1].
- _____, “Távola redonda”, in *Távola Redonda*, n.º 7 (1950), [p. 6].
- VILHENA, António Mateus e Daniel Pires (dir.), *A Serra da Arrábida na poesia portuguesa*, Setúbal, Centro de Estudos Bocageanos, 2002.
- VITÓRIA, Ana, “Os escritores devem dar testemunhos do seu tempo”, in *Jornal de Notícias*, 11-10-2005, p. 40.

2.2. Bibliografia compulsada

- ALMEIDA, Ruy d', "«Serra-Mãe» de Sebastião da Gama", in *Aléo*, n.º 27 (30-03-1946), p. 4.
- AMARAL, Fernando Eloy do, "O menino risonho da Serra-Mãe", in *O Setubalense*, 29-02-1964, pp. 4-5.
- AMEAL, João, "Rumos do espírito; as ideias e os autores", in *Diário da Manhã*, 05-03-1946, p. 3.
- ANDRADE, João Pedro de, "Novo Cancioneiro", in Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*, vol. III, 3.ª ed., Porto, Figueirinhas, 1984, p. 744.
- _____, "Serra-Mãe, poemas de Sebastião da Gama", in *Diário de Lisboa*, 30-01-1946, pp. 7 e 11.
- _____, "Távola Redonda", in Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*, vol. IV, 3.ª ed., Porto, Figueirinhas, 1984, p. 1059.
- ANTUNES, Manuel, "Serra-Mãe de Sebastião da Gama", in *Brotéria*, vol. 42 (1946), 714-715.
- _____, "Pelo Sonho é que vamos de Sebastião da Gama" in *Brotéria*, vol. 58 (1954), 482-483.
- ARAÚJO, Matilde Rosa, "Como um Prefácio", in Sebastião da Gama, *Cabo da Boa Esperança*, 3.ª ed., Lisboa, Ática, 1993, pp. 9-24.
- _____, "Sebastião da Gama, fonte de água viva", in *Diário de Lisboa*, (*Diário de Lisboa Juvenil*, n.º 251), 24-02-1962, p. 2.
- BARROS, Fernando, "«Diário» de Sebastião da Gama", in *Rumo*, n.º 32 (1959), pp. 503-505.
- BELCHIOR, Maria de Lourdes, "Cartas de Sebastião da Gama; uma exemplar humanidade", *Jornal de Letras*, 03-08-1994, pp. 22-23.
- _____, "Evocação de Sebastião da Gama", in *Diário de Lisboa* (*Diário de Lisboa Juvenil*, n.º 251), 24-02-1962, pp. 6 e 8.
- _____, "Prefácio", in Sebastião da Gama, *Cartas I*, Lisboa, Ática, 1994, pp. 9-16.
- _____, *Os homens e os livros – séculos XIX e XX*, Lisboa, Verbo, 1980, pp. 163-198.
- BELO, Ruy, *Na senda da poesia*, Lisboa, União Gráfica, 1969.
- BERRINI, Beatriz, "A importância de ser Távola Redonda", in *Colóquio/Letras*, n.º 87 (1985), pp. 5-19.

- CÂNCIO, Fernanda, “Um anjo à nossa guarda”, in *Grande Reportagem*, n.º 71 (1997), pp. 96-103.
- CARLOS, Luís Adriano, “A geração dos Cadernos de Poesia”, in Óscar Lopes e Maria Fátima Marinho (dir.), *História da literatura portuguesa*, vol. VII, Lisboa, Alfa, 2002, pp. 235-268.
- _____, e Joana Matos Frias, “A Poesia é só uma ou as palavras contra o tempo”, in *Cadernos de Poesia* (edição fac-similada), Lisboa, Campo das Letras, 2004, pp. VII-XV.
- CARMO, José Palla, “Cadernos de Poesia”, in Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*, vol. I, 3.ª ed., Porto, Figueirinhas, 1984, p. 133.
- CARVALHO, A. Pinto de, “Serra Mãe, poemas de Sebastião da Gama”, in *O Cezimbrense*, 06-01-1946, p. 1.
- CARVALHO, Fausto Lopo de, “A morte dum Poeta”, in *Educação e crítica*, Lisboa, Portugália, 1955, pp. 195-198.
- CASTRIM, Mário, “A Serra é vasta”, in *Diário de Lisboa (Diário de Lisboa Juvenil*, n.º 251), 24-02-1962, pp. 6 e 8.
- CASTRO, Ernesto Manuel de Melo e, “10 Antologias de poesia portuguesa publicadas fora de Portugal”, in Fernando Pinto do Amaral *et alii* (dir.), *A Phala; um século de poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, pp. 237-239.
- CHORÃO, João Bigotte, “Távola Redonda”, in *Biblos*, vol. V, Lisboa, Verbo, 2005, pp. 307-310.
- CIDADE, Hernâni, *O conceito de poesia como expressão da cultura*, 2.ª ed., Coimbra, Arménio Amado Editor, 1957.
- _____, “Sebastião Artur Cardoso da Gama”, in *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. IX, Lisboa, Verbo, 1984, p. 120.
- _____, “Sebastião da Gama – um depoimento”, in *O Tempo e o Modo*, n.º 27 (1965), pp. 463-478.
- _____, “Uma carta do professor Hernâni Cidade”, in *O Setubalense (Suplemento Mosaico de Artes)*, 29-02-1962, pp. 3-4.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley, “Gama, Sebastião Artur Cardoso da”, in Jacinto do Prado Coelho (dir.), *Dicionário de Literatura*, vol. II, 3.ª ed., Porto, Figueirinhas, 1984, pp. 361-362.
- COELHO, Eduardo do Prado, “O exemplo de Sebastião da Gama”, in *Diário de Lisboa (Diário de Lisboa Juvenil*, n.º 251), 24-02-1962, pp. 3-4.
- COHEN, Jean, *Estrutura da linguagem poética*, 2.ª ed., Lisboa, Dom Quixote, 1976.

- COLARES, Maria Eduarda dos Reis, “Sobre o Diário de Sebastião da Gama”, in *Diário de Lisboa (Diário de Lisboa Juvenil*, n.º 251), 24-02-1962, pp. 4 e 8.
- DUARTE, Ana, José António Calixto e Jorge Guerreiro (dir.), *Sebastião da Gama, 50 anos de poesia*, Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal, 1998.
- FARIA, Daniel Augusto da Cunha, *A vida e conversão de Frei Agostinho. Entre a aprendizagem e o ensino da cruz*, Lisboa, Faculdade de Teologia UCP, 1999.
- GARCIA, Mário, “Ler Sebastião da Gama, a 40 anos da sua morte”, in *Brotéria*, vol. 135 (1992), pp. 344-347.
- GALHOZ, Maria Aliete, “«Pelo sonho é que vamos», de Sebastião da Gama”, in *Colóquio/Letras*, n.º 8 (1972), pp. 86-87.
- GASPAR, Regina Faria Damásio Cabrita, *A poesia de Sebastião da Gama: da escrita egocêntrica à escrita de diálogo*, dissertação de mestrado policopiada, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.
- GOULART, Rosa Maria, “Novo Cancioneiro”, in *Biblos*, vol. III, Lisboa, Verbo, 1999, pp. 1207-1209.
- GUIMARÃES, Fernando, *Os problemas da modernidade*, Lisboa, Presença, 1994.
- H., J., “«Serra-Mãe», poemas de Sebastião da Gama”, in *A Província*, 14-04-1949, p. 8.
- JESÚS, Teresa de, *Obras completas*, 3.ª ed., Burgos, Editorial Monte Carmelo, 1982.
- LIBERAL, João, “O Poeta Sebastião da Gama, colaborador do Jornal do Barreiro”, in *Jornal do Barreiro*, 02-02-1996, p. 19.
- LOURENÇO, Jorge Fazenda, “Os cadernos de poesia, hoje, na poesia portuguesa de 1940-50”, in Fernando Pinto do Amaral *et alii* (dir.), *A Phala; um século de poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, pp. 65-71.
- MALPIQUE, Cruz, *Sebastião da Gama, Poeta de primeira água*, (Separata da revista *Gil Vicente*), Guimarães, Minerva, 1967.
- MAIA, João, “*Campo aberto* de Sebastião da Gama”, in *Brotéria*, vol. 52 (1951), 735-736.
- MANCELOS, João de, “Sebastião, Caeiro, o Caracol e o Novelo (uma intertextualidade exemplar)”, in *Letras & Letras*, n.º 107 (1994), pp. 23-24.
- MARQUES, Padre Manuel, “Sebastião da Gama, o Poeta da simpatia”, in *Jornal de Almada*, 05-02-1961, [p. 7].
- MARINHO, Maria de Fátima, “Távola Redonda e Continuidades”, in Óscar Lopes e Maria de Fátima Marinho (dir.), *História da literatura portuguesa. As correntes contemporâneas*, vol. VII, Lisboa, Alfa, 2002, pp. 293-302.

- MARTINHO, Fernando J. B., “A poesia portuguesa dos anos 50”, in Fernando Pinto do Amaral *et alii* (dir.), *A Phala; um século de poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, pp. 118-125.
- _____, “Cadernos de Poesia”, in *Biblos*, vol. I, Lisboa, Verbo, 1995, pp. 836-838.
- _____, *Tendências dominantes da poesia portuguesa da década de 50*, Lisboa, Colibri, 1996.
- MARTINS, Engrácia da Glória Quintela Alves de Sousa Varajão, *O pensamento educacional de Sebastião da Gama*, dissertação de mestrado policopiada, Universidade do Minho, Braga, 1996.
- MELLO, Rodrigo Emílio d’Alarcão, “Cambiantes poéticos de Sebastião da Gama”, in *Diário de Lisboa*, (*Diário de Lisboa Juvenil*, n.º 251), 24-02-1962, pp. 6-7.
- MENÉRES, Maria Alberta e, Ernesto Manuel de Melo e Castro, *Antologia da novíssima poesia portuguesa*, 2.ªed., Lisboa, Moraes Editores, 1961.
- _____, *Antologia da poesia portuguesa 1940-1977*, vol. I, Lisboa, Moraes Editores, 1979.
- MONIZ, Maria Alice Botelho, “Sebastião da Gama”, in *Communio*, vol. 19 (2002), pp. 568-571.
- MONTEIRO, Adolfo Casais, *A poesia portuguesa contemporânea*, Lisboa, Sá da Costa, 1977.
- MOURÃO-FERREIRA, David, “A morte na poesia de Sebastião da Gama”, in *O Setubalense (Suplemento Mosaico de Artes)*, 29-02-1964, p. 3.
- _____, “Depoimento sobre a poesia da geração de 50”, in *Gazeta Literária*, n.º 12 (1960), pp. 1, 11 e 13.
- _____, “Lirismo ou haverá outro caminho?”, in *Távola Redonda*, n.º 1, p. [8].
- _____, “Morreu há dez anos, Sebastião da Gama”, in *Diário de Lisboa*, (*Diário de Lisboa Juvenil*, n.º 251), 24-02-1962, pp. 3-4.
- _____, “Notícia sobre a «Távola Redonda»”, in *Estrada Larga*, vol. III, Porto, Porto Editora, s.d, pp. 390-396.
- _____, “Para uma «arrumação» da poesia portuguesa dos anos 40”, in *Os ócios do ofício: crónicas e ensaios*, Lisboa, Guimarães Editores, 1989, pp. 227-238.
- _____, “Prefácio de David Mourão-Ferreira”, in *Itinerário Paralelo*, 3.ª ed., Lisboa, Arrábida, 2004, pp. 9-22.
- _____, “Para uma interpretação da Poesia de Sebastião da Gama”, in *Távola Redonda*, n.ºs 16/17 (1953), pp. 11-12.

- _____, “Sebastião da Gama: Música, Poesia, Arrábida”, in *Os ócios do ofício: crónicas e ensaios*, Lisboa, Guimarães Editores, 1989, pp. 122-125.
- OLIVEIRA, Luís Amaro de, “A morte de Sebastião da Gama”, in *Árvore*, n.º 2 (1952), pp. 87-89.
- _____, “Sebastião da Gama, o poeta o homem e o professor”, in *Colóquio/Letras*, n.º 91 (1986), p. 126.
- OSÓRIO, António, “Como conheci Sebastião da Gama”, in *Setubalense*, 26-04-2006, p. 4.
- _____, “Sebastião da Gama”, in *Colóquio/Letras*, n.º 34 (1976), pp. 44-45.
- PIMENTEL, José Cortez, *Arrábida, história de uma região privilegiada*, Lisboa, Inapa, 1992.
- PORTELA, Artur, “Serra-Mãe de Sebastião da Gama”, in *Diário de Lisboa*, 22-08-1957, p. 7.
- PORTUGAL, Margarida Santos, “Gama, Sebastião Artur Cardoso da”, in António Nóvoa, (dir.), *Dicionário de educadores portugueses*, Porto, Asa, 2003, pp. 613-615.
- RAPOSO, Catarina, “Serra da Arrábida”, in Álvaro Duarte de Almeida e Duarte Belo, *Portugal Património*, vol. VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 2007, pp. 356-357.
- REIS, Carlos, *O conhecimento da literatura. Introdução aos estudos literários*, Coimbra, Almedina, 1995.
- RIBEIRO, João Reis, “Para uma arte poética de Sebastião da Gama”, in João Reis Ribeiro *et alii*, *Sebastião da Gama, o Poeta e o professor*, Azeitão, Associação Cultural Sebastião da Gama, 2007, pp. 51-68.
- _____, *‘Távola Redonda’, a poesia sobre a mesa*, Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo, 1998.
- ROCHA, Clara, “O Diário de Sebastião da Gama”, in *Máscaras de Narciso, Estudos sobre a Literatura Autobiográfica em Portugal*, Coimbra, Almedina, 1992, pp. 235-237.
- _____, *Revistas literárias do século XX em Portugal*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.
- ROSA, António Ramos, *A parede azul, Estudos sobre a poesia e artes plásticas*, Lisboa, Caminho, 1980.
- ROSSI, Giuseppe Carlo, “Ancora inediti di Sebastião da Gama”, in *L’Osservatore Romano*, Città del Vaticano, 22-10-1969, p. 3.
- _____, “Introduzione al ‘Diário’ di un grande lirico portoghese. Alla domanda: «Hai

- molto da fare?» Il Poeta Sebastiano da Gama rispose: «No, ho molto da amare», in *Il Giornale d'Italia*, 29-05-1959, p. 3.
- RUSSO, Mariagrazia, “Gama, Sebastião Artur Cardoso da”, in *Dizionario Enciclopedico*, vol. V, Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, 1995.
- _____, “Sebastião da Gama, il Poeta di Arrábida: tre sonetti inediti”, in Renato Badali (dir.), *Satura, studi in onore di Franco Lanza*, Viterbo, Sette Città, 2003, pp. 259-284.
- SALEMA, Álvaro, “Poesia e pedagogia”, in *Colóquio/Letras*, 99 (1987), p. 86.
- _____, “Serra-Mãe por Sebastião da Gama”, in *Jornal do Comércio*, 20-12-1945, pp. 6 e 14.
- SANTOS, Mário, “O manual do bom amador. Cartas de Sebastião da Gama editadas pela Ática”, in *Público (Leituras)*, 16-07-1994, pp. 1-3.
- SEABRA, José Augusto, “Gama, Sebastião da”, in Álvaro Manuel Machado (dir.), *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Presença, 1996, pp. 210-211.
- SIMÕES, João Gaspar, “Cabo da Boa Esperança, versos de Sebastião da Gama”, in *Sol* (15-05-1948), pp. 9-10.
- _____, *O mistério da poesia, ensaios de interpretação da génese poética*, 2.^a ed., Porto, Inova, 1971.
- _____, *Perspectiva histórica da poesia portuguesa*, Porto, Brasília Editora, 1976.
- SOUSA, Eudoro de, *Origem da poesia e da mitologia e outros ensaios dispersos*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- TAVANI, Giuseppe, *Poesia e ritmo*, Lisboa, Sá da Costa, 1983.
- TRIBUZI, Ana Paula Cabrita Dias, “Sebastião da Gama: o mistério da criação poética”, in *Letras & Letras*, n.º 107 (1994), p. 13.
- VENÂNCIO, Fernando, “Sebastião da Gama”, in *Crónica Jornalística – Século XX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004, pp. 119-120.
- VERMELHO, Joaquim, “O rapaz da boina”, in *Jornal de Almada*, 05-02-1961, [p. 8].
- _____, *A diferença*, texto dactilografado proferido em Estremoz a 16-05-1999.
- VIANA, António Manuel Couto, “Sebastião da Gama”, in *Coração Arquivista*, Lisboa, Verbo, 1977, pp. 264-274.
- _____, “Sebastião da Gama em terras do norte”, in *Revista dos Amigos do Hospital de Ponte de Lima*, n.º 1 (2000), pp. 26-32.
- _____, “Sebastião da Gama – «poeta, quem és tu?»”, in *O Dia*, 17-09-1995, pp. 14-15.

3. Suporte multimédia

DIAS, Afonso, (dir.), *Poesia de Cabo Verde e sete poemas de Sebastião da Gama*, Faro, Associação Música XXI, 2007.

FANHAIS, Francisco, “Cantilena”, in *Cantilenas*, Lisboa, Sasset, 1969.

MOURA, Ana, “Nasci para ser ignorante”, in *O Fado do Público; 1904-2004; 100 anos do Fado*, Lisboa, Público, 2004.

RODRIGUES, Amália, “Nasci para ser ignorante”, in *Obsessão*, Lisboa, Valentim de Carvalho, 1990.

SOUSA, Victor de, (dir.), “Largo do Espírito Santo, 2, 2.º”, in *Eu quero amar, amar...; 25 Poemas de Amor ditos por Victor de Sousa*, Lisboa, Ovação, 2002.

_____, *Sebastião da Gama; Pelo sonho é que vamos*, Setúbal, Ruquison, 2000.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	5
SIGLAS BIBLIOGRÁFICAS DA OBRA DE SEBASTIÃO DA GAMA	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I: O Autor e o seu tempo	12
1. Vida e Obra de Sebastião da Gama	12
2. Sebastião da Gama no contexto literário da sua época	35
CAPÍTULO II: O Poeta e o Pedagogo	52
1. A obra poética	52
1.1. <i>Serra-Mãe</i>	59
1.2. <i>Cabo da Boa Esperança</i>	80
1.3. <i>Campo Aberto</i>	108
1.4. <i>Pelo sonho é que vamos</i>	122
2. <i>Diário</i> , o poema do Pedagogo	137
CAPÍTULO III: Em demanda de uma arte poética	158
CONCLUSÃO	187
BIBLIOGRAFIA	191
ANEXO FOTOGRÁFICO	207
ÍNDICE	249

«Em si mesma, para cada um de nós, no momento em que nos toca, como se fosse o dedo de Deus, a Poesia esconde-nos da morte. É o único céu portátil de que estamos certos. Um céu de palavras, que de século em século se comunicam a queimadura celeste que a vida deixou nos nossos vulneráveis corações.»

*(Eduardo Lourenço, Os poemas da minha vida,
Lisboa, Público, 1996, p. 7.)*